

# REVISTA DO GEL



Grupo de Estudos Linguísticos  
do Estado de São Paulo

Grupo de Estudos Linguísticos  
do Estado de São Paulo

# REVISTA DO GEL

ISSN 1984-591X

Revista do GEL	São Paulo	v. 21	n. 1	312 p.	Abril 2024
----------------	-----------	-------	------	--------	------------

## DIRETORIA DO GEL / 2023 - 2025 (UNICAMP - Campinas)

Presidente: Livia Oushiro

Vice-Presidente: Dayane Celestino de Almeida

Secretária: Erica Luciene Alves de Lima

Tesoureiro: Thiago Oliveira da Motta Sampaio

## REVISTA DO GEL

[revistadogel@gel.org.br](mailto:revistadogel@gel.org.br) | <https://revistas.gel.org.br/rg>

## COMISSÃO EDITORIAL EXECUTIVA

Prof. Dr. Aquiles Tescari Neto, Prof. Dr. Eduardo Penhavel, Prof. Dr. Oto Araújo Vale,  
Profa. Dra. Lúcia Regiane Lopes-Damasio e Profa. Dra. Márcia Santos Duarte de Oliveira

## EDITOR RESPONSÁVEL

Prof. Dr. Marcelo Módolo

## ASSISTENTE EDITORIAL

Milton Bortoleto

## PROJETO GRÁFICO

Prof. Dr. Matheus Nogueira Schwartzmann

## REVISÃO, NORMATIZAÇÃO, DIAGRAMAÇÃO, EDIÇÃO E ARTE



## CONSELHO EDITORIAL

Antônio Alcir Bernárdez Pécora (Unicamp), Carlos Subirats Rüggeberg (Universitat de Barcelona), Danilo Marcondes Souza Filho (PUC/RJ), Evani Viotti (USP), Helena Nagamine Brandão (USP), Ieda Maria Alves (USP), Jacques Fontanille (Université de Limoges), José Borges Neto (UFPR), Kanavilil Rajagopalan (Unicamp), Marco Antonio de Oliveira (PUC/MG), Maria Célia de Moraes Leonel (Unesp/FCLAr), Filomena Gonçalves (Universidade de Évora), Maria Irma Hadler Coudry (Unicamp), Marta Luján (The University of Texas), Mirta Maria Groppi Asplanato de Varalla (USP), Otto Zwartjes (University of Amsterdam), Pierre Swiggers Katholieke (Universiteit Leuven), Raquel Santana dos Santos (USP), Renata Coelho Marchezan (Unesp/FCLAr) e Wilmar da Rocha D'Angelis (Unicamp).

## Catálogo na Publicação elaborada por

Gildenir Carolino Santos (CRB-8ª/5447)

Revista do GEL. – v.1, n.1 (2004-). – São Paulo, SP: Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, 2002-  
1 recurso digital : il.

Periodicidade quadrimestral desde volume 13, 2016 (atual).

Periodicidade semestral até volume 12, 2015.

Periodicidade anual até 2006.

e-ISSN 1984-591X (online).

Publicada no formato impresso ed. especial n. 0, 2002.

Disponível online a partir do volume 1, 2004.

Título abreviado: Rev. GEL

Preservada digitalmente no LOCKSS.

Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>

1. Linguística (Teoria e análise) – Periódicos. 2. Linguística aplicada – Periódicos. 3. Literatura – Periódicos. I. Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo.

20-018

CDD: 410.05

CDU: 81 (05)

# SUMÁRIO / CONTENTS

<b>LINGUAGEM EM FOCO: INOVAÇÃO, PESQUISA E ENSINO NA LINGUÍSTICA CONTEMPORÂNEA</b>	<b>7</b>
Marcelo Módolo	
<b>INDICATIVOS LINGUÍSTICOS PARA AFERIR COMPOSICIONALIDADE SEMÂNTICA EM PALAVRAS COMPLEXAS</b>	<b>11</b>
<i>LINGUISTIC INDICATORS TO ASSESS SEMANTIC COMPOSITIONALITY IN COMPLEX WORDS</i>	
Indaiá de Santana Bassani e Marcela Nunes Costa	
<b>UMA TIPOLOGIA LINGUÍSTICA PARA PEJORATIVOS BASEADOS EM NOMES DE ANIMAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO</b>	<b>36</b>
<i>A LINGUISTIC TYPOLOGY FOR ANIMAL-BASED PEJORATIVES IN BRAZILIAN PORTUGUESE</i>	
Renato Miguel Basso e Giovanna Costa Silva	
<b>ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O STATUS DOS BLENDS NO LÉXICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO</b>	<b>54</b>
<i>SOME CONSIDERATIONS ON THE STATUS OF BLENDS IN THE LEXICON OF BRAZILIAN PORTUGUESE</i>	
Emerson Viana Braga e Vera Pacheco	
<b>ENSINO-APRENDIZAGEM DO LÉXICO: ANÁLISE DOS DOCUMENTOS NORTEADORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA E APLICAÇÃO EM SALA DE AULA</b>	<b>79</b>
<i>LEXICON TEACHING-LEARNING: ANALYSIS OF BASIC EDUCATION GUIDING DOCUMENTS AND APPLICATION IN THE CLASSROOM</i>	
Beatriz Daruj Gil, Fernanda Rodrigues Baruel e Dafne Rodrigues Alvares de Castro	
<b>A TRAJETÓRIA DE ABSTRAÇÃO DO VERBO <i>CHEGAR</i>: ESPAÇO &gt; TEMPO &gt; QUALIDADE (NOVIDADE)</b>	<b>104</b>
<i>THE ABSTRACTION TRAJECTORY OF THE VERB CHEGAR (TO ARRIVE): SPACE &gt; TIME &gt; QUALITY (NOVELTY)</i>	
Paulo Victor Almeida Galvão e Jussara Abraçado	

- PROPRIEDADES DA ORDENAÇÃO DE SINTAGMAS ADVERBIAIS IMPERFECTIVOS EMPILHADOS NO INGLÊS BRITÂNICO: HABITUALIDADE, CONTINUATIVIDADE E PROSPECÇÃO** 120  
*PROPERTIES OF THE ORDERING OF STACKED IMPERFECTIVE ADVERBIAL PHRASES IN BRITISH ENGLISH: HABITUALITY, CONTINUITY, AND PROSPECTIVENESS*  
Matheus Gomes Alves, Juliana Barros Nespoli e Adriana Leitão Martins
- ANALOGIA NA MORFOLOGIA: UMA ABORDAGEM FUNCIONAL-COGNITIVA** 137  
*ANALOGY IN MORPHOLOGY: A FUNCTIONAL-COGNITIVE APPROACH*  
Carlos Alexandre Gonçalves
- FOR A DISCURSIVE-LINGUISTIC APPROACH TO JUNCTION: ANALYSIS OF LINKING MECHANISMS IN NARRATIVE AND ARGUMENTATIVE DISCURSIVE TRADITIONS** 170  
*PARA UMA ABORDAGEM LINGUÍSTICO-DISCURSIVA DA JUNÇÃO: ANÁLISE DOS MECANISMOS DE JUNÇÃO NAS TRADIÇÕES DISCURSIVAS NARRATIVA E ARGUMENTATIVA*  
Lúcia Regiane Lopes-Damasio e Mateus Dias Santana
- SUL DA BAHIA: DO MULTILINGUISMO AO UNILINGUISMO (1760-1940)** 197  
*SOUTHERN BAHIA: FROM MULTILINGUALISM TO UNILINGUALISM (1760-1940)*  
Wagner Argolo
- NEOLOGISMOS COM “MINION” NO PORTUGUÊS BRASILEIRO** 224  
*NEOLOGISMS WITH “MINION” IN THE BRAZILIAN PORTUGUESE*  
Rafael Prearo-Lima e Maria Clara Ferreira de Mello Gobbo
- THE ECOLOGICAL NATURE OF THE CLASSROOM ENVIRONMENT FOR THE PERCEPTUAL LEARNING OF ADDITIONAL LANGUAGE SPEECH** 245  
*A NATUREZA ECOLÓGICA DO AMBIENTE DA SALA DE AULA DE LÍNGUA ADICIONAL PARA A APRENDIZAGEM PERCEPTUAL DA FALA*  
Felipe Santos dos Reis e Ubiratã Kickhöfel Alves
- LER IMAGENS NO TEMPO E NO ESPAÇO: EXCEDENTE DE VISÃO NA ESCRITA DE CURRÍCULOS** 269  
*READING IMAGES IN TIME AND SPACE: A SURPLUS OF VISION IN CV WRITING*  
Fabrício José da Silva e Rosângela Rodrigues Borges

SALGADO, Luciana Salazar; CHIEREGATTI, Amanda; BOSCHI, Helena; CLARES, Letícia Moreira; DELEGE, Marina; DORETTO, Vitória Ferreira. **Autorias**. Belo Horizonte: Contafios; Moinhos, 2022. 180 p.

Marcio Antonio Gatti

TESCARI NETO, Aquiles. **Sintaxe Gerativa. Uma introdução à cartografia sintática**. Campinas: Editora da Unicamp, 2021. 213p.

Carlos Felipe Pinto

**ÍNDICE DE ASSUNTOS** 307

**SUBJECT INDEX** 309

**ÍNDICE DE AUTORES** 311

# LINGUAGEM EM FOCO: INOVAÇÃO, PESQUISA E ENSINO NA LINGÜÍSTICA CONTEMPORÂNEA

É com grande satisfação que apresento os doze artigos e as duas resenhas que compõem o volume 21, número 1, da *Revista do GEL*, edição de 2024. Essa coletânea oferece uma contribuição significativa ao campo da linguística, explorando uma rica diversidade de temas que dialogam diretamente com questões contemporâneas e pertinentes à área.

Em “Indicativos linguísticos para aferir composicionalidade semântica em palavras complexas”, Indaiá de Santana Bassani e Marcela Nunes Costa abordam esse princípio aplicado a palavras complexas (especialmente derivadas) e sugerem indicativos linguísticos para classificar estruturas morfológicas em relação à composicionalidade. Além disso, discutem a relação entre composicionalidade, transparência morfológica (formal), significado especial e lexicalização.

No texto “Uma tipologia linguística para pejorativos baseados em nomes de animais no português brasileiro”, Renato Miguel Basso e Giovanna Costa Silva investigam a semântica e a pragmática de nomes de animais usados como termos pejorativos no português brasileiro contemporâneo.

Por sua vez, no artigo “Algumas considerações sobre o *status* dos *blends* no léxico do português brasileiro”, de Emerson Viana Braga e Vera Pacheco, propõe-se que o *blend* seria um processo de formação de palavras independente do processo de composição que une duas palavras para gerar uma terceira.

Mudada a perspectiva para o Ensino-Aprendizagem de Língua Portuguesa, Beatriz Daruj Gil, Fernanda Rodrigues Baruel e Dafne Rodrigues Alvares de Castro, em “Ensino-aprendizagem do léxico: análise dos documentos norteadores da Educação Básica e aplicação em sala de aula”, mostram que os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997) e a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), a despeito dos avanços da linguística, ainda mantêm o estudo dos recursos léxico-gramaticais separado das práticas de leitura e escrita, embora reconheçam o gênero discursivo e o texto como núcleo do ensino da língua.

Paulo Victor Almeida Galvão e Jussara Abraçado, no artigo “A trajetória de abstração do verbo *chegar*: espaço > tempo > qualidade (novidade)”, analisam a evolução da abstração do verbo *chegar* verificada em *slogans* coletados do site [www.propagandasemrevistas.com.br](http://www.propagandasemrevistas.com.br), que conta com um acervo de mais de 6000 peças publicitárias publicadas originalmente em revistas. Os autores demonstram (i) a trajetória de abstração do verbo *chegar* de espaço para tempo e de tempo para qualidade, de onde emerge a noção de novidade, que caracteriza seu uso em peças publicitárias; (ii) a relação entre o verbo *chegar*, conjugado no pretérito perfeito, a ordem V SN e a emergência da noção de tempo e de novidade referida em (i).

A Cartografia Sintática está aqui representada pelas “Propriedades da ordenação de sintagmas adverbiais imperfectivos empilhados no inglês britânico: habitualidade, continuatividade e prospecção”, de Matheus Gomes Alves, Juliana Barros Nespoli e Adriana Leitão Martins. Esse trabalho investiga a derivação de sentenças com advérbios empilhados especificadores dos sintagmas aspectuais funcionais de Asp<sub>habitual</sub>P, Asp<sub>continuativo</sub>P, Asp<sub>prospectivo</sub>P por meio da sua ordem de realização.

Na sequência, em “Analogia na morfologia: uma abordagem funcional-cognitiva”, Carlos Alexandre Gonçalves faz um apanhado histórico do conceito de analogia, com o intuito de mostrar de que maneira o fenômeno foi abordado em várias correntes linguísticas, sobretudo no que diz respeito à morfologia.

Em relação às Tradições Discursivas e ao estudo das junções, temos o trabalho de Lúcia Regiane Lopes-Damasio e Mateus Dias Santana, intitulado “For a discursive-linguistic approach to junction: analysis of linking mechanisms in narrative and argumentative discursive tradition”. Nesse artigo, os autores apresentam os resultados de uma análise quantitativo-qualitativa dos mecanismos de junção (MJs), nas tradições discursivas (TDs) narrativa e argumentativa, focalizando a relação entre o sujeito e a linguagem a partir da (sua) imagem do modo escrito de enunciação.

Também os estudos demográficos e a pluralidade linguística estão presentes em “Sul da Bahia: do multilinguismo ao unilinguismo (1760-1940)”, de Wagner Argolo. Nesse artigo, Argolo expõe a hipótese de que a luta pela posse das terras do cacau, iniciada na segunda metade do século XVIII, teria sido a responsável pela dizimação do contingente populacional depositário do multilinguismo de cerca de 60 línguas no sul da Bahia. Essas lutas teriam tido seu auge no final do século XIX, quando, devido à substituição da população multilíngue pela população unilíngue em português, se tem, simultaneamente, a introdução dessa língua como a única da região.

Em “Neologismos com ‘minion’ no português brasileiro”, Rafael Prearo-Lima e Maria Clara Ferreira de Mello Gobbo analisam neologismos no/do português brasileiro formados a partir da palavra “minion”. Para tanto, usam um *corpus* composto por postagens da rede social X (antigo Twitter) com ocorrências de formações neológicas entre diferentes palavras e “minion”, dando preferência àquelas em que fosse possível compreender o significado a partir das próprias publicações.

No penúltimo artigo, “The ecological nature of the classroom environment for the perceptual learning of Additional Language speech”, Felipe Santos dos Reis e Ubiratã Kickhöfel Alves discutem a noção de “ambiente” por meio da perspectiva da Psicologia Ecológica e identificam potenciais possibilidades que aprendizes podem perceber na sala de aula de língua adicional, considerando suas relações com os eventos sociais e os objetos nela contidos.

No término da sequência de artigos, há “Ler imagens no tempo e no espaço: excedente de visão na escrita de currículos”, de Fabrício José da Silva e Rosângela Rodrigues Borges. O trabalho tem como objetivos a busca e a análise de como o escrevente, na composição do gênero do discurso *currículo*, dialoga com (i) a voz social da instituição/empresa, (ii) a equipe profissional e (iii) o contratante, valendo-se das noções de alteridade, exotopia, excedente de visão e cronotopo do endereçamento, de maneira a desvelar imagens de si e do outro, provocando naquele a sensação de estar vendo imagens desejadas de si.

Além desses artigos, o volume inclui duas resenhas:

“Autorias” de Luciana Salazar Salgado; Amanda Chierregatti; Helena Boschi; Letícia Moreira Clares; Marina Delege e Vitória Ferreira Doretto, elaborada por Marcio Antonio Gatti.

“Sintaxe Gerativa. Uma introdução à cartografia sintática”, de Aquiles Tescari Neto, elaborada por Carlos Felipe Pinto.

Nesse volume, trazemos doze trabalhos organizados em ordem alfabética pelo sobrenome dos autores, seguidos pelas resenhas que aparecem ao final. Cada um deles representa um olhar distinto sobre a linguagem, conectando-se às linhas de pesquisa que têm caracterizado a trajetória da *Revista do GEL* ao longo de seus vinte volumes. Esses textos não só reafirmam nosso compromisso com a diversidade e a qualidade acadêmica, mas também lançam sementes para novas investigações, oferecendo terreno fértil para ideias inovadoras e transformadoras.

Agradeço à Letraria, aos incansáveis colaboradores e, em especial, a Milton Bortoleto – nosso auxiliar editorial sempre presente –, bem como aos autores e pareceristas, cuja dedicação inestimável faz deste projeto uma realidade.

Desejo uma leitura produtiva a todos!

**Marcelo Módolo**<sup>1</sup>  
Editor da *Revista do GEL*

---

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; [modolo@usp.br](mailto:modolo@usp.br);  
<https://orcid.org/0000-0001-5808-9368>

# INDICATIVOS LINGUÍSTICOS PARA AFERIR COMPOSICIONALIDADE SEMÂNTICA EM PALAVRAS COMPLEXAS

Indaiá de Santana BASSANI<sup>1</sup>

Marcela Nunes COSTA<sup>2</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v21i1.3713>

**Resumo:** Este artigo aborda o conceito de composicionalidade semântica aplicado a palavras complexas (especialmente derivadas) e sugere indicativos linguísticos para classificar estruturas morfológicas quanto à composicionalidade. Ao fazê-lo, discute a relação entre composicionalidade semântica, transparência morfológica (formal), significado especial e lexicalização. Embora a composicionalidade semântica seja um conceito cada vez mais evocado na análise morfológica baseada na sintaxe, não há uma proposta ordenada de indicativos dessa propriedade para expressões linguísticas. Com base em dados do português brasileiro, e a fim de orientar a classificação de dados empíricos de palavras morfológicamente complexas, são elencados e discutidos possíveis indicativos obtidos através de testes linguísticos (i.e., transparência formal, formação de paráfrases e usos de sinônimos para raízes e afixos, modificação adverbial ou nominal, manutenção e perda de propriedades (morfo)fonológicas) e eventos psicolinguísticos (i.e., associação de palavras, decisão lexical, lapsos de fala e criações jocosas).

**Palavras-chave:** Composicionalidade. Morfologia. Semântica. Significado Especial.

---

1 Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Guarulhos, São Paulo, Brasil; [indaia.bassani@unifesp.br](mailto:indaia.bassani@unifesp.br); <https://orcid.org/0000-0002-5277-2008>

2 Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; [marcelancosta@usp.br](mailto:marcelancosta@usp.br); <https://orcid.org/0000-0002-5073-9634>

- | Indicativos linguísticos para aferir composicionalidade semântica em palavras complexas

## *LINGUISTIC INDICATORS TO ASSESS SEMANTIC COMPOSITIONALITY IN COMPLEX WORDS*

**Abstract:** This paper addresses the concept of semantic compositionality applied to complex words (especially derived) and suggests linguistic indicators to classify morphological structures in terms of compositionality. While doing so, it discusses the relationship between semantic compositionality, morphological (formal) transparency, special meaning, and lexicalization. Although semantic compositionality is a concept increasingly evoked in syntax-based morphological analysis, there is no orderly proposal for indicators of this property for linguistic expressions. Based on data from Brazilian Portuguese, and in order to guide the classification of empirical data on morphologically complex words, possible indicators obtained through linguistic tests (i.e., formal transparency, formation of paraphrases and use of synonyms for roots and affixes, adverbial or nominal modification, maintenance and loss of (morpho)phonological properties) and psycholinguistic events (i.e, word association, lexical decision, slips of the tongue and facetious creations) are listed and discussed.

**Keywords:** Compositionality. Morphology. Semantics. Special Meaning.

### **Introdução**

O objetivo principal deste artigo é indicar ferramentas linguísticas que auxiliem na discriminação da composicionalidade semântica de palavras complexas, aqui entendidas como indicativos linguísticos de composicionalidade semântica em uma abordagem sincrônica. Estes indicativos são sugeridos em lugar de percepções e teorizações fundamentadas no julgamento individual e subjetivo sobre a complexidade de uma formação e sua possível composicionalidade semântica, que muitas vezes levam a classificações inadequadas e a uma falta de delimitação entre transparência formal e composicionalidade semântica. Como contextualização para atingir tal objetivo, discutem-se, na sequência, a relação entre composicionalidade semântica, morfologia e significado especial, bem como possíveis tratamentos teóricos para a (não)composicionalidade semântica.

### **Composicionalidade semântica e morfologia**

Uma versão básica do Princípio da Composicionalidade Semântica (PCS) em linguística é apresentada na seguinte definição: “O significado de uma expressão é

uma função dos significados de suas partes e da maneira como elas são combinadas sintaticamente” (Partee, 2004, p. 153, tradução própria<sup>3</sup>).

Ao PCS, cuja origem é frequentemente atribuída à teoria do significado de Frege, atrelam-se algumas controvérsias na literatura linguística. A primeira baseia-se exatamente em sua origem: costuma-se afirmar que Frege não propôs o princípio exatamente como esse se difundiu na literatura, pois Frege sabia que o PCS se aplica perfeitamente a expressões de linguagens lógicas, mas não tão perfeitamente às expressões das línguas naturais (cf. Geurts, 2014). Disso decorre a segunda controvérsia: trata-se da problemática acerca da validade do PCS como princípio confiável para expressões linguísticas de linguagem natural, uma vez que em grande escala o princípio não é válido: a não composicionalidade semântica é uma característica fundamental de expressões de línguas naturais, em oposição a expressões de linguagens de máquina, por exemplo.

No que concerne à composicionalidade semântica, as teorias linguísticas precisam criar mecanismos para explicar dois fatos empíricos relevantes. Esses fatos são apresentados com base na adaptação da definição de PCS de Partee (2004) voltada para a morfologia introduzida em I:

- I. O significado de uma palavra é uma função dos significados de seus morfemas e da maneira como eles são combinados sintaticamente.

A definição do PCS em I se aplica perfeitamente ao exemplo em (1), que traz uma palavra complexa, derivada por um diminutivo, e completamente composicional – *formiguinha*. Nesta forma, os morfemas *formig-* (raiz<sup>4</sup>) e *-inh(a)* (diminutivo e vogal de classe/gênero) contribuem de forma sistemática para o significado da formação final: trata-se de uma formiga pequena ou de um modo afetivo trazido pelo diminutivo para se referir à formiga. Neste caso, a combinação de um elemento A e um elemento B resulta em uma forma complexa AB.

- (1) a. A [**formiguinha**] é um inseto.  
b. [A + B = AB]

---

3 No original: “The meaning of an expression is a function of the meanings of its parts and of the way they are syntactically combined”.

4 Análises alternativas em modelos de morfologia baseada em palavras (cf. Aronoff, 1976) consideram que a base de formação de palavras complexas como *formiguinha* é a palavra categorizada (o substantivo *formiga*, no exemplo) e não a raiz. Continuaremos utilizando o termo raiz no restante do artigo.

- | Indicativos linguísticos para aferir composicionalidade semântica em palavras complexas

Contudo, a versão negativa do princípio, adaptada em II, também é uma realidade empírica nas línguas naturais.

- II. O significado de uma palavra **não** é uma função dos significados de seus morfemas e da maneira como eles são combinados sintaticamente.

A definição em II se aplica perfeitamente ao exemplo em (2), que traz uma forma não composicional – *joaninha* – cujos possíveis morfemas *joan-* (do nome Joana) e *-inh(a)* (diminutivo e vogal de classe/gênero) não contribuem de forma sistemática para o significado da formação final: não se trata de uma Joana pequena ou de um modo afetivo trazido pelo diminutivo para se referir à Joana. O mesmo fenômeno se aplica ao jogo denominado *amarelinha*, em que a combinação do adjetivo ‘amarelo’ e do morfema diminutivo não resultam em semântica de intensidade, como é comum neste tipo de estrutura categorial, ou de qualquer outra operação sobre o significado da cor amarela. Assim, nestes casos, obtém-se uma forma cuja semântica final não resulta dos significados das partes, embora exista complexidade morfológica.

- (2) a. A [**joaninha**] é um inseto.  
b. [A + B = C]

Apesar disso, nos dois casos – *joaninha* e *amarelinha* –, a transparência morfológica (A + B) poderia levar a uma análise composicional da formação. Por exemplo, uma criança em processo de aquisição de linguagem, um aprendiz de português como segunda língua ou mesmo um adulto em uma produção jocosa poderiam chamar uma joaninha muito grande de *um joanão* ou um desenho muito grande de uma amarelinha de um *amarelão*, opondo o morfema aumentativo (-ão) ao diminutivo.

Entretanto, quando distantes desses exemplos extremos no que concerne à aferição de composicionalidade semântica em palavras complexas, nem sempre é óbvio definir se o significado de determinada expressão linguística é ou não uma função dos significados de seus morfemas e da maneira como eles são combinados sintaticamente.

Em alguns casos, a relação entre as partes perdeu transparência formal e, com isso, a sua composicionalidade semântica ao longo da história, como é o caso de *insultar*, derivado da forma latina *insultare*, junção do prefixo *in* e do verbo *saltare* (“saltar sobre, atacar”) (Cunha, 2012, p. 361). Somente uma análise linguística diacrônica identificaria a composicionalidade semântica entre os morfemas prefixal e verbal, neste caso. Aqui, houve total reanálise, não há subpartes, apenas uma forma A, a raiz *insult-*, que, do ponto de vista sincrônico, determina sozinha o significado final.

- (3) a. Não [**insulte**] os colegas de trabalho.  
b. [A]

Em outros casos, apesar de haver aparente transparência formal, com possível identificação da palavra simples, não se pode atribuir total composicionalidade semântica à formação. Um caso exemplar é *galinha*: origina-se historicamente de *gallina* (Cunha, 2012, p. 309), e a forma *-inha* é etimologicamente um sufixo feminino. Contudo, a existência da forma *galo* na sincronia pode levar à maior transparência da formação e algum tipo de reanálise sincrônica da composicionalidade.

- (4) a. A [**galinha**] é uma ave.  
b. [A ou A+B]?

Observa-se, então, que outro conceito é muito importante na análise da composicionalidade semântica em palavras complexas: a noção de transparência formal. Bassani (2015) sugere a especialização do uso de transparência para identificação formal de complexidade morfológica e composicionalidade para identificação de complexidade semântica. A transparência formal favorece a composicionalidade semântica, mas não a implica necessariamente. Considere-se a discussão que Villalva (2008) faz da palavra *sombrinha* em sua interpretação de objeto concreto usado para proteção, o guarda-chuva. Apesar de haver transparência formal da raiz *sombr-* (de *sombra*) e do sufixo diminutivo *-inha*, muito provavelmente a maioria dos falantes atribui uma interpretação semântica não composicional para essa forma.

- (5) a. Esqueci minha [**sombrinha**] em casa.  
b. [A+B ≠ AB]

Este exemplo mostra que há casos em que a categoria composicionalidade semântica não se comporta de forma dicotômica (*i.e.*, de I vs. II), mas como um *continuum*, cujo valor depende tanto do estatuto de determinada forma no vocabulário compartilhado quanto no vocabulário particular do falante. Por essas razões, em muitos casos, a categorização de uma forma como composicional ou não composicional sem amparo de critérios específicos se torna bastante difícil, ficando sujeita a avaliações subjetivas ou recuperações diacrônicas (permeadas, por vezes, de falsas etimologias). Portanto, para saber se *galinha* é interpretada como uma forma composicional há de se fazer um trabalho de análise (psico)linguística.

- | Indicativos linguísticos para aferir composicionalidade semântica em palavras complexas

## Composicionalidade e significado especial

Levando-se em consideração o PCS apresentado em Partee (2004) e o conceito de significado especial, bastante recorrente nos trabalhos em Morfologia Distribuída desde Marantz (1997), é importante esclarecer a relação entre os conceitos de composicionalidade semântica e significado especial. A composicionalidade semântica de uma formação complexa pode ser dada de dois modos:

- a. pela composição de um significado literal da raiz com o(s) significado(s) do(s) afixo(s);
- b. pela composição de um significado especial (em geral, metafórico ou metonímico) da raiz com o(s) significado(s) do(s) afixo(s).

O significado especial é dado por uma interpretação especial de uma raiz polissêmica e de significado(s) de afixo(s). Contudo, o significado é ainda composicional na medida em que se pode identificar os significados das partes no resultado do significado final da forma complexa.

Por exemplo, a formação *cachorrada* pode ser o coletivo do nome cachorro em sua interpretação literal ou primária (i.e., animal doméstico), como exemplificado na ocorrência sentencialmente contextualizada em (6), ou pode ser a nominalização de uma atribuição pejorativa ao nome cachorro (i.e., pessoa que tem atitudes reprováveis). No último caso, há uma extensão metafórica do significado deste nome, tal como exemplificado na formação também complexa em (7):

- (6) A **cachorrada** latiu a noite toda.
- (7) Demitir toda a equipe foi uma **cachorrada**.

Há, ainda, formações com transparência formal, sem composicionalidade semântica, como já discutido brevemente na seção anterior. Nesses casos, pode-se de fato atribuir à formação o significado especial pela perda da composicionalidade, como é o caso do exemplo *sombrinha* dado acima e do nome *Timbalada*, que originalmente se referia à derivação de *timbal* (instrumento musical) pela junção ao sufixo nominal *-ada*. Possivelmente, muitos falantes não identificam essa composicionalidade semântica na formação final, principalmente por não conhecerem o nome *timbal*. Assim, a perda de transparência formal e a perda da composicionalidade semântica são mutuamente implicadas no exemplo em (8).

- (8) A **Timbalada** vai tocar no sábado.

Para consolidar este ponto, contrastem-se os verbos indubitavelmente complexos em (9) e (10). O verbo *apedrejar* é derivado da interpretação literal do nome *pedra*, ou mesmo de um significado básico da raiz *pedr-*. O verbo *empedrar* é também derivado da raiz *pedr-*, mas, nesse caso, a interpretação de *pedr-* é dada metonimicamente: a propriedade de solidez é relevante para a semântica final do verbo complexo. Em ambos os casos, os significados dos verbos são composicionais, mas somente em (10) há uma interpretação especial do significado da raiz *pedr-*.

- (9) O prédio foi **apedrejado** durante o protesto.

- (10) A massa do bolo **empedrou**.

Alguns outros dados são ilustrativos do contraste apresentado entre formações semanticamente composicionais com e sem significado especial. Esse contraste que ocorre em palavras derivadas também é observado em compostos e sintagmas:

- (11) a. O zagueiro **cabeceou** a bola e fez o gol.

- b. **Mãe** de menino/a; **mãe** de gêmeos.

- (12) a. A gerente **encabeçou** a reunião.

- b. **Mãe** de pet; **mãe** de santo.

Os exemplos em (11)a e (12)a ilustram formações formalmente transparentes e semanticamente composicionais, a primeira sem significado especial e a segunda com significado especial. Em (12)a, o significado especial se dá pela interpretação metafórica de *cabeç-*, que funciona como o centro de controle do corpo humano; dessa forma, a semântica de *encabeçar* é sinônima de *liderar*. O mesmo ocorre nos exemplos em (11)b e (12)b, pois a leitura especial ocorre apenas no segundo caso. Em (12)b, o significado especial de *mãe* se dá metonimicamente, quando algum significado relacionado à maternidade, como os de cuidadora, provedora ou autoridade, é selecionado e passa a ser o resultado da semântica dos sintagmas. Assim, pode-se parafrasear os exemplos em (12)b como *cuidadora de pet* e *provedora/autoridade do culto de santo*.

Portanto, ter um significado especial não significa necessariamente ser semanticamente não composicional, pois a composicionalidade semântica independe de significado literal. Esclarecer esse ponto é relevante na medida em que são identificadas na literatura formações semanticamente composicionais com significado especial da raiz classificadas equivocadamente como formações semanticamente não composicionais.

- | Indicativos linguísticos para aferir composicionalidade semântica em palavras complexas

Por exemplo, os compostos sintáticos em (13) são complexos morfologicamente, formalmente transparentes, mas somente *gato de botas* é semanticamente composicional, porque refere-se de fato a um gato que usa botas. O fato de gatos, neste mundo, não usarem botas não é relevante para a composicionalidade semântica da expressão. Apesar disso, obtém-se na totalidade da expressão um significado especial, pois há apenas um referente no mundo que pode ser identificado como o *gato de botas*: o personagem das histórias infantis. Por outro lado, o composto *pé-de-moleque* é formalmente complexo, mas semanticamente não composicional, já que ele não se refere a um pé de moleque literal ou metafórico, mas a um doce.

- (13) a. gato de botas  
b. pé-de-moleque

Além disso, como discute Caetano (2009, p. 12), composicionalidade não é exclusivamente decorrente de produtividade. Embora, em geral, formas derivadas produtivas sejam composicionais, há formas derivadas por regras e processos que perderam produtividade, mas nas quais é possível reconhecer composicionalidade semântica. Por exemplo, pode-se reconhecer composicionalidade nas formas derivadas com o sufixo *-ura* (*ternura, gastura, doçura etc.*), que deixou de ser produtivo para novas formações. Na verdade, é a produtividade que depende da transparência morfológica e da composicionalidade semântica, e não o inverso.

## Abordagens para o tratamento da (não)composicionalidade

Nas últimas décadas, a investigação da composicionalidade semântica tornou-se um tema presente em teorias morfológicas baseadas em morfemas com princípios sintáticos, tais como a Morfologia X-Barra (cf. Di Sciullo; Williams, 1987; Lieber, 1992; Villalva, 2000, 2008), a Morfologia Distribuída (cf. Halle; Marantz, 1993; Embick, 2015; Scher *et al.*, 2022), a teoria Exoesqueletal (cf. Borer, 2005, 2013), e a Nanossintaxe (cf. Caha, 2009; Starke, 2009; Baunaz *et al.*, 2018). De modo geral, essas teorias compartilham a premissa de que palavras são compostas por subpartes – os morfemas (em diferentes formatos) – organizadas em unidades maiores via mecanismos combinatórios sintáticos (Concatenar e Mover, do inglês *Merge* e *Move*). Portanto, é compreensível o fato de o PCS ter tanto apelo para tais teorias e modelos: trata-se de um princípio que assume como premissa a combinação sintática para as subpartes das expressões linguísticas complexas. Contudo, os locais na Arquitetura da Gramática em que se dão essas combinações variam nas propostas, como exemplificamos brevemente a seguir.

## Tratamentos para não composicionalidade semântica em morfologia

Não é o objetivo deste artigo apresentar e contrastar todas as alternativas teóricas de análise para o tratamento da composicionalidade em morfologia. Entretanto, duas alternativas gerais de tratamento teórico serão apresentadas, uma lexicalista e outra não lexicalista, a título de introdução.

De modo geral, teorias morfológicas lexicalistas consideram a não composicionalidade uma propriedade resultante do processo de lexicalização: palavras passam a ser inscritas no léxico e deixam de ser o produto de uma regra estrutural produtiva. Tal processo confere às estruturas complexas características idiossincráticas semânticas ou formais, ou seja, não há previsibilidade do todo a partir das partes. Ou, ainda, a propriedade empírica de imprevisibilidade fornece às formas o estatuto de “lexicalizadas”.

Villalva (2008, p. 22) propõe que a tipologia da lexicalização se divida em *lexicalização semântica*, *lexicalização formal*, *lexicalização morfológica* e *lexicalização de estruturas sintáticas*. Em última instância, quando o processo de lexicalização é completo, estruturas complexas se tornam estruturas simples.

Mais especificamente no que concerne à *lexicalização semântica*, a autora afirma que as palavras que passam por esse processo sofrem algum tipo de extensão ou substituição de significado. Nesta definição, encaixam-se exemplos como o de *sombrinha*, abordado anteriormente, que passa a significar objeto que protege da chuva em uma de suas acepções.

A *lexicalização formal* afeta palavras cuja complexidade se pode reconhecer, mas cujas partes isoladas não são atestadas na língua. Trata-se dos casos de formas presas e constituintes que são formas livres não atestadas (alomórficas), por exemplo: *progredir*, *regredir* (\**gredir*), *doloroso* (\**dolor*), *bondoso* (\**bondo*).

A *lexicalização morfológica* compreende formas geradas pela restrição de seleção de constituintes ou irregularidades paradigmáticas. Os exemplos citados são a palavra *portuguesmente*, que deveria ser *portuguesamente* pela restrição de afixação a palavras femininas imposta pelo sufixo *-mente*, e a presença de verbos irregulares.

Por fim, a *lexicalização sintática* é definida como a geração de idiossincrasias que resultam em compostos, alterados semântica ou formalmente (*mãe de santo*, *pés de galinha*, *fidalgo*, *aguardente*) e expressões idiomáticas (*a vaca foi pro brejo*, *levar a ferro e fogo*).

- | Indicativos linguísticos para aferir composicionalidade semântica em palavras complexas

Dois questionamentos decorrem da detalhada tipologia descrita acima: quais são as operações gramaticais que intervêm e implicam em lexicalização de estruturas complexas e quais são, então, as diferenças entre objetos complexos sintáticos e morfológicos, se a lexicalização afeta ambas as estruturas?

De forma bastante resumida, um dos modelos não lexicalistas que abordam essas perguntas é o da Morfologia Distribuída (Halle; Marantz, 1993), que é um modelo de arquitetura da Faculdade da Linguagem que assume os seguintes componentes e premissas<sup>5</sup>:

I. Componentes da Faculdade da Linguagem:

**Sintaxe:** componente computacional que forma expressões linguísticas a partir de primitivos linguísticos (universais e particulares) armazenados na Faculdade da Linguagem.

**Listas:** abrigam os primitivos linguísticos armazenados (i.e., memorizados) na Faculdade da Linguagem. Os primitivos são de três naturezas – raízes e traços morfossintáticos, regras de correspondência e informações semânticas – e as listas são acessadas pela Sintaxe em momentos distintos da derivação.

No que se refere à interpretação dos significados linguísticos, Marantz (1997) propõe que as palavras podem ter significados especiais do mesmo tipo que as raízes apresentam, mas que estruturas sintaticamente derivadas devem ter significados previsíveis a partir de suas partes componentes e de sua estrutura interna. Neste sentido, uma palavra complexa não composicional (e.g., *transmission*) tem o mesmo estatuto de uma expressão idiomática (e.g., *The shit hit the fan*).

Entretanto, considera-se que todo tipo de palavra complexa, semanticamente composicional ou não, está sujeita ao Princípio de Decomposição Plena, pois toda formação de palavras é sintática e não há um léxico como repositório de idiosincrasias. Esse ponto é crítico em comparação aos modelos lexicalistas, pois não há assunção de simplificação de estruturas no caso de significado não composicional se houver complexidade morfológica. Assim, as idiosincrasias na interpretação do significado de uma expressão, de qualquer extensão, devem ser explicadas por mecanismos sintáticos ou pós-sintáticos.

Em relação aos diferentes domínios estruturais para a geração de significados, a teoria prevê que o significado adquirido em um primeiro nível de concatenação sintática será

---

5 Para uma introdução mais detalhada do modelo, cf. Lazzarini-Cyrino (2022).

preservado nos demais níveis de concatenação.<sup>6</sup> Podemos observar, então, que a teoria explica propriedades idiossincráticas de expressões de extensão variável pela listagem de significados especiais na Lista 3 e define o primeiro nível de concatenação como o local privilegiado para o surgimento de tais idiossincrasias. Ainda, prevê que, acima deste nível de concatenação, haja previsibilidade tanto na forma resultante quanto na interpretação de expressões morfológicamente complexas.

A partir desta contextualização, a próxima seção apresenta os indicativos linguísticos propostos para a classificação mais apurada da composicionalidade semântica de formas complexas.

### **Indicativos linguísticos de composicionalidade semântica**

Os indicativos linguísticos sobre a composicionalidade semântica de uma forma complexa podem ser obtidos por testes linguísticos aplicados e julgados pelo próprio pesquisador a um conjunto de dados ou pelo acesso a dados ou julgamentos produzidos por meio da execução de tarefas (psico)linguísticas por falantes nativos. O primeiro caso será abordado na subseção nomeada *Testes linguísticos* e o segundo na subseção *Testes e eventos psicolinguísticos*. Embora alguns desses testes possam ser mencionados de modo esparso em diferentes trabalhos na literatura, o objetivo aqui é reuni-los de modo sistemático e ordenado. Os testes linguísticos fornecem hipóteses sobre a composicionalidade de uma forma e os testes psicolinguísticos podem fornecer evidências sobre o processamento linguístico composicional das formas por um grupo de falantes. Nos dados em que há maior dificuldade de classificação, as duas metodologias combinadas levam a um resultado analítico mais acurado.

Antes de seguir, no entanto, é preciso adicionar a ressalva de que o contexto sentencial de uma palavra ou sua prévia definição são importantes para obtenção do significado e da análise da composicionalidade semântica. Tal fato se dá porque a muitas formas isoladas podem-se atribuir ambas as interpretações, composicional e não composicional. Mesmo no caso de formas composicionais, podem estar disponíveis significados variados de uma mesma raiz fora de contexto, como é o caso do exemplo *cachorrada*, explorado na primeira seção.

---

6 Para o maior detalhamento da proposta, cf. Marantz (2001, 2007); Arad (2003, 2005).

- | Indicativos linguísticos para aferir composicionalidade semântica em palavras complexas

## Testes linguísticos: transparência formal

Como visto, o primeiro indicativo de possível composicionalidade semântica é a transparência formal. Embora existam formas possivelmente composicionais sem transparência formal total, como é o caso de palavras formadas por bases presas latinas ou gregas (e.g., **hidrante**, **anfiteatro**, **progredir**, **regredir**, **dolorido**) e outros empréstimos; na maioria das formações semanticamente composicionais é possível identificar facilmente quais são os limites entre as raízes e os afixos. Logo, a simples possibilidade de segmentação entre raízes e afixos é um indicativo para a composicionalidade semântica<sup>7</sup>. Nos exemplos de (14) a (16), vai-se da transparência total para a transparência parcial (alomorfia da raiz), para a falta de transparência (a forma é complexa apenas diacronicamente). Nos dois primeiros casos, há indicativo de composicionalidade semântica, mas no último, não<sup>8</sup>.

- (14) **Jogador** de futebol      [[joga]<sub>v</sub>-dor]<sub>N</sub>  
(15) Corpo **dolorido**      [[dolor]-ido]<sub>ADJ</sub>  
(16) **Insultar**      [insultar]<sub>v</sub>

## Testes linguísticos: formação de paráfrases e uso de sinônimos para raízes e afixos

Muito frequentemente, o pesquisador se utiliza de paráfrases que contenham a possível palavra simples que é parte da palavra final complexa para identificar se há manutenção do significado original da forma. Caso seja possível utilizar uma paráfrase com manutenção do significado da formação e, em última instância, do contexto sentencial, trata-se de uma forma composicional (cf. (17) e (18)). Diferentemente, se a paráfrase com a palavra simples resultar em uma sentença semanticamente diversa, e possivelmente anômala, tem-se indicativo de uma formação não composicional (cf. (19)).

- (17) a. A **cachorrada** latiu a noite toda.  
b. Aquele **monte de cachorro** latiu a noite toda.

---

7 Um parecerista anônimo indica que os falantes são criativos e que podem (super)segmentar raízes e afixos para funções específicas de linguagem, tal como a linguagem poética. No entanto, o teste sugerido toma como base a linguagem denotativa.

8 As segmentações serão simplificadas e os morfemas gramaticais (vogais temáticas) e flexionais não serão segmentados por razões de enfoque da exposição.

- (18) a. Demitir todo mundo foi uma **cachorrada**.  
 b. Demitir todo mundo foi **atitude de cachorro** (desumana, portanto, ruim).
- (19) a. Esqueci a minha **sombrinha** em casa.  
 b. #Esqueci a minha **sombra pequena** em casa.

Observe-se que, no caso de *cajuzinho*, em (20), a transparência formal e a forte relação semântica com o substantivo *caju* tornam plausível a hipótese da interpretação composicional pelos falantes<sup>9</sup>, mas a paráfrase com transposição de significado de *pequeno* do morfema diminutivo para o adjetivo não. Isso pode indicar que *cajuzinho* é uma daquelas formas em que a composicionalidade não pode ser definida de modo categórico.

- (20) a. Meu doce preferido é o **cajuzinho**.  
 b. #Meu doce preferido é o de **caju pequeno**.  
 c. Meu doce preferido é aquele que é feito de **caju**.

No caso de bases presas (cf., *sub* em (21)a), a paráfrase pode ser construída com uma palavra livre cujo significado é sinônimo (cf. (21)b), hipônimo ou hiperônimo da forma presa. Nesses casos, a transparência formal é comprometida, o que pode vir a causar perda de composicionalidade semântica. Contudo, no quadro geral, este teste pode ser somado a outros para uma classificação final.

- (21) a. Via **sub**cutânea.  
 b. Via **abaixo** da pele.

Nos afixos, que também não podem ocorrer de forma livre, é possível recorrer a palavras sinônimas para a identificação da composicionalidade. Nos exemplos em (22) e (23), a paráfrase é praticamente perfeita, mas no exemplo em (24) qualquer falante nativo nota a anomalia da formação. Isso indica que *bisavô* não deve ser interpretada composicionalmente, mas como uma forma simples. Veja que, neste caso, embora se possa recorrer à definição de que “ser bisavô é ser duas vezes avô”, ou ainda identificar na língua um mecanismo de contagem a partir de avô (avô, bisavô, trisavô, tetravô, tataravô etc.)<sup>10</sup>, a relação não se estabelece de forma direta na linguagem e o contraste entre os exemplos é claro.

<sup>9</sup> Além disso, o doce cajuzinho pode ou não ter o formato de um caju.

<sup>10</sup> Agradecemos a um dos pareceristas anônimos pela sugestão.

- | Indicativos linguísticos para aferir composicionalidade semântica em palavras complexas

(22) a. O evento é **bianual**.  
b. O evento ocorre a cada **dois anos**.

(23) a. É preciso **refazer** o teste.  
b. É preciso **fazer** o teste **de novo**.

(24) a. Este é meu bisavô paterno.  
b. # Este é meu avô **duas vezes/segundo** paterno/pai.

No caso de *trilegal* em (25), a interpretação é composicional, pois embora *tri* não seja interpretado literalmente como *três vezes*, a interpretação é especial na medida em que a propriedade iterativa do prefixo é preservada no significado final da formação.

(25) a. Este filme é *trilegal*.  
b. Este filme é **muito legal**.

Mais um indicativo sugerido envolve a comparação entre sinônimos de palavras complexas em que se mantém o mesmo afixo. A permanência do afixo com manutenção próxima do significado geral indica que há contribuição semântica composicional deste morfema para a forma complexa final. Tome-se, por exemplo, os sinônimos para *desfazer* consultados em um dicionário virtual de sinônimos<sup>11</sup> em (26). Todos os resultados da primeira entrada, cujo significado remete a “desfazer algo que estava feito”, apresentam hipônimos do termo consultado em que o prefixo *des-* aparece preservado. Isso indica a alta composicionalidade da formação.

(26) *desamarrar, desalinhar, desorganizar, desenrolar, desenlaçar, desdar, desembulhar, descosturar, descoser, desatar, desarranjar, desarrumar.*

Diferentemente, quando consultamos a forma *descartar* na acepção de “não levar em consideração”, parte dos sinônimos apresentados não inclui o prefixo *des-* (cf. (27)). Os sinônimos que não incluem o prefixo *des-* indicam que a composicionalidade semântica de *descartar* não é tão evidente quanto a de *desfazer*. Contudo, os sinônimos que incluem o prefixo *des-* indicam que a total não composicionalidade é igualmente questionável. Mais uma vez, nesse caso, há um processo de perda da transparência formal, com opacidade da palavra simples *carta*, que caminha lado a lado com a perda de composicionalidade semântica.

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.sinonimos.com.br/>. Acesso em: 04 mar. 2024.

- (27) desconsiderar, desvalorizar, desprezar, desdenhar, ignorar, afastar, excluir, desatender, menosprezar, menoscarbar.

### Testes linguísticos: modificação adverbial ou nominal

A boa formação de uma frase em que um adjunto verbal ou nominal modifica partes da estrutura complexa também é indicativo da composicionalidade da formação. Por exemplo, nos verbos deadjetivais abaixo, é possível modificar o verbo complexo com uma oração adjunta que expressa intensidade pela explicitação do adjetivo, seja pela modificação de intensidade do adjetivo ou pela repetição do nome interno ao verbo denominal em uma oração adjunta. O resultado desse último teste pode levar a uma redundância que não caracteriza agramaticalidade:

- (28) Eu esquentei **bem quente** o leite.  
 (29) Ele resfriou **muito frio** o congelador.  
 (30) Ele cabeceou a bola **com a cabeça torta**.  
 (31) Eles apedrejaram o prédio **com as pedras do vaso**.

Por outro lado, nas sentenças com verbos denominais não composicionais não é possível modificar o verbo com oração adjunta instrumental que traz a provável palavra simples da forma complexa em sua interpretação primária. A estranheza dos dados de (32) a (33) *versus* a aceitabilidade dos dados de (28) a (31), apesar da redundância, revela o contraste entre composicionalidade e não composicionalidade.

- (32) # Ele agarrou a bola **com a garra afiada**.  
 (33) # A casa é assombrada **com uma sombra grande**.

Recentemente, durante a pandemia de covid-19 iniciada no ano de 2020, observou-se a perda de composicionalidade semântica da palavra *quarentena*, que deixou de ser interpretada necessariamente como uma reclusão de quarenta dias. Tal fato fica evidente pela possibilidade de modificação por adjunto que especifica o tempo de reclusão (diferente do numeral especificado na palavra que serve de base para a formação, *quarenta*), tal como ilustrado na chamada de noticiário em (34):

- (34) “Quarentena de sete dias será adotada por 13 estados e o Distrito Federal”

- | Indicativos linguísticos para aferir composicionalidade semântica em palavras complexas

## Testes linguísticos: manutenção e perda de propriedades (morfo)fonológicas

A manutenção ou perda de propriedades fonológicas ou de irregularidades morfofonológicas gera evidências sobre a composicionalidade ou não composicionalidade de uma palavra complexa.

Em relação às propriedades fonológicas, retome-se Schwindt (2001), que classifica palavras prefixadas do português brasileiro em dois grupos: um que tem estatuto prosódico composicional (identificação de duas palavras fonológicas) e outro que não o tem (identificação de uma palavra fonológica). Em geral, nas palavras com estatuto composicional, há preservação do acento do prefixo e a possibilidade de sua ocorrência como uma forma livre. Neste grupo, observa-se a ocorrência de processos fonológicos que se dão entre palavras fonológicas, tais como neutralização e elisão da vogal átona final do prefixo, tal como ilustrado em (35)a-b, respectivamente.

- (35) a. ant[e]projeto ~ ant[i]projeto  
b. par[a]estatal ~ par[e]statal

(Schwindt, 2001, p. 183)

Nos casos em que não há composicionalidade prosódica, o prefixo comporta-se como sílaba átona constituinte de uma única palavra fonológica. Nesses casos, podem ocorrer alterações formais, mais especificamente, processos fonológicos de neutralização de vogais médias altas pretônicas, harmonização vocálica e assimilação da nasal, conforme ilustrado respectivamente em (36)a-c.

- (36) a. n[ɛ]ologismo ~ n[e]ologismo  
b. d[e]sfiz ~ d[i]sfiz  
c. aN+alfabeto ~ a[n]alfabeto

(Schwindt, 2001, p. 183)

Embora as evidências formais de não composicionalidade prosódica nem sempre acompanhem as evidências de não composicionalidade semântica, em alguns casos, a perda de fronteiras formais indica fortemente a perda de composicionalidade semântica. Esse é o caso da neutralização das vogais médias pretônicas. Observem-se os exemplos de (37) a (40):

- (37) a. pr[ɛ]-texto: “que antecede o texto”  
 b. pr[e]texto: “desculpa”
- (38) a. pr[ɛ]-ocupado: “que se ocupa antecipadamente”  
 b. pr[e]ocupado: “estado psicológico de quem se preocupa”
- (39) a. pr[ɛ]-pago: “que se paga antecipadamente”  
 b. \*pr[e]-pago: não atestado
- (40) a. p[ɔ]s-graduação: “que se realiza após a graduação”  
 b. \*p[o]s-graduação: não atestado

Nos dialetos do português brasileiro em que há a variação na realização das vogais médias, a interpretação não composicional somente está disponível com as formas neutralizadas *pr[e]texto* e *pr[e]ocupado*. *Pretexto* é uma desculpa e *preocupado* é o estado psicológico de quem se preocupa. Neste último caso, embora seja possível resgatar analiticamente a relação com os prefixos *pré* e o verbo *ocupar*, a forma não apresenta leitura composicional para muitos falantes. Note-se que, para algumas formas em que somente há interpretação composicional, não há possibilidade de neutralização da vogal pretônica, como é o caso de *pré-pago* e *pós-graduação*.

Portanto, a manutenção ou a perda de irregularidades morfofonológicas pode indicar a composicionalidade ou não composicionalidade da formação. Por exemplo, palavras simples com algum tipo de flexão irregular podem manter essa propriedade quando inseridas em uma forma derivada complexa ou perdê-la se a estrutura perder composicionalidade.

Observe-se o caso da flexão do plural em palavras terminadas por ditongo nasal -ão, [ãw] em português. A forma plural regular (*default*) para palavras terminadas por ditongo nasal é -ões, [õjs], e as formas irregulares são -ãos, [ãws]<sup>12</sup> e -ães; [ãjs] (cf. Câmara Jr., 1970; Villalva, 2008; Paredes, 2016; Leite, 2023).

- (41) a. padr[ãw] ~ padr[õjs]  
 b. m[ãw] ~ m[ãws]  
 c. alem[ãw] ~ alem[ãjs]

---

12 É discutível se nesse caso há o simples acréscimo do morfema regular de plural -s ou do morfema -ãos. Por razões de escopo, não nos deteremos nesta problemática e referimos o leitor à bibliografia citada neste trecho.

- | Indicativos linguísticos para aferir composicionalidade semântica em palavras complexas

As palavras compostas com as palavras *mão* e *não*, por exemplo, deveriam formar plurais com os alomorfes *-ãos*, pois suas formas plurais são *mãos* e *nãos*, sem nenhum tipo de variação de uso entre os alomorfes (a exemplo do que ocorre com palavras menos frequentes, como *aldeão*, *escrivão* e *capitão*). No entanto, o estudo experimental de Leite (2023) revelou que os falantes divergem ao formar os plurais das palavras *corrimão* e *senão*: o alomorfe irregular esperado *-ãos* se alterna com a forma *default* *-ões*.

Em uma tarefa de produção eliciada, 108 falantes nativos de português brasileiro formaram o plural destas palavras. No caso da palavra *corrimão*, 65 formaram o plural como *corrimãos* e 42 usaram a forma regular *default*, formando *corrimões*, e um falante deixou a resposta em branco. No caso da palavra *senão*, 62 formaram o plural como *senãos*, 38 como *senões* e 8 deixaram a resposta em branco. Estes resultados são indícios formais de que as palavras *corrimão* e *senão* são interpretadas de modo composicional para a maior parte dos respondentes: há evidência de que são formas complexas. Contudo, para uma parte menor, mas não inexpressiva, há opacificação (simplificação) das estruturas.

Em suma, o fenômeno de regularização da flexão de uma forma irregular interna a uma estrutura complexa pode indicar a perda de composicionalidade tanto formal quanto semântica. Este é apenas um exemplo de como a alteração da flexão pode indicar a alteração da composicionalidade, e a temática de utilização de metodologias experimentais para acessos aos dados é assunto para a próxima subseção.

## Testes e eventos psicolinguísticos

Trabalhos que se dedicam ao estudo da morfologia e do léxico mental na área de psicolinguística, mais especificamente em processamento de linguagem, têm como parte de suas tarefas e objetivos aferir o estatuto (de)composicional de palavras complexas (Embick *et al.*, 2022). Dentro de diferentes paradigmas experimentais, são aplicados testes que buscam medir e interpretar a relação entre palavras simples e palavras derivadas. A partir destes resultados, são propostas representações de organização do léxico mental, seja esse um léxico de morfemas ou de palavras, ou ainda de ambos.

Testes de associação de palavras podem ser usados para medir relações semânticas de modo geral, mas também revelam relações morfológicas, sintáticas e fonéticas entre palavras (Souza *et al.*, 2020). A ferramenta serve também como forma de investigação da familiaridade de um grupo de palavras para falantes nativos. No âmbito da morfologia, pode ser base de análise da pertinência dos estímulos às classes de complexidade morfológica sugeridas. Neste caso, a tarefa *offline* consiste no oferecimento de palavras

morfologicamente complexas como estímulos e a obtenção de uma palavra relacionada<sup>13</sup> como resposta livre por parte do informante<sup>14</sup>.

Por exemplo, em Bassani *et al.* (2021), uma tarefa de associação de palavras foi aplicada a fim de aferir o estatuto de complexidade de verbos parassintéticos do português com o prefixo *eN-* (ex. *emprenhar*, *enlatar*, *encabeçar*, *embaçar* etc.). Quatro classes de complexidade foram pré-sugeridas: composicional adjetival (*emprenhar*), composicional nominal (*enlatar*), não composicional (*encabeçar*), lexicalizado (*embaçar*). As associações obtidas nas respostas dos falantes foram de tipo semântico-lexical (*emprenhar* ~ *engravidar*), sintático-argumental (*emprenhar* ~ *a cadela*), fonético-fonológica (*emprenhar* ~ *empenhar*), morfológica com a base (*emprenhar* ~ *prenha*), e morfológica com o verbo derivado ou flexionado (*emprenhar* ~ *emprenhada*).

Casos com recuperação total da palavra simples podem indicar processamento composicional da complexidade morfológica do estímulo pelo falante, quer sejam verbos com significado especial (*encabeçar*) ou não (*engrossar*).

- (42) a. *encabeçar* ~ *cabeça*  
b. *engrossar* ~ *grosso*

Embora alguns verbos tenham sido classificados a princípio como (semânticamente) não composicionais, os resultados apontam a composicionalidade semântica da formação, com ou sem significado especial (polissêmico) da raiz.

Por exemplo, para o verbo *encabeçar*, além das associações morfológicas com o substantivo *cabeça*, alguns falantes fizeram associações com outras palavras em que se recupera a mesma palavra simples, mas com diferentes significados. É o caso da resposta *bola* (que se associa a *cabecear*), e *teimoso* (que se associa a *cabeça dura*). Para o verbo *ensopar*, foram obtidas as respostas *comer*, *comida*, *insosso*, todas associadas semanticamente ao substantivo *sopa*.

Quando nenhum tipo de recuperação da palavra simples por associação semântica ou morfológica for possível, tem-se indícios de uma interpretação/processamento morfológico e semântico não composicional, ou seja, trata-se de uma formação simples.

<sup>13</sup> A instrução do teste costuma pedir que o falante registre “a primeira palavra que lhe vier à mente”.

<sup>14</sup> Um parecerista anônimo questiona se o próprio ambiente de teste não poderia induzir o falante a fazer associações entre palavras que não faria em outras situações. De fato, essa possibilidade existe em qualquer situação experimental, mas que deve ser minimizada com controle metodológico rígido e uma amostra de falantes considerável.

- | Indicativos linguísticos para aferir composicionalidade semântica em palavras complexas

Esse foi o caso de *embaçar*, cujas associações foram semânticas (*vidro, sujo*) e morfológicas com o verbo derivado ou flexionado (*embaçado, embaçou*), mas nunca com a possível palavra simples *baço*.

Em suma, testes deste tipo podem lançar luz não somente sobre o estatuto da complexidade morfológica (transparência formal), mas sobre interpretação da composicionalidade semântica dessas formações.

Dentro da metodologia experimental *online*, variadas tarefas foram usadas para aferir a complexidade morfológica e a composicionalidade semântica no âmbito da Psicolinguística e da Neurolinguística (Stockall; Marantz, 2006; Maia; Lemle; França, 2007; Maia; Ribeiro, 2015; Ferrari; Dias, 2014; Fruchter; Marantz, 2015; Estivalet; Meunier, 2020; Oseki; Marantz, 2020).

Na psicolinguística, uma metodologia bastante comum envolve o uso de *priming* morfológico ou semântico em tarefas de decisão lexical (Villalva; Pinto, 2018; Creemers *et al.*, 2020). Tarefas desta natureza buscam investigar em que medida o acesso prévio mascarado a palavras morfológica ou semanticamente relacionadas a um dado estímulo morfológica ou semanticamente complexo pode facilitar ou não o processamento linguístico destas formas. O processamento é aferido pelo tempo de execução da tarefa pelos falantes.

Por fim, eventos linguísticos espontâneos também podem indicar a complexidade morfológica e o processamento composicional de palavras. É o caso dos lapsos de fala morfológica (cf. (43)) (Espadaro, 2018) e de criações jocosas (cf. (44)), em que partes de palavras complexas são trocadas, alteradas ou selecionadas indicando o seu processamento composicional. Esses dados são mais dificilmente obtidos e merecem ser discutidos com detalhes, mas são citados a título de ilustração porque revelam raízes ou partes internas das palavras.

- (43) a. Singulino masculino (para singular masculino)  
b. Preparamentos do casativo (para preparativos do casamento)

(Espadaro, 2018, p. 179)

- (44) a. Já ouviu falar da fase dos “enta”?  
b. I am not superstitious, I am a littlestitious.

## Considerações finais

Este artigo teve o objetivo de discutir e lançar luz sobre o conceito de composicionalidade semântica em palavras complexas e discutir a sua relação com os conceitos de transparência morfológica (formal), significado especial e lexicalização. Para uma breve e ampla visão sobre como os fenômenos tratados são abordados na literatura linguística teórica, foram apresentadas duas propostas sobre o fenômeno da não composicionalidade, um lexicalista e uma não lexicalista.

No aspecto instrumental, foram sugeridos indicativos linguísticos de composicionalidade semântica obtidos por meio de testes linguísticos e de testes e eventos psicolinguísticos. Dentre os testes linguísticos, foram sugeridos: identificação de limites por transparência formal, possibilidade de formação de paráfrases e usos de sinônimos para raízes e afixos, modificação adverbial, manutenção e perda de propriedades (morfo) fonológicas. Dentre os testes e eventos psicolinguísticos foram exemplificados: testes de associação de palavras, testes de *priming* e decisão lexical, lapsos de fala morfológicos e criações jocosas. Como mencionado durante a apresentação dos testes, esses apresentam limitações particulares e, não raro, metodologias combinadas são necessárias para a criação de hipóteses mais robustas. Longe de finalizadas, a discussão e a lista de critérios e testes indicativos permanecem como tópicos efervescentes e necessários na literatura sobre complexidade morfológica nas línguas naturais, e refinamentos tanto teóricos quanto instrumentais são necessários para a compreensão mais acurada desses fenômenos no português brasileiro.

## Referências

ARAD, M. Locality Constraints on the Interpretation of Roots: The Case of Hebrew Denominal Verbs. **Natural Language & Linguistic Theory**, v. 21, p. 737-778, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1023/A:1025533719905>. Acesso em: 15 ago. 2024.

ARAD, M. **Roots and patterns: Hebrew morpho-syntax**. Springer Science & Business Media, 2005.

ARONOFF, M. **Word formation in generative grammar**. Cambridge, MA: MIT Press, 1976.

BASSANI, I. Transparência morfológica, composicionalidade semântica e reanálise estrutural em verbos do português. **Revista Letras**, [S. L.], v. 91, p. 109-130, maio 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/39844>. Acesso em: 23 maio 2024.

- | Indicativos linguísticos para aferir composicionalidade semântica em palavras complexas

BASSANI, I.; VILLALVA, A.; SILVA, G. Questões metodológicas e resultados preliminares de um pré-teste de associação de palavras em verbos com prefixos. *In*: 68º Seminário do GEL – Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, 2021, Araraquara. **Caderno de Resumos – 68º Seminário do GEL**. Araraquara: Editora Letraria, 2021. v. 1, p. 202-203.

BAUNAZ, L.; HAEGEMAN, L.; DE CLERCQ, K.; LANDER, E. (ed.). **Exploring Nanosyntax**. Oxford: Oxford University Press, 2018.

BORER, H. **Structuring Sense**: Volume I: In name only. Oxford: Oxford University Press, 2005.

BORER, H. **Structuring Sense**: Volume III: Taking form. Oxford: Oxford University Press, 2013.

CÂMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 47. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1970.

CAETANO, M. do C. Sobre o conceito de composicionalidade em morfologia. *In*: VALENTIM, H. (org.). **Cadernos WGT: Composicionalidade**. Lisboa: NOVA FCSH, 2009. p. 5-15.

CAHA, P. **The Nanosyntax of Case**. Ph.D. Dissertation, University of Tromsø, Tromsø, 2009.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário Etimológico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

CREEMERS, A.; GOODWIN DAVIES, A.; WILDER, R. J.; TAMMINGA, M.; EMBICK, D. Opacity, transparency, and morphological priming: A study of prefixed verbs in Dutch. **Journal of Memory and Language**, v. 110, p. 1-20, 2020.

DI SCIULLO, A. M.; WILLIAMS, E. **On the definition of word**. Cambridge, MA: The MIT Press, 1987.

EMBICK, D. **The morpheme**: a theoretical introduction. Berlin, München, Boston: De Gruyter Mouton, 2015.

EMBICK, D.; CREEMERS, A.; GOODWIN DAVIES, A. Morphology and the mental lexicon: Three questions about decomposition. *In*: PAPAFRAGOU, A.; TRUESWELL, J. C.; GLEITMAN, L. R. (ed.). **Oxford handbook of the mental lexicon**. Oxford: Oxford University Press, 2022.

- ESPADARO, M. **Os lapsos de fala em português brasileiro sob a perspectiva da Morfologia Distribuída**. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- ESTIVALET, G. L.; MEUNIER, F. Morphological operations in French verbal inflection: Automatic, atomic, and obligatory. *Lingua*, v. 240, p. 1-17, 2020.
- FERRARI NETO, J.; DIAS, A. D. Processamento de palavras formadas com bases presas no Português Brasileiro: um efeito de *priming* morfológico. *Revista Veredas*, v. 18, n. 2, p. 20-31, 2014.
- FRUCHTER, J.; MARANTZ, A. Decomposition, Lookup, and Recombination: MEG evidence for the Full Decomposition model of complex visual word recognition. *Brain and Language*, v. 143, p. 81-96, 2015.
- GEURTS, B. **Compositionality**: the real problem, 2014. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/254884586\\_Compositionality\\_the\\_real\\_problem](https://www.researchgate.net/publication/254884586_Compositionality_the_real_problem). Acesso em: 25 fev. 2023.
- HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed Morphology and the pieces of inflection. *In*: HALE, K.; KEYSER, S. J. (ed.). **The view from Building 20**. Cambridge, MA: MIT Press, 1993. p. 111-176.
- LAZZARINI-CYRINO, J. P. Morfologia Distribuída: origens e motivações. *In*: SCHER, A. P.; BASSANI, I.; ARMELIN, P. (ed.). **Manual de Morfologia Distribuída**. Campinas: Editora da ABRALIN, 2022. p. 33-58.
- LEITE, M. da C. **Alomorfia no plural do ditongo nasal em português brasileiro**. 2023. Dissertação (Mestrado em Letras) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2023.
- LIEBER, R. **Deconstructing Morphology**. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.
- MAIA, M.; RIBEIRO, A. Jabuticaba liboramima lê mais fácil do que jornaleiro norbalense: um estudo de rastreamento ocular de palavras e pseudopalavras mono e polimorfêmicas. *In*: BUCHWEITZ, A.; MOTA, M. B. (org.). **Linguagem e cognição: processamento, aquisição e cérebro**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2015. p. 143-153.

- | Indicativos linguísticos para aferir composicionalidade semântica em palavras complexas

MAIA, M.; LEMLE, M.; FRANÇA, A. I. Efeito *stroop* e rastreamento ocular no processamento de palavras. **Ciências e cognição**, v. 12, p. 2-17, 2007.

MARANTZ, A. No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. *In*: DIMITRADIS, A.; SIEGEL, L.; SUREK-CLARK, C.; WILLIAMS, A. (ed.). **Proceedings of the 21st Penn Linguistics Colloquium**. Working Papers in Linguistics, Philadelphia, 1997. p. 201-225.

NÓBREGA, V. A. Domínios de localidade na interpretação semântica. *In*: SCHER, A. P.; BASSANI, I.; ARMELIN, P. (ed.). **Manual de Morfologia Distribuída**. Campinas: Editora da ABRALIN, 2022. p. 325-352.

OSEKI, Y.; MARANTZ, A. **Modeling morphological processing in human magnetoencephalography**. Proceedings of the Society for Computation in Linguistics, v. 3, n. 1, p. 431-441, 2020.

PARTEE, B. Compositionality. *In*: PARTEE, B. **Compositionality in Formal Semantics: selected papers**. New Jersey: Wiley-Blackwell Publishing, 2004.

VILLALVA, A. **Estruturas morfológicas: unidades e hierarquias nas palavras do Português**. Lisboa: FCG, FCT, 2000.

VILLALVA, A. **Morfologia do Português**. Lisboa: Universidade Aberta, 2008.

VILLALVA, A.; PINTO, C. Complexidade Morfológica e Custos de Processamento Lexical. **Alfa**, Revista de Linguística, v. 62, n. 1, p. 151-172, 2018.

SCHER, A. P.; BASSANI, I.; ARMELIN, P. (ed.). **Manual de Morfologia Distribuída**. Campinas: Editora da ABRALIN, 2022.

SCHWINDT, L. C. O prefixo no português brasileiro: análise prosódica e lexical. **Revista DELTA**, v. 17, n. 2, p. 175-207, 2001.

SOUZA, S.; VILLALVA, A.; PINTO, C. **The grammar behind word association tasks**. ExLing 2020: Proceedings of 11th International Conference of Experimental Linguistics, 12-14 October 2020, Athens, Greece. Disponível em: [https://exlingsociety.com/wp-content/uploads/proceedings/exling-2020/11\\_0021\\_000436.pdf](https://exlingsociety.com/wp-content/uploads/proceedings/exling-2020/11_0021_000436.pdf). Acesso em: 27 fev. 2023.

STARKE, M. **Nanosyntax**: A Short Primer to a New Approach to Language. Nordlyd, v. 36, p. 1-6, 2009.

STOCKALL, L.; MARANTZ, A. A single route, full decomposition model of morphological complexity: MEG evidence. **The Mental Lexicon**, v. 1, n. 1, p. 85-123, 2006.

---

**COMO CITAR ESTE ARTIGO:** BASSANI, Indaiá de Santana; COSTA, Marcela Nunes. Indicativos linguísticos para aferir composicionalidade semântica em palavras complexas. **Revista do GEL**, v. 21, n. 1, p. 11-35, 2024. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>.

Submetido em: 19/03/2023 | Aceito em: 29/05/2023.

---

# UMA TIPOLOGIA LINGUÍSTICA PARA PEJORATIVOS BASEADOS EM NOMES DE ANIMAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Renato Miguel BASSO<sup>1</sup>

Giovanna COSTA SILVA<sup>2</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v21i1.3715>

**Resumo:** O objetivo do presente texto é investigar a semântica e a pragmática de nomes de animais usados como termos pejorativos no português brasileiro (PB) contemporâneo. Em nossa análise, propomos que alguns desses termos pertencem a categorias semântico-gramaticais distintas e, portanto, devem ser classificados como ofensas, como injúrias e como injúrias de gênero, conforme argumentamos com base em dados de comportamentos e inferências linguísticas. Usando as ferramentas e métodos da semântica e da pragmática formais das línguas naturais, nossa proposta de análise será feita tomando como material um inventário não-exaustivo de termos comumente usados no Brasil.

**Palavras-chave:** Injúrias. Ofensas. Semântica.

---

1 Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil; [rmbasso@ufscar.br](mailto:rmbasso@ufscar.br); <https://orcid.org/0000-0003-2580-0365>

2 Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil; [giovannacs@estudante.ufscar.br](mailto:giovannacs@estudante.ufscar.br); <https://orcid.org/0009-0004-7536-1078>

- | Uma tipologia linguística para pejorativos baseados em nomes de animais no português brasileiro

## *A LINGUISTIC TYPOLOGY FOR ANIMAL-BASED PEJORATIVES IN BRAZILIAN PORTUGUESE*

**Abstract:** The aim of this paper is to investigate the semantics and pragmatics of animal names used as pejorative terms in contemporary Brazilian Portuguese (BP). In our analysis, we propose that these terms belong to distinct semantic-grammatical categories and, therefore, should be classified as offenses, insults, and gender-based slurs. This classification is argued based on linguistic inferences and response to tests. Utilizing tools and methods from formal semantics and pragmatics of natural languages, our analytical proposal will be carried out using a non-exhaustive inventory of terms commonly used in Brazil.

**Keywords:** Slurs. Offenses. Semantics.

### **Introdução**

Entre as diversas propriedades e funções das línguas naturais, uma delas é a capacidade de ser usada para ofender, para agredir verbalmente as pessoas, e uma área linguística rica em termos ofensivos no português brasileiro atual são os nomes de animais. De fato, mesmo uma rápida introspecção já mostra que há mais nomes de animais usados de modo ofensivo do que elogioso, muitos dos quais serão investigados no que segue.

A análise dos termos pejorativos derivados de nomes de animais, contudo, é um tema pouco explorado, mesmo considerando a literatura internacional sobre injúrias e ofensas, ainda mais tendo em vista um quadro formal de análise linguística. Sendo assim, este texto tem como um de seus objetivos, ao analisar, classificar e descrever a semântica desses pejorativos, sanar essa lacuna, que se situa entre análise linguística e uma certa representação social de ofensa, que deixa transparecer os valores de uma dada sociedade numa dada época (cf. Mohr, 2013).

Para além do fato de que essas ofensas se enquadram na estratégia de diminuir indivíduos por suas características físicas e papéis sociais ao compará-los a animais, considerados inferiores a humanos, as ofensas baseadas em nomes de animais, como veremos, têm ainda a característica de expor o que é tomado como negativo pela sociedade brasileira contemporânea. Do ponto de vista linguístico, veremos também que esses termos pertencem a mais de uma categoria semântico-gramatical, e que essas categorias podem ser distinguidas com base em seu comportamento linguístico.

O presente texto está organizado da seguinte maneira: na seção 1, discorreremos sobre as definições de injúrias e ofensas, e sobre as ferramentas teóricas usadas para lidar com termos pejorativos; na seção 2, apresentaremos os testes e comportamentos linguísticos que mobilizaremos em nossa argumentação; na seção 3, faremos as análises dos dados, ou seja, dos pejorativos derivados de nomes de animais. Por fim, a conclusão traz os principais resultados alcançados, algumas questões em aberto e temas a serem futuramente investigados.

## 1. Pejoratividade em linguística: sobre injúrias, ofensas e nomes de animais

As línguas naturais exercem diversas funções: além das funções descritivas, persuasivas, interrogativas e argumentativas, elas também podem ser poderosas ferramentas para manifestar preconceitos e perpetrar agressões.

Ao pensarmos no português brasileiro (PB) contemporâneo, podemos encontrar a presença de expressões e estruturas linguísticas que têm a função de ofender ou causar agressão verbal. Estas são moldadas pelos valores, crenças e normas de uma sociedade, portanto, a existência desses termos é um reflexo do estado atual da sociedade brasileira (cf., Basso, 2018; Quadros Gomes, 2022). Um termo ou expressão atualmente ofensivo pode não ter tido essa característica em tempos passados, e pode vir a perdê-la no futuro, assim como termos atualmente não ofensivos podem ganhar uma carga ofensiva futuramente.

Muitos pesquisadores consideram que a ofensa e a agressão verbal são formas de violência que acompanham a agressão física, pois ambas possuem o propósito de prejudicar ou ferir seu alvo<sup>3</sup>. Na agressão física, há a violência contra a integridade física do indivíduo, já na agressão verbal existem, entre outras coisas, a ausência da cortesia e o ataque à face do indivíduo. Nesse tipo de agressão também há o descrédito lançado sobre o outro – um discurso de desqualificação e de violência contra as características do alvo, seja questionando sua moralidade, suas origens, sua sexualidade, suas capacidades cognitivas, o formato de seu corpo e quaisquer outros aspectos que numa dada sociedade, numa dada época, seja considerado como algo a ser preservado e/ou tabu (cf. Bousfield; Locher, 2008). E, como adiantamos, nomes de animais podem ser usados justamente com essa função.

Há diversas maneiras possíveis de classificar os pejorativos derivados de nomes de animais, e, no que segue, apresentaremos algumas dessas classificações, principalmente

---

<sup>3</sup> Alguns exemplos podem ser encontrados nos trabalhos compilados em Allan (2018).

- | Uma tipologia linguística para pejorativos baseados em nomes de animais no português brasileiro

aquela que divide esses termos em categorias semântico-gramaticais diferentes, como ofensas, injúrias e injúrias de gênero (uma subcategoria das injúrias).

Antes de mais nada, podemos notar que os pejorativos baseados em nomes de animais não são todos iguais em seu uso com relação ao que têm como alvo, pois alguns ofendem somente mulheres ('piranha'), outros têm a ver com o formato do corpo ('baleia') ou com a orientação sexual ('veado'), enquanto alguns versam sobre comportamentos ('porco'), capacidade cognitiva ('anta'), e alguns ainda são racistas ('macaco'), entre outros que lamentavelmente são muito utilizados, expondo aspectos negativos (e criminosos) da sociedade brasileira atual<sup>4</sup>.

A análise semântica de termos ofensivos, atualmente, parte do fato de que existem dois tipos de significado em língua natural, aquele que descreve o mundo e aquele que fala sobre a opinião do falante, e que podemos nomear, respectivamente, como "linguagem descritiva" e "linguagem expressiva" (cf. Kaplan, 1999; Potts, 2005, 2007; McCready, 2010; Gutzmann, 2015, 2019; Basso, 2018; Mendes de Souza, 2022, entre muitos outros). A linguagem (ou dimensão) descritiva, também nomeada de veri-condicional ou veri-funcional, trata de como o mundo está organizado, enquanto a dimensão expressiva (uso-condicional) reflete a opinião do indivíduo sobre o mundo, e, portanto, não é veri-condicional.

Mais precisamente, a linguagem descritiva trata da organização do mundo, de como o mundo é (foi ou pode vir a ser), e por isso um de seus conceitos fundamentais é o de condição de verdade – aqui, interessa saber se uma dada descrição se adéqua ou não a um certo estado de mundo, e tal correspondência é base das análises em semântica veri-condicional, por exemplo. Quando falamos em linguagem expressiva, o conceito mais relevante é o de condição de uso, ou seja, não é sobre uma expressão adequar-se ou não ao mundo, mas sim sobre a condição de uso do termo, isto é, em como usá-lo adequadamente; por isso, a linguagem expressiva é uso-condicional.

Sendo assim, as expressões e construções linguísticas podem ser divididas de acordo com sua contribuição de significado, entre descritivas, expressivas ou mistas (i.e., quando sua contribuição se dá simultaneamente nas dimensões descritiva e expressiva), como sugerem McCready (2010) e Gutzmann (2015).

Xingamentos ou ofensas expressam a opinião do falante sobre um dado indivíduo em particular, contribuindo exclusivamente para a dimensão uso-condicional. A sentença a seguir traz um exemplo de ofensa desse tipo:

---

4 Em Silva e Basso (manuscrito), exploramos os domínios semânticos que dão origem às ofensas baseadas nesses pejorativos, como comportamentos sociais, sexuais, formato do corpo, entre outros.

(1) O João é um idiota.

A expressão ‘idiota’ em (1) ofende apenas o indivíduo João e expressa a opinião do falante sobre ele, mas não traz nenhuma contribuição de significado na dimensão verifuncional, por exemplo.

Por sua vez, diferentemente das ofensas e xingamentos, as expressões que denominamos aqui de “injúrias” (*slurs*, em inglês) possuem uma natureza bidimensional, justamente porque carregam um conteúdo na dimensão expressiva, que é pejorativo e ofensivo, e um na dimensão descritiva, por selecionarem um grupo de indivíduos por meio de alguma característica descritiva para ser o alvo da ofensa. Nesse sentido, as injúrias, em princípio, fazem simultaneamente duas contribuições de significado. Ou seja, ofendem (conteúdo expressivo) não apenas um indivíduo, mas todo um grupo de pessoas por alguma característica física, cognitiva e/ou social relevante (conteúdo descritivo). Esse é o caso de injúrias raciais, homofóbicas, capacitistas, xenófobas, entre outras.

Como nota de Hess (2021, p. 451, tradução própria<sup>5</sup>):

Ao contrário dos últimos [i.e., xingamentos e ofensas], injúrias depreciam todo um grupo, definido por um fator como raça (percebida), etnia, religião, orientação sexual, etc., e não apenas um referente individual. Assim, injúrias expressam preconceito em relação aos grupos-alvo, o que explica sua extrema ofensividade.

Vejamos como as injúrias funcionam com o exemplo abaixo:

(2) João é um retardado.

Aqui, ‘retardado’ não somente ofende o indivíduo João como também as pessoas com deficiência ou com alguma condição de saúde mental/cognitiva (conforme percebidas por quem realiza o ato ofensivo), justamente por terem, segundo o falante, tal característica. Analisando ‘retardado’ podemos notar que tal termo faz uma contribuição veri-condicional (possuir uma condição mental) e uma contribuição uso-condicional (o falante não gosta de pessoas com deficiência, ou tem uma atitude negativa com relação a essas pessoas).

---

<sup>5</sup> No original, “Unlike the latter, slurs derogate a whole group, defined by a factor such as (perceived) race, ethnicity, religion, sexual orientation, etc., and not just an individual referent. Thus, slurs express prejudice towards the target groups which accounts for their extreme offensiveness”.

- | Uma tipologia linguística para pejorativos baseados em nomes de animais no português brasileiro

As injúrias de gênero têm um comportamento semelhante. Vejamos o próximo exemplo:

(3) Maria é uma vagabunda.

De modo similar ao termo ‘retardado’ apresentado no exemplo (2) acima, que ofende não apenas o indivíduo, mas também o grupo de pessoas com algum déficit cognitivo (conforme percebido pelo falante), ‘vagabunda’, nesse caso, não ofende apenas um indivíduo, mas sim todas as mulheres e também Maria por pertencer a esse gênero. Portanto, a natureza desse termo enquadra-se como uma injúria de gênero, justamente por conta do seu conteúdo descritivo. Note que quando aplicado a homens, ‘vagabundo’ não tem a mesma conotação sexual que tem quando aplicado a mulheres.

Para uma melhor compreensão desse tipo de injúria, podemos considerar a definição de Scruton (2017, p. 7, tradução própria<sup>6</sup>), que utiliza a nomenclatura “*gendered insult*”: “qualquer palavra ou frase, a qual é aplicada desproporcionalmente a um membro de um gênero específico e que está geralmente relacionada a expectativas ou normas sociais atribuídas a esse determinado gênero”. Voltando ao termo ‘vagabunda’, ele é desproporcionalmente aplicado a mulheres quando se trata de comportamento sexual conforme previsto por uma norma social, que preza por relações monogâmicas e estáveis, sendo assim uma expressão usada para atingir o grupo das mulheres.

Assim, a partir dessas considerações, argumentamos que injúrias e ofensas (como ‘idiota’ no exemplo (1)) são categorias gramaticais distintas dentro dos pejorativos, justamente porque possuem propriedades e comportamentos linguísticos específicos, que podem ser capturados por testes semântico-gramaticais. Na seção seguinte, exploraremos alguns desses testes, e então os aplicaremos aos pejorativos derivados de animais na seção 3.

## 2. Padrões linguísticos

Nesta seção, aplicaremos alguns testes linguísticos com o intuito de determinar se um dado termo pejorativo pode ser considerado uma ofensa, uma injúria ou uma injúria de gênero baseado em padrões linguísticos. Vejamos o primeiro exemplo, no qual encontramos a injúria xenófoba ‘paraíba’:

---

<sup>6</sup> No original: “A gendered insult is any word or phrase which is disproportionately applied to a member of a particular gender, and which generally bears some connection to societal expectations or norms placed upon that gender”. Ver também Ashwell (2016).

(4) João é um paraíba.

O termo ‘paraíba’ carrega um componente descritivo, que é, basicamente, designar pessoas nascidas na região Nordeste do Brasil ou com ascendência nordestina, e é usado como uma forma de insultar pessoas nascidas nessa região, principalmente por pessoas do Sudeste e do Sul do Brasil, que, justamente por usarem tal expressão, indicam sua atitude negativa com relação a essas pessoas. No caso de (4), João é alvo dessa expressão xenófoba; no entanto, o que é importante notar do ponto de vista semântico é que essa expressão não possui como alvo apenas o indivíduo João, como apresentamos acima, mas também os indivíduos nascidos na região Nordeste ou com ascendência nordestina. É por essa razão que podemos argumentar que estamos diante de uma injúria, pois essa expressão carrega concomitantemente duas informações: que o João é um indivíduo nascido no Nordeste ou com ascendência nordestina (dimensão descritiva) e que o indivíduo que profere a sentença não gosta de pessoas dessa região ou com essa origem (dimensão expressiva).

Como mostra Gutzmann (2015, p. 30-32), uma caracterização mais precisa do componente expressivo seria algo como “o falante, em geral, não gosta de pessoas com a característica X”, em que “X” corresponde ao componente descritivo da injúria. Esses fatos todos podem ser justificados pelas inferências abaixo:

- suponha que João seja da região Nordeste;
- suponha que Pedro seja da região Sul;
- suponha que André seja da região Sudeste;

(5a) (dito por André) João é um paraíba, # mas, eu gosto das pessoas do Nordeste.

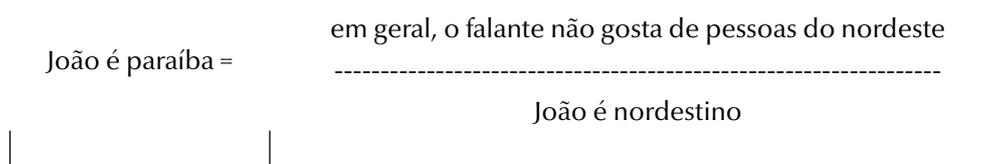
(5b) (dito por André) Pedro é um paraíba.

(5c) (dito por André) João é um paraíba, mas é uma pessoa legal.

(5a) é uma sentença semântica e pragmaticamente anômala porque o falante usa uma continuação que contradiz o conteúdo expressivo de ‘paraíba’; a sentença (5b) é falsa porque o conteúdo descritivo não corresponde ao mundo em que se faz tal fala, ou seja, o componente descritivo de ‘paraíba’ não pode se aplicar a Pedro; finalmente, a sentença (5c) é aceitável justamente porque o componente expressivo de ‘paraíba’ (e de injúrias em geral) permite exceções, conforme sugere Gutzmann (2015) – o falante que usa ‘paraíba’ não gosta de nordestinos em geral, mas João, apesar de nordestino, é uma exceção para o falante.

- | Uma tipologia linguística para pejorativos baseados em nomes de animais no português brasileiro

O caso em (5c) é particularmente interessante porque mostra que o indivíduo que profere a sentença não gosta ou tem uma atitude negativa com relação a pessoas que pertencem a um determinado grupo, por uma certa característica. Assim, com ‘paraíba’, compreende-se que o indivíduo possui uma aversão a pessoas nascidas na região Nordeste, mas possui uma exceção que é o João. A atitude negativa em relação ao indivíduo João pode ser cancelada, enquanto a avaliação negativa dos nordestinos em geral não pode ser cancelada, justamente como atesta (5a). Dessa forma, o termo ‘paraíba’ configura-se como uma injúria xenófoba, que, quando usada, pode ser parafraseada como “o falante que usa ‘paraíba’ tem uma atitude em geral negativa para com as pessoas da região Nordeste” – essa seria justamente o conteúdo expressivo ou uso-condicional desse termo. Na paráfrase, “em geral” indicado que injúrias permitem exceções, como ilustrado em (5c); o trecho “tem uma atitude negativa” refere-se à parte expressiva, e o trecho “pessoas da região Nordeste” refere-se ao conteúdo descritivo. Essa paráfrase pode ser capturada num esquema informal como o abaixo, sugerido por Gutzmann (2015, p. 32), na qual o conteúdo expressivo está acima do traço, e o descritivo, abaixo dele:



Note que esse esquema, em princípio, pode ser aplicado a qualquer injúria, e as diferenças se dariam no componente descritivo; se tomarmos ‘macumbeiro’ como exemplo de injúria religiosa, o conteúdo descritivo seria “pessoas que professam religiões de matrizes africanas”, e o restante seria o mesmo<sup>7</sup>.

Agora, repare na próxima sentença que carrega uma injúria de gênero:

- (6) Maria é uma puta.

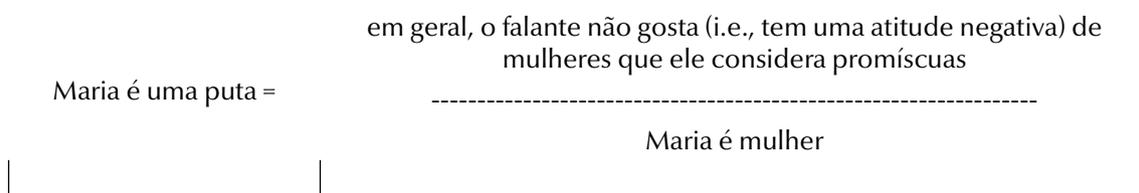
<sup>7</sup> De um ponto de vista formal, Davis e McCready (2020) oferecem a seguinte análise para injúrias:  $[[S]] = \lambda x.G(x) \diamond \langle e,t \rangle a X ts$ . Tal fórmula apresenta “ $\lambda x.G(x)$ ” como o conteúdo descritivo, em que “G” se refere à característica do grupo alvo, e “ $\langle e,t \rangle a X ts$ ” representa o conteúdo expressivo, ou seja, a atitude negativa do falante para indivíduos em geral que possuem a característica G. O símbolo “ $\diamond$ ” indica que a expressão é conteúdo misto, e o que aparece depois dos dois pontos, “ $\langle e,t \rangle a X ts$ ”, indica as regras de composição. Assim, o sobrescrito ‘a’ indica conteúdo descritivo, ou seja, ao usarmos uma injúria indicamos que um indivíduo tem a característica G; por sua vez o sobrescrito ‘t’ indica o conteúdo expressivo, que é a atitude negativa do falante. Não exploraremos tal proposta a fundo aqui, mas ela é compatível com nossa análise dos pejorativos derivados de nomes de animais classificados como injúrias.

‘puta’, num caso como em (6), é geralmente usado para atingir ou se referir a mulheres consideradas sexualmente promíscuas<sup>8</sup>. Portanto, o termo ‘puta’ não serve para criticar alguém simplesmente por ser feminino, mas também por ser sexualmente promíscuo. Veja a seguinte sentença:

(7) Maria é uma puta, mas ela é legal.

Considerando que ‘puta’ é utilizado para descrever uma figura feminina de maneira a criticar uma (suposta) promiscuidade, em (7) vemos a atuação do conteúdo expressivo das injúrias que permite exceções.

Utilizando o esquema acima, podemos ter a seguinte representação para ‘puta’, que permite vislumbrar sua aplicação ao gênero “mulher”:



Ou seja, se compararmos a sentença (4) com a (6), apesar de estarmos diante de duas injúrias, veremos que ‘puta’ (no uso aqui relevante) só pode ser usado para mulheres, e assim podemos concluir que estamos diante de uma “injúria de gênero”<sup>9</sup> – uma categoria que aparecerá bastante ao lidarmos com pejorativos baseados em nomes de animais.

Passando agora às ofensas, considere o exemplo abaixo:

(8) João é um filho da puta.

‘filho da puta’ é um tipo de palavrão abusivo (Bergen, 2016) relacionado à linhagem familiar. Mas note que aqui, atualmente, não há uma interpretação literal: não remete

8 O item ‘puta’, como notam Basso e Mendes de Souza (2020), é bastante complexo, e pode ser um intensificador, um adjetivo, uma interjeição, etc. Contudo, é importante notar aqui que quando usado para homens, o significado é bastante diferente do que temos com (6): “João é um putto” não tem a ver com o comportamento sexual do João, por exemplo.

9 Nesse contexto, é interessante citar o fenômeno de reapropriação (da língua inglesa, *reclamation*), que acontece somente com as injúrias, mas não com as ofensas. A reapropriação, simplificada, é quando o grupo ofendido usa internamente, i.e., entre os membros do grupo, a injúria, porém não mais com carga ofensiva, que só existe quando usada por membros de fora do grupo. Podemos citar como exemplo os termos ‘veado’ e ‘bicha’ no contexto brasileiro, e um termo como *nigga* no contexto do inglês norte-americano. Seja como for, não exploraremos aqui termos reapropriados nem sua semântica (cf., Bianchi, 2014; Popa-Wyatt, 2020).

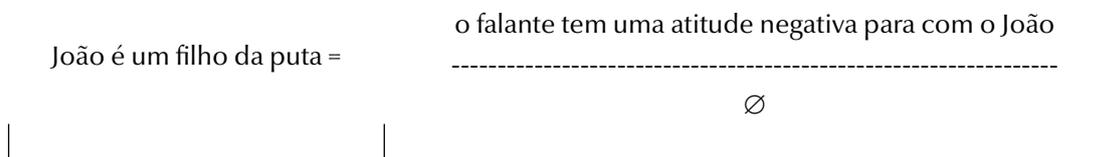
- | Uma tipologia linguística para pejorativos baseados em nomes de animais no português brasileiro

a alguém que tem como mãe uma pessoa promíscua, ou que se prostitua (e tal fato sendo atualmente avaliado como algo negativo). Seu uso, na verdade, indica uma forte desaprovação ou raiva em relação à pessoa mencionada, que, nesse caso, é João. Como podemos ver, sua interpretação não envolve a descrição nem a delimitação de um grupo de indivíduos – com (8) não há a seleção de um grupo de indivíduos por meio de alguma característica descritiva, mas sim a expressão de uma disposição negativa por parte do falante em relação a um único indivíduo. É justamente por isso que não encontramos para (8) um padrão como aquele de (5), por exemplo, e a negação direta do conteúdo expressivo, mesmo quando possível, é diferente do que temos com (5c):

(9) João é um filho da puta, mas ele é legal.

Realizando uma comparação desta sentença (9) com a (5c), podemos notar que, diferentemente de (5c), (9) envolve a mesma dimensão avaliativa e uma comparação interna a ela, ou seja, o falante que profere (9) desaprova João em alguns aspectos e considera que ele também tem aspectos positivos em outros aspectos. Além, como salientamos, fundamentalmente não há em (9) ofensa a um grupo de indivíduos.

Considerando essas características, o esquema para ofensas é como abaixo, no qual a linha que corresponde ao conteúdo descritivo é vazia, justamente porque ofensas não carregam tal componente:



O quadro abaixo traz um resumo das características de cada um desses tipos de pejorativos, com alguns exemplos:

**Quadro 1.** Diferentes tipos de pejorativos

	<b>A quem atinge</b>	<b>Características</b>	<b>Termos</b>
<b>Ofensas</b>	Atacam um único indivíduo	Unidimensionais Somente componente expressivo	canalha, filha da puta, otário, babaca
<b>Injúrias</b>	Atacam uma classe de indivíduos	Componente descritivo e expressivo	paraíba, retardado, crente, nóia, japa, índio
<b>Injúrias de gênero</b>	Atacam um grupo de indivíduos de acordo com sua definição de gênero	Componente descritivo e expressivo	vagabunda, vadia, puta

**Fonte:** Elaboração própria

Essas são as principais características, propriedades e padrões de inferências que usaremos na próxima seção para investigar e classificar os pejorativos baseados em nomes de animais, que, como esperamos mostrar, são mais complexos do que parecem a uma primeira vista, pois pertencem a classes distintas, como as vistas na tabela 1 acima.

### 3. Análise dos dados

Nesta seção, argumentaremos, com base no que apresentamos na seção anterior, que os pejorativos derivados de animais no PB podem ser enquadrados como ofensas, injúrias e injúrias de gênero. Nossa análise não será exaustiva, ou seja, não buscaremos investigar todas as ocorrências desses termos no PB, mas nossas conclusões e ferramentas analíticas podem servir como um guia para a classificação de outras expressões que possam compor um inventário mais completo de pejorativos derivados de nomes de animais no PB. O intuito deste texto é apenas mostrar que esses termos pejorativos não funcionam da mesma maneira com relação às suas propriedades semântico-gramaticais.

Sobre os dados que analisaremos, eles serão baseados em nossa intuição de falante nativo, do interior de São Paulo, com o cuidado de usarmos termos que são, em princípio, facilmente reconhecíveis e estáveis em todo o território brasileiro. Obviamente, um trabalho com base em *corpora* é bem-vindo, porém, (i) nosso objetivo neste texto é uma análise ampla o suficiente para ser aplicada a quaisquer desses pejorativos e (ii) estamos diante de termos cuja ocorrência em *corpora* não é das mais comuns, assim como é o caso para diversos tipos de pejorativos<sup>10</sup>.

<sup>10</sup> Esses termos pejorativos derivados de nomes de animais aparecem muito mais na oralidade, de modo que, em geral, se forem encontrados em *corpora*, serão aqueles *corpora* mais próximos da oralidade como em comentários de Instagram, Twitter e mensagens de texto.

- | Uma tipologia linguística para pejorativos baseados em nomes de animais no português brasileiro

Entre os termos que selecionamos como exemplos das categorias propostas estão os seguintes<sup>11</sup>:

Ofensas: anta, burro, cão, cobra, jegue, jumento, mula, porco;

Injúrias: macaco, baleia;

Injúrias de gênero: cadela, égua, galinha, piranha, vaca, veado, cavalo, baleia.

As ofensas selecionadas, como é esperado, têm como alvo único indivíduo, e não um grupo de indivíduos, e também não podem ser classificadas como injúrias de gênero, pois podem ser usadas, em princípio, para quaisquer pessoas independentemente do gênero. Mesmo que algumas ofensas sejam mais aplicadas a um gênero, sua aplicação a ambos não gera diferenças de interpretação. Consideremos os exemplos a seguir:

(10) João/Maria é burro/burra.

(11) João/Maria é/tá uma cobra.

(12) João/Maria é o cão.

O exemplo em (10) ilustra um caso em que há concordância entre o sujeito e o termo pejorativo; os casos (11) e (12) exemplificam termos que não disparam concordância. Seja como for, o ponto aqui é (i) o alvo da ofensa é sempre um único indivíduo e (ii) e ela se aplica igualmente a qualquer pessoa.

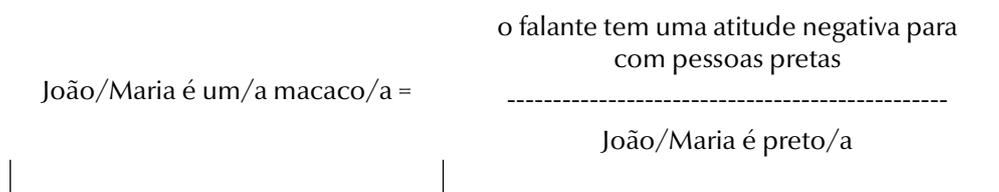
Para qualquer caso de ofensa, o esquema que pode ser usado é o que apresentamos a seguir; obviamente, cada ofensa tem sua peculiaridade no que compõe seu componente expressivo (qual é o tipo de ofensa e sua intensidade, por exemplo), mas aqui o que nos interessa é que não há contribuição descritiva:

João é o cão João é uma anta = Maria é burra	o falante tem uma atitude negativa para com o João/Maria ----- $\emptyset$
--	--

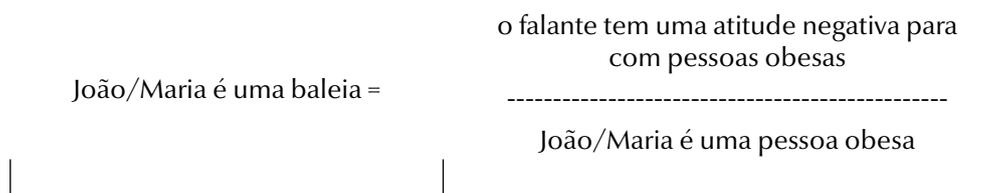
A concordância de gênero nos pejorativos é algo que deve ser considerado com cuidado, porque nem sempre se trata apenas disso; dito em outras palavras, ao

<sup>11</sup> Alguns dos termos selecionados, como é comum acontecer com termos pejorativos, podem ter mais de uma acepção e pertencem a mais de uma categoria gramatical, além de variarem de significado de região para região do Brasil. Assim, 'cão', por exemplo, pode referir à figura do 'diabo', e 'égua' pode ser uma interjeição em algumas localidades. É importante dizer que nosso foco aqui é no uso desses termos como pejorativos que ofendem um indivíduo (ofensa) ou uma classe de indivíduos (injúrias e injúrias de gênero).

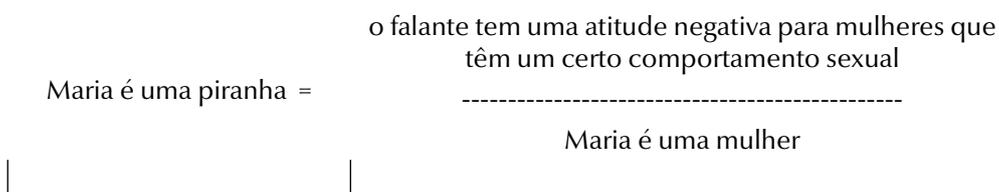
mudarmos o gênero gramatical superficial da palavra, podemos estar diante de itens que pertencem a classes diferentes. Por exemplo, ‘burro’ e ‘burra’ são ofensas que se diferenciam apenas pela concordância; de modo similar, ‘macaco’ e ‘macaca’ são injúrias (raciais) que se diferenciam também somente pela concordância, pois as duas formas carregam os mesmos conteúdos descritivos e expressivos (claro, com os ajustes trazidos pela concordância). Assim, um esquema para ‘macaco/a’, tomando a sentença abaixo, seria como<sup>12</sup>:



Tomando o termo ‘baleia’, podemos considerá-lo também como uma injúria que também atinge indivíduos independentes de seu gênero, com a diferença de que não apresenta concordância de gênero gramatical. Seu significado pode ser capturado pelo esquema abaixo<sup>13</sup>:



Como é de se esperar, a diferença na concordância de gênero gramatical se manifesta de maneira mais interessante quando tratamos de injúrias de gênero. Começamos com termos invariáveis que exemplificam essa classe, como ‘piranha’; tal termo é aplicado apenas a mulheres, e tem a ver com comportamento sexual (simplificando bastante):



12 Nunca é demais enfatizar que termos como ‘macaco/a’ são injúrias raciais, passíveis de processos criminais, por reforçarem um longo preconceito, infelizmente ainda bastante enraizado na sociedade brasileira. Aqui, os termos não estão sendo usados, mas apenas mencionados para efeitos de análise linguística.

13 ‘baleia’ é um exemplo de gordofobia, ou seja, o preconceito contra pessoas gordas e possui consequência jurídica na esfera criminal e cível. Em geral, devido ao machismo presente na sociedade brasileira, esse termo é mais associado a mulheres, mas não é unicamente dirigido a esse grupo.

- | Uma tipologia linguística para pejorativos baseados em nomes de animais no português brasileiro

A disparidade entre gêneros no uso do termo ‘piranha’ é bastante clara, e inclusive é usada com o intuito de causar efeitos de significado (como humor e ironia) quando se aplica a termos que se referem a homens, como é o caso da música “Muleke Piranha”, de Mc Buiú. A música só tem o efeito que tem, qual seja, atribuir ao homem uma característica promíscua com uma dose de humor justamente porque emprega um item que é desproporcionalmente usado tendo mulheres como alvo, e é exatamente isso que permite classificar tal termo como uma injúria de gênero.

Tomemos agora os termos ‘cachorra’ e ‘cachorro’, que superficialmente apresentam apenas uma diferença de gênero gramatical, e assim poderiam ter um comportamento semelhante a ‘burro/burra’, caso sejam uma ofensa, ou a ‘macaco/macaca’ caso sejam uma injúria. Em nossa análise, consideraremos, na verdade, que os termos ‘cachorra’ e ‘cachorro’ são duas injúrias de gênero distintas, e que a aparente concordância gramatical identifica dois termos distintos, justamente porque têm significados diferentes.

‘Cachorra’ se aplica (desproporcionalmente) a mulheres e têm um significado depreciativo de cunho sexual: mulher que possui um comportamento considerado reprovável, sinônimo de vadia, sem vergonha, puta, vulgar. Por sua vez, ‘cachorro’ se aplica (desproporcionalmente) a homens e possui outra acepção: homem safado, canalha, que não tem caráter, porém também pode ter conotação de lealdade, de força, e tem pouco ou nenhuma conotação sexual. Ou seja, são exemplos de pejorativos que mudam de significado quando o gênero gramatical é alterado.

Essas breves considerações sobre gênero gramatical aqui ilustram o fato de que, ao analisarmos caso a caso os pejorativos derivados de nomes de animais, devemos ter cautela para identificar seu significado independentemente de sua forma superficial.

Por fim, baseado nos exemplos das inferências acima como a injúria ‘paraíba’, podemos agora analisar uma injúria derivada de nome de animal para atestar o mesmo comportamento semântico-gramatical:

- suponha que João seja homossexual;
- suponha que Pedro seja heterossexual;
- suponha que André seja heterossexual

(13a) (dito por André) João é um veado, # mas, eu gosto dos homens homossexuais.

(13b) (dito por André) Pedro é um veado.

(13c) (dito por André) João é um veado, mas é uma pessoa legal.

A sentença (13a) emprega uma conjunção adversativa ‘mas’ o que produz um efeito de contradição ou de quebra de expectativa entre os conteúdos relacionados, e o resultado é uma sentença semântica e pragmaticamente estranha justamente porque o falante não pode negar o conteúdo expressivo com esse tipo de estrutura. Em (13b), há uma afirmação falsa, pois o conteúdo descritivo não condiz com a realidade; por fim, a sentença (13c) é aceitável devido ao componente expressivo ‘veado’ (e de injúrias em geral) permitir exceções, como acontece com o conteúdo que sucede o ‘mas’ nesse caso.

Alguns pejorativos, como vimos anteriormente, podem adquirir significados diferentes quando direcionados a homens ou mulheres, que é o caso das injúrias de gênero, que têm um comportamento linguístico semelhante, e refletem normas sociais, estereótipos de gênero e percepções construídas culturalmente associadas a um dado gênero.

O quadro abaixo traz um resumo dos resultados da nossa análise e nele elencamos os pejorativos derivados de animais que identificamos, lembrando que nossa análise não é exaustiva, ou seja, novas expressões podem ser acrescentadas ao quadro, porém nossa hipótese é que elas pertencerão a uma das três categorias que propomos para analisar tais termos.

**Quadro 2.** Tipos gramaticais de pejorativos derivados de nomes de animais

	<b>A quem atinge</b>	<b>Características</b>	<b>Termos</b>
<b>Ofensas</b>	Atacam um único indivíduo	Unidimensionais Somente componente expressivo	anta, baleia, burro, cão, cobra, jegue, jumento, mula, porco
<b>Injúrias</b>	Atacam uma classe de indivíduos	Componente descritivo e expressivo	macaco, baleia
<b>Injúrias de gênero</b>	Atacam um grupo de indivíduos de acordo com sua definição de gênero	Componente descritivo e expressivo	cachorra, cadela, égua, galinha, piranha, vaca, cavalo, cachorro, veado

**Fonte:** Elaboração própria

Por fim, cabe fazer algumas considerações sobre a distribuição encontrada. Há poucos pejorativos de animais que são injúrias (‘baleia’), e há um número bem maior que se configura como injúria de gênero (‘piranha’, ‘vaca’, ‘veado’). Entre estes últimos, a grande maioria tem como alvo mulheres; um triste reflexo da sociedade ainda extremamente machista na qual vivemos, ainda mais considerando que boa parte dessas injúrias têm caráter moralista sobre um tipo de comportamento sexual percebido como (in)correto. A análise que empregamos aqui, eminentemente de cunho semântico-gramatical, ao lidar com termos que recebem seu significado negativo justamente devido aos valores da

- | Uma tipologia linguística para pejorativos baseados em nomes de animais no português brasileiro

sociedade, funciona também como um retrato dos valores da sociedade atual, e aponta direções que, preferencialmente num futuro bastante próximo, podem levar a melhores condições de igualdade.

## Considerações finais

Neste artigo, tivemos como foco pejorativos derivados de nomes de animais no português brasileiro contemporâneo, e em como classificá-los de acordo com seu comportamento semântico-gramatical.

A análise de termos pejorativos permite classificá-los em pelo menos três categorias, quais sejam: ofensas, injúrias e injúrias de gênero. As ofensas têm como alvo apenas um indivíduo e são unidimensionais (apenas têm contribuição expressiva); as injúrias são bidimensionais (contribuem na dimensão descritiva e na expressiva); por sua vez, as injúrias de gênero são também bidimensionais, mas são desproporcionalmente usadas para um gênero específico percebido numa dada sociedade. Além dessas características, vimos também que há padrões de inferências específicos associados a cada uma dessas categorias.

Usando essas ferramentas, argumentamos que os pejorativos derivados de nomes de animais no PB não são iguais nem em sua carga pejorativa, nem em seu comportamento semântico-gramatical, podendo ser agrupados como ofensas ('burro/a'), injúrias ('baleia') e injúrias de gênero ('vaca'). Nossa análise permite também vislumbrar alguns dos valores que importam para a sociedade brasileira atual e que estão por trás da carga ofensiva dos itens aqui analisados.

Por fim, resta dizer que nossa análise não é exaustiva e que deve ser tomada como uma guia para outros pejorativos derivados de animais que possam vir a ser considerados; sejam eles quais forem, nossa hipótese é que eles se enquadrarão em uma das categorias propostas. Além disso, a análise aqui feita é um primeiro passo para uma descrição formal do significado das expressões envolvidas, e essa é mais uma contribuição do presente trabalho.

## Agradecimentos

Agradecemos aos dois pareceristas anônimos cujas observações em muito melhoraram o texto, e ao Marcelo Módolo e Milton Bortoleto pela atenção com o processo de edição deste texto.

Agradecemos à FAPESP pelo apoio (Processo 2024/04237-0).

## Referências

ASHWELL, L. Gendered slurs. **Social Theory and Practice**, v. 42, n. 2, p. 228-239, 2016.

BASSO, R. M. Palavrão é legal pra caral\*o. **ROSETA**, Abralín, 2018.

BASSO, R. M.; DE SOUZA, L. M. Puta: a sintaxe e a semântica de um controverso intensificador. **Revista Diadorim**, v. 22, n. 2, 2020.

BERGEN, B. K. **What the F: What Swearing Reveals About Our Language, Our Brains, and Ourselves**. New York: Basic Books, 2016.

BIANCHI, C. Slurs and Appropriation: An Echoic Account. **Journal of Pragmatics**, v. 66, p. 35-44, 2014.

BOUSFIELD, D.; LOCHER, M. A. (ed.). **Impoliteness in Language: Studies on its Interplay with Power in Theory and Practice**. Berlin, NY: Mouton de Gruyter, 2008.

DAVIS, C.; MCCREADY, E. The Instability of Slurs. **Grazer Philosophische Studien**, v. 97, n. 1, p. 63-85, 2020.

GUTZMANN, D. **The grammar of expressivity**. Oxford: Oxford University Press (Oxford studies in theoretical linguistics, 72), 2019.

GUTZMANN, D. **Use-conditional meaning: studies in multidimensional semantics**. Oxford: Oxford University Press, 2015.

HESS, L. Slurs: Semantic and pragmatic theories of meaning. *In*: STALMASZCZYK, P. (ed.). **The Cambridge handbook of the philosophy of language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.

KAPLAN, D. **The meaning of 'ouch' and 'oops': Explorations in the theory of meaning as use**. (2004 version). Manuscrito. University of California, Los Angeles, 1999.

MCCREADY, E. Varieties of conventional implicature. **Semantics and Pragmatics**, v. 3, p. 8-57, 2010.

- | Uma tipologia linguística para pejorativos baseados em nomes de animais no português brasileiro

MENDES DE SOUZA, L. Testando expressões com conteúdos mistos. **Caderno de Squibs**: temas em estudos formais da linguagem, v. 8, n. 1, 2022.

MOHR, M. **Holy Sh\*t**: A Brief History of Swearing. Oxford: Oxford University Press, 2013.

POPA-WYATT, M. Reclamation: Taking Back Control of Words. **Grazer Philosophische Studien**, n. 97, p. 159-176, 2020.

POTTS, C. The expressive dimension. **Theoretical Linguistics**, v. 33, n. 2, p. 165-198, 2007.

POTTS, C. **The Logic of Conventional Implicatures**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

QUADROS GOMES, A. A força do palavrão. **Divulgando Linguística – DLF da UFRJ**, 2022.

SCRUTON, E. **Gendered Insults in the Semantics-Pragmatics Interface**. Bachelor thesis, Yale University, 2017.

SILVA, G. C.; BASSO, R. M. **A natureza da ofensa dos termos derivados de animais**. Manuscrito.

---

**COMO CITAR ESTE ARTIGO:** BASSO, Renato Miguel; COSTA SILVA, Giovanna. Uma tipologia linguística para pejorativos baseados em nomes de animais no português brasileiro. **Revista do GEL**, v. 21, n. 1, p. 36-53, 2024. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>.

Submetido em: 26/03/2024 | Aceito em: 22/06/2024.

---

# ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O STATUS DOS *BLENDS* NO LÉXICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Emerson Viana BRAGA<sup>1</sup>

Vera PACHECO<sup>2</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v21i1.3708>

**Resumo:** O *blend* é uma operação morfológica caracterizada pela junção de duas bases, formando uma terceira. O fenômeno se aproxima do processo da composição. Sua grande singularidade, entretanto, está no fato de apresentar alguma ruptura em sua formação. Essa ruptura, segundo Gonçalves (2006, 2016), Andrade e Rondinini (2016), caracteriza o processo como não concatenativo, pois apresenta supressão de material fonológico, como em *bicitáxi* (*bicicleta+táxi*), enquanto os compostos mantêm a integridade das bases, como em *amor-perfeito*. Como forma de discutir o *status* que o *blend* assume no léxico, propomos, neste trabalho, averiguar se o processo se aproxima ou se distancia da composição. Mediante isso, o seguinte questionamento foi levantado: qual é o *status* morfológico do *blend* no léxico do PB? Nossa hipótese é a de que o *blend* seria um processo de formação de palavras independente do processo de composição que une duas palavras para gerar uma terceira. Fizemos um levantamento de 750 *blends*, observando os aspectos fonológico e semântico, importantes na formação do fenômeno. Nossos resultados apontam que, fonologicamente, o *blend* distingue-se da composição, porque o primeiro é formado por não concatenação, enquanto o segundo se caracteriza como concatenativo, como já apontava Gonçalves (2006, 2016). Quanto ao aspecto semântico, compostos tendem a ser mais exocêntricos, ao passo que *blends* se configuram como mais endocêntricos.

**Palavras-chave:** Blend. Léxico. Português brasileiro.

---

1 Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil; [emevibra@hotmail.com](mailto:emevibra@hotmail.com); <https://orcid.org/0000-0002-5738-3829>

2 Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil; [vera.pacheco@hotmail.com](mailto:vera.pacheco@hotmail.com); <https://orcid.org/0000-0002-7986-7701>

- | Algumas considerações sobre o *status* dos *blends* no léxico do português brasileiro

## *SOME CONSIDERATIONS ON THE STATUS OF BLENDS IN THE LEXICON OF BRAZILIAN PORTUGUESE*

**Abstract:** The blending is a morphological operation characterized by the merging of two bases, forming a third. The phenomenon resembles the process of composition. Its great uniqueness, however, lies in the fact that it presents some disruption in its formation. This disruption, according to Gonçalves (2006, 2016), Andrade and Rondinini (2016), characterizes the process as non-concatenative, as it involves the suppression of phonological material, as in «bicitáxi» (bicycle+taxi), while compounds maintain the integrity of the bases, as in «amor-perfeito» (perfect love). In order to discuss the status that the blend assumes in the lexicon, we propose, in this work, to investigate whether the process approaches or distances itself from composition. In light of this, the following question was raised: What is the morphological status of the blend in the Brazilian Portuguese lexicon? Our hypothesis is that the blend would be a word formation process independent of the composition process that joins two words to generate a third. We surveyed 750 blends, observing the phonological and semantic aspects, which are important in the formation of the phenomenon. Our results indicate that, phonologically, the blending distinguishes itself from composition, because the former is formed by non-concatenation, while the latter is characterized as concatenative, as previously noted by Gonçalves (2006, 2016). As for the semantic aspect, compounds tend to be more exocentric, whereas blends are configured as more endocentric.

**Keywords:** Blending. Lexicon. Brazilian Portuguese.

### **Introdução<sup>3</sup>**

A criatividade linguística na formação de novas palavras é um fenômeno fascinante que demonstra a capacidade dinâmica e flexível das línguas. Essa criatividade pode se manifestar de várias maneiras, incluindo processos como neologismo, empréstimo, derivação. Além desses processos, há o *blend*, um típico fenômeno morfológico que une duas bases a partir de outras já existentes na língua (cf. Gonçalves, 2006; Silva, 2019), a exemplo de *chafé* (*chá* + *café*). Aqui, a base 1 mescla-se à parte final da base 2 para criar nova palavra que descreve um café considerado fraco. A grande singularidade do *blend* está no fato de apresentarem alguma ruptura fonológica: a base 2 tem a sua primeira sílaba suprimida.

---

<sup>3</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB/Brasil).

Nesse sentido, uma das maiores discussões, na literatura, sobre o fenômeno do *blend*, é qual o seu lugar na Morfologia. Por envolver, em sua formação, a combinação de duas palavras, o processo se aproxima dos processos clássicos de composição: justaposição e aglutinação. Contudo, Villalva (2020) discute que o processo da composição opera a partir da concatenação entre duas palavras, mantendo todo o corpo fônico, como em *amor-perfeito*. Os *blends*, por outro lado, apresentam uma ruptura em sua formação, como em *almojanta* (*almoço + janta*), *brasiguai* (*Brasil + paraguai*). Portanto, a distinção nos elementos que formam o fenômeno está no fato de que “todos, ou ao menos um, sofrem diminuição de seu corpo fônico” (Sandmann, 1993, p. 76).

Ainda que haja rompimentos no processo de formação do *blend*, é evidente que há semelhanças entre ele e os compostos, uma vez que todos esses processos unem duas bases para formação de uma terceira. Nesse sentido, como forma de explicar, mais claramente, os aspectos e as motivações para a formação dos *blends* e da sua aproximação e distanciamento com os compostos, trataremos, a seguir, considerações fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas concernentes ao nosso processo alvo.

Nosso intuito, neste trabalho, é fazer uma descrição do fenômeno, observando qual o *status* morfológico que ele apresenta na língua de modo geral. A partir disso, então, levantamos o seguinte questionamento: qual é o *status* morfológico do *blend* no léxico do português brasileiro? Nossa hipótese é a de que o *blend* seria um processo de formação de palavras independente do processo da composição, assumindo um *status* diferente dos compostos. Objetivamos, portanto, propor que o *blend* assume um *status* morfológico no léxico independente da composição.

As discussões apresentadas por diversos estudiosos, ao longo deste texto, sobre as características dos *blends*, foram feitas com observações da coleta de um *corpus* constituído por 750 dados de palavras formadas por *blends*, retiradas de diferentes ambientes, como redes sociais, comunicações diversas ou, até mesmo, de outros trabalhos que analisaram o processo.

Dessa forma, além desta introdução, este artigo abordará as seguintes questões: na seção 1 serão apresentados os limites entre o *blend* e a composição. Na seção 2, por sua vez, apresentaremos algumas convergências e divergências entre *blends* e compostos. A seguir, na seção 3, traçaremos algumas perspectivas de análises sobre o lugar do *blend* no léxico do português brasileiro. Por fim, serão trazidas algumas considerações que chegamos deste trabalho.

- | Algumas considerações sobre o *status* dos *blends* no léxico do português brasileiro

## Uma linha tênue entre o *blend* e a aglutinação

O *blend* é um fenômeno, tipicamente, morfológico que envolve duas palavras. Alves (1990), ao denominá-lo como palavra-valise, explana que o processo é resultado da união de pedaços de duas outras palavras. Na mesma esteira, Kemmer (2003) descreve o processo, por meio da Linguística Cognitiva, como palavras que são conectadas a outras que já existem na língua e as denomina como lexemas fonte em que ocorre uma coativação quando o *blend* é usado. Por exemplo, ao pensarmos em *blends* do PB, os lexemas fonte coativados para a formação de *democradura* são ‘democracia’ e ‘ditadura’.

Nesse sentido, já é sabido, na literatura de modo geral (cf. Andrade; Rondinini, 2016; Marangoni Jr., 2021), que há convergências e divergências entre o *blend* e o processo da composição. A maior convergência, talvez, esteja no fato de que ambos os processos acionam duas bases para formar uma terceira.

Entretanto, cabe, anterior às discussões, um esclarecimento importante acerca da composição: nem sempre é analisada como um processo que une, apenas, duas bases para formar uma terceira, o que denota ser tarefa difícil ter um conceito exato sobre a composição, pois “em uma abordagem estruturalista, define-se pela presença de dois ou mais radicais; em modelos teóricos de base gerativa, o mecanismo é compreendido como a utilização de estruturas sintáticas para fins lexicais” (Andrade; Rondinini, 2016, p. 863-864).

Said Ali (1966) discute que a composição é um processo que combina dois ou mais vocábulos que podem designar algum conceito novo, diferenciado dos termos aos quais corresponde. Plag (2018), contudo, assinala que, embora a composição seja gerada por mais de duas palavras, é demonstrado que, geralmente, é possível analisar palavras polimorfêmicas como estruturas hierárquicas envolvendo duas bases, o que a autora designa como subelementos binários.

A composição é caracterizada, por Bechara (2015), como um processo que junta dois elementos identificáveis pelo falante numa unidade nova, apresentando um significado único e constante. Além disso, Ralli (2010) já afirmava que a composição pertence aos processos de formação de palavras e que resulta da combinação de palavras para formar um novo item complexo. Sendo assim, Villalva (2020, p. 215) defende que “a composição é um processo de formação de palavras que opera por concatenação de dois ou mais radicais ou palavras”.

Villalva e Gonçalves (2016) discutem que a composição é um processo frequentemente associado ao processo do *blend*, porque há duas palavras que servem de

entrada para uma terceira forma. No entanto, segundo os autores, os *blends* são criados de maneira distinta, porque são criados pela interseção de bases ao invés de concatenação como ocorre nas palavras criadas por composição. Eles defendem, ainda, que o material fônico excluído não é previsível, como pode ser observado no exemplo trazido pelos autores, *crentino*, um *blend* que mescla as palavras *crente* e *cretino* para denominar um falso religioso. No exemplo, a imprevisibilidade é observada no ponto de quebra em que as bases se sobrepõem por meio da interposição lexical<sup>4</sup>, isto é, misturando-se por meio compartilhamento de material fônico (creNti + cretinu).

Em abordagens tradicionais sobre os processos de formação de palavra, a composição é dividida em dois tipos: justaposição e aglutinação. Na primeira, ocorre a junção de duas bases que preservam todos os segmentos que compõem a palavra formada, além de preservar o acento de ambas as bases, a exemplo de *cabra-cega*. No segundo, ocorre uma pequena ruptura em sua formação, sofrendo uma limitação vocabular entre as bases com a supressão de material fônico que pode ocorrer através da crase, *aguardente*, ou da elisão, *planalto*, e proporcionando que a palavra aglutinada mantenha apenas um acento lexical<sup>5</sup>. Como se vê, os compostos justapostos e os compostos aglutinados são similares aos *blends* por envolverem duas bases. A aglutinação assemelha-se, ainda mais, porque apresenta supressão de material fônico. Todavia, este processo morfológico apresenta algumas questões possíveis de serem discutidas por conta da sua lexicalização no português.

A primeira questão é que a aglutinação não é, a rigor, produtiva e ativa no português. Diferentemente dos compostos justapostos e dos *blends* que apresentam um número expressivo de palavras, os exemplos da aglutinação são, efetivamente, reduzidos, inclusive, quando usados para definir e caracterizar o processo em gramáticas (Cf. Quadro 1):

---

4 Andrade (2013) e Gonçalves (2019) separam os *blends* em três tipos: (i) interposição lexical, quando os *blends* compartilham material fônico (*namorido*); (ii) combinação truncada, quando os *blends* não compartilham material fonológico (*portunhol*) e (iii) substituição sublexical, quando uma das bases que forma o *blend* sofre a invasão de uma palavra, a exemplo de *boacumba*.

5 Cabe ressaltar que a descrição da aglutinação como crase ou elisão é indutiva, isto é, diz-se que é isso, porque há poucos casos, todos assim.

- | Algumas considerações sobre o *status* dos *blends* no léxico do português brasileiro

**Quadro 1.** Exemplos mais comuns de palavras aglutinadas no português

Palavras aglutinadas	Gramáticas
Aguardente	Nicola; Infante (1992); Infante (1997); Luft (2002); Rocha Lima (2003); Cunha (2007); Cegalla (2008); Cipro Neto; Infante (2008).
Boquiaberto	Luft (2002); Rocha Lima (2003); Cegalla (2008); Bechara (2015).
Embora	Cunha (2007); Cegalla (2008).
Fidalgo	Nicola; Infante (1992); Cegalla (2008); Bechara (2015).
Penalta	Luft (2002); Infante (1997); Rocha Lima (2003); Cunha (2007); Cegalla (2008); Cipro Neto; Infante (2008).
Pernilongo	Rocha Lima (2003); Cegalla (2008)
Planalto	Nicola; Infante (1992); Infante (1997); Luft (2002); Rocha Lima (2003); Cegalla (2008); Cipro Neto; Infante (2008); Bechara (2015).
Vinagre	Nicola; Infante (1992); Infante (1997). Cipro Neto; Infante (2008).

**Fonte:** Elaboração própria

Os exemplos que costumam ser usados quase sempre são *aguardente*, *boquiaberto*, *embora*, *fidalgos*, *penalta*, *pernilongo*, *planalto*, *vinagre*. Alguns gramáticos (Cunha, 2007; Cipro Neto; Infante, 2008) discutem que o processo da aglutinação pode ser formado, também, por *compostos eruditos*, uma “nomenclatura científica, técnica e literária [...] fundamentalmente constituída de palavras formadas pelo modelo da composição greco-latina, que consistia em associar dois termos [...]” (Cunha, 2007, p. 122). Dessa feita, é possível inferir que, além de não serem produtivos na língua, alguns aglutinados “podem ser de natureza híbrida, quando duas raízes de origens distintas se associam” (Schwindt, 2000, p. 56), ou até, não terem natureza no português, a exemplo de *vinagre*, *vinho* (*vinum*) + *acre* (*azedo*), por exemplo, que surgiu do latim, consolidou-se no francês e, depois, propagou-se no português.

A segunda questão é que aglutinados comportam-se como palavras simples no léxico, uma vez que não têm suas bases recuperadas pelos falantes e, com isso, portam apenas o acento primário (cf. Villalva, 2020, p. 218). A palavra *pernilongo*, por exemplo, é formada pelas bases *perna* + *longo*, mas dificilmente o falante associa o aglutinado como formado por duas palavras. Villalva (2020) argumenta que as sequências com simplificação estrutural são evidências de processos de formação que estiveram presentes em estágios anteriores da língua, mas que não devem ser incorporadas à descrição do processo de composição atualmente em vigor na língua. Assim, constata a linguista:

Diacronicamente, existem palavras formadas na origem por composição sintática que, por diversos fatores, como a frequência de uso ou a perda de composicionalidade semântica, apresentam hoje redução da estrutura fonológica, resultando em palavras simples [...]. Em geral, trata-se de nomes que tradicionalmente se analisavam como “aglutinados” e são em número muito reduzido (Villalva, 2020, p. 259).

Os argumentos de Villalva (2020) são importantes para compreendermos que determinados processos morfológicos, especificamente a aglutinação, aparentam ter perdido relevância ao longo do tempo. Rocha (1983, p. 51, grifo do autor) assinala, ainda, que sincronicamente, “não é possível estabelecer que *embora, fidalgo* [...] sejam vocábulos compostos, apesar de algumas gramáticas descritivas citarem-nos como tal”.

Além de ser um número reduzido na língua, a aglutinação é um processo que não ocorre só no nível morfológico e pode ser encontrada, também, no âmbito sintático do português, especialmente em situações de degeminação. Tenani (2006), por exemplo, por meio de uma análise de domínios prosódicos, defende que ocorre sândi externo em todas as fronteiras prosódicas. O exemplo usado pela autora, *laranjamarela* (*laranja amarela*), é similar ao que ocorre com *aguardente*, combinação de *água + ardente*. A elisão, outro processo que ocorre com alguns aglutinados, como *planalto* (*plano + alto*), pode ser vista em situações como *todalegre* (dos sintagmas *todo alegre*).

Então, dados como esses sinalizam que esse tipo de processo não parece ser próprio de um processo morfológico, propriamente dito de composição, ativo na língua. Além disso, apontam o quão fundamental é uma descrição mais atualizada da língua portuguesa. Com isso, os *blends* parecem emergir como um processo morfológico que lida com duas bases, pois é bastante produtivo e ativo no português. A partir dessas discussões, traçaremos, na próxima seção, convergências e divergências entre os compostos justapostos e os *blends*.

## Divergências e convergências entre *blends* e compostos

O *blend* é um processo passível de ser analisado sob diferentes aspectos, um deles é o fonológico, uma vez que ocorre, majoritariamente, supressão de material fônico em sua formação. Gonçalves (2006, 2016, 2019) afirma que o fenômeno se caracteriza como não concatenativo. Sobre esse conceito de concatenatividade, ou não, para os processos morfológicos, o linguista afirma que será um processo concatenativo, quando “uma informação morfológica termina exatamente no ponto em que a outra começa,

- | Algumas considerações sobre o *status* dos *blends* no léxico do português brasileiro

como em ‘des-tucan-iz-a-ção’” (Gonçalves, 2019, p. 68). Por outro lado, um processo não concatenativo se caracteriza “pela falta de encadeamento, de linearidade, isto é, há visivelmente uma informação morfológica que não necessariamente se dá por adição” (Gonçalves, 2019, p. 68). Dessa forma, nos processos não concatenativos há uma fusão, sobreposição, encurtamento, rompimento entre as bases, e não, necessariamente, um encadeamento, como nos processos concatenativos.

Gonçalves (2019, p. 152) adota a noção de não concatenativo para tratar do fenômeno, pois defende que não há um encadeamento na junção entre as bases, ou seja, ocorre um rompimento em sua formação. Em *maravilinda* (*maravilhosa* + *linda*), por exemplo, há uma ruptura na junção das bases, ocasionando supressão de segmentos, diferentemente do que ocorre com *amor-perfeito* que mantém toda unidade fonológica na formação da palavra e, por isso, é formado por meio da concatenação.

Nesse sentido, os *blends* se diferenciam do processo de composição por apresentarem uma ruptura em sua formação, ou seja, decorrem da falta de encadeamento em uma sucessão concatenativa da(s) base(s) que estão envolvidas no processo. Em *futelama*, por exemplo, junção de *futebol* + *lama*, ocorre a supressão da sílaba /bɔL/ na base da esquerda. Exemplos de compostos, como *guarda-roupa*, *cavalo-marinho*, mantêm todos os segmentos da base.

Marangoni Jr. (2021) aponta que o fenômeno, morfológicamente, se dá por adição. Assim, argumenta o linguista:

O rompimento da sucessão linear das bases em tais processos decorre principalmente da perda de material fonológico ou da sobreposição fonológica e desafia uma visão da morfologia enquanto algo essencialmente concatenativo e que se revela por meio da adição bem comportada de peças morfológicas; a morfologia é, nessa visão, essencialmente aditiva (Marangoni Jr. 2021, p. 21).

O autor se vale de uma análise do *blend* voltada para aspectos morfossintáticos, morfofonológicos e morfopragmáticos, explicando que, assim, ocorre uma sistematicidade no comportamento da maioria dos *blends*, que, segundo ele, assemelha-se à sistematicidade encontrada na composição (Marangoni Jr., 2021).

Marangoni Jr. (2021), ainda, argumenta que a não concatenatividade do fenômeno ocorre no nível fonológico e não no morfológico. A formação do processo parte de duas palavras e, por isso, pertence ao nível morfológico. No entanto, a ruptura só acontece no nível fonológico, uma vez que “a não manutenção da sucessão linear das bases [...] se dá

justamente por fatores fonológicos e, principalmente, prosódicos, que estão atuantes na formação do resultado ótimo<sup>6</sup> (Marangoni Jr., 2021, p. 29).

Andrade e Rondinini (2016, p. 877) explicam que os *blends* “são construídos por um mecanismo que não opera necessariamente com o encadeamento de porções morfológicas e, por isso mesmo, necessita de informações fonológicas, tais como a posição do acento nas palavras-base”. Os linguistas argumentam que, além da posição do acento, outras informações fonológicas são importantes para o encadeamento de porções morfológicas, tais como o grau de semelhança e a natureza estrutural da sequência compartilhada entre elas, “para que as estruturas prosódica e segmental das bases sejam preservadas” (Andrade; Rondinini, 2016, p. 877).

Por essa razão, defenderemos a postulação de Gonçalves (2006, 2016, 2019), Villalva e Gonçalves (2016) e Andrade e Rondinini (2016) para quem o *blend* é um fenômeno não concatenativo. Apesar de ser um fenômeno de natureza morfológica, a ruptura que ocorre no nível fonológico, com supressão de material fônico, caracteriza os *blends* como um processo não concatenativo, sobretudo, quando temos o processo da composição – que também é criado a partir de duas palavras –, os justapostos, como parâmetro.

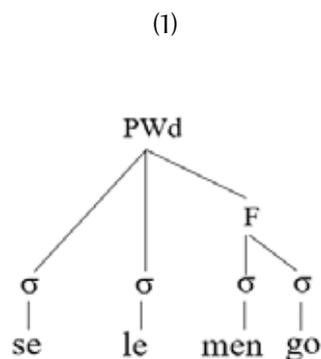
A questão é que, como defende Gonçalves (2004, p. 24), nos *blends*, “o que segue ou o que precede o ponto de quebra nem sempre é um constituinte morfológico”, o que o torna um processo distinto ao da composição. Este último mantém um encadeamento em sua formação. Dessa maneira, no processo de composição, a adição se dá a partir da sequência concatenativa em que são formados. Nos *blends*, por outro lado, ocorre uma ruptura, uma falta de encadeamento, uma não concatenatividade e, por fim, ocorre a adição, juntando uma base à outra. Tomemos o exemplo de *chafé* (*chá + café*) que suprime a primeira sílaba da base da direita, /ka/, e, após isso, soma-se à base da esquerda, formando, assim, o *blend*.

Exemplos como os compostos justapostos, como *cavalo-marinho*, primam pela integridade lexical das palavras-fonte e “são indícios do encadeamento preservado na composição, visto que a segunda base só começa no ponto em que a primeira acaba” (Silva, 2019, p. 41). Em contrapartida, o *blend* corresponde a um processo morfológico que acessa informações fonológicas, por isso, ser considerado como um fenômeno não concatenativo (Gonçalves, 2004). Abaixo, em (1) e (2), é possível observar como são projetadas as formações do composto e do *blend*, propostas por Gonçalves (2004), respectivamente:

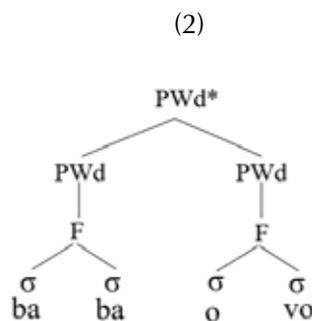
---

<sup>6</sup> Marangoni Jr. (2021) faz uma análise do *blend* à luz de um modelo híbrido da Otimidade Distribuída (Teoria da Otimidade e Teoria da Morfologia Distribuída). Por isso, utiliza o termo “ótimo” ao se referir ao *blend*.

- | Algumas considerações sobre o *status* dos *blends* no léxico do português brasileiro



Fonte: Gonçalves (2004, p. 25)



Fonte: Gonçalves (2004, p. 25)

A arquitetura em (1) mostra que a palavra formada por composição é projetada em duas palavras prosódicas, enquanto em (2), o *blend* é projetado como uma palavra prosódica (PWd)<sup>7</sup> (Gonçalves, 2004). Gonçalves (2004, p. 14) defende, ainda, que

[...] condições prosódicas devem ser satisfeitas no molde das Mesclas, de modo que o processo não é arbitrário, mas regido sobretudo pela semelhança fônica entre as bases [...]. A sistematicidade dessa operação só pode ser observada na interação Morfologia-Prosódia, o que difere Mesclagem de Composição, fazendo do primeiro uma operação circunscritiva e do segundo um processo aglutinativo.

Essa diferença na formação dos processos levanta sugestões, como a de Plag (2018), que defende que *blends* podem ser mais bem definidos a partir de análises de categorias prosódicas, pois estão sujeitos a três tipos de restrições: estrutura silábica, tamanho e tonicidade.

O aspecto fonológico parece-nos uma boa proposta para análise da formação do *blend*, mas é preciso levar em consideração, também, o aspecto semântico. Sendo assim, é possível considerar que as partes das palavras que formam o *blend* levam as informações semânticas consigo. Em *namorado*, *blend* formado por *namorado* e *marido*, as porções significativas são mantidas na parte inicial da base 1 e na parte final da base 2 para indicar uma pessoa que está com o *status* de namoro, mas mantém uma vida de casado. Nessa perspectiva, as partes preservadas na base, para *output*, são similaridades decompostas e interpretadas morfossemanticamente (cf. Silveira, 2002; Rio-Torto, 2014), de modo que o falante consiga conhecer e recuperar as unidades lexicais escolhidas para o nível fonético.

<sup>7</sup> PWd é a sigla do inglês que, na Teoria da Fonologia Prosódica, refere-se a *prosodic word*, com tradução para o português como palavra prosódica.

Por esse motivo, Kemmer (2003) defende que o processo não se enquadra nos padrões da estrutura morfológica, porque não é constituído de morfemas plenos, isto é, não mantém todo material fônico em sua formação, como ocorre na composição<sup>8</sup>. Segundo a autora, as partes significativas das bases que se juntam são mínimas, ou seja, formadas por fragmentos fonológicos que resultam num significado. Logo, pensando nisso, pergunta-se se os *blends* são considerados efêmeros na língua por conta da supressão de material fônico ou a efemeridade do processo ocorre devido ao contexto de criação dos *blends*. Estes questionamentos podem ser mais bem discutidos em trabalhos sobre percepção, como forma de compreender o funcionamento do processo, não só quanto à efemeridade, mas também ao seu aspecto semântico-fonológico<sup>9</sup>.

Fato é que a convergência mais evidente entre *blends* e a composição é que ambos os processos formam uma palavra a partir de outras que já existem na língua. Dadas essas particularidades comuns aos dois processos, alguns estudiosos consideram o *blend* como um subtipo de composição (Adams, 1973; Basílio, 2005; Marangoni Jr., 2021). Basílio (2005) denomina como fusão vocabular os *blends* que compartilham material fônico, como *advogata*, em que a sílaba /ga/ está presente em ambas as bases, e os que não compartilham material fônico, a linguista denomina como um subtipo de composto, como *portunhol* (*português + espanhol*) que combina apenas partes da palavra. Esta é uma questão interessante, porque, por um lado, *-nhol* não funciona como um sufixo, mas como parte da segunda base que criou o *blend*. Por outro lado, há fragmentos que se repetem em diferentes formas, comportando-se como um afixo, quais sejam, os *splinters*, como *-nese* em *ovonese*, *camaronese* e *batatonese*.

Marangoni Jr. (2021) se vale de um modelo híbrido entre a Teoria da Otimidade, TO, e a Morfologia Distribuída, MD, denominado pelo estudioso como Otimidade Distribuída, para argumentar que o *blend* é um subtipo de composto. Marangoni Jr. (2021, p. 11) explica que

Sintaticamente, duas raízes já categorizadas estabelecem entre si uma dada relação sintática (subordinação, atribuição ou coordenação); em seguida, um morfema avaliativo se adjunge à estrutura sintática derivada até o momento e, por fim, um terceiro núcleo caracterizador é concatenado à estrutura de maneira a configurar o domínio da composição. O morfema avaliativo presente na estrutura sintática não altera nem a especificação categorial das

8 Talvez, por essa razão, o *blend* ser considerado, pela Morfologia Tradicional, como um processo marginal (cf. Silva, 2019).

9 Sugerimos a leitura dos trabalhos de Braga, Pacheco e Rocha (2022) e Braga (2023).

- | Algumas considerações sobre o *status* dos *blends* no léxico do português brasileiro

raízes categorizadas nem a relação sintática entre as raízes, sendo responsável unicamente por uma modificação sintático-semântica na codificação de uma leitura avaliativa por parte do falante acerca de uma dada entidade, de um dado objeto ou de uma dada situação.

No modelo adotado pelo autor, o aspecto fonológico é inserido tardiamente, de modo que toda formação de palavras é sintática. Ele defende, em sua dissertação, que os *blends* são um subtipo dos compostos caracterizado pela existência de uma leitura avaliativa (jocosidade, pejoratividade, etc.). Tais características, mencionadas por Marangoni Jr. (2021), são descritas em aspectos semântico-pragmáticos.

Nesse sentido, o linguista argumenta que, semanticamente, os *blends* seriam mais especializados em termos de uso, uma vez que geralmente fazem referência a algo jocoso ou pejorativo. Basílio (2003) já assinalava para a questão da leitura avaliativa, afirmando que o *blend* imprime significados mais expressivos por conta do *fator humorfológico*, próprio do fenômeno. A autora, também, argumenta que a recuperação dos fragmentos que formam um *blend* “depende fortemente do conhecimento do mundo para o efeito expressivo na interpretação” (Basílio, 2003, p. 4). Ela, ainda, constata que a predicação metonímica se torna completamente eficaz apenas quando se tem conhecimento prévio ou contexto adequado.

No âmbito morfossintático, Marangoni Jr. (2021) assume que os processos têm estruturas semelhantes, pois são formados por duas raízes concatenadas que estão em uma dada relação sintática entre si e essa relação pode ser de atribuição/modificação, como em *chafé*, o café considerado fraco ao ponto de se parecer com um chá; coordenação, como *briluz* que pode ser considerado algo que brilha e ao mesmo tempo reluz; e de subordinação, como em *sedanapo*, o guardanapo como sendo mais um tipo de seda.

Em suma, o autor discute que a diferença fonológica, entre *blends* e compostos, decorre dessa presença da avaliação no caso específico dos *blends*, ou seja, a fonologia seria a consequência de uma avaliação morfossintática e semântico-pragmática. Sua análise se diferencia de outros teóricos (cf. Piñeros, 2000; Gonçalves, 2003; Arndt-Lappe; Plag, 2013; Silva, 2019) que tomam, como ponto de partida, a análise do aspecto fonológico.

Sendo assim, a análise proposta por Marangoni Jr. (2021) se diferencia de outras, como a de Silva (2019) que considera que a ideia do avaliativo parece depender das possibilidades fonológicas, ou seja, não se cria um *blend* se não produzir um efeito bom, sonoramente. Em outras palavras, a criação de um *blend* depende das partes (elementos

fonológicos) que o formam para que haja transparência necessária a ponto de o falante recuperar tais bases, mas além disso, é importante, também, que esse *blend* apresente uma estrutura dentro dos padrões fonotáticos da língua.

Embora a fonologia possa ser a avaliação feita no final, os elementos fonológicos para a constituição desse *blend* contribuem para sua avaliação. Em outras palavras, a fonologia pode ser o último aspecto na avaliação, mas não seria apenas uma consequência natural, pois a escolha dos elementos fônicos é tão importante quanto o sentido de humor e a posição de cada base na formação do *blend*.

### Em busca da lexicalização dos *blends* no PB

Para início de conversa, é importante salientar que a descrição e discussão desta seção foi feita a partir de um *corpus* composto por 750 dados. Para coleta de palavras constituídas como *blends*, observamos contextos de comunicações diversas, além de recorrer a ambientes virtuais, como Facebook, Instagram, Twitter e WhatsApp, onde tem aparecido um número bastante expressivo de palavras formadas pela operação morfológica.

Dito isso, Andrade e Rondinini (2016) comparam os processos da justaposição e da aglutinação com o *blend* na tentativa de entender o porquê de este último não receber um tratamento mais apreciado na literatura morfológica. Os linguistas iniciam suas discussões questionando se o processo é, ou não, um subtipo de composição e assumem que o *blend* deve ocupar um lugar de destaque entre os processos de composição e derivação e, por isso, incorporam, mesmo que parcialmente, uma análise das “propriedades fonológica, morfossintática e semântica relativas a estes dois relevantes mecanismos de enriquecimento lexical” (Andrade; Rondinini, 2016, p. 863).

Concordando com Gonçalves (2004), os autores argumentam que a principal diferença entre os processos é o fato de a composição preservar a estrutura e a pauta acentual das bases que se combinam, resultando em duas palavras prosódicas, enquanto o *blend* se caracteriza pela falta de encadeamento entre as bases, resultando em única palavra prosódica. Além disso, segundo os linguistas, a composição tende a gerar, quase sempre, substantivos em português (*cavalo-marinho*, *couve-flor*, *guarda-roupa*) a partir de diferentes formas (livres e presas) que se combinam conforme suas particularidades semânticas e gramaticais. Nota-se, portanto, que o tipo de categoria de produto, de fato, é um diferencial importante dos compostos. Por exemplo, em *guarda-chuva*, há a combinação de “guarda” (substantivo) e “chuva” (substantivo) para criar uma nova palavra que também é substantivo. Nesse contexto, a categoria gramatical das palavras envolvidas

- | Algumas considerações sobre o *status* dos *blends* no léxico do português brasileiro

é fundamental para determinar como elas se combinam e como a nova palavra funciona gramaticalmente.

Os *blends*, em contrapartida, podem gerar padrões morfológicos (cf. quadro 2), além de substantivo, como adjetivo e advérbio, aparentando ser mais flexível em relação às categorias gramaticais das bases originais.

**Quadro 2.** Padrões morfológicos de formação dos *blends* com bases da mesma classe gramatical

Base 1	Base 2	<i>Blend</i>	Classe de palavra
a. namorado (S)	marido (S)	namorido	Substantivo
b. extrovertido (A)	tímido (A)	extrovertímido	Adjetivo
c. roubar (V)	compartilhar (V)	roubartilhar	Verbo
d. não (Adv.)	sim (Adv.)	nim	Advérbio

**Fonte:** Adaptado de Amorim (2012, p. 9)

Como descritos no quadro 2, *blends* podem ser gerados nas classes dos substantivos, adjetivos, verbos e advérbios. Embora sejam apresentados exemplos de *blends* formados por bases de classes iguais, eles podem ser formados com bases de classes gramaticais diferentes (cf. Andrade, 2008), quais sejam, adjetivo + substantivo (*asquerola* << *asquerosa* + *acerola*), verbo + substantivo (*aborrescente* << *aborrecer* + *adolescente*) etc. De acordo com Silva (2019, p. 19), essa proposta “válida o fato de a classe gramatical das bases não interferir no processo do cruzamento<sup>10</sup>”. Em outras palavras, embora a categoria gramatical ainda seja relevante, os *blends* frequentemente envolvem fusão ou sobreposição de partes das palavras originais, criando uma palavra única que pode seguir as categorias gramaticais de uma das bases de onde foi oriunda.

Amorim (2012), então, propõe uma regra para as possíveis combinações morfológicas que as bases podem apresentar para gerar um *blend*, além de apontar uma análise combinatória que o fenômeno pode assumir, como apresentado em 3:

$$(3) [X_{(S)(A)(V)} + Y_{(S)(A)(V)}] = [Z_{(SS),(SA),(SV),(AS),(AA),(VS),(VV)}]$$

**Fonte:** Amorim (2012, p. 9)

Amorim (2012) discute que a língua portuguesa só admite essas possíveis combinações. No entanto, o autor admite que “esta análise combinatória não é total uma vez que não ocorrem todas as combinações possíveis” (Amorim, 2012, p. 9). Podemos atestar este argumento a partir dos nossos dados, pois encontramos um *blend* adverbial,

<sup>10</sup> A autora denomina o processo como cruzamento vocabular.

(cf. exemplo *d* do quadro 2 acima). Encontramos, também, um *blend* formado por uma base antroponímica e uma base adverbial, *Dilmais* (*Dilma* + *mais*). Porém, apesar de acionar uma base adverbial para qualificar a base antroponímica (cf. Silva, 2019), o *blend* resulta em um substantivo. Em nossos dados, ainda, encontramos um exemplo de *blend* formado por uma onomatopeia mais um substantivo, *aumigo* (*au* + *amigo*), e um exemplo formado por um pronome mais um substantivo, *euquipe* (*eu* + *equipe*). Apesar disso, estes exemplos, embora formados por, pelo menos, uma base com onomatopeia e por um pronome, respectivamente, resultam em *blends* substantivos.

Encontramos, igualmente, exemplos de *blends* formados por uma sigla mais um adjetivo ou substantivo, como *abralindos* que mescla a sigla *Abralin* (Associação Brasileira de Linguística) com o adjetivo *lindo(s)*; *bradescravo* que mescla a sigla *Bradesco* (Banco Brasileiro de descontos) com o substantivo *escravo* e *BBBzenda*, que mescla a sigla *BBB* (*Big Brother* Brasil) com o substantivo *fazenda*. Dessa forma, conforme suscitado por Amorim (2012), a análise combinatória na formação de um *blend* passa por uma ampliação a partir da que foi feita, por ele, anteriormente. Esses dados são exemplos contundentes, porque apontam para mais uma diferença entre *blends* e compostos: os primeiros aparentam ser mais flexíveis com relação ao seu padrão morfológico.

Com a ampliação da análise combinatória na formação de *blends*, observamos que essas formações vocabulares no PB não se esgotam em formações por classes gramaticais, podendo ser criadas por outras categorias morfológicas como a onomatopeia e a siglagem. Ressaltamos, ainda, que essas formações encontradas em nossos dados, embora aparentem não ser produtivas, apontam para o fato de que é possível gerar *blends*, não só por classes gramaticais iguais e diferentes entre as bases, mas também por diferentes categorias. Em suma, os *blends* “partem da unificação de materiais morfológicos, mas não da mesma categorização” (Amorim, 2012, p. 7). É importante frisar, também, que, como a recorrência dos *blends* é expressiva na língua (cf. Braga; Pacheco; Rocha, 2022), essa análise combinatória pode ter ampliação futuramente.

Acerca do caráter semântico dos compostos, Sandmman (1997) descreve-os enquanto endocêntricos e exocêntricos. Para aqueles, o autor define um composto cujo sentido remete a uma ou às duas palavras de que são oriundos, como *peixe-agulha* (peixe se refere diretamente ao objeto que designa). Para estes, a sequência toda do composto é empregada figura ou metaforicamente, distanciando-se, desse modo, das palavras que o designa, como *perna-de-moça*, em que “o núcleo *perna* não se refere isoladamente a peixe, porém só o todo tem peixe como referente” (Sandmann, 1997, p. 43, grifo do autor).

- | Algumas considerações sobre o *status* dos *blends* no léxico do português brasileiro

Andrade e Rondinini (2016) respaldam-se em Rio-Torto e Ribeiro (2012) para explicar que muitos compostos podem ser endocêntricos categorial e morfológicamente, e exocêntricos semanticamente, por exemplo, *pé de galinha* que denota ruga no canto dos olhos. Para Andrade e Rondinini (2016, p. 868), neste exemplo, há uma “cabeça categorial e morfológica, pé, que não funciona como cabeça semântica, já que o composto como um todo não é hipônimo de nenhum de seus constituintes”. Ainda, segundo eles, é viável que haja compostos, como *cabeça-chata* (refere-se a alguém que nasceu no Nordeste, especificamente na região do Ceará), que podem ser morfológica e semanticamente exocêntricos, mas endocêntricos no âmbito categorial.

No que tange aos processos de composição, Kehdi (1997, p. 35) descreve a composição como “um processo de formação lexical que consiste na criação de palavras novas pela combinação de vocábulos já existentes”. Com, apenas, esta definição, poderíamos afirmar que o *blend* se caracterizaria como uma composição. No entanto, o autor assinala que, numa palavra composta,

Os elementos primitivos perdem a significação própria em benefício de um único conceito, novo, global. Um substantivo como *amor-perfeito* designa uma flor e, em qualquer contexto em que figure, pode comutar com uma palavra simples, como *rosa*, *margarida* ou *cravo*. Referimo-nos, naturalmente a uma comutação formal – isso não significa que esses nomes sejam sinônimos (Kehdi, 1997, p. 35).

Com base no argumento de Kehdi (1997), constatamos, portanto, que, na formação de palavras por composição, majoritariamente, a palavra resultante não remete às suas bases de origem. Diferente do significado dos *blends* que, quase sempre, remete às bases dos quais foram oriundos. A palavra *advogada* significa uma mulher que exerce a profissão de advogada e é considerada muito bonita (o substantivo ‘gata’ pode ser usado como um termo informal para elogiar uma mulher). Neste exemplo, as duas bases serviram de parâmetro para o significado da palavra resultante.

Andrade e Rondinini (2016) – já se distinguindo de Marangoni Jr. (2021) – defendem que os compostos regulares se afastam dos *blends*, pois aqueles podem se dissociar, total ou parcialmente, dos significados de suas bases, como em *pé-de-moleque*, semanticamente exocêntrico e *pele-vermelha*, semanticamente endocêntrico. Por outro lado, *blends*, segundo eles, serão sempre endocêntricos, pois, “graças à fusão eminente de suas bases, impõem uma leitura/interpretação composicional, uma vez que expressam, predominantemente, atitude avaliativa do falante em relação ao referente: boadrasta (boa + madrasta), marginata (marginal + magnata)” (Andrade; Rondinini, 2016, p. 881).

Contudo, alguns *blends* aparentam ter caráter exocêntrico, a exemplo de *bruboi* (*Brumado* + *boi*) que se refere a um restaurante, localizado na cidade de Brumado/BA. Os falantes, oriundos dessa região, ao produzir esse *blend*, associam a palavra formada ao estabelecimento e não às bases de onde foi oriunda. Braga (2023) realizou um trabalho sobre percepção para atestar o reconhecimento dos *blends* do PB por parte dos falantes nativos. O estudioso mostrou que *blends* que remetem a lugar ou estabelecimento tendem a ter o significado distanciado de suas bases de origem<sup>11</sup>. Sendo assim, esses dados levantam a hipótese de que *blends* nem sempre serão exocêntricos como defendem Andrade e Rondinini (2016). Braga (2023) defende que, em termos semânticos, compostos e *blends* parecem estar num *continuum*, em que os primeiros são mais exocêntricos ao passo que os segundos apresentam um caráter mais endocêntrico.

Algumas abordagens cognitivistas (cf. Kemmer, 2003; Lahlou; Abdullah, 2012, 2021) discutem que os aspectos fonológicos dos *blends* podem ser explicados por meio da metonímia, pois os fragmentos que compõem o fenômeno fornecem acesso às bases que lhes deram origem. Se tomarmos o *blend portunhol* (*português* + *espanhol*) como exemplo, seguindo tal abordagem, *portu-* e *-nhol*, além de não serem morfemas, são as partes fonológicas escolhidas para o nível fonético e irão desencadear o significado de que o *blend* necessita. Lahlou e Ho-Abdullah (2021, p. 1691, tradução própria) defendem que

[...] compostos e *blends* não são apenas uma fusão de lexemas ou porções de lexemas, mas também uma fusão de conceitos. Em outras palavras, os significados das palavras se fundem e assim se expandem para novos significados<sup>12</sup>.

Mediante essas abordagens, é possível notar a grande complexidade que é o *blend* e sua relação com os compostos. Assumimos, portanto, neste trabalho, que o fenômeno se diferencia dos compostos, uma vez que os aspectos semântico-fonológicos, critérios importantes em sua investigação, são motivados sob um viés distinto ao dos compostos regulares: em termos fonológicos, os *blends* tendem a suprimir material fônico (segmental e/ou silábico) e compostos mantêm a integridade fonológica na forma resultante e, em termos semânticos, *blends* tendem a ser mais endocêntricos, enquanto muitos compostos podem ser exocêntricos.

11 Marangoni Jr. (2021), ainda, traz o exemplo *matel* (*mato* + *motel*) como *blend* exocêntrico, que, também, remete a um lugar. Entretanto, acreditamos que essa palavra merecia ter uma análise mais aprofundada como forma de atestar se os falantes associam o *blend*, diretamente, a um lugar ou porque remete às bases que estão envolvidas em sua formação.

12 No original: “Compounds and blends are not only a fusion of lexemes or portions of lexemes but also a merging of concepts. In other words, meanings of words merge and so expand to new meanings”.

- | Algumas considerações sobre o *status* dos *blends* no léxico do português brasileiro

Com base em tudo que foi discutido, até aqui, acerca do fenômeno, evidenciamos que, embora seja considerado um processo, tipicamente, morfológico, sua formação é gerida por questões semânticas e fonológicas. Além disso, como se trata de um fenômeno que une duas palavras para formar uma terceira, o *blend* apresenta divergências e convergências com o processo da composição. Apesar de todas essas discussões feitas, trazemos de volta a pergunta levantada no início desta seção: qual o lugar do *blend* no léxico?

Antes de tudo, precisamos entender que o *blend* é um fenômeno neológico que cria palavras novas na língua a partir de outras que já existem. Sobre o caráter neológico do processo, mesmo sendo formado por duas bases, podemos nos respaldar em Serra (2018, p. 138) quando afirma que neologismo “pode ser uma palavra nova, ou ainda, pode ser uma nova acepção dada a uma já existente”. Neste sentido, *blends* existem pela necessidade que o falante tem em significar algo ou alguém a partir das bases de que são oriundos.

Além disso, ao juntar duas bases para formar uma terceira, o falante propõe a significação de duas coisas em uma só palavra e isso resulta em uma condição avaliativa, jocosa, como defende Marangoni Jr. (2021). Esta avaliação pode ser considerada pelo *fator humorfológico* (Basílio, 2005), ou mais que isso, pois “o valor expressivo do cruzamento vocabular esclarece esse objetivo por meio não só do fator humorfológico, mas de todos os cruzamentos que veiculam um sentimento ou uma avaliação por parte do falante” (Silva, 2019, p. 34).

Ao tomarmos, como base, os aspectos que envolvem o *blend*, quais sejam, fonético-fonológico, morfossintático e semântico-pragmático, evidenciamos que ele passa pelos mesmos processos que toda palavra passa para garantir sua lexicalização na língua: i- adapta-se às regras fonotáticas de um sistema linguístico; ii- segue os padrões morfosintagmáticos para determinar a classe gramatical da palavra e iii- existe a partir de um contexto semântico-pragmático que o falante desenvolve. Os *blends* formados por uma base da língua nativa com um *blend* de outra língua (cf. quadro 3) evidenciam, ainda mais, estas constatações:

**Quadro 3.** *Blends* formados por uma base do PB + base estrangeira

<i>Blend</i>	Fonotaxe	Morfossintaxe	Semântica/pragmática
bolsominion (Bolsonaro + <i>minion</i> )	/boLso'miniuN/	Substantivo (subordinação)	Apelido atribuído a eleitores do político Jair Messias Bolsonaro.
hellcife ( <i>hell</i> + Recife)	/xɛu'sifi/	Substantivo (subordinação)	Apelido atribuído à cidade de Recife em dias quentes.
maravigold (maravilhosa + <i>gold</i> )	/maravi'goLdi/	Adjetivo (coordenação)	Linda, deslumbrante <sup>13</sup> .

Fonte: Elaboração própria

A partir do quadro 3, podemos observar que a lexicalização dos *blends* passa por todo o processo natural que um sistema linguístico dispõe. Com relação à lexicalização dos compostos, Villalva (1994, p. 296) constata que os “compostos por justaposição sofrem apenas uma lexicalização semântica [...]”. Parafraçando a autora, podemos inferir que os *blends* sofrem não só lexicalização semântica, mas também lexicalização formal, isto é, há supressão e/ou compartilhamento em sua estrutura morfológica<sup>14</sup>.

Diante de todas as discussões sobre divergências e convergências entre os processos, defendemos que os *blends* se distinguem dos compostos por todos os argumentos, aqui, trazidos. Mais que isso, respaldados em Adams (1973) que considera a operação morfológica como um tipo diferente de formação de palavras, assumimos que os *blends*, tanto quanto a composição (cf. Ralli, 2010), pertencem ao grupo dos processos de formação de palavras<sup>15</sup>, conforme descreve a figura 1:

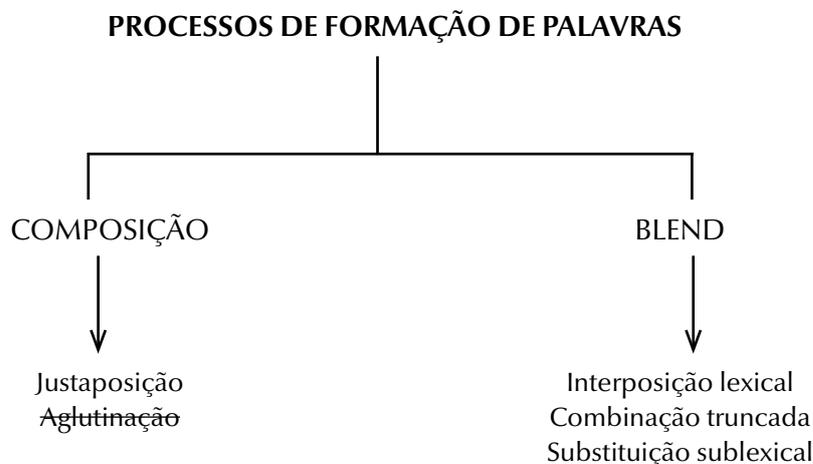
13 O *blend* *maravigod* surgiu na internet, quando uma garota, Tatielly Lima, postou um vídeo e usou a palavra. O Significado dado, aqui, baseou-se na resposta dada pela garota ao *blend*.

14 Villalva (1994) usa essa afirmação ao tratar sobre o processo da aglutinação.

15 Cabe ressaltar que o processo de formação de palavras abarca mais processos, como a derivação, por exemplo. No entanto, apresentamos apenas a composição, uma vez que tem relação direta com o fenômeno, aqui, analisado que une duas palavras.

- | Algumas considerações sobre o *status* dos *blends* no léxico do português brasileiro

**Figura 1.** Descrição dos processos de formação de palavras do PB a partir de mais de uma base



**Fonte:** Elaboração própria

A figura 1 apresenta a relação dos processos de formação de palavras a partir de mais de uma base. De um lado, tem-se a composição, com o seu padrão, **justaposição**, que mantém todos os segmentos em sua formação (*girassol*, *passatempo*). Nossa proposta, então, exclui os **aglutinados**, uma vez que não se trata de um processo produtivo e ativo na língua, além de se comportarem como palavra simples no português atuante por apresentar apenas um acento (cf. Villalva, 2020) e, ainda, não ser um processo pertencente, apenas ao nível morfológico, como já discutimos anteriormente neste artigo.

De outro lado, temos os *blends* que podem ser formados a partir dos padrões de **interposição lexical**, quando apresentam alguma semelhança fônica (*chafé*, *namorido*), **combinação truncada**, quando não compartilham material fônico (*futelama*, *portunhol*) e **substituição sublexical**, padrão que tem uma parte de sua base promovida à condição de palavra e, em seguida, sendo substituída (*boacumaba*, *frátria*).

Apresentadas todas essas discussões acerca das divergências e convergências entre a composição e o *blend*, as constatações feitas sobre ambos os processos apontam que, de fato, a composição está no âmbito da morfologia concatenativa e o *blend* insere-se no campo da morfologia não concatenativa como já assinalavam Gonçalves (2006, 2019), Andrade e Rondinini (2016) e Pereira (2016).

Em vista disso, podemos inferir que, independentemente, da forma como são analisados, todos esses processos contribuem para a ampliação do léxico e o *blend* é um fenômeno que tem ganhado um certo destaque nos últimos anos, dada a sua propagação de uso em diferentes contextos comunicativos, sobretudo nas redes sociais – ambiente de uso muito recorrente entre a maior parte da população atualmente (Braga; Pacheco; Rocha, 2022).

## Considerações finais

Neste artigo, analisamos os *blends*, levando em consideração o seu *status* no léxico do PB. Para tanto, observamos que o fenômeno é diferente do processo de composição, uma vez que sua formação é não concatenativa, enquanto os compostos são formados por concatenatividade.

Por serem formados por duas bases, os *blends* se aproximam da composição por justaposição e do processo da aglutinação. No que tange a este último, a proximidade com os *blends* é maior por apresentar algum tipo de supressão em sua formação. No entanto, não fizemos uma análise comparativa entre os aglutinados e o processo estudado neste trabalho, porque consideramos que a aglutinação não é i- um processo produtivo e ativo na língua, além de apresentar um número bastante reduzido de exemplos; ii- por ser um processo lexicalizado na língua como uma palavra simples, isto é, dotado de apenas um acento primário (cf. Villalva, 2020) e iii- e por não ser um processo pertencente apenas à composição, isto é, pode ser observado em situações de sândi externo (cf. Tenani, 2006) por fusão, como em *laranjamarela* (*laranja amarela*) e por apagamento de vogal, a exemplo de *todalegre* (*todo alegre*).

Nesse sentido, traçamos uma discussão entre os *blends* e os compostos justapostos, a fim de apresentar as convergências e divergências entre os processos. A grande semelhança entre eles está no fato de ambos serem formados a partir de duas bases já existentes na língua. Contudo, a composição se dá por meio da concatenação entre as bases, onde uma inicia exatamente no ponto em que a outra termina (cf. Gonçalves, 2006, 2019; Villalva, 2020), mantendo todo corpo fônico no nível fonético, como *cabra-cega*, *cavalo-marinho*. O *blend*, por outro lado, se dá a partir da não concatenação, em que as bases sofrem algum de tipo de supressão, seja no nível segmental, seja no nível silábico, como em *marinoivo* (*marido + noivo*) que teve supressão silábica na base da esquerda.

Além disso, as palavras formadas por *blends* tendem a fazer menção às suas bases de origem, configurando-se mais como endocêntricos, enquanto os compostos justapostos são, majoritariamente, exocêntricos (Sandman, 1993; Kehdi, 1997). Sendo assim, ponderamos que os aspectos importantes para análise dos *blends* são o semântico e o fonológico, pois, através deles, podemos apontar o fenômeno como distinto da composição.

Por essa razão, os dois processos, compostos e *blends*, embora apresentem semelhanças entre si, formam palavras de modos diferentes: o primeiro por uma sequência concatenativa e o segundo por uma sequência não concatenativa. Assim, consideramos

- | Algumas considerações sobre o *status* dos *blends* no léxico do português brasileiro

que ambas as operações morfológicas pertencem a um processo superior que é o de formação de palavras criadas por duas bases, onde de um lado encontra-se a composição e seu subtipo (justaposição) e do outro, o *blend* com seus diferentes padrões (interposição lexical, combinação truncada e substituição lexical). Com isso, nossa hipótese parece ter sido confirmada.

## Referências

ADAMS, V. **An introduction to modern English word-formation**. London: Longman, 1973.

ALVES, I. M. **Neologismo**. São Paulo: Ática, 1990.

AMORIM, G. S. O dinamismo linguístico dos cruzamentos vocabulares: algumas motivações morfo-fonético-sintático-semânticas. **GELNE. Anais da Jornada do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste**, Natal, p. 1-11, 2012.

ANDRADE, K. E.; RONDININI, R. B. Cruzamento vocabular: um subtipo da composição? **DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, p. 861-887, 2016.

ANDRADE, K. E. **Uma análise otimalista unificada para mesclas lexicais do Português do Brasil**. 2008. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

ARNDT-LAPPE, S.; PLAG, I. The role of prosodic structure in the formation of English blends. **English Language and Linguistics**, v. 17, n. 4, p. 537, 2013.

BASÍLIO, M. A fusão vocabular como processo de Formação de Palavras. **Anais do IV Congresso da ABRALIN**, 2005.

BASÍLIO, M. Cruzamentos vocabulares: o fator humorfológico. **X Congresso da ASSEL-RIO**, Rio de Janeiro, 2003.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. rev. ampl. e atual. conforme o Novo Acordo Ortográfico: Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BRAGA, E. V. **Blend, 'a mistura que todo mundo gosta':** uma blendescção do processo no léxico do português brasileiro. 2023. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2023.

BRAGA, E. V.; PACHECO, V.; ROCHA, W. J. C. A relação entre conhecimento, uso e faixa etária de *blends* por falantes nativos do PB. **Revista (Con)textos Linguísticos**, Vitória, v. 16, p. 205-224, 2022.

CIPRO NETO, P.; INFANTE, U. **Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Scipione, 2008.

CUNHA, C. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007.

GONÇALVES, C. A. **Morfologia**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

GONÇALVES, C. A. **Atuais tendências em formação de palavras**. São Paulo: Contexto, 2016.

GONÇALVES, C. A. Usos morfológicos: os processos marginais de formação de palavras em português. **Gragoatá**, Niterói, n. 21, p. 219-241, 2 sem. 2006.

GONÇALVES, C. A. Processos morfológicos não concatenativos do português brasileiro: formato prosódico e latitude funcional. **Alfa (ILCSE/UNESP)**, Araraquara, v. 48, n. 2, p. 30-66, 2004.

GONÇALVES, C. A. *Blends* lexicais em português: não-concatenatividade e correspondência. **Veredas (UFJF)**, Juiz de Fora, v. 7, n. 1 e n. 2, p. 149-167, 2003.

KEHDI, V. **Formação de palavras em português**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1997.

KEMMER, S. Schemas and Lexical Blends. In: CUICKENS, H. *et al.* (org.). **Motivation in Language**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2003.

LAHLOU, H.; HO-ABDULLAH, I. The fine line between compounds and portmanteau words in English. **Journal of Language and Linguistic Studies**, v. 17, n. 4, p. 1684-1694, 2021.

- | Algumas considerações sobre o *status* dos *blends* no léxico do português brasileiro

LAHLOU, H.; HO-ABDULLAH, I. **A Cognitive Approach to Compounds and Blends: Revising the linguistic approach to blends.** Germany: LAP LAMBERT Academic Publishing, 2012.

MARANGONI JÚNIOR, C. E. **A blendividade na formação de palavras: a derivação dos *blends* na interface entre morfologia, fonologia e pragmática.** 2021. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

PIÑEROS, C. E. **Word-blending as a case of non-concatenative morphology in spanish.** Rutgers: Rutgers University, 2000.

PLAG, I. **Word-Formation in English.** 2. ed. Cambridge: Cambridge Textbooks in Linguistics, 2018.

RALLI, A. Compounding versus derivation. *In*: SCALISE, S.; VOGEL, I. (ed.). **The Benjamins Handbook of Compounding.** Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2010.

RIO-TORTO, G. Blending, cruzamento ou fusão lexical em português: padrões estruturais e (dis)semelhanças com a composição. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 7-29, 2014.

RIO-TORTO, G.; RIBEIRO, S. **Compounding in contemporary Portuguese.** Probus, 2012.

ROCHA, L. C. A. Criação lexical: processos produtivos no português contemporâneo. **Revista de Estudos de Língua Portuguesa**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 29-56, 1983.

SAID ALI, M. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa.** 6. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

SANDMANN, A. J. **Morfologia Lexical.** São Paulo: Contexto, 1997.

SANDMANN, A. J. **Morfologia Geral.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 1993.

SCHWINDT, L. C. **O prefixo no Português Brasileiro: análise morfofonológica.** 2000. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2000.

SERRA, L. H. A neologia literária no universo poético de Ferreira Gullar: uma leitura de neologismos. **Revista do GELNE**, Natal, v. 20, p. 136-149, 2018.

SILVA, V. B. **O cruzamento vocabular formado por antropônimos**: análise Morfológica e Fonológica. 2019. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SILVEIRA, C. M. F. **Cruzamento vocabular em português**: acaso ou processo? 2002. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

TENANI, L. Domínios prosódicos no Português Brasileiro: evidências rítmica, entoacional e segmental. **Estudos Linguísticos**. São Paulo, p. 118-131, 2006.

VILLALVA, A. Composição. *In*: RAPOSO, E. B. P. *et al.* (org.). **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa, Portugal: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa – Fundação Calouste Gulbenkian, 2020.

VILLALVA, A.; GONÇALVES, C. A. V. The phonology and morphology of word formation. *In*: WETZELS, L. *et al.* **The Handbook of Portuguese Linguistics**. 1. ed. Oxford: Wiley Blackwell, 2016. v. 1, p. 167-187.

VILLALVA, A. **Estruturas Morfológicas**: unidades e hierarquias nas palavras do Português. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

---

**COMO CITAR ESTE ARTIGO**: BRAGA, Emerson Viana; PACHECO, Vera. Algumas considerações sobre o *status* dos *blends* no léxico do português brasileiro. **Revista do GEL**, v. 21, n. 1, p. 54-78, 2024. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>.

Submetido em: 30/01/2024 | Aceito em: 18/03/2024.

---

# ENSINO-APRENDIZAGEM DO LÉXICO: ANÁLISE DOS DOCUMENTOS NORTEADORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA E APLICAÇÃO EM SALA DE AULA

Beatriz Daruj GIL<sup>1</sup>

Fernanda Rodrigues BARUEL<sup>2</sup>

Dafne Rodrigues Alvares de CASTRO<sup>3</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v21i1.3690>

**Resumo:** Influenciado pelos princípios da ciência linguística presentes nos documentos orientadores da educação brasileira, Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil 1997) e Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), o ensino-aprendizagem do léxico vem se atualizando nas últimas décadas. Neste artigo, procura-se mostrar que, a despeito desse avanço, esses documentos ainda mantêm o estudo dos recursos léxico-gramaticais separado das práticas de leitura e escrita, embora reconheçam o gênero discursivo e o texto como núcleo do ensino da língua. Complementa-se essa discussão por meio da apresentação de uma prática de leitura dialogada em que se exploram campos semânticos que podem contribuir para se evidenciar como a materialidade linguística está a serviço da constituição de sentido dos enunciados. A reflexão está fundamentada em princípios da Lexicologia e da Semântica Lexical (Biderman, 1978; Coseriu, 1977; Polguère, 2018; Rio-Torto, 2006; Ullmann, 1964; Vilela, 1994) e dos estudos sobre ensino-aprendizagem do léxico (Antunes, 2012; Leffa, 2000).

**Palavras-chave:** Lexicologia. Ensino-aprendizagem de vocabulário. Campos semânticos.

---

1 Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; [biagil@usp.br](mailto:biagil@usp.br); <https://orcid.org/0000-0002-9874-167X>

2 Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; [febaruel@gmail.com](mailto:febaruel@gmail.com); <https://orcid.org/0009-0005-3358-6487>

3 Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; [dafnerodriguesdecastro@usp.br](mailto:dafnerodriguesdecastro@usp.br); <https://orcid.org/0009-0005-9966-6682>

- | Ensino-aprendizagem do léxico: análise dos documentos norteadores da Educação Básica e aplicação em sala de aula

## *LEXICON TEACHING-LEARNING: ANALYSIS OF BASIC EDUCATION GUIDING DOCUMENTS AND APPLICATION IN THE CLASSROOM*

**Abstract:** Influenced by the principles of linguistic science present in the guiding documents of Brazilian education - Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997) and Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) -, the teaching-learning of the lexicon has been updated in recent decades. In this article, we seek to show that, despite this advance, these documents keep the study of lexico-grammatical resources separate from reading and writing practices. However, they recognize the discursive genre and the text as the core of language teaching. This discussion is complemented by presenting a practice of dialogical reading in which semantic fields that can contribute to highlighting how linguistic materiality is at the service of constituting the meaning of utterances are explored. The reflection is based on principles of Lexicology and Lexical Semantics (Biderman, 1978; Coseriu, 1977; Polguère, 2018; Rio-Torto, 2006; Ullmann, 1964; Vilela, 1994) and studies on teaching and learning the lexicon (Antunes, 2012; Leffa, 2000).

**Keywords:** Lexicology. Vocabulary teaching-learning. Semantic fields.

### **Recursos linguísticos no ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa**

O estudo dos recursos léxico-gramaticais na disciplina Língua Portuguesa, na Educação Básica (anos iniciais e finais do ensino fundamental e ensino médio), ocupa espaço ainda nebuloso (Antunes, 2012; Gil, 2022; Leffa, 2000). A materialidade linguística costuma estar distribuída em três práticas de linguagem – leitura, escrita e oralidade, como também, muitas vezes, em um lugar deslocado do enunciado do qual faz parte, tratada isoladamente, como se tivesse valor absoluto e intrínseco. Pode também estar em lugar nenhum, nos casos em que se realiza uma análise textual na qual se busca delimitar o conteúdo semântico de maneira mais genérica, sem considerar sua dependência da forma linguística, nem do contexto enunciativo.

O avanço dos estudos da língua em função e da língua em uso, consolidados em áreas como a Sociolinguística, Pragmática, Linguística Textual, Análise da Conversação e as várias Teorias do Discurso, a partir da década de 1970, tem impactos no ensino da língua materna. Com a introdução de disciplinas que tratavam dessas áreas do saber linguístico nos cursos de Letras, chegam à Educação Básica reflexões, por exemplo, sobre as variedades linguísticas, privilegiando o debate sobre as prestigiadas e as desprestigiadas; diferenças entre oralidade e escrita e o ensino de gramática em uma perspectiva textual, não se limitando às estruturas fonológicas e morfossintáticas descontextualizadas.

No que se refere aos documentos orientadores da educação básica no país, a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (Brasil, 1998), no final dos anos 1990, consolida uma visão inovadora da área de língua portuguesa, constituída a partir da linguística do uso, marcada pelo questionamento aos modelos tradicionais de ensino concentrados exclusivamente na estrutura da língua. São as subáreas da Linguística, como a Pragmática e os Estudos do Discurso, que contribuem para que o gênero, como elemento estruturador, seja inserido no documento.

É também o fortalecimento da grande área de Estudos do Discurso que contribui para firmar os novos objetivos da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018), documento de nível federal orientador dos currículos estaduais e municipais de todo o país, publicado em 2018, por volta de 20 anos após os PCNs.

A BNCC (Brasil, 2018) apresenta, para o componente Língua Portuguesa da Educação Básica, uma perspectiva enunciativa-discursiva, já presente nos Parâmetros Curriculares da Linguagem – PCN (Brasil, 1998), por meio da qual a linguagem é vista como ação interlocutiva inserida em diferentes práticas sociais. Considera-se, nessa perspectiva, o texto como objeto de trabalho e de estudo em atividades de leitura, escrita, e escuta aplicadas a práticas de linguagem contemporâneas, com especial preocupação com as múltiplas semioses, os multiletramentos e as práticas da cultura digital. A proposta “contempla desde letramentos mais lineares com baixo nível de hipertextualidade, até aqueles que envolvem a hipermídia” (Brasil, 2018).

Com base nesses princípios, a BNCC (Brasil, 2018) define quatro eixos de integração para o trabalho com a língua portuguesa, a saber: a oralidade, leitura/escuta, produção (escrita e multissemiótica) e a análise linguística/semiótica. Nesse último eixo, que é o que nos interessa para tratar do ensino-aprendizagem do léxico, a ênfase está nos “conhecimentos linguísticos – sobre o sistema da escrita, o sistema da língua e a norma-padrão –, textuais, discursivos e sobre os modos de organização e dos elementos de outras semioses” (Brasil, 2018, p. 71). Enfatiza-se que esses conhecimentos do eixo *análise linguística/semiótica* não devem “ser tomados como um fim em si mesmo” (Brasil, 2018) e que “as abordagens linguística, metalinguística e reflexiva ocorrem sempre a favor da prática de linguagem que está em evidência nos eixos de leitura, escrita ou oralidade” (Brasil, 2018, p. 139).

“O trabalho com a análise linguística e semiótica deve ocorrer durante os processos de leitura e produção de textos. São processos de análise e avaliação da relação entre a materialidade dos textos e os efeitos de sentido decorrentes de sua organização. Na análise do estilo dos textos, escolhas de léxico e de variedade linguística ou estilização”

- | Ensino-aprendizagem do léxico: análise dos documentos norteadores da Educação Básica e aplicação em sala de aula

(Brasil, 2018, p. 80) devem ser levados em conta. Os conhecimentos léxico-gramaticais aparecem, na parte introdutória do documento, assumidamente associados às práticas de leitura/escuta e de produção de textos orais, escritos e multissemióticos. Acredita-se que essas práticas levam a situações de reflexão sobre a língua e que os alunos devem ser instigados a observar como essas regularidades materiais operam nas práticas de linguagem por meio, por exemplo, da “comparação de diferentes formas de dizer a ‘mesma coisa’ e análise de efeitos de sentido que essas formas podem trazer/suscitar” (Brasil, 2018, p. 81).

Ainda na parte introdutória do documento, em sua seção destinada à Língua Portuguesa, os conhecimentos linguísticos são organizados em grupos, a saber: Fono-ortografia, Morfossintaxe, Sintaxe, Semântica, Variação linguística e de Elementos notacionais. Em alguns desses grupos, principalmente na Morfossintaxe, Semântica e na Variação linguística, aparecem sugestões do que seria o tratamento lexical no ensino-aprendizagem da língua, como se pode ver:

- (1) O conhecimento das classes de palavras e análise de suas funções sintático-semânticas nas orações;
- (2) A percepção dos efeitos de sentido nos textos decorrentes do que chamam de fenômenos léxico-semânticos exemplificados com *augmentativo/diminutivos*, *sinonímia/antonímia*, *figuras de linguagem*, entre outros
- (3) O conhecimento das variedades lexicais e seus efeitos semânticos, variedades prestigiadas e não-prestigiadas.

É na BNCC (Brasil, 2018) que se firma o ensino de língua portuguesa na teoria dos gêneros discursivos, com ênfase nos gêneros digitais. O que se observa, contudo, é que, quando chegam à escola, os gêneros são entendidos por parte do professorado de modo semelhante ao que se fazia, em tempos anteriores, com as sequências textuais (restritas, em uma tradição antiga, a narrativas, descritivas e argumentativas). A estrutura composicional do gênero passa a ser o foco, tanto na leitura como na escrita. Do aluno, espera-se que classifique textos dentro dessa estrutura ou que produza determinado gênero seguindo um modelo pré-estabelecido. Se em uma tradição mais antiga, prevaleciam as lições de metalinguagem e classificação de estruturas linguísticas descontextualizadas (tanto do contexto linguístico como extralinguístico), nesse momento, o mesmo modo classificatório passa a aplicar-se à estrutura do gênero. Para Kleimann (2010), o texto é que deve ser objeto de análise, para que, a partir dele, se aprenda a matriz abstrata que é o gênero.

Nesse contexto, o componente estilístico teve muita dificuldade em encontrar seu lugar desde o momento inicial do trabalho com gêneros na escola. E é nesse lugar do estilo que os recursos léxico-gramaticais poderiam ser desenvolvidos. Essencial para o

ensino-aprendizagem da língua, a léxico-gramática acaba sendo preterida ou se mantém normatizada, sendo ensinada e aprendida como um conteúdo independente.

É no contexto dos estudos da Linguística Aplicada, por meio dos quais se compreende que do trabalho com o gênero fazem parte seus aspectos estilísticos, que os recursos léxico-gramaticais ganham espaço nas teorias sobre ensino-aprendizagem de língua portuguesa, não mais em uma perspectiva normativa, mas como escolhas léxico-gramaticais das quais depende a constituição do gênero e responsáveis pelos efeitos de sentido da enunciação. Isso significa que usuários da língua realizam escolhas, por um lado, orientadas e limitadas pelo gênero discursivo do qual faz parte o enunciado e, por outro, definidas pelos propósitos comunicativos da enunciação e efeitos de sentido pretendidos.

Esse entendimento teórico, contudo, parece ainda estar guardado nos livros e nas discussões acadêmicas, tendo pouco se aberto a práticas escolares. A precariedade na formação de professores no país, o pouco tempo dado à escola para que se aprofunde em seus temas e a distância entre a universidade, onde se desenvolvem as teorias linguísticas, e o espaço escolar podem ser razões para que o trabalho com recursos léxico-gramaticais ainda não tenha se consolidado em uma perspectiva da língua em uso.

A organização de campos semânticos em práticas de leitura, por exemplo, é uma forma de ensino-aprendizagem de recursos léxico-semânticos. Ao aprendermos uma palavra, aprendemos que ela integra um paradigma formado por outras palavras que podem se atualizar em contextos iguais ou semelhantes. Comumente denominado de *campo semântico*, *campo lexical* ou *campo léxico-semântico*, esse paradigma é formado por unidades lexicais que compartilham uma zona de significação comum e se apresentam em oposição entre si (Coseriu, 1977). O campo pode também ser entendido como paradigma formado por um contínuo de conteúdo lexical, repartido em lexemas que se opõem entre si pelos semas (Vilela, 1994).

Organizar o campo semântico de um texto estudado, em uma prática de ensino-aprendizagem de léxico, é explorar as relações paradigmáticas que as palavras costumam estabelecer e assim obter uma visão mais ordenada das escolhas lexicais de um texto que refletem determinados recortes culturais da língua ou mesmo dos enunciadores. É também uma forma de confirmar os propósitos dos interlocutores que sempre estarão marcados na escolha das unidades lexicais do campo, em cada atualização sintagmática.

Determinadas as relações paradigmáticas do léxico de um texto, para que se conheça uma palavra, é necessário conhecer propriedades gramaticais que governam seu uso, como os tipos de relação morfossintática que a palavra estabelece e as restrições

- | Ensino-aprendizagem do léxico: análise dos documentos norteadores da Educação Básica e aplicação em sala de aula

gramaticais desse uso. Para Rio Torto (2006), diferentemente de uma longa tradição que tratou léxico e gramática como módulos da língua totalmente dissociados, uma reflexão mais contemporânea trata as duas disciplinas como faces da mesma realidade. O estudo dos signos da língua, sejam palavras lexicais ou palavras gramaticais, norteia-se pelas propriedades gramaticais que os definem e que condicionam seu próprio comportamento discursivo. O léxico define-se por sua natureza pluridimensional que envolve a morfologia da unidade lexical, sua semântica e sintaxe interna e externa, e sua atualização discursiva.

O interesse principal deste artigo é 1) descrever e analisar o lugar que o estudo do léxico ocupa na orientação curricular construída nos dois principais documentos norteadores da educação básica brasileira, PCNs (Brasil, 1998) e BNCC (Brasil, 2018), com ênfase à BNCC (Brasil, 2018); 2) apresentar uma proposta de leitura dialógica do conto “Uma vela para Dario”, de Dalton Trevisan (Trevisan, 1980), com exploração dos recursos léxico-semânticos.

Para o desenvolvimento dessas duas etapas, realizamos uma sequência de reflexões que parte do ensino do léxico nos PCNs (Brasil, 1998), buscando mostrar quais dimensões do saber lexical são privilegiadas. Na continuidade, exploramos o ensino do léxico na BNCC (Brasil, 2018), a partir da descrição da sua estrutura, seguida da observação do léxico nos campos de atuação e nas habilidades do componente Língua Portuguesa. Em relação à proposta de leitura, exploramos a análise do léxico do conto “Uma vela para Dario”, com base na teoria dos campos semânticos, apostando no estudo de recursos linguísticos subordinados à prática de leitura.

## **O léxico nos documentos oficiais de ensino**

### **O ensino de léxico nos PCNs – anos finais do Ensino Fundamental**

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais, publicados em 1998, os conteúdos de língua portuguesa são divididos em três práticas: de escuta de textos orais e leitura de textos escritos, de produção de textos orais e escritos, de análise linguística. Há uma seção destinada ao léxico subordinada ao item “prática de análise linguística”. No entanto, de maneira geral, as referências ao léxico estão dispersas no documento.

Em consonância com o que afirma Leffa (2000), os PCNs também reconhecem a importância de que o trabalho com o léxico seja uma prática intencional: “a escola deve, portanto, organizar situações didáticas para que o aluno possa aprender novas palavras e empregá-las com propriedade” (Brasil, 1998, p. 84).

Nos objetivos gerais de Língua Portuguesa para o ensino fundamental, a ampliação do léxico é mencionada como forma de estruturar a experiência e explicar a realidade. Em outras seções, cita-se o léxico como forma de “ampliar a competência discursiva do sujeito” (Brasil, 1998, p. 36). Vê-se, portanto, que, de acordo com o documento, o desenvolvimento da competência lexical é fundamental para a ampliação da competência discursiva, sendo esse um dos objetivos do processo de ensino-aprendizagem:

No processo de ensino-aprendizagem dos diferentes ciclos do ensino fundamental, espera-se que o aluno amplie o domínio ativo do discurso nas diversas situações comunicativas, sobretudo nas instâncias públicas de uso da linguagem, de modo a possibilitar sua inserção efetiva no mundo da escrita, ampliando suas possibilidades de participação social no exercício da cidadania (Brasil, 1998, p. 32).

Nas páginas 62 e 63 (Brasil, 1998), em “Prática de análise linguística” e nas páginas 83 a 85 (Brasil, 1998), há orientações didáticas específicas para a abordagem do léxico, listadas a seguir conforme a dimensão do léxico explorada.

### **Dimensão semântica**

- a) Escolher, entre diferentes palavras, aquelas “que sejam mais apropriadas ao que se quer dizer [...]” (Brasil, 1998, p. 63).
- b) [...] Organizar as “palavras em conjuntos estruturados em relação a um determinado tema, acontecimento, processo, fenômeno ou mesmo objeto, como possíveis elementos de um texto [...]” (Brasil, 1998, p. 63).
- c) “Apresentar um conjunto de hipônimos e pedir ao aluno para apresentar o hiperônimo correspondente” (Brasil, 1998, p. 84).
- d) “Apresentar um conjunto de palavras em que uma não é hipônimo e pedir que o aluno a exclua, explicitando suas razões” (Brasil, 1998, p. 84).
- e) “Inventariar as palavras de determinado campo semântico, presentes em determinado texto, e analisar os efeitos de sentido obtidos com o emprego” (Brasil, 1998, p. 84).
- f) “Identificar e analisar a funcionalidade de empregos figurados de palavras ou expressões” (Brasil, 1998, p. 84).
- g) “Identificar os termos-chave de um texto, vinculando-os a redes semânticas que permitam a produção de esquemas e de resumos” (Brasil, 1998, p. 84).

- | Ensino-aprendizagem do léxico: análise dos documentos norteadores da Educação Básica e aplicação em sala de aula

- h) “Apresentar textos lacunados para, por meio das propriedades semânticas e das restrições seletivas, explicitar a natureza do termo ausente” (Brasil, 1998, p. 84).

### **Dimensão discursiva**

- a) Escolher palavras mais adequadas “em relação à modalidade falada ou escrita ou no nível de formalidade e finalidade social do texto” (Brasil, 1998, p. 62).
- b) Empregar adequadamente “palavras limitadas a certas condições histórico-sociais (regionalismos, estrangeirismos, arcaísmos, neologismos, jargões, gíria [...])” (Brasil, 1998, p. 63)
- c) “Inventariar as palavras de determinada variedade ou registro, presentes em um texto, e analisar os efeitos obtidos com o emprego” (Brasil, 1998, p. 84).
- d) “Identificar, em textos, palavras ou expressões que instalam pressuposições e subentendidos e analisar as implicações discursivas” (Brasil, 1998, p. 84).

### **Dimensão sintática/gramatical**

- a) “[...] Projetar, a partir do elemento lexical (sobretudo verbos), a estrutura complexa associada a seu sentido, bem como os traços de sentido que atribuem aos elementos (sujeito, complementos) que preenchem essa estrutura [...]” (Brasil, 1998, p. 63).
- b) Entender que, “ainda que se trate a palavra como unidade, muitas vezes ela é um conjunto de unidades menores (radicais, afixos, desinências) que concorrem para a constituição do sentido” (Brasil, 1998, p. 84).
- c) “Explorar ativamente um *corpus* que apresente palavras que tenham o mesmo afixo ou desinência, para determinar o significado de unidades inferiores à palavra” (Brasil, 1998, p. 84).
- d) “Explorar ativamente um *corpus* que apresente palavras que tenham o mesmo afixo ou desinência, para determinar o significado de unidades inferiores à palavra” (Brasil, 1998, p. 84).

- e) “Aplicar os mecanismos de derivação e construir famílias de palavras” (Brasil, 1998, p. 84).
- f) “apresentar textos lacunados para, por meio das propriedades semânticas e das restrições seletivas, explicitar a natureza do termo ausente” (Brasil, 1998, p. 84).

Nota-se que, nas orientações em que se explora a dimensão gramatical da competência lexical, não se menciona o texto, com exceção de “textos lacunados” para serem preenchidos. Disso, é possível concluir ainda que o estudo da gramática e do léxico é visto como algo isolado do contexto. Na abordagem das dimensões semântica e discursiva, as orientações fazem, geralmente, referência a “texto” ou a situações de interação social.

Importante ressaltar também a predominância do verbo “identificar” nas atividades contextualizadas, o que pode evidenciar uma política de empobrecimento da atividade cognitiva dos estudantes (Chaves, 2021), tendo em vista que não é esperado que os alunos desenvolvam habilidades em que sejam ativos na construção do conhecimento, como “demonstrar”, “analisar” e “produzir”.

## **O ensino de léxico na BNCC – anos finais do Ensino Fundamental**

### **A estrutura da BNCC**

Publicada em 2018, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Ensino Fundamental traça as competências gerais e as competências e habilidades por áreas a serem alcançadas por todos os alunos durante sua escolaridade.

Na BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (Brasil, 2018, p. 8).

Como observam Vieira e Feijó (2018), essa definição explicita uma abordagem do conhecimento como algo de valor instrumental e prático, que deve ser útil para resolver problemas da vida cotidiana e do mundo do trabalho. O currículo deixa de ser pautado por objetivos e conteúdos e passa a ser baseado em competências, gerais ou específicas

- | Ensino-aprendizagem do léxico: análise dos documentos norteadores da Educação Básica e aplicação em sala de aula

de área. Cada componente curricular apresenta um conjunto de habilidades para que as suas competências específicas sejam desenvolvidas. Essas habilidades relacionam-se a diferentes objetos de conhecimento organizados em unidades temáticas, que são adaptadas conforme as especificidades de cada componente curricular.

Na área de Linguagens, especificamente na disciplina Língua Portuguesa, as unidades temáticas aparecem como práticas de linguagem e campos de atuação, uma organização semelhante à dos PCNs. São quatro as práticas de linguagem subordinadas aos campos de atuação – leitura de textos, produção de textos, oralidade e análise linguística/semiótica. Os campos de atuação dos anos finais do ensino fundamental são: artístico-literário, das práticas de estudo e pesquisa, jornalístico-midiático e de atuação na vida pública.

### **O léxico nos campos de atuação e nas habilidades**

Os aspectos relacionados ao léxico são citados em diversas etapas, como na descrição de estratégias e procedimentos de leitura, na seção em que são traçados os objetivos gerais da prática de leitura:

[...]

- Inferir ou deduzir, pelo contexto semântico ou linguístico, o significado de palavras ou expressões desconhecidas.
- Identificar ou selecionar, em função do contexto de ocorrência, a acepção mais adequada de um vocábulo ou expressão. [...] (Brasil, 2018, p. 74).

Nos objetivos gerais da prática de análise linguística e semiótica, pode-se ler:

No que tange ao estilo, serão levadas em conta as escolhas de léxico e de variedade linguística ou estilização e alguns mecanismos sintáticos e morfológicos, de acordo com a situação de produção, a forma e o estilo de gênero” (Brasil, 2018, p. 80).

Na apresentação do componente curricular Língua Portuguesa, em um quadro em que se detalham os objetivos a serem alcançados em cada prática de linguagem; destacam-se, em análise linguística e semiótica:

- Conhecer e perceber os efeitos de sentido nos textos decorrentes de fenômenos léxico-semânticos, tais como aumentativo/diminutivo; sinonímia/antonímia; polissemia ou homonímia; figuras de linguagem; modalizações

epistêmicas, deônticas, apreciativas; modos e aspectos verbais (Brasil, 2018, p. 83);

- Conhecer algumas das variedades linguísticas do português do Brasil e suas diferenças fonológicas, prosódicas, lexicais e sintáticas, avaliando seus efeitos semânticos (Brasil, 2018, p. 83).

**Quadro 1.** Habilidades de Língua Portuguesa com menção direta ao léxico

Ano	Campo	Habilidade
6º a 9º	Jornalístico/ midiático	(EF69LP04) Identificar e analisar os efeitos de sentido que fortalecem a persuasão nos textos publicitários, relacionando as estratégias de persuasão e apelo ao consumo com os recursos linguístico-discursivos utilizados, como [...] <i>jogos de palavras</i> [...].
6º a 9º	Jornalístico/ midiático	(EF69LP05) Inferir e justificar, em textos multissemióticos [...] o efeito de humor, ironia e/ou crítica pelo <i>uso ambíguo de palavras</i> [...].
6º a 9º	Jornalístico/ midiático	(EF69LP17) Perceber e analisar os recursos estilísticos e semióticos dos gêneros jornalísticos e publicitários, os aspectos relativos ao tratamento da informação em notícias, como a ordenação dos eventos, as <i>escolhas lexicais</i> , [...], o uso de recursos persuasivos em textos argumentativos diversos (como <i>escolhas lexicais</i> , [...]).
6º a 9º	Atuação na vida pública	(EF69LP20) Identificar, [...], a lógica de hierarquização de seus itens e subitens e suas partes [...] e analisar efeitos de sentido causados pelo <i>uso de vocabulário técnico</i> , pelo uso do imperativo, <i>de palavras e expressões que indicam circunstâncias</i> , [...].
6º a 9º	Atuação na vida pública	(EF69LP24) Discutir casos, reais ou simulações, submetidos a juízo, que envolvam (supostos) desrespeitos a artigos, do ECA, do Código de Defesa do Consumidor, do Código Nacional de Trânsito, de regulamentações do mercado publicitário etc., como forma de criar familiaridade com textos legais – seu <i>vocabulário</i> , [...].
6º a 9º	Práticas de estudo e pesquisa	(EF69LP42) Analisar a construção composicional dos textos pertencentes a gêneros relacionados à divulgação de conhecimentos: [...] <i>uso de vocabulário técnico/especializado</i> etc., como forma de ampliar suas capacidades de compreensão e produção de textos nesses gêneros.
6º a 9º	Artístico- literário	(EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a <i>escolha lexical</i> típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais [...].

- | Ensino-aprendizagem do léxico: análise dos documentos norteadores da Educação Básica e aplicação em sala de aula

6º a 9º	Artístico-literário	(EF69LP54) Analisar [...] os efeitos de sentido decorrentes do <i>emprego de palavras e expressões denotativas e conotativas</i> (adjetivos, locuções adjetivas, orações subordinadas adjetivas etc.), que funcionam como modificadores, percebendo sua função na caracterização dos espaços, tempos, personagens e ações próprios de cada gênero narrativo.
6º, 7º	Jornalístico/midiático	(EF67LP06) Identificar os efeitos de sentido provocados pela <i>seleção lexical</i> , topicalização de elementos e seleção e hierarquização de informações, uso de 3ª pessoa etc.
6º, 7º	Jornalístico/midiático	(EF67LP07) Identificar o uso de recursos persuasivos em textos argumentativos diversos (como a elaboração do título, <i>escolhas lexicais</i> , construções metafóricas, a explicitação ou a ocultação de fontes de informação) e perceber seus efeitos de sentido.
6º, 7º	Jornalístico/midiático	(EF67LP10) Produzir notícia impressa tendo em vista características do gênero – [...] uso de 3ª pessoa, de <i>palavras que indicam precisão</i> –, e o estabelecimento adequado de coesão e produzir notícia para TV, rádio e internet, [...].
6º, 7º	Todos	(EF67LP34) Formar <i>antônimos</i> com acréscimo de prefixos [...].
6º, 7º	Todos	(EF67LP35) Distinguir <i>palavras</i> derivadas por acréscimo de afixos e palavras compostas.
6º	Todos	(EF06LP03) Analisar diferenças de sentido entre palavras de uma <i>série sinonímica</i> .
7º	Todos	(EF07LP03) Formar, com base em <i>palavras</i> primitivas, palavras derivadas [...].
8º, 9º	Jornalístico/midiático	(EF89LP06) Analisar o uso de recursos persuasivos em textos argumentativos diversos (como [...] <i>escolhas lexicais</i> , [...]) e seus efeitos de sentido.
8º	Todos	(EF08LP05) Analisar processos de <i>formação de palavras</i> por composição (aglutinação e justaposição), apropriando-se de regras básicas de uso do hífen [...].
9º	Todos	(EF09LP12) Identificar <i>estrangeirismos</i> , caracterizando-os segundo a conservação, ou não, de sua forma gráfica de origem, avaliando a pertinência, ou não, de seu uso.

**Fonte:** Elaboração própria com base na BNCC (Brasil, 2018, grifo próprio)

Percebe-se que esses objetivos preveem a análise do contexto. Posteriormente, esses objetivos e diretrizes são detalhados em habilidades relacionadas a práticas de linguagem em um determinado campo de atuação. Essas habilidades, que devem ser desenvolvidas ao longo da escolaridade dos estudantes, estão organizadas textualmente com uma sintaxe padrão específica: *verbo + complemento + modificador*. O verbo indica o processo cognitivo da habilidade, o complemento explicita o objeto de conhecimento mobilizado na habilidade. Por fim, o modificador explicita o contexto ou especifica a aprendizagem esperada.

Das 165 habilidades a serem desenvolvidas em língua portuguesa, de 6º a 9º ano, apenas 18 tratam diretamente do léxico, ou seja, cerca de 10,1%.

Dessas habilidades, 7 (EF69LP04, EF69LP05, EF67LP06, EF89LP06, EF69LP17, EF67LP07, EF67LP10) pertencem ao campo jornalístico/midiático; 6 referem-se a todos os campos de atuação (EF67LP35, EF06LP03, EF07LP03, EF08LP05, EF09LP12, EF67LP34); 2 são do campo de atuação na vida pública (EF69LP20 e EF69LP24), 2 do campo artístico-literário (EF69LP47 e EF69LP54); e 1 (EF69LP42) do campo de práticas de estudos e pesquisa.

Essa distribuição assimétrica do léxico entre os campos revela que ele é tratado apenas parcialmente. Além disso, as habilidades em que consta o léxico, e que se referem a todos os campos de atuação, estão associadas à prática de análise linguística e semiótica, o que demonstra que a BNCC prevê o estudo do léxico como algo apartado da análise contextual, o que é pouco eficaz no desenvolvimento da competência lexical dos estudantes.

Além disso, nota-se que o léxico aparece em apenas uma habilidade voltada exclusivamente a alunos de 8º e 9º anos, sendo que, para a última série do Ensino Fundamental, há menção apenas do uso de estrangeirismo. Infere-se, portanto, que o documento trata o ensino de léxico como algo mais elementar e como se sua aprendizagem cessasse em algum momento da escolaridade.

## O léxico na construção sintática das habilidades

Ao se analisar a sintaxe em que são descritas essas habilidades (verbo + complemento + modificador), percebe-se que a abordagem do léxico ocorre no complemento em 10 das 18 (EF69LP04, EF69LP05, EF69LP20, EF67LP06, EF67LP35, EF06LP03, EF07LP03, EF89LP06, EF08LP05, EF09LP12), como se vê nos exemplos abaixo, sendo 5 relacionadas à prática de leitura e 5 relacionadas à análise linguística e semiótica. Mesmo que ele seja objeto de estudo em 5 habilidades de leitura, ainda falta a previsão do trabalho com o léxico em outras práticas de linguagem. Além disso, mais uma vez, o ensino de léxico é associado a uma abordagem gramatical e descontextualizada em 2 delas, destacando-se a formação de antônimos com acréscimo de prefixos e a análise de séries sinonímicas.

(EF67LP34) Formar *antônimos* com acréscimo de prefixos que expressam noção de negação.

- | Ensino-aprendizagem do léxico: análise dos documentos norteadores da Educação Básica e aplicação em sala de aula

(EF06LP03) Analisar diferenças de sentido entre palavras de uma *série sinonímica* e os efeitos provocados em diferentes gêneros textuais (Brasil, 2018, grifo próprio).

Nas outras 8 habilidades (EF69LP17, EF69LP24, EF69LP42, EF69LP47, EF69LP54, EF67LP07, EF67LP10, EF67LP34), a abordagem do léxico é explicitada apenas no modificador, geralmente como um exemplo, entre muitos outros, de trabalhos que o professor pode desenvolver em sala de aula, como se constata em:

(EF69LP24) Discutir casos, reais ou simulações, submetidos a juízo, que envolvam (supostos) desrespeitos a artigos, do ECA, do Código de Defesa do Consumidor, do Código Nacional de Trânsito, de regulamentações do mercado publicitário etc., como forma de criar familiaridade com textos legais – seu *vocabulário*, formas de organização, marcas de estilo etc. –, de maneira a facilitar a compreensão de leis, fortalecer a defesa de direitos, fomentar a escrita de textos normativos (se e quando isso for necessário) e possibilitar a compreensão do caráter interpretativo das leis e as várias perspectivas que podem estar em jogo.

(EF67LP07) Identificar o uso de recursos persuasivos em textos argumentativos diversos (como a elaboração do título, *escolhas lexicais*, construções metafóricas, a explicitação ou a ocultação de fontes de informação) e perceber seus efeitos de sentido (Brasil, 2018, grifo próprio).

Por fim, a análise dos verbos empregados nessas habilidades permite concluir o papel secundário que os estudos lexicais ocupam na BNCC. Como, muitas vezes, há mais de um verbo numa mesma habilidade, foram identificados 22 verbos nas 18 habilidades. Eles estão relacionados no quadro a seguir:

**Quadro 2.** Verbos das habilidades com menção direta ao léxico

Habilidade	Verbo 1	Verbo 2	Habilidade	Verbo 1	Verbo 2
(EF69LP04)	Identificar	Analisar	(EF09LP12)	Identificar	
(EF69LP05)	Inferir	Justificar	(EF69LP17)	Perceber	Analisar
(EF69LP20)	Identificar	Analisar	(EF69LP24)	Discutir	
(EF67LP06)	Identificar		(EF69LP42)	Reconhecer	
(EF67LP35)	Distinguir		(EF69LP47)	Analisar	
(EF06LP03)	Analisar		(EF69LP54)	Analisar	

(EF07LP03)	Formar		(EF67LP07)	Identificar	
(EF89LP06)	Analisar		(EF67LP10)	Produzir	
(EF08LP05)	Analisar		(EF67LP34)	Formar	

Fonte: Elaboração própria

Entre as habilidades que têm o léxico como objeto em sua sintaxe, há 4 ocorrências de “identificar”, 5 de “analisar” e 1 ocorrência de cada um destes verbos: “inferir”, “distinguir”, “formar” e “justificar”. Embora haja 5 ocorrências de “analisar”, em duas delas, a análise é descontextualizada:

(EF06LP03) Analisar diferenças de sentido entre palavras de uma *série sinonímica*.

(EF08LP05) Analisar *processos de formação de palavras* por composição (aglutinação e justaposição), apropriando-se de regras básicas de uso do hífen em palavras compostas (Brasil, 2018, grifo próprio).

Dessa forma, conclui-se que, semelhantemente aos PCNs, também na BNCC há predominância de habilidades que podem evidenciar uma política de empobrecimento da atividade cognitiva dos estudantes em relação à língua.

### **A exploração de campos semânticos em uma prática de leitura dialógica do conto “Uma vela para Dario” (VD), de Dalton Trevisan**

#### **Habilidades da BNCC para o tratamento do léxico na proposta didática**

Um dos maiores desafios dos professores de Língua Portuguesa na atualidade está em atrelar o ensino do léxico à leitura de textos. Por vezes, o ensino de léxico em sala de aula limita-se ao estudo de aspectos formais, relacionados à formação de palavras, ou a relações de sentido observadas entre palavras isoladas, por exemplo, sem que o estudo seja feito de forma contextualizada. O que se apresenta adiante é uma prática de leitura dialógica, feita a partir do compartilhamento de reflexões e experiências entre professor e aluno, com exploração de recursos lexicais a partir da construção de campos semânticos.

Tendo em vista que o objetivo é a abordagem de recursos léxico-semânticos em um texto literário, que se enquadra no campo artístico-literário e envolve as práticas de linguagem relacionadas à leitura e à análise linguística/semiótica previstas na BNCC, a proposta engloba as seguintes habilidades do documento orientador:

- | Ensino-aprendizagem do léxico: análise dos documentos norteadores da Educação Básica e aplicação em sala de aula

(EF69LP05) Inferir e justificar, em textos multissemióticos [...] o efeito de humor, ironia e/ou crítica pelo *uso ambíguo de palavras, expressões ou imagens ambíguas*, [...].

(EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, *a escolha lexical* típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais [...].

(EF69LP54) Analisar [...] os efeitos de sentido decorrentes do emprego de palavras e *expressões denotativas e conotativas* [...].

(EF67LP07) Identificar o uso de recursos persuasivos em textos argumentativos diversos (como a elaboração do título, *escolhas lexicais, construções metafóricas*, a explicitação ou a ocultação de fontes de informação) e perceber seus *efeitos de sentido*.

(EF06LP03) Analisar diferenças de sentido entre palavras de uma *série sinonímica* (Brasil, 2018, grifo próprio).

Apesar de as habilidades (EF69LP05) e (EF67LP07) indicarem o trabalho com o léxico em gêneros do campo “jornalístico-midiático”, pretende-se, nesta proposta, adaptá-las ao texto literário, estudando o uso da ambiguidade e das escolhas lexicais metafóricas em um texto do campo artístico-literário.

## O campo semântico

Toda palavra participa de um ou mais campos associativos, por ser cercada por uma rede de associações que ligam uma unidade a outra (Ullmann, 1964, p. 498). Essas associações podem ser (1) *semânticas*, (2) *formais* ou (3) *semelhança acidental*<sup>4</sup>, podendo uma relação contemplar um ou mais tipos de associação. São diversas as possibilidades de redes associativas e infinitas as relações possíveis entre as unidades: (1) associação por significado semelhante (feliz, alegre, contente, animado, divertido); (2), por mesmo radical (feliz, felicidade, felizmente) ou até mesmo (3) por terminação (feliz, nariz, chafariz), por exemplo.

O foco do campo associativo está em elencar todas as possíveis relações (formais, semânticas ou acidentais) entre unidades lexicais; já o objetivo dos campos semânticos,

---

4 Ullmann (1964) denomina “semelhança acidental” a relação associativa entre palavras pelas quais não se possa estabelecer uma relação de padrão formal.

um tipo de campo associativo, está em organizar, classificar e categorizar conceitos e significados de unidades lexicais em um determinado idioma ou enunciado. Isso significa que o campo semântico é aquele composto por unidades que se associam semanticamente. Portanto, pode-se afirmar que os campos associativos são hiperônimos de outros campos, por exemplo, das *esferas conceituais* (Ullmann, 1964, p. 508) ou dos *campos semânticos* (Biderman, 1978, p. 150).

No campo semântico, a ênfase recai sobre o conceito e o significado. Neles, há organização, categorização e sistematização do léxico de um idioma ou enunciado a partir de relações semânticas e, em cada um deles, as unidades lexicais e suas relações de sentido contribuem para delimitar outros campos, formando um imenso sistema integrado.

O estudo dos campos semânticos também pode contribuir para análise do pensamento de uma determinada comunidade. Por exemplo, a inclusão, exclusão ou mudança de uma unidade lexical de uma esfera conceitual pode representar uma mudança de pensamento da sociedade de uma época e, conseqüentemente, como as pessoas organizam a língua. Essa teoria coloca em evidência a relação entre a linguagem e o pensamento, mostrando como uma sociedade modifica, cristaliza ou exclui determinada unidade de uma esfera conceitual a partir de seu modo de ver o mundo (Ullmann, 1964, p. 523-524).

A maneira como se organiza e se categoriza o léxico por meio dos campos semânticos pode exprimir a visão de mundo de uma sociedade de uma determinada época. Como se hierarquizam os cargos militares, como se organizam as classificações da fauna e da flora e a maneira como são agrupadas as cores, são exemplos de campos que podem expressar não só como uma sociedade organiza o léxico de seu idioma como também a partir de que perspectiva enxerga o mundo.

### **O conto “Uma vela para Dario”**

Dalton Trevisan, escritor brasileiro, tornou-se conhecido pela publicação de livros de contos. Um de seus contos mais famosos é “Uma vela para Dario”, publicado pela primeira vez no livro *Cemitério de Elefantes* (1980). É narrado em terceira pessoa e mostra a aflição da personagem Dario ao sofrer um mal súbito. A história coloca em evidência a reação dos transeuntes ao perceberem que um desconhecido passava mal no meio da rua. Segue o conto:

- | Ensino-aprendizagem do léxico: análise dos documentos norteadores da Educação Básica e aplicação em sala de aula

### *Uma vela para Dario*

*Dario vem apressado, guarda-chuva no braço esquerdo. Assim que dobra a esquina, diminui o passo até parar, encosta-se a uma parede. Por ela escorrega, senta-se na calçada, ainda úmida de chuva. Descansa na pedra o cachimbo.*

5 *Dois ou três passantes à sua volta indagam se não está bem. Dario abre a boca, move os lábios, não se ouve resposta. O senhor gordo, de branco, diz que deve sofrer de ataque.*

10 *Ele reclina-se mais um pouco, estendido na calçada, e o cachimbo apagou. O rapaz de bigode pede aos outros se afastem e o deixem respirar. Abre-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe tiram os sapatos, Dario rouqueja feio, bolhas de espuma surgem no canto da boca.*

15 *Cada pessoa que chega ergue-se na ponta dos pés, não o pode ver. Os moradores da rua conversam de uma porta a outra, as crianças de pijama acodem à janela. O senhor gordo repete que Dario sentou-se na calçada, soprando a fumaça do cachimbo, encostava o guarda-chuva na parede. Mas não se vê guarda-chuva ou cachimbo a seu lado.*

*A velhinha de cabeça grisalha grita que ele está morrendo. Um grupo o arrasta para o táxi da esquina. Já no carro a metade do corpo, protesta o motorista: quem pagará a corrida? Concordam chamar a ambulância. Dario conduzido de volta e recostado à parede não tem os sapatos nem o alfinete de pérola na gravata.*

20 *Alguém informa da farmácia na outra rua. Não carregam Dario além da esquina; a farmácia no fim do quarteirão e, além do mais, muito peso. É largado na porta de uma peixaria. Enxame de moscas lhe cobrem o rosto, sem que façam um gesto para espantá-las.*

25 *Ocupado o café próximo pelas pessoas que apreciam o incidente e, agora, comendo e bebendo, gozam as delícias da noite. Dario em sossego e torto no degrau da peixaria, sem o relógio de pulso.*

*Um terceiro sugere lhe examinem os papéis, retirados com vários objetos de seus bolsos e alinhados sobre a camisa branca. Ficam sabendo do nome, idade, sinal de nascença. O endereço na carteira é de outra cidade.*

30 *Registra-se correria de uns duzentos curiosos que, a essa hora, ocupam toda a rua e as calçadas: é a polícia. O carro negro investe a multidão. Várias pessoas tropeçam no corpo de Dario, pisoteado dezessete vezes.*

35 *O guarda aproxima-se do cadáver, não pode identificá-lo os bolsos vazios. Resta na mão esquerda a aliança de ouro, que ele próprio quando vivo só destacava molhando no sabonete. A polícia decide chamar o rabecão.*

*A última boca repete. Ele morreu, ele morreu. A gente começa a se dispersar. Dario levou duas horas para morrer, ninguém acreditava estivesse no fim. Agora, aos que alcançam vê-lo, todo o ar de um defunto.*

40 *Um senhor piedoso dobra o paletó de Dario para lhe apoiar a cabeça. Cruza as mãos no peito. Não consegue fechar olho nem boca, onde a espuma sumiu. Apenas um homem morto e a multidão se espalha, as mesas do café ficam vazias. Na janela alguns moradores com almofadas para descansar os cotovelos.*

*Um menino de cor e descalço vem com uma vela, que acende ao lado do cadáver. Parece morto há muitos anos, quase o retrato de um morto desbotado pela chuva.*

45 *Fecham-se uma a uma as janelas. Três horas depois, lá está Dario à espera do rabecão. A cabeça agora na pedra, sem o paletó. E o dedo sem a aliança. O toco de vela apaga-se às primeiras gotas da chuva, que volta a cair.*

## Desenvolvimento da proposta

As etapas da proposta de leitura dialógica do conto VD, de Dalton Trevisan são: a) contextualização do *corpus*; b) leitura em voz alta; c) levantamento dos temas do texto; d) direcionamento para campos semânticos em oposição e e) construção desses campos. A atividade é indicada para o 9º ano do Ensino Fundamental Anos Finais e as etapas compõem uma prática dialogada entre o professor e os alunos.

A atividade deve ter início com um diálogo acerca do contexto de produção e circulação do conto. O professor deve propor uma pesquisa, seguida de uma conversa sobre a função do gênero, público-alvo, suporte etc. (etapa a) Após essa etapa, deve ser feita a leitura do conto (etapa b) e, em seguida, o professor deve, com os alunos, levantar os temas do conto (etapa c), visando estruturar os campos semânticos a partir de quatro universos em oposição: vida-morte e abandono-proteção (etapa d). A escolha desses universos (campos semânticos) está atrelada à macroestrutura do *corpus* e tem por objetivo principal proporcionar um meio para análise das unidades lexicais do conto.

Nesse momento, é importante que a seleção de unidades lexicais que irão compor os campos seja realizada com os alunos. O papel do professor é conduzir a atividade a fim de se obter, aproximadamente, a constituição vista abaixo no Quadro 3.

- | Ensino-aprendizagem do léxico: análise dos documentos norteadores da Educação Básica e aplicação em sala de aula

### Construção dos campos em oposição *Vida e Morte* (etapa e)

Nessa etapa de construção dos campos semânticos *Vida e Morte*, tem-se a expectativa de que os alunos e o professor cheguem a este resultado aproximado:

**Quadro 3.** Expectativa para os campos semânticos *Vida e Morte*

VIDA	MORTE
<i>vem (apressado)</i> <i>dobra</i> <i>encosta-se</i> <i>senta-se</i> <i>escorrega</i> <i>descansa</i> <i>abre</i> <i>move</i>	<i>à espera</i> <i>morreu</i> <i>corpo</i> <i>cadáver</i> <i>defunto</i> <i>homem morto</i> <i>morto</i>

Fonte: Elaboração própria

### Ação x estaticidade

Primeiramente, o professor pode perguntar aos alunos quais unidades do conto devem ser enquadradas no campo *Vida*. Nesse momento, cabe ao docente conduzir os alunos a pensar em unidades lexicais que possuam sentido dinâmico e, neste caso, observar as ações realizadas pela personagem principal enquanto ainda estava viva.

O professor deve levar os alunos a perceberem que as unidades lexicais que preveem dinamismo estão ligadas a Dario apenas no começo do conto, como as destacadas a seguir:

- (1) “Dario *vem apressado*, guarda-chuva no braço esquerdo” (linha 1);
- (2) “*dobra* a esquina” (linha 1);
- (3) “*encosta-se* na parede” (linha 2);
- (4) “*escorrega e senta* na calçada” (linhas 2 e 3);
- (5) “*descansa* na pedra o cachimbo” (linha 3);
- (6) “*abre* a boca” (linha 4);
- (7) “*move* os lábios” (linhas 5).

O objetivo é que os alunos percebam que essas palavras dinâmicas estão ligadas ao ritmo da narrativa, no início, acelerado como o ritmo da vida. É importante que, nesse momento, o professor relacione o ritmo dinâmico estabelecido pelas unidades lexicais destacadas e o emprego de elipse do verbo na segunda oração “Dario vem apressado, guarda-chuva no braço esquerdo”<sup>5</sup> (linha 1), recurso que imprime a voracidade com que, possivelmente, Dario luta pela vida, já que as palavras em destaque são ações realizadas pela personagem durante o seu mal súbito.

A temporalidade da narrativa é fator importante, pois, a partir da morte de Dario, o ritmo da história torna-se outro. Não mais acelerado, como no início (pelo emprego das palavras com sentido de movimento), mas sim, vagaroso, para intensificar o abandono de Dario. Por isso, o professor deve chamar a atenção dos alunos para o fio rítmico da narrativa.

Realizada a condução do raciocínio acerca do ritmo temporal no conto, os alunos possivelmente encontrarão facilidade em reconhecer unidades lexicais que possuem sentido oposto àquelas destacadas para compor o campo *Vida*. Espera-se, nesse momento, que os alunos identifiquem “à espera”, retirada do trecho “Três horas depois, lá está Dario à espera do rabeção” (linha 46) e “morreu”, do trecho “A última boca repete: - Ele *morreu*, ele *morreu!*” (linha 36) como unidades do campo *Morte*, que preveem estaticidade, em oposição às do campo *Vida*; pois mostram Dario passivo aos acontecimentos.

Esse é o momento de o professor chamar a atenção, novamente, para o ritmo da narrativa: agora, mais lento, vagaroso para enfatizar o abandono de Dario e a indiferença dos transeuntes à situação, já que a maioria deles não mexe um dedo para auxiliar Dario, ou seja, não se movimentam para ajudar a personagem nem antes, nem depois de sua morte, o que demonstra falta de empatia, de solidariedade e de respeito à vida humana. O professor pode usar como exemplo o trecho “Dario demorou duas horas para morrer” e “as gotas de chuva caíam uma a uma” para expressar essa ideia de ritmo vagaroso ligado ao abandono.

### Os parassinônimos de “Dario”

Encerrada a discussão sobre o ritmo narrativo, o professor deve explorar as palavras que substituem o nome “Dario” ao longo da narrativa. Nesse momento, espera-se que os

---

5 Nesse período, pode-se notar como a ausência de um verbo na segunda frase “guarda-chuva no braço esquerdo” insere à narrativa um ritmo veloz. Caso a frase fosse construída sem a elipse: “Dario vem apressado, em seu braço esquerdo *carrega* um guarda-chuva”, por exemplo, a dinamicidade teria sido desconstruída. Isso evidencia que os aspectos sintáticos também podem inferir ritmo à narrativa.

- | Ensino-aprendizagem do léxico: análise dos documentos norteadores da Educação Básica e aplicação em sala de aula

alunos identifiquem que todas essas unidades estão ligadas diretamente ao campo *Morte* e que, de certa forma, contribuem para transmitir a ideia de anonimato à personagem, pois Dario, depois de morto, nem sequer é visto como ser humano, é tratado como um corpo, o que demonstra total falta de empatia e solidariedade por parte das outras personagens.

É necessário que o professor observe, com os alunos, que o nome de Dario é citado até o final do conto, mas que, em momentos de abandono, Dario tem seu nome substituído por parassinônimos:

- (1) “Várias pessoas tropeçam no *corpo* de Dario” (linha 32);
- (2) “o guarda aproxima-se do *cadáver*” (linha 33); “todo o ar de um *defunto*” (linha 38),
- (3) “apenas um *homem morto*” (linha 41),
- (4) “ao lado do *cadáver*” (linha 43);
- (5) “retrato de um *morto* desbotado pela chuva” (linha 44).

Deve-se ressaltar que o sentido de estaticidade também acompanha algumas unidades. Por exemplo, a unidade lexical “retrato” do trecho “*retrato* de um morto desbotado pela chuva” (linha 44) também possui sentido estático, pois não se capturam movimentos nos retratos, eles são recortes no tempo.

## Considerações finais

No final da década de 1990, uma visão inovadora do ensino de língua portuguesa chegou aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (Brasil, 1998), um dos documentos orientadores da educação básica brasileira, como resultado das várias Teorias do Discurso que surgiram na Linguística a partir da década de 1970.

Cerca de 20 anos após a publicação dos PCNs, a publicação da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018) consolidou a linguagem como ação interlocutiva e firmou teoria dos gêneros discursivos como orientador das aulas de língua materna. Nessa perspectiva, é durante a leitura e a produção de textos que deve ocorrer a análise linguística e semiótica. Assim, o estudo dos recursos léxico-gramaticais deve estar associado às práticas de leitura/escuta e produção de textos escritos, orais e multissemióticos.

No entanto, o que se observa é que a léxico-gramática tem sido preterida ou é abordada como um conteúdo independente ou em uma perspectiva normativa, o que fica evidente na análise dos documentos oficiais do ensino básico brasileiro. Apesar de

haver, nesses documentos, o reconhecimento da importância do léxico como elemento estruturador do texto, verifica-se que os elementos léxico-gramaticais ocupam espaço secundário nas orientações aos professores nos PCNs (Brasil, 1998) e nas habilidades da BNCC (Brasil, 2018).

Nos PCNs (Brasil, 1998), embora os objetivos gerais reconheçam o estudo do léxico como forma de ampliação da competência discursiva dos sujeitos, ele é vinculado ao item “prática de análise linguística” e dissociado das práticas de escuta de textos orais e leitura de textos escritos e de produção de textos orais e escritos. Além disso, é associado a atividades cognitivas mais simples, com o uso de verbos como “identificar”.

Da mesma forma, na BNCC (Brasil, 2018), os objetivos destacam a importância da análise contextual para o estudo do léxico. Entretanto, ele é tratado de forma apartada e como complemento da habilidade, não como objeto de estudo. Ademais, os verbos que indicam a habilidade cognitiva dos estudantes ao tratar do léxico não pressupõem habilidades mais sofisticadas, havendo também predominância de ações como “identificar”.

Mesmo que a BNCC (Brasil, 2018) apresente apenas duas habilidades de estudo do léxico no campo artístico-literário, uma abordagem semântica-discursiva dos itens lexicais em um texto literário pode ser produtiva, tendo em vista que o uso criativo do léxico é explorado de forma mais intensa no gênero literário. A partir da criação de campos semânticos, é possível colocar em evidência uma série de relações de sentido (sinonímia, antonímia, ambiguidade e polissemia, por exemplo).

A leitura dialógica e a aplicação de atividades que organizem o texto a partir de campo semântico pode auxiliar na ampliação do sentido das palavras, colocando em evidência quais características de seu sentido mais frequente<sup>6</sup> permanecem e o que foi ampliado ou modificado, cedendo lugar a um significado estilístico. Além disso, compreendendo o sentido figurado<sup>7</sup> das escolhas e criações lexicais do autor, pode-se entender seu lugar no discurso e a combinatória realizada, tendo em vista que as palavras não existem de forma isolada.

Espera-se que este trabalho auxilie o professor de língua portuguesa na tarefa de abordar o texto literário em sala de aula a partir de uma reflexão sobre o léxico, que pode

---

6 Aplica-se, neste caso, a teoria de Polguère (2018) sobre os sentidos primitivos das palavras. Para o autor, todas as palavras teriam um sentido primário, original, que desencadearia outros sentidos periféricos. Antunes (2012) denomina este caso de “sentido básico”, ao qual se agregam outros sentidos.

7 Entende-se por sentido figurado aquele em que as palavras e expressões permitem diferentes significados e interpretações a depender do contexto de uso. Nesse caso, há um afastamento do sentido literal.

- | Ensino-aprendizagem do léxico: análise dos documentos norteadores da Educação Básica e aplicação em sala de aula

ser uma vereda para se evidenciar a importância da articulação entre a literatura e os estudos linguísticos, principalmente, o ensino de vocabulário.

## Referências

ANTUNES, I. **Território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria Linguística**: linguística quantitativa e computacional. Livros técnicos e científicos: Rio de Janeiro, 1978.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: introdução. Brasília, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa. Brasília, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2023.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: [s.n.], 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 10 ago. 2023.

CHAVES, P. M. Uma base para a semiformação socializada: a vulgarização da crítica como estratégia de produção do consenso. **Educação em Revista**, v. 37, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/tcbSDFrZgfXTbBwN6Gx7Yz/?lang=pt>. Acesso em: 16 ago. 2023.

COSERIU, E. **Principios de semántica estructural**. Madrid: Editorial Gredos, 1977.

GIL, B. D. Recursos léxico-gramaticais no ensino da língua portuguesa. **Revista do GEL**, v. 19, n. 1, p. 100-118, 2022. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/3395>. Acesso em: 15 jan. 2024.

KLEIMANN, A. Apresentação. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola, 2010. p. 9-15.

LEFFA, V. J. **As palavras e sua companhia**. Pelotas: EDUCAT, 2000.

POLGUÈRE, A. **Lexicologia e semântica lexical**: noções fundamentais. São Paulo: Contexto, 2018

RIO TORTO, G. O léxico: semântica e gramática das unidades lexicais. *In*: ATHAYDE, M. F. **Estudos sobre léxico e gramática**. Coimbra: CIEG/FLUC, 2006. p. 11-34. (Cadernos do Cieg 23). Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/13412/1/O%20L%c3%a9xico%20%3a%20sem%c3%a2ntica%20e%20gram%c3%a1tica%20das%20unidades%20lexicais.pdf>. Acesso em: 16 out. 2023.

TREVISAN, D. **Cemitério dos Elefantes**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1980.

ULLMANN, S. **Semântica**: uma introdução à ciência do significado. Tradução J. A. Osório Matheus. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VIEIRA, J. S.; FEIJÓ, J. R. de O. A Base Nacional Comum Curricular e o conhecimento como *commodity*. **Educação Unisinos**, v. 22, n. 1, p. 35-43, jan./mar. 2018. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2018.221.04>. Acesso em: 16 ago. 2023.

VILELA, M. **Estudos de lexicologia do português**. Coimbra: Almedina, 1994.

---

**COMO CITAR ESTE ARTIGO:** GIL, Beatriz Daruj; BARUEL, Fernanda Rodrigues; CASTRO, Dafne Rodrigues Alvares de. Ensino-aprendizagem do léxico: análise dos documentos norteadores da Educação Básica e aplicação em sala de aula. **Revista do GEL**, v. 21, n. 1, p. 79-103, 2024. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>.

Submetido em: 07/11/2023 | Aceito em: 23/01/2024.

---

# A TRAJETÓRIA DE ABSTRAÇÃO DO VERBO *CHEGAR*: ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE (NOVIDADE)

Paulo Victor Almeida GALVÃO<sup>1</sup>

Jussara ABRAÇADO<sup>2</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v20i3.3724>

**Resumo:** Este artigo baseia-se em pesquisa de tese de doutorado e tem como proposta demonstrar a evolução da abstração do verbo *chegar* verificada em análise de *slogans* coletados do site [www.propagandasemrevistas.com.br](http://www.propagandasemrevistas.com.br), que conta com um acervo de mais de 6000 peças publicitárias publicadas originalmente em revistas. Ao todo foram encontradas, em peças publicitárias publicadas entre os anos de 1971 e 2010, 142 ocorrências do verbo *chegar*. A análise, de natureza qualitativa e quantitativa dessas ocorrências, sob a perspectiva teórica da Linguística Cognitiva – fundamentada sobretudo nas noções de mente corporificada, esquemas imagéticos e dêixis-, reforçada por contribuições importantes de estudos anteriores sobre mudança por gramaticalização e propriedades do verbo *chegar*, levou-nos à constatação de que o sentido espacial, mais básico, mais concreto de *chegar* deu lugar também a usos mais abstratos, com noções de tempo e de novidade. Neste trabalho, expomos os achados dessa pesquisa e, a partir da análise de 12 peças publicitárias, apresentamos evidências e explicações sobre: (i) a trajetória de abstração do verbo *chegar* de espaço para tempo e de tempo para qualidade, de onde emerge a noção de novidade, que caracteriza seu uso em peças publicitárias; (ii) a relação entre o verbo *chegar*, conjugado no pretérito perfeito, a ordem V SN e a emergência da noção de tempo e de novidade referida em (i).

**Palavras-chave:** Verbo *chegar*. Trajetória de abstração. Espaço. Tempo. Novidade.

---

1 Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil; [paulovictor.ag@gmail.com](mailto:paulovictor.ag@gmail.com); <https://orcid.org/0009-0008-7538-2214>

2 Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil; [mjabracadoalmeida@id.uff.br](mailto:mjabracadoalmeida@id.uff.br); <https://orcid.org/0000-0002-1050-9500>

- | A trajetória de abstração do verbo chegar: Espaço > Tempo > Qualidade (Novidade)

## *THE ABSTRACTION TRAJECTORY OF THE VERB CHEGAR (TO ARRIVE): SPACE > TIME > QUALITY (NOVELTY)*

**Abstract:** This paper is based on doctoral thesis research and aims to demonstrate the evolution of abstractization of the verb *chegar (to arrive)* verified in analysis of slogans collected from the website [www.propagandasemrevistas.com.br](http://www.propagandasemrevistas.com.br), which has a collection of more than 6000 advertising pieces originally published in magazines. In total, 142 occurrences of the verb *chegar (to arrive)* were found in advertising pieces published between 1971 and 2010. The qualitative and quantitative analysis of these occurrences, under the theoretical bias of Cognitive Linguistics, based mainly on the notions of embodied mind, image schemes and deixis, reinforced by important contributions from previous studies on change by grammaticalization and properties of the verb *chegar (to arrive)* led us to the realization that the idea of space, more basic, more concrete of the verb *chegar (to arrive)* also gave way to more abstract uses, with notions of time and novelty. In this paper, we present the findings of this research and, based on the analysis of 12 advertising pieces, we present evidences and explanations about: (i) the trajectory of abstraction of the verb *chegar (to arrive)* from space to time and from time to quality, from which the notion of novelty that characterizes its use in advertising pieces emerges; (ii) the relationship between the verb *chegar (to arrive)*, in the past tense, order V SN, and the emergence of the notion of time and novelty referred to in (i).

**Keywords:** Verb *chegar (to arrive)*. Abstraction trajectory. Space. Time. Novelty.

### **Objeto de estudo**

O verbo *chegar*, que constitui o cerne do nosso estudo, de acordo com Faggion (2012), tem origem no verbo latino *plicāre*, que, conforme o *Dicionário escolar latino-português*, de Ernesto Faria, significa “dobrar, redobrar, dobrar de novo” (Faria, 1962). Segundo Cunha (2010), *plicāre* pertencia à linguagem náutica e sua evolução semântica é explicada pelo fato de os marinheiros dobrarem e enrolarem as velas da embarcação todas as vezes que se estabeleciam no porto, isto é, todas as vezes que chegavam ao porto. O significado de *plicāre* então evoluiu de “dobrar” para “chegar ao porto” e, posteriormente, passou a designar, de forma genérica, o ato de atingir um ponto determinado. Note-se que, ainda hoje, *chegar* carrega um sentido bastante concreto, indicando um destino final em um ponto físico no espaço.

Em seu *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, Antenor Nascentes (1955 *apud* Rocha; Sousa, 2019, p. 137) esclarece que os verbos *ir* e *vir* eram os únicos usados para

referência à chegada e à saída de alguém e que, posteriormente, o verbo *chegar* passou a ser utilizado especificamente para referência ao atingimento de um ponto físico, aproximando-se da definição do verbete dada por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira: “atingir o termo do movimento de ida ou vinda” (Buarque de Holanda Ferreira, 2010).

Percebe-se, então, uma evolução nos usos do verbo *chegar*, que, além de movimento no espaço físico, passou a indicar um movimento abstratizado, no espaço-tempo (Castilho, 1997, p. 47). Castilho (1997) explica que esse fenômeno, que também se observa com os verbos *ir* e *vir* é resultante da metáfora de tempo como espaço, evidenciando “um movimento que vai de um sentido básico, mais concreto, para sentidos derivados, mais abstratos” (Castilho, *idem*, p. 47). Desse modo, Vicente (2014, p. 100) assevera que “há uma linha tênue entre as categorias de tempo e espaço”. Assim, a metáfora de tempo como espaço permite a conceptualização do tempo como se fosse um espaço ao qual se pode chegar ou como se fosse uma entidade que se desloca através do espaço.

Alonso Júnior (2023), por sua vez, apoia-se na ontogênese da forma para postular a “movimentalidade” como fundante e por isso permanente em sua “fiscalidade concreta”. Como tal, considera não haver passagem da metáfora espacial para a metáfora temporal e postula ocorrer “a agregação da abstratividade da segunda na concretividade da primeira que, portanto, se mantém” (*idem*, p. 674).

## Modelo teórico

A Linguística Cognitiva (LC) é uma teoria relativamente recente, surgida no final da década de 1970, com o crescente interesse pela relação entre cognição e linguagem. Apóia-se em princípios como a integração entre o conhecimento de mundo e as capacidades cognitivas, de tal modo a analisar o significado linguístico com base no uso e na experiência. Nesse viés, a linguagem não é entendida como forma de comunicação apenas. As palavras não são receptáculos de significados estanques ou etiquetas das coisas do mundo.

A LC argumenta que não há uma distinção entre o significado das palavras, que chamamos conhecimento de dicionário, e o conhecimento não linguístico (conhecimento de mundo). Sustenta que o significado linguístico é enciclopédico e não autônomo, isto é, está associado ao conhecimento de mundo e é perspectivista. Para a LC, a linguagem se forma pela cognição, estando vinculada às experiências físicas, corporais e sensorio-motoras básicas. Essa teoria linguística postula, então, que a relação entre a linguagem e o mundo que nos cerca é mediada pela cognição.

- | A trajetória de abstração do verbo chegar: Espaço > Tempo > Qualidade (Novidade)

A Linguística Cognitiva não constitui, entretanto, um campo teórico unificado. Trata-se de uma ciência interdisciplinar. Por isso, Geeraerts (2006) compara a LC a um grande arquipélago, composto por várias ilhas, cada uma delas concebendo uma abordagem relativamente autônoma, mas que compartilha com as demais uma série de postulados, entre os quais, os referentes ao experiencialismo, à corporificação da mente e à perspectivação conceptual.

Segundo a teoria da mente corporificada, haveria um “dentro”, representado pela mente, que apresenta os eventos externos (o que seria o “fora” representado pelo corpo físico e suas relações com o mundo) por meio de ideias e conceitos. Assim, “corpo-aspectos motores e perceptuais, mente–raciocínio abstrato não são vistos como instâncias separadas na constituição humana” (Ferreira, 2010, p. 25). Em outras palavras, nós não nascemos com uma mente “pronta” para raciocinar; a mente não é uma faculdade preconcebida, mas, sim, um processo construído ao longo da vida, já que “emerge por meio da interação entre organismo e ambiente físico, social e cultural” (Miranda, 2015, p. 36).

Exemplos dessa relação entre a linguagem e a experiência do corpo com o ambiente são os usos metafóricos, em que os órgãos do corpo humano auxiliam na construção de sentidos. Assim, a cabeça, que é parte superior do corpo, associa-se à parte de cima de objetos (como se percebe nas expressões cabeça do alfinete ou de cabeça para baixo). Subjacentes a tais usos, estão as relações corpóreo-espaciais que o ser humano mantém com o meio à sua volta, como orientação, movimento, forma etc., e que são as bases dos esquemas imagéticos, que, por sua vez, são estruturas cognitivas procedentes das experiências sensório-motoras que proporcionam ao ser humano as noções de orientação, forma, equilíbrio, entre outras. Esse aparato é “universal” no sentido de que a espécie humana, a exemplo das demais espécies, compartilha uma configuração corpórea. Sendo assim, as interações físicas com o ambiente são vivenciadas pelos humanos de modo muito semelhante e, conseqüentemente, a configuração das estruturas cognitivas decorrentes dessas experiências também segue um padrão (Johnson, 1987). Os Esquemas Imagéticos constituem um nível pré-verbal e, sobretudo, não-consciente, emergente, de sentido. Eles são padrões instanciados nos mapas neuronais topológicos que compartilhamos com outros animais, embora nós, como seres humanos, possuamos esquemas imagéticos específicos, que são mais ou menos característicos do nosso tipo de corpo e das características dos ambientes em que vivemos. Apesar de serem pré-verbais, eles desempenham um papel importante na sintaxe, na semântica e na pragmática das línguas naturais. Eles estão no cerne do significado, e são a base de linguagem, do raciocínio abstrato, e de todas as formas de interação simbólica (Johnson, 2007, p. 145).

A lista de esquemas imagéticos que os humanos utilizam é extensa, podendo ser referentes a experiências estáticas, como CONTÊINER, CENTRO-PERIFERIA, PARTE-TODO, e dinâmicas, como TRAJETÓRIA e ESCALA.

O esquema imagético de TRAJETÓRIA, inerente aos usos de *chegar*, fundamenta-se no deslocamento de um corpo a partir de uma origem, ao longo de um percurso, para chegar a um destino. Trata-se, então, do deslocamento de um TRAJETOR em direção a um MARCO, pressupondo-se um ponto de partida e um ponto de chegada. Os esquemas imagéticos, em especial o de TRAJETÓRIA, relacionam-se com expressões dêiticas, sobretudo as espaciais, como se percebe em certas ocorrências do verbo *chegar*, como em: “É mais ou menos assim que você chega na Alemanha quando viaja numa poltrona apertada” (Tam, 2001)<sup>3</sup>. Nesse caso, a 2ª pessoa discursiva do singular (*você*), o potencial interlocutor, é o TRAJETOR e a Alemanha, o MARCO. Cumpre ressaltar que o verbo *chegar* perspectiva o final da trajetória, enquanto *partir*, por exemplo, perspectiva seu início.

Relacionada aos esquemas imagéticos está outra importante noção: a de dêixis. Dêixis é um fenômeno essencialmente (inter)subjeto, uma vez que o *eu*, que constitui o centro da enunciação, instaura o *tu*, assim como, o *aqui* e o *agora*. Dessa forma, a rede de referenciação instituída pela dêixis é determinada por seu caráter egocêntrico. O locutor, ao dizer *eu*, abre o mapa de todas as coordenadas enunciativas. Por conta disso, a dêixis pessoal é entendida como a gênese das dêixis espacial e temporal.

Os dêiticos espaciais (ou de lugar) indicam maior ou menor proximidade com o lugar ocupado pelo locutor; desse modo, “se ligam a noções físicas de localização e deslocamentos” (Moraes, 2018, p. 62). Os dêiticos temporais têm como marco referencial o *agora*, manifestando-se por meio de advérbios de tempo e dos tempos verbais.

A partir da ideia de que existe um centro dêitico egocêntrico (*eu-aqui-agora*), o verbo *chegar* proporciona uma relação do corpo com o meio à sua volta, indicando afastamento ou aproximação. Nesse sentido, o nível de abstração sobe uma escala quando *chegar* é empregado em referência a um deslocamento temporal, e não apenas espacial (mais concreto). Em nível maior de abstração, esse verbo pode traduzir uma noção de qualidade, em referência a algo que chegou recentemente, e por isso é mais novo ou melhor, conforme explicaremos mais adiante.

Outro importante referencial teórico para o presente estudo é a trajetória de gramaticalização, que consiste na emergência de novos significados (mais abstratos) a partir de formas já existentes na língua (de significação inicialmente mais concreta).

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://propagandasemrevistas.com.br/propaganda/5878/>. Acesso em: 18 abr. 2019.

- | A trajetória de abstração do verbo chegar: Espaço > Tempo > Qualidade (Novidade)

Heine *et al.* (1991 *apud* Abraçado, 2003, p. 109) propôs uma escala para demonstrar como conceitos mais concretos evoluem para conceitos mais abstratos. A escala proposta é a seguinte: PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE:

De acordo com tal escala, a gramaticalização ocorre quando, por exemplo, itens lexicais que designam partes do corpo passam a designar objetos ou quando aqueles que designam noções espaciais passam a designar noções temporais. Não é considerada a possibilidade de o processo ocorrer num sentido contrário ao estabelecido pela escala, uma vez que, de acordo com o que se postula, a gramaticalização segue um rumo que vai sempre do [+ concreto] para o [- concreto] (Abraçado, 2003, p. 109).

No que diz respeito ao verbo objeto deste estudo, observamos que *chegar* gradativamente assume significados mais abstratos e intangíveis, de tal modo que “as características físicas denotadas prototipicamente por esse verbo passam a não desempenhar um papel central na representação dos sentidos mais periféricos” (Gil; Pinto; Gouvêa, 2019, p. 15).

Langacker (2019), para quem as mudanças por gramaticalização se explicam pelo processo de subjetivação, elenca alguns fatores que apontam para a subjetivação: (i) a transposição de um domínio mais concreto para um domínio mais abstrato<sup>4</sup>; (ii) a perda da especificidade inicial, que possibilita o uso em contextos mais genéricos; (iii) a manutenção do esquema imagético. Tais condições ocorrem com o verbo *chegar*, que passou por mudanças fonológicas e semânticas ao longo de sua história.

Na sociedade contemporânea, esse verbo é usado com sentidos diferentes daqueles de sua forma latina *plicāre*. Na extensão de significados, *chegar* passou a se referir também a “lugares” abstratos. Portanto, ainda que usos com referentes mais concretos (como “chegar ao porto”) ainda sejam produtivos na língua, há também usos com referentes mais abstratos (como “chegar à conclusão” ou “chegar ao delírio”).

Entretanto, apesar dessa mudança semântica a que *chegar* está submetido, nos usos metafóricos (mais abstratos), mantém-se o esquema imagético de TRAJETÓRIA, já que o sentido original de deslocamento espacial passou também a significar um deslocamento

---

4 A noção de domínio foi definida por Langacker (1987, p. 488) como “uma área coerente de conceptualização em relação à qual unidades semânticas podem ser caracterizadas”. Conforme Ferrari (2022, p. 19), o conceito [*goiaba*], por exemplo, “inclui a especificação para sua forma no domínio espacial e/ou visual; a configuração de sua cor, no espaço cromático; a localização de seu gosto, no domínio das sensações de paladar/cheiro”. Há ainda especificações relacionadas ao conhecimento de que goiabas são comestíveis, que crescem em árvores etc.

virtual, ou seja, mental. Em outras palavras, o deslocamento espacial dá lugar ao movimento subjetivo, por parte do conceptualizador, que traça um percurso mental, em uma direção específica. Rocha e Sousa (2019, p. 134) argumentam que a ideia de movimento é um traço do uso prototípico de *chegar* que permanece mesmo nos usos mais abstratos.

Para Alonso Júnior (2023), como já mencionamos, a explicação está na ontogênese da forma. O autor entende a “movimentalidade” como fundante e por isso mesmo permanente em sua “fiscalidade concretiva”. A motivação concretiva, segundo ele, se mantém mesmo na abstratividade e, assim sendo, considera não haver passagem da metáfora espacial para a metáfora temporal. O que há, assevera Alonso Júnior (2023, p. 674), “é a agregação da abstratividade da segunda na concretividade da primeira que, portanto, se mantém”.

Em análise específica de *slogans* publicitários com o verbo *chegar*, nos termos de Langacker (2019), percebe-se que o produto anunciado geralmente é o TRAJETOR, que se move (metaforicamente ao longo do tempo) em direção ao MARCO, que normalmente é o centro dêitico, compartilhado pelo conceptualizador e pelo público consumidor. Isso é percebido em diversos motes publicitários, em que se sugere que o produto está disponível no ‘agora’, como é o caso de “Chegou o cartão de crédito Texaco. O único no Brasil com cash back”. Há, portanto, uma trajetória ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE, que está intimamente relacionada ao caráter de novidade. Assim, sem serem deixadas de lado as noções de espaço e de tempo, *chegar* também traz uma ideia de qualidade, ao referir-se a algo novo, que não havia antes. Isso ocorre principalmente na ordem V SN.

Estudos linguísticos anteriores, como o de Votre (1982), demonstram que *chegar* é um verbo de apresentação, ou seja, introduz referentes novos no discurso. Votre (*idem*) postula que, na ordem SN V, a posição à esquerda do verbo tende a esvaziar-se, isto é, a não conter informação nova. Sendo assim, a inversão para a ordem V SN seria ideal para introduzir uma informação nova após o verbo, em especial em verbos de apresentação. Em sua análise, Votre demonstrou, também, que as informações novas são frequentemente introduzidas por verbos de apresentação conjugados no pretérito perfeito.

Portanto, estudos linguísticos nos dão os pressupostos para defender que a ideia de novidade não é um atributo do verbo *chegar* exclusivamente presente no gênero publicitário. Desse modo, podemos postular que a noção de novidade já está prevista na escala de abstratização (PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE) e é inerente à ordem V SN no Português do Brasil (PB).

Tendo em conta o exposto até então, temos como proposta apresentar evidências que confirmem:

- | A trajetória de abstração do verbo chegar: Espaço > Tempo > Qualidade (Novidade)

I. a trajetória de abstração do verbo *chegar* de espaço para tempo e de tempo para qualidade, de onde emerge a noção de novidade, que caracteriza seu uso em peças publicitárias;

II. a relação entre o verbo *chegar* (conjugado) no pretérito perfeito, a ordem V SN e a noção de tempo e de novidade desse verbo.

## Análise dos dados

A análise que desenvolvemos baseia-se em um *corpus* constituído com dados coletados do *site* [www.propagandasemrevistas.com.br](http://www.propagandasemrevistas.com.br), que conta com um acervo de mais de 6000 peças publicitárias publicadas originalmente em revistas. Todas essas peças foram adicionadas e organizadas no *site* por meio de sua digitalização. A construção desse extenso acervo, dirigida por Soraia Novaes, tem a finalidade de servir como fonte de pesquisa para trabalhos científicos.

No *site*, é possível fazer buscas de *slogans* ou de nomes de anunciantes escrevendo palavras inteiras ou até mesmo parte de palavras. Para procurar todas as ocorrências de *chegar* em *slogans* publicitários, foi digitado o radical *cheg-* na ferramenta de busca, a fim de encontrar os usos desse verbo no passado, no presente, no futuro, no infinitivo, no gerúndio etc.

Em tal acervo, foram encontradas 141 peças publicitárias, entre os anos de 1971 e 2010, com 142 ocorrências do verbo *chegar* (já que um mesmo *slogan* publicitário apresentou duas ocorrências desse verbo). Optamos por esse recorte temporal por compreender um período de grande popularização de revistas impressas. Nesses 40 anos de publicidade em revistas, o verbo *chegar* não foi usado apenas no sentido de se chegar a um lugar. Conforme demonstraremos, usos mais abstratos, indicando tempo e/ou novidade, prevaleceram nos *slogans*.

Cabe ressaltar que, em nossa análise, não tomamos a peça publicitária como um todo. Aspectos relacionados a imagens, intertextualidade etc. não foram considerados. Restringimo-nos a investigar os *slogans* dos textos publicitários, buscando desvelar a trajetória de abstração do verbo *chegar* e suas implicações.

Categorizadas e contabilizadas as ocorrências do verbo *chegar*, observamos que: (i) seu uso mais frequente, em 84 casos, corresponde à mescla entre as noções de tempo e de novidade; (ii) ao todo, 112 ocorrências de *chegar* carregam a noção (exclusiva ou não) de tempo; (iii) são 96 as ocorrências de *chegar* com a noção (nunca exclusiva) de novidade; (iv) são 48 as ocorrências de *chegar* com referência espacial. Esses resultados estão esmiuçados na Tabela 1.

**Tabela 1.** Verbo chegar e as noções de espaço, tempo e novidade

	Apenas lugar	Apenas tempo	Apenas novidade	Lugar e tempo	Lugar e novidade	Tempo e novidade	Lugar, tempo e novidade	Outros usos	TOTAL
	24	7	0	12	3	<b>84</b>	<b>9</b>	<b>3</b>	142
	17%	5%	0%	8%	2%	59%	6%	2%	100%
Casos híbridos									TOTAL
TEMPO	0	7	0	12	0	84	9	0	112/69%
NOVIDADE	0	0	0	0	3	84	9	0	96/68%
LUGAR	24	0	0	12	3	0	9	0	48/34%

Fonte: Elaboração própria

Os resultados apresentados na Tabela 1 podem ser visualizados no Gráfico que se segue.

**Gráfico 1.** Verbo chegar e as noções de espaço, tempo e novidade

Fonte: Elaboração própria

A partir dos números apresentados, que oferecem uma visão panorâmica dos usos do verbo *chegar* relativamente às noções de espaço, tempo e novidade, com destaque para a frequência significativamente maior de usos de *chegar* atrelados às noções de tempo e novidade, faremos então uma análise qualitativa de 12 peças publicitárias, buscando demonstrar o processo de abstração de *chegar* na trajetória de espaço para tempo e de tempo para qualidade, de onde emerge a noção de novidade característica desse verbo.

- | A trajetória de abstração do verbo chegar: Espaço > Tempo > Qualidade (Novidade)

Encontram-se a seguir as ocorrências do verbo *chegar* em seus usos mais concretos:

- (1a) É muito fácil *chegar* aqui. São 10 Km de asfalto e 250 de Grand Cherokee. (*Jeep*, 1998)<sup>5</sup>
- (1b) É mais ou menos assim que você *chega* na Alemanha quando viaja numa poltrona apertada. (*Tam*, 2001)<sup>6</sup>
- (1c) CAIXA. A primeira a *chegar* a todos os municípios do Brasil. Agora, todo mundo tem mais orgulho da sua cidade. (*Caixa Econômica Federal*, 2002)<sup>7</sup>

Em (1a), (1b) e (1c), há referências espaciais explícitas, como: o dêitico *aqui*, e a referência à distância (*10 Km de asfalto e 250 de Grand Cherokee*), em (1a); o adjunto adverbial de lugar *na Alemanha*, em (1b); novamente, um adjunto adverbial de lugar, *a todos os municípios do Brasil*, em (1c).

Os exemplos seguintes dizem respeito a contextos em que *chegar* apresenta uma referência espacial associada à noção de tempo, ou seja, são casos híbridos que ilustram não só a evolução espaço > tempo de *chegar*, mas também a estreita relação, da qual já falamos, entre a noção de espaço e a de tempo:

- (2a) Não é à toa que o sucesso *chega* rápido. Ele anda com motor Honda. (*Honda*, 2004)<sup>8</sup>
- (2b) *Chega* ao Brasil o avião mais moderno do mundo. O Airbus da Tam. (*Tam*, 1998)<sup>9</sup>
- (2c) Rio Grande do Sul. Quando o inverno *chegar* eu quero estar junto a ti. (*Governo do Rio Grande do Sul*, 1997)<sup>10</sup>

Como podemos verificar em (2a), o ‘sucesso’ (substantivo abstrato que simboliza os carros da marca Honda) não se move no mundo físico: nesse caso, há uma associação da velocidade do motor Honda à rapidez, em termos de tempo, com que o sucesso ‘chega’. Em (2b), o *slogan* refere-se ao deslocamento espacial do avião, que chega ao Brasil, e também a um deslocamento temporal: o produto em foco (Airbus da Tam) antes não existia na companhia aérea, até que, de dado momento em diante, passou a existir e é apresentado como um produto à disposição dos consumidores a partir de então. Em (2c), o sujeito é uma estação do ano que chegará, isto é, realizará um deslocamento temporal. Entretanto, a noção de espaço não pode ser descartada em (2c), uma vez que não se

---

5 Disponível em: <https://propagandasemrevistas.com.br/propaganda/2743/>. Acesso em: 18 abr. 2019

6 Disponível em: <https://propagandasemrevistas.com.br/propaganda/5878/>. Acesso em: 18 abr. 2019.

7 Disponível em: <https://propagandasemrevistas.com.br/propaganda/6313/>. Acesso em: 18 abr. 2019.

8 Disponível em: <https://propagandasemrevistas.com.br/propaganda/6367/>. Acesso em: 18 abr. 2019.

9 Disponível em: <https://propagandasemrevistas.com.br/propaganda/2737/>. Acesso em: 18 abr. 2019.

10 Disponível em: <https://propagandasemrevistas.com.br/propaganda/3089/>. Acesso em: 18 abr. 2019.

trata pura e simplesmente de uma referência a um deslocamento temporal. A chegada da primavera é perspectivada como tendo um destino (um lugar): o Rio Grande do Sul (observe-se a diferença entre (2c) e (3a), a seguir).

Os próximos exemplos ilustram os usos de *chegar* em referência ao deslocamento temporal:

(2c) 3a) O Natal já *chegou*. Não está sentindo isso no ar? Não espere até o Natal para comer a nova linha de Chocottones Bauducco. (*Bauducco*, 2003)<sup>11</sup>

(3b) Sabe aquela vontade de fazer tudo de uma vez? *Chegou* a hora. (*Xerox*, 2004)<sup>12</sup>

(3c) Ela *chega* ao mundo hoje com uma expectativa de vida duas vezes maior do que há 100 anos. (*Hoechst*, 1996)<sup>13</sup>

Em (3a), o sujeito de *chegar* é uma data comemorativa, o “Natal”, que constitui a marcação temporal. O deslocamento, neste caso, se dá na linha do tempo e o destino também é de natureza temporal: o ‘agora’, devidamente sinalizado no emprego do gerúndio em “Não está sentindo isso no ar?”. Em (3b) e (3c), são os circunstanciais de tempo *a hora* e *hoje* que, respectivamente, evidenciam a referência temporal de *chegar*.

Num estágio mais avançado de abstração, está a evolução tempo > qualidade de *chegar*. Nesse estágio, percebe-se que a fetichização do produto, individualizando-o, é um traço alusivo à ideia de singularização (o que é novo é único no seu gênero) e à ideologia da modernidade (o que é novo é melhor). Identificado nas adjetivações feitas em certos *slogans*, somadas à presença do verbo *chegar*, o processo de singularização, de acordo com Monnerat (2003), consiste em tornar “único” um produto, de forma a destacá-lo de outros produtos semelhantes, mas de marcas concorrentes.

A singularização é um forte traço da noção de novo/único/melhor que se deseja transmitir, como se lê adiante:

(4a) *Chegou* o novíssimo guia do sul. (*Quatro Rodas*, 1980)<sup>14</sup>

(4b) *Chegou* o cartão de crédito Texaco. O único no Brasil com cash back. (*Texaco*, 1997)<sup>15</sup>

11 Disponível em: <https://propagandasemrevistas.com.br/propaganda/5916/>. Acesso em: 18 abr. 2019.

12 Disponível em: <https://propagandasemrevistas.com.br/propaganda/6363/>. Acesso em: 18 abr. 2019.

13 Disponível em: <https://propagandasemrevistas.com.br/propaganda/5379/>. Acesso em: 18 abr. 2019.

14 Disponível em: <https://propagandasemrevistas.com.br/propaganda/3719/>. Acesso em: 18 abr. 2019.

15 Disponível em: <https://propagandasemrevistas.com.br/propaganda/2042/>. Acesso em: 18 abr. 2019.

- | A trajetória de abstração do verbo chegar: Espaço > Tempo > Qualidade (Novidade)

(4c) *Chegaram* os novos molhos para salada Uncle Ben's. (*Uncle Ben's*, 2002)<sup>16</sup>

Em (4a), (4b) e (4c), a ideia positiva dos produtos é valorada não apenas pelos adjetivos *novíssimo*, *novo* e *único*, mas também por suas associações com o verbo *chegar*. Nos casos referidos, há a noção de tempo (os produtos não existiam e passaram a existir) e, ainda, a noção de qualidade, “através da qualificação do novo” (Monnerat, 2003, p. 27) que, no âmbito da ideologia da modernidade, distingue os produtos de qualquer outro (o que é novo é único no seu gênero).

Na esteira desse traço de singularidade e de novidade, o verbo *chegar* atinge abstração ainda maior: tais produtos são conceptualizados como estando no *agora*, no seu momento atual, apesar do verbo no pretérito. Por exemplo, em (4a), (4b) e (4c), o guia do sul, o cartão de crédito Texaco e os molhos para salada da marca Uncle Ben's passam a estar disponíveis para o consumidor no momento em que ele lê o anúncio publicitário. A ideia de novidade, portanto, está atrelada ao sentido do verbo *chegar* em seu uso temporal mais abstrato: *chegou* no sentido de *passou a existir* e, então, *existe agora*.

Um aspecto em comum em (4a), (4b) e (4c) precisa ser salientado: a posposição do sujeito ao verbo. Os casos ilustrados em (4a), (4b) e (4c), que correspondem a mais da metade dos *slogans* que constituem nosso *corpus*, são ocorrências com o sujeito posposto ao verbo *chegar*, em que se observavam tanto a noção de tempo quanto a de novidade.

Para concluir, vale o registro de que, em nossa explicação sobre a trajetória de abstração do verbo *chegar*, mobilizamos uma série de pressupostos e noções que entendemos estarem, articuladamente, envolvidos no fenômeno em tela. Sem desmecer nenhum deles, destacamos aqui aqueles cujo encadeamento norteou e serviu de alicerce a este estudo: a escala de abstração ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE, que remete à emergência de novos significados (mais abstratos) a partir de formas já existentes na língua; a mudança semântica por subjetivação (que diz respeito à passagem do movimento objetivo, ou seja, do deslocamento espacial, para o movimento subjetivo, mental, do conceptualizador); e a prevalência da ordem V SN, que tende a favorecer a introdução de informações novas após o verbo, especialmente quando constituída por verbo de apresentação, como é o caso do verbo *chegar*.

---

<sup>16</sup> Disponível em: <https://propagandasesemrevistas.com.br/propaganda/6309/>. Acesso em: 18 abr. 2019.

## Considerações finais

Neste trabalho, dedicado ao estudo da evolução da abstração do verbo *chegar*, propomo-nos a apresentar evidências e explicações sobre: (i) a trajetória de abstração do verbo *chegar* de espaço para tempo, de tempo para qualidade e, daí, para a noção de novidade; (ii) a relação entre o verbo *chegar*, conjugado no pretérito perfeito, a ordem V SN e a emergência da noção de tempo e de novidade referida em (i).

No que se refere a (i), demonstramos através da análise de 12 peças publicitárias, a evolução da abstração do verbo *chegar*. Ilustramos a trajetória em questão com usos do verbo *chegar* com o significado mais básico e mais concreto, referindo-se a espaço, como em “*É muito fácil chegar aqui. São 10 Km de asfalto e 250 de Grand Cherokee*” (*Jeep, 1998*). Para ilustrar a evolução espaço > tempo de *chegar*, apresentamos usos do verbo *chegar* em que se observa a ideia de espaço associada a de tempo, como em “*Não é à toa que o sucesso chega rápido. Ele anda com motor Honda*” (*Honda, 2004*), e usos de *chegar* em referência ao deslocamento temporal, como em “*O Natal já chegou. Não está sentindo isso no ar? Não espere até o Natal para comer a nova linha de Chocottones Bauducco*.” (*Bauducco, 2003*). Ilustramos o estágio referente à evolução tempo > qualidade de *chegar* com usos em que se percebe a fetichização do produto, individualizando-o, como em “*Chegou o novíssimo guia do sul*” (*Quatro Rodas, 1980*). Na esteira desse traço de singularidade (o que é novo é único no seu gênero) e de novidade (o que é novo é melhor), em que o verbo *chegar* atinge abstração ainda maior, os produtos são conceptualizados como estando no *agora*, apesar do emprego, bastante frequente, do verbo no pretérito. A ideia de novidade, postulamos então, está atrelada ao sentido do verbo *chegar* em seu uso temporal mais abstrato: *chegou* no sentido de *passou a existir* e, então, existe *agora*.

Ademais, demonstramos, no que diz respeito à noção de novidade, que tal abstração é favorecida pela ordem V SN. Com o respaldo dos estudos de Votre (1982) e dos dados analisados, corroboramos o pressuposto de que o verbo anteposto ao sujeito é uma posição ideal para a apresentação de um elemento novo. Sendo assim, concluímos que a ordem V SN, quando constituída pelo verbo *chegar*, introduz não apenas um novo referente, mas também, por extensão, a noção de novidade.

## Referências

ABRAÇADO, J. A trajetória espaço>tempo>texto de “entretanto”: a gramaticalização vs. a noção tradicional de classes de palavras. **Revista do GELNE (UFC) / Revista do GELNE (UFC)**, João Pessoa, v. 5, n. 1 e 2, p. 109-114, 2003.

- | A trajetória de abstração do verbo chegar: Espaço > Tempo > Qualidade (Novidade)

ALONSO JÚNIOR, C. L. **Gramática Movimental**: ontogênese da forma. 2023. 900 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, A. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação Marina Baird Ferreira. 8. ed., rev. e atual. Curitiba: Positivo, 2010.

CASTILHO, A. T. de. A Gramaticalização. **Estudos Lingüísticos e Literários**, Salvador, n. 19, p. 25-64, nov. 1997.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed., revista pela nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DORNELAS, A. B. **Construções de movimento fictivo em português do Brasil**: cognição e *corpus*. Juiz de Fora: UFJF, 2014.

FAGGION, C. M. Chegar, pregar: dois diferentes processos de gramaticalização. In: II Simpósio Internacional de Ensino de Língua Portuguesa, 2012, Uberlândia. **Anais do SIELP**, Uberlândia: UFU, p. 1-10, 2012.

FARIA, E. **Dicionário escolar latino-português**. 3. ed. Rio de Janeiro: CAMPANHA NACIONAL DE MATERIAL DE ENSINO, 1962.

FERREIRA, R. G. **A hipótese de corporificação da língua**: o caso da cabeça. Rio de Janeiro: UFRJ / FL, 2010.

GEERAERTS, D. (ed.). **Cognitive Linguistics**: Basic Readings. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.

GIL, M. M.; PINTO, J. F.; GOUVÊA, V. A. dos S. Significações do verbo “chegar” em um *corpus* de PB: exploração dos processos cognitivos envolvidos em seus usos. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 3, p. 7-20, 2019. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/issue/view/365>. Acesso em: 3 mar. 2023.

HEINE, B. *et alli*. From cognition to grammar: evidence from african languages. *In*: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (ed.). **Approaches to gramaticalization**. Amsterdam: Benjamins, 1991. v. 1, p. 149-187.

JOHNSON, M. **The body in the mind**: the bodily basis of meaning, imagination, and reason. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

JOHNSON, M. **The meaning of the body**: aesthetics of human understanding. Chicago, London: The University of Chicago Press, 2007.

LANGACKER, R. W. Subjectification. **Veredas – Revista de Estudos Linguísticos**, v. 2, n. 23, p. 163-193, 2019.

MIRANDA, M. A. Mente corporificada: mapeamento do conceito, interfaces e possibilidades de aplicação. **Pontos de interrogação: Revista de Crítica Cultural**, v. 5, p. 29-54, 2015.

MONNERAT, R. M. **A publicidade pelo avesso**: propaganda e publicidade, ideologias e mitos e a expressão de ideias – o processo de críticas da palavra publicitária. Niterói: EDUFF, 2003.

MORAES, R. M. C. M. de. **Dêiticos de lugar e esquemas imagéticos em amostras de fala do galego, português europeu e português brasileiro contemporâneos**. 2018. 198 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

ROCHA, N. C. B. B. F.; SOUSA, V. V. Gramaticalização do item linguístico *chegar*: analisando um verbo de/em movimento no Português. **Id On Line Revista Multidisciplinar e de Pedagogia**, Juazeiro do Norte, v. 13, n. 44, p. 132-147, 2019. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id>. Acesso em: 3 mar. 2023.

VICENTE, R. B. **Iniciar é abstrato? É o lugar, é o tempo, é o espaço do caos cognitivo**. 2014. 245 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

VOTRE, S. Verbos de apresentação em português. **Letras Hoje**, Porto Alegre, v. 15, p. 23-39, 1982.

**COMO CITAR ESTE ARTIGO:** GALVÃO, Paulo Victor Almeida; ABRAÇADO, Jussara. A trajetória de abstração do verbo chegar: Espaço > Tempo > Qualidade (Novidade). **Revista do GEL**, v. 21, n. 1, p. 104-119, 2024. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>.

Submetido em: 12/04/2023 | Aceito em: 10/05/2023.

---

# PROPRIEDADES DA ORDENAÇÃO DE SINTAGMAS ADVERBIAIS IMPERFECTIVOS EMPILHADOS NO INGLÊS BRITÂNICO: HABITUALIDADE, CONTINUATIVIDADE E PROSPECÇÃO

Matheus Gomes ALVES<sup>1</sup>

Juliana Barros NESPOLI<sup>2</sup>

Adriana Leitão MARTINS<sup>3</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v21i1.3507>

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é investigar a derivação de sentenças com advérbios empilhados especificadores dos sintagmas aspectuais funcionais de  $Asp_{habitual}P$ ,  $Asp_{continuativo}P$ ,  $Asp_{prospectivo}P$  por meio da sua ordem de realização. A metodologia adotada consiste na aplicação de um Teste de Julgamento de Aceitabilidade a falantes nativos de inglês britânico. Neste teste, empregam-se a variável dependente Julgamentos (positivos/negativos) e a variável independente Ordenamento (“cinqueniano”/“não cinqueniano”). A predição adotada é a de que os ordenamentos *Usually Still*, *Still Almost* e *Usually Almost* receberão mais julgamentos positivos do que os ordenamentos *Still Usually*, *Almost Still* e *Almost Usually*. Os resultados apontam que, embora os ordenamentos *Almost Still* e *Almost Usually* recebam ligeiramente mais julgamentos negativos do que *Still Almost* e *Usually Almost*, o mesmo não ocorre com o ordenamento *Still Usually*, que é mais bem aceito do que *Usually Still*. Observou-se que o único contexto relevante em que o tipo de ordenamento parece influenciar os julgamentos atribuídos são os de emprego de *Still Almost* e *Almost Still* (p-valor = 0,002). Propõe-se que os julgamentos positivos a ordenamentos “não cinquenianos” possam ser explicados à luz de estruturas de modificação direta, de movimento remanescente e de diferentes relações de escopo.

**Palavras-chave:** Cartografia Sintática. Imperfectividade. Hierarquia Universal. Aspecto. Inglês britânico. Movimento.

---

1 Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; [matheus.ling@letras.ufrj.br](mailto:matheus.ling@letras.ufrj.br); <https://orcid.org/0000-0001-8109-5299>

2 Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil; [juliana\\_nespoli@id.uff.br](mailto:juliana_nespoli@id.uff.br); <https://orcid.org/0000-0002-5235-0817>

3 Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; [adrianaleitao@letras.ufrj.br](mailto:adrianaleitao@letras.ufrj.br); <https://orcid.org/0000-0003-0510-2586>

## *PROPERTIES OF THE ORDERING OF STACKED IMPERFECTIVE ADVERBIAL PHRASES IN BRITISH ENGLISH: HABITUALITY, CONTINUITY, AND PROSPECTIVENESS*

**Abstract:** We aimed at investigating the derivation of sentences with stacked adverbs of the heads Asp<sub>habitual</sub>P, Asp<sub>continuous</sub>P, Asp<sub>prospective</sub>P. The methodology employed consists in the analysis of the results of a Judgement Test of Well-Formedness, which was applied to native speakers of British English. The dependent variable Judgements (positive/negative) and the independent variable Order (cinquean/non cinquean) were employed. It is predicted that the cinquean orderings *Usually Still*, *Still Almost* and *Usually Almost* will receive more positive judgements than the non cinquean orderings *Still Usually*, *Almost Still* and *Almost Usually*. The results indicate that, although the orderings *Almost Still* and *Almost Usually* are judged more negatively than their respective cinquean orderings, it does not directly happen to the ordering *Still Usually*, which has received more positive judgements than its cinquean form. It is argued that the sole relevant context in which the linear order influences the judgements received are the ones of employment of *Still Almost* and *Almost Still* (p-value = 0.002). It is also argued that the positive judgements attributed to “non cinquean” orders might be a byproduct of direct modification structures, remnant movement, and different scope relations.

**Keywords:** Syntactic Cartography. Imperfectivity. Universal Hierarchy. Aspect. British English. Movement.

### **Introdução**

De acordo com Comrie (1976), nas línguas naturais, o aspecto imperfectivo permite a visualização das etapas internas de uma eventualidade e se opõe ao aspecto perfectivo. Para o autor, o imperfectivo pode se dividir em imperfectivo habitual e contínuo. Enquanto o imperfectivo habitual descreve uma eventualidade rotineira, ordinária a determinado momento de referência, o imperfectivo contínuo descreve uma eventualidade como simultânea a determinado momento de referência. Para Comrie (1976), o imperfectivo contínuo poderia se dividir em progressivo e não progressivo. Entretanto, como exposto em Cançado e Amaral (2016) e Alves (2022), o autor não evidenciou os contextos em que o aspecto imperfectivo contínuo não progressivo poderia ocorrer nas línguas. Martins e Alves (2021) apontam, ainda, que Comrie (1976) parece adotar ora critérios morfológicos ora critérios semânticos para tal diferenciação.

- | Propriedades da ordenação de sintagmas adverbiais imperfectivos empilhados no inglês britânico: habitualidade, continuatividade e prospecção

Em Cinque (1999), propõe-se que o *Middlefield* (ou espaço do IP) seja composto por um conjunto de projeções de modo, modalidade, tempo, aspecto e voz, que se ordenariam rigidamente da mesma forma nas línguas naturais. Por meio de evidências advindas de estudos tipológicos e de testes de precedência e transitividade, Cinque (1999) discrimina uma ordem de soldagem universal de sintagmas funcionais associados a essas projeções que alocariam, em seus especificadores, certos advérbios. Neste trabalho, estarão sob investigação alguns advérbios baixos dessa hierarquia, especificamente *Usually* (geralmente), *Still* (ainda) e *Almost* (quase), que ocupam, respectivamente, a posição de especificador das projeções  $Asp_{habitual}P > Asp_{continuativo}P > Asp_{prospectivo}P$ .

À luz da ordem de soldagem<sup>4</sup> apresentada em Cinque (1999), espera-se que a linearização dos advérbios sob análise em sentenças das línguas naturais correspondesse mais comumente ao ordenamento das projeções que os abrigam estabelecido na Hierarquia Universal (doravante HU). Sabe-se, entretanto, que, em casos de disparidade entre o aparente ordenamento da sentença e a proposta da hierarquia, Cinque (1999, p. 3-4) menciona seis contextos de aparentes violações à hierarquia: a) modificação, b) valoração de traços da periferia esquerda, c) movimento Wh, d) coocorrência deceptiva, e) foco não inerente a Adv<sub>A</sub>P e f) uso parentético. Intenciona-se, assim, observar se esses contextos apresentados podem se aplicar diretamente e categoricamente a situações em que os advérbios alocados em especificadores de  $Asp_{habitual}P > Asp_{continuativo}P > Asp_{prospectivo}P$  são linearizados em contexto de empilhamento em posições aparentemente distintas das que foram soldados. Entende-se que tais construções ocorreriam em contextos de linearização em que Adv<sub>A</sub>P é linearizado ao lado de Adv<sub>B</sub>P sem qualquer elemento interveniente, como, por exemplo, nota-se na sentença “João quase ainda ganha a maratona”, a qual pode ser locucionada em um contexto de existência de um evento presente continuativo de ganhar a maratona, praticado por João, que quase continua a ocorrer<sup>5</sup>.

À vista disso, o objetivo geral deste artigo é contribuir para o estudo da sintaxe de advérbios nas línguas naturais. O objetivo específico é investigar a derivação de sentenças com advérbios empilhados especificadores dos sintagmas aspectuais funcionais de  $Asp_{habitual}P$ ,  $Asp_{continuativo}P$  e  $Asp_{prospectivo}P$ . A metodologia adotada consiste na aplicação de um Teste de Julgamento de Aceitabilidade, de escala *likert*, a 50 falantes nativos de inglês

4 Como sugerido por um dos avaliadores, é relevante informar que, neste trabalho, emprega-se o termo “soldagem” como uma tradução para *merge*.

5 Entende-se que tal evento poderia ser caracterizado como continuativo por haver um enfoque em sua fase interna, podendo enfatizar momento inicial, medial ou terminal de ganhar a maratona. Frente à possibilidade de combinação com “quase”, entende-se ainda haver uma ênfase em momentos anteriores ao *télos* do evento, inclusive em momentos anteriores ao início do evento.

britânico, de 18 a 60 anos, por meio de um formulário do Google Forms. A predição adotada é a de que os ordenamentos cinquentários, isto é, ordenamentos previstos diretamente e categoricamente pela hierarquia de Cinque (1999), como *Usually Still*, *Still Almost* e *Usually Almost* receberão mais julgamentos positivos (em vista da escala adotada) do que os ordenamentos “não cinquentários” *Still Usually*, *Almost Still* e *Almost Usually*.

Este artigo subdivide-se em 5 seções. Na seção 1, considerações acerca do programa cartográfico, das supostas falhas de transitividade e dos contextos de “aparente” violação da HU serão apontadas. Na seção 2, detalhes da metodologia adotada serão discriminados. Na seção 3, os resultados cardinais desta investigação, bem como sua significância estatística serão inspecionados. Na seção 4, propostas que visem a explicar os casos de supostas falhas de transitividade dos advérbios sob análise serão contempladas. Na seção 5, as considerações finais deste trabalho e os próximos passos desta investigação serão apresentados.

## Pressupostos teóricos

Cinque (1999), para propor a HU, adota o Critério de Jackendoff (1972) e o Princípio da Decomposicionalidade (também conhecido como *One Feature, One Head*), de Kayne (2005). Sabe-se que, de acordo com tal critério, advérbios sentenciais de mesma classe semântica não podem coocorrer. Aplicando tal critério a outras categorias, entende-se que itens de uma mesma classe não poderiam coocorrer. Especificamente sobre o Princípio da Decomposicionalidade, em Kayne (2005a), considera-se que propriedades semânticas possam ser sintatizadas em projeções funcionais discretas mononucleadas. Não seriam licenciadas, assim, em *narrow syntax*, operações de checagem de “feixes de traços”, uma vez que cada traço corresponderia a um núcleo dedicado a uma projeção.

Em Cinque (1999, 2006), são descritas diversas projeções nucleadas por traços compatíveis em alguma extensão<sup>6</sup> com os subtipos de imperfectividade propostos em Comrie (1976). Dentre essas, são analisadas, neste trabalho, as seguintes projeções (rigidamente ordenadas consoante à HU, em que “>” indica “precedência” na HU):

---

6 Entende-se que, pelo fato de Comrie (1976) considerar que o aspecto imperfectivo seria aquele que permitiria mais facilmente a observação das diferentes fases internas de uma eventualidade, tal definição poderia se aplicar aos aspectos habitual, continuativo e prospectivo. No habitual, há a observação de diferentes fases internas que constituem uma eventualidade mais ou menos rotineira em determinado intervalo. No continuativo, há a constatação das fases internas de um intervalo iniciado em *i* que perdura até um momento de referência. Finalmente, no prospectivo, nota-se um instante *i* descrito como imediatamente anterior ao início de um intervalo em que ocorrerá uma eventualidade. Sendo assim, por mais que não seja possível afirmar a existência de uma relação de identidade entre os aspectos propostos em Comrie (1976) e Cinque (1999), há uma clara relação de interface.

- | Propriedades da ordenação de sintagmas adverbiais imperfectivos empilhados no inglês britânico: habitualidade, continuatividade e prospecção

Asp<sub>habitual</sub><sup>P</sup> > Asp<sub>continuativo</sub><sup>P</sup> > Asp<sub>prospectivo</sub><sup>P</sup>. No quadro abaixo, podem-se observar os traços que nucleiam tais projeções, os advérbios que são descritos como seus respectivos especificadores e alguns exemplos de sentenças em que há a checagem de tais traços.

**Quadro 1.** Projeções funcionais sob análise e seus respectivos traços

Sintagmas	Traços	Advérbios Especificadores	Exemplos
Asp <sub>habitual</sub> <sup>P</sup>	[+habitualidade]	<i>Usually</i> (geralmente), <i>habitually</i> (habitualmente), <i>customarily</i> (costumeiramente), <i>regularly</i> (regularmente)	<i>Maria <b>usually</b> runs a marathon</i> (Maria <b>geralmente</b> corre a maratona)
Asp <sub>continuativo</sub> <sup>P</sup>	[+continuatividade]	<i>Still</i> (ainda)	<i>Maria <b>still</b> runs a marathon</i> (Maria <b>ainda</b> corre a maratona)
Asp <sub>prospectivo</sub> <sup>P</sup>	[+prospecção]	<i>Almost</i> (quase), <i>nearly</i> (por pouco), <i>imminently</i> (iminentemente)	<i>Maria <b>almost</b> runs a marathon</i> (Maria <b>quase</b> corre a maratona)

Fonte: Elaboração própria

Alves (2022), investigando a possível relação entre escopo e as projeções [*Usually* (geralmente) Asp<sub>Habitual</sub><sup>P</sup> > [*Still* (ainda) Asp<sub>Continuativo</sub><sup>P</sup> > [*Briefly* (brevemente) Asp<sub>Durativo</sub><sup>P</sup> > [*Almost* (quase) Asp<sub>Prospectivo</sub><sup>P</sup> > [*Suddenly* (subitamente) Asp<sub>Inceptivo</sub><sup>P</sup> em sentenças no presente simples em língua inglesa, adota algumas hipóteses para justificar as supostas “violações” à HU, como, por exemplo: a) a noção de que certas leituras de escopo são desencadeadas devido à influência de princípios semânticos ou pragmáticos, b) a ideia de que haveria duas posições de soldagem de advérbios como “*almost*”, e possivelmente para outros advérbios, uma na projeção estendida de AdvPs baixos, em uma estrutura de modificação direta, e outra no especificador da projeção a que está relacionado, e c) a assunção de que as linearizações não cinquenianas, isto é, as não previstas diretamente e categoricamente pela HU, desses advérbios empilhados seriam um produto de movimentos remanescentes e de uma operação de subextração.

Em relação à primeira hipótese, argumenta-se que a probabilidade de ocorrência de uma determinada eventualidade descrita linguisticamente em sentenças com advérbios imperfectivos empilhados no mundo biossocial pode favorecer algumas leituras de escopo independentemente da situação descrita. No âmbito desta proposta, uma sentença como *Mary still almost wins the lottery* (“Maria ainda quase ganha na loteria”) e *Mary almost still wins the lottery* (“Maria quase ainda ganha na loteria”), independentemente da ordem em que os advérbios *still* e *almost* são linearizados, desencadeariam mais prototipicamente

a leitura de que existe um evento de quase ganhar na loteria que ocorre de forma contínua em determinado intervalo. Tal leitura seria possivelmente mais frequentemente desencadeada por ser mais pragmaticamente coerente aos conhecimentos de mundo de um falante. Sendo assim, a leitura de que existe um evento de ganhar na loteria que quase continua a ocorrer seria um pouco menos coerente ao conhecimento de mundo do que um evento de continuar a quase ganhar na loteria.

No que respeita à segunda hipótese, compreende-se que, possivelmente, haja subespecificação de advérbios como *Almost* e outros advérbios, no léxico. Advérbios empilhados parecem formar um constituinte, posto que podem ocorrer em contextos de sentenças clivadas, pseudoclivadas e suscetíveis à elipse. Além disso, é argumentado que sentenças como *John almost still plays the flute* (“João quase ainda toca flauta”) e *John still almost plays the flute* (“João ainda quase toca flauta”) teriam significados distintos. Em *John almost still plays the flute* (“João quase ainda toca flauta”), o advérbio *Almost* não parece modificar o VP “toca flauta”, como seria esperado se ele fosse soldado na posição de especificador de  $Asp_{prospective} P$ . Na verdade, tal advérbio parece modificar o próprio advérbio *Still*, atribuindo-o algum tipo de gradualidade/negação. Interpreta-se, no referido trabalho (Alves, 2022), que *John almost still plays the flute* (“João quase ainda toca flauta”) não acarretaria que *John almost plays the flute* (“João quase toca flauta”). Além disso, seria possível afirmar que *John almost still plays the flute but he does not play it anymore* (“João quase ainda toca flauta mas ele não toca mais flauta”). Não seria possível, contudo, dizer *John still plays the flute but he does not play it anymore* (“João ainda toca flauta mas ele não toca mais flauta”). Sendo assim, há razões para assumir que certos advérbios, como o *Almost*, poderiam ser inseridos no especificador da projeção estendida de advérbios baixos, como o *Still*, atribuindo escopo diretamente sobre o advérbio.

Finalmente, sobre a terceira hipótese, argumenta-se que, para derivar uma sentença como *Andrew almost still wins the race* (“André quase ainda ganha a corrida”), haveria os seguintes passos: 1) Soldagem de um núcleo prospectivo, 2) Atração do VP alvo “wins the race” para o especificador do sintagma projetado a partir desse núcleo, 3) Soldagem do núcleo de  $Adv_{prospective} P$ , que abriga o advérbio “almost” em seu especificador<sup>7</sup>, 4) Soldagem de um núcleo continuativo, 5) Atração de  $Asp_{prospective} P$  para o especificador do sintagma projetado a partir desse núcleo continuativo, 6) Soldagem do sintagma de  $Adv_{continuative} P$ , que abriga o advérbio “still” em seu especificador (“still wins the race”) e 7) Movimento

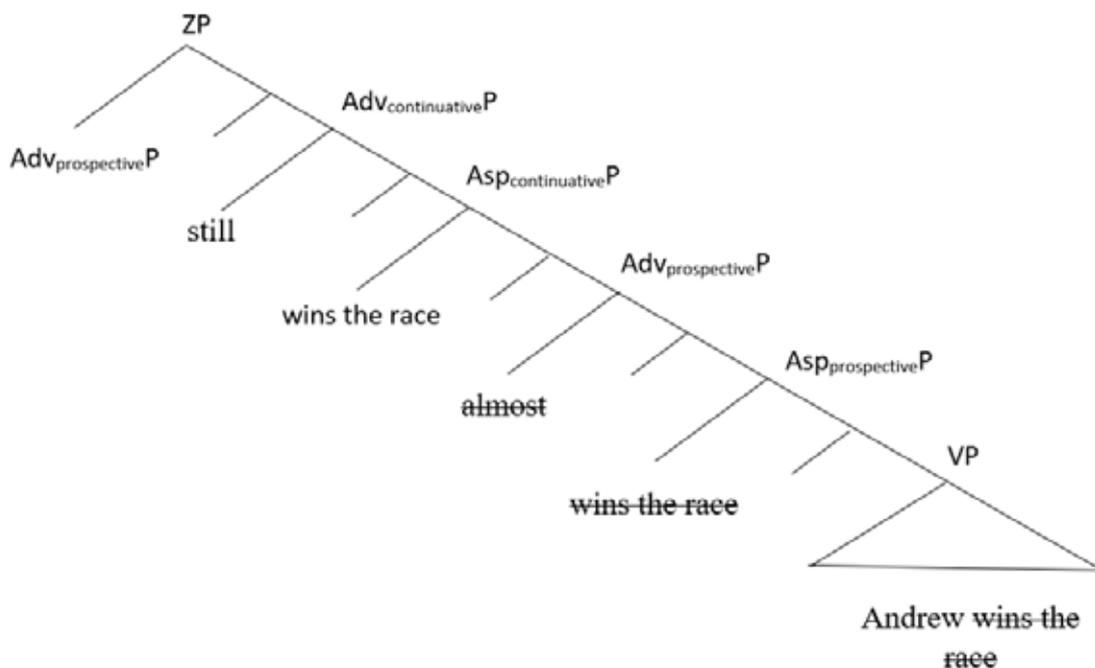
---

7 É necessário explicar a razão de se assumir uma representação binária para cada uma das projeções do *Middlefield*. O núcleo da projeção em que se encontra o traço criterial de prospecção atuaria como uma sonda para atrair, por exemplo, VPs para checagem de tal traço. A projeção  $Adv_{prospective} P$  deve aqui ser entendida como um local em que há inserção do advérbio em seu especificador e seu núcleo seria relacionado ao traço criterial da projeção a que ele está relacionado, no caso  $Asp_{prospective} P$ .

- | Propriedades da ordenação de sintagmas adverbiais imperfectivos empilhados no inglês britânico: habitualidade, continuatividade e prospecção

remanescente de Adv<sub>prospective</sub>P para uma projeção acima de Adv<sub>continuative</sub>P, linearizando “almost still wins the race”. Segue, abaixo, a representação de tais passos derivacionais.

**Figura 1.** Proposta de derivação de “Andrew almost still wins the race”



Fonte: Elaboração própria<sup>8</sup>

Implica-se, pelos passos derivacionais apresentados na figura 1, que, quando o *almost* ou qualquer outro advérbio mais baixo é linearizado em uma posição mais alta, mas ainda atribui escopo sobre o VP, possivelmente esse seria o processo derivacional, já que, de acordo com o Princípio do Escopo, escopo é fixo à ordem de soldagem. Entretanto, quando essa atribuição de escopo não ocorre, possivelmente não se está acessando o advérbio *almost* de Adv<sub>prospective</sub>P, mas sim um *almost* de modificação direta que é inserido na projeção estendida de outro advérbio.

Alves (2022) não se compromete com a variação da língua inglesa em diferentes países, tampouco se compromete a desenvolver uma análise que leve em consideração a gradação de gramaticalidade dos ordenamentos esperados. Em seu trabalho, o autor observa a gramaticalidade de alguns dos ordenamentos adverbiais estudados (especificamente *Usually Still/ Still Usually, Usually Almost/ Almost Usually, Still Almost/*

<sup>8</sup> É necessário explicar que, por meio da operação de movimento remanescente de Adv<sub>prospective</sub>P, não se está dizendo que é possível mover o item adverbial *Almost* em uma derivação. Além disso, por razões de espaço, não se representou a forma pela qual o sujeito *Andrew* seria extraído e checaria o traço criterial de sujeito da oração. Tal operação ocorre por meio do alçamento de *Andrew* até a posição de especificador de SubjP.

*Almost Still, Briefly Suddenly/ Suddenly Briefly*) por meio da análise de *corpus* e da aplicação de dois testes comportamentais para relacionar escopo a ordenamentos diretamente não previstos pela HU. Há, assim, uma lacuna a ser preenchida, o que justifica este trabalho. Neste artigo, é aplicado um teste comportamental para investigar a gradação de aceitabilidade de um subconjunto dos advérbios estudados por Alves (2022) em uma população falante de inglês britânico. Detalhes desse teste podem ser encontrados na próxima seção.

## Metodologia

A metodologia empregada neste trabalho consiste na aplicação remota de um Teste de Julgamento de Aceitabilidade (doravante TJA) a 50 falantes nativos de inglês britânico, de 18 a 60 anos, por meio de um formulário do Google Forms. Tal teste estruturou-se da seguinte forma: 1) Documento semelhante a um TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), 2) Questionário, 3) Treinamento, 4) Sentenças alvo e distratoras pseudorandomizadas entre si e 5) Comentários. No teste, houve 12 sentenças alvo e 24 distratoras. Nas sentenças alvo, havia dois advérbios empilhados em uma ordem  $Adv_A - Adv_B$ , ao passo que, em outro estímulo, esses dois advérbios eram repetidos na ordem inversa,  $Adv_B - Adv_A$ . O informante deveria avaliar cada sentença em uma escala gradativa de aceitabilidade com os seguintes níveis: 1 (completamente inaceitável), 2 (inaceitável), 3 (parcialmente aceitável), 4 (aceitável) e 5 (completamente aceitável).

Tal teste foi dividido em duas partes. Na primeira parte, os participantes foram informados acerca do objetivo da pesquisa, dos nomes dos pesquisadores envolvidos, dos procedimentos para a participação no experimento e do caráter voluntário de sua participação. Reiterou-se, no teste, que os participantes não seriam remunerados e poderiam interromper a participação a qualquer momento, sem implicar em qualquer problema. Tais informações buscavam garantir o caráter ético da pesquisa desenvolvida. Nessa parte, ainda, os participantes também eram convidados a identificar sua idade, procedência, gênero e nível de escolarização.

Os ordenamentos empilhados de advérbios que figuram nas sentenças alvo do teste são: a) aspecto habitual (*usually*) e aspecto prospectivo (*almost*), b) aspecto prospectivo (*almost*) e aspecto habitual (*usually*), c) aspecto continuativo (*still*) e aspecto prospectivo (*almost*), d) aspecto prospectivo (*almost*) e aspecto continuativo (*still*), e) aspecto habitual (*usually*) e aspecto continuativo (*still*) e f) aspecto continuativo (*still*) e aspecto habitual (*usually*). Para cada ordenamento, são propostas duas sentenças no teste.

- | Propriedades da ordenação de sintagmas adverbiais imperfectivos empilhados no inglês britânico: habitualidade, continuatividade e prospecção

Em a), as seguintes sentenças foram utilizadas: *Gabriel usually almost surprises me* (“Gabriel geralmente quase me surpreende”) e *John usually almost wins the lottery* (“João geralmente quase ganha a loteria”). Em b), as sentenças: *Diane almost usually gets an A* (“Diana quase geralmente tira A”) e *Lucas almost usually wins the competition* (“Lucas quase geralmente ganha a competição”). Em c), as sentenças: *Mary still almost graduates* (“Maria ainda quase se forma”) e *Albert still almost leads the ranking of best employees* (“Alberto ainda quase lidera o ranking de melhores empregados”). Em d), as sentenças: *Peter almost still astonishes me* (“Pedro quase ainda me surpreende”) e *Elizabeth almost still loses her temper* (“Elizabeth quase ainda perde a calma”). Em e), as sentenças: *John usually still thinks life is easy* (“João geralmente ainda pensa que a vida é fácil”) e *Julia usually still talks about love* (“Julia geralmente ainda fala sobre amor”). Finalmente, em f), as seguintes sentenças foram utilizadas: *Daniel still usually arrives late to work* (“Daniel ainda geralmente chega atrasado ao trabalho”) e *Paul still usually screams a lot* (“Paulo ainda geralmente grita muito”).

Os procedimentos analíticos empregados na apreciação dos resultados dos julgamentos das sentenças alvo foram: a) identificação da porcentagem de respostas para cada item da escala *likert* (de 1 a 5) nas sentenças, b) separação das respostas que julgam como aceitáveis (3, 4 e 5) e inaceitáveis (1 e 2) cada uma das sentenças e c) aplicação de um Teste de Regressão Binomial<sup>9</sup>, no *software Jamovi 2.2.1*, baseado na linguagem R, para Windows 64 *bits*. É adotada, assim, uma metodologia quali-quantitativa. Entende-se, finalmente, que essa metodologia permite alcançar os objetivos propostos, por possibilitar um diagnóstico do ordenamento de advérbios aspectuais referentes a  $Asp_{habitual}P$ ,  $Asp_{continuative}P$  e  $Asp_{prospective}P$ , viabilizando, assim, a investigação da derivação e da hierarquia de tais sintagmas.

## Resultados

A apresentação dos resultados será dividida em duas partes. Na primeira, será discriminado o índice global de julgamentos em sua cardinalidade. Na segunda, será apresentada a relevância dos resultados de tal índice, por meio de um Teste de Regressão Logística, tomando os ordenamentos como variável independente e os julgamentos como variável dependente.

---

<sup>9</sup> Para fins de análise, optou-se por agrupar os julgamentos 1 e 2 como “negativos” e 3, 4 e 5 como “positivos”, transformando, assim, uma variável escalar em binária. Agrupou-se a escala 3 ao índice de julgamentos positivos por se interpretar que uma sentença incomum ou pragmaticamente infeliz não é necessariamente uma sentença agramatical.

Com o ordenamento *Almost Still*, nota-se que houve 77 julgamentos negativos (23 na escala 1, 54 na escala 2) e 23 positivos (14 na escala 3, 7 na escala 4 e 2 na escala 5), totalizando, assim, 100 julgamentos<sup>10</sup>. Em relação ao ordenamento *Still Almost*, houve 56 julgamentos negativos (32 na escala 1, 24 na escala 2) e 44 positivos (22 na escala 3, 18 na escala 4 e 4 na escala 5). Com o ordenamento *Almost Usually*, ocorreram 69 julgamentos negativos (34 na escala 1, 35 na escala 2) e 31 positivos (19 na escala 3, 4 na escala 4 e 8 na escala 5). Para o ordenamento *Usually Almost*, ocorreram 56 julgamentos negativos (17 na escala 1, 39 na escala 2) e 44 positivos (28 na escala 3, 9 na escala 4 e 7 na escala 5). Para o ordenamento *Still Usually*, ocorreram apenas 25 julgamentos negativos (7 na escala 1, 18 na escala 2) e 75 positivos (28 na escala 3, 27 na escala 4 e 20 na escala 5). Finalmente, para o ordenamento *Usually Still*, ocorreram 34 julgamentos negativos (9 na escala 1, 25 na escala 2) e 66 positivos (26 na escala 3, 24 na escala 4 e 16 na escala 5).

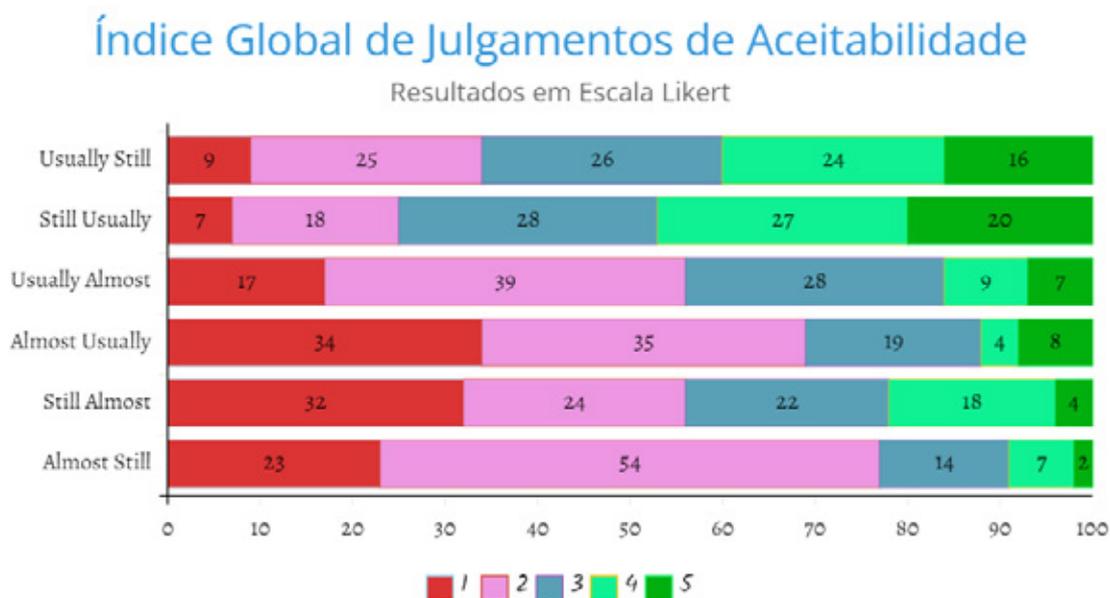
De forma geral, observa-se uma tendência parcial de ordenamentos não cinquenianos receberem mais julgamentos negativos (1 e 2) do que ordenamentos cinquenianos. Entende-se que, entre o ordenamento não cinqueniano *Almost Still* e o cinqueniano *Still Almost*, aquele recebeu aproximadamente 21 julgamentos negativos a mais. Entre o ordenamento não cinqueniano *Almost Usually* e o cinqueniano *Usually Almost*, aquele recebeu 13 julgamentos negativos a mais. Entretanto, essa tendência não se repete entre o ordenamento não cinqueniano *Still Usually* e o *Usually Still*, uma vez que aquele recebeu 9 julgamentos negativos a menos do que este. Os resultados descritos podem ser observados no gráfico abaixo:

---

<sup>10</sup> Uma vez que os sujeitos foram expostos a duas sentenças para cada ordenamento, houve uma duplicação no número de julgamentos apresentados para cada ordem.

- | Propriedades da ordenação de sintagmas adverbiais imperfectivos empilhados no inglês britânico: habitualidade, continuatividade e prospecção

**Gráfico 1.** Índice Global de Julgamentos de Aceitabilidade



Fonte: Elaboração própria

Convém ratificar que, para fins de análise, agruparam-se as escalas 1 e 2 na categoria “julgamento negativo” e as escalas 3, 4 e 5 na categoria “julgamento positivo”. Optou-se por agrupar a escala medial 3 neste último nível de variável pelo fato de se entender que infelicidade ou emprego não comum não pressupõe agramaticalidade de uma sentença.

No Teste de Regressão Logística, ao se ajustar o intercepto para a ordem *Almost Still* e o julgamento negativo, observa-se que o ordenamento empregado é um fator para o tipo de julgamento descrito, como se constata com o p-valor de 0,002 (Estimado 0,967; Inferior 0,357; Superior 1,578; SE 0,312, Z 3,10). Considerando o intercepto como o ordenamento *Still Almost* e o julgamento positivo, tal informação se confirma, uma vez que o ordenamento empregado é relevante para o tipo de julgamento (Estimado 0,967, Inferior 0,3566; Superior 1,578; SE 0,312, Z 3,10 e p-valor 0,002). Ajustando o intercepto como o ordenamento *Usually Still* e o julgamento positivo, constata-se que a diferença entre a frequência de julgamentos positivos atribuídos a *Still Usually* e *Usually Still* não é relevante, como se constata com o p-valor de 0,164 (Estimado -0,435, Inferior -1,049, Superior 0,178, SE 0,313, Z -1,39). Considerando o ordenamento *Still Usually* e os julgamentos negativos, observa-se igualmente a ausência de efeito da variável independente na previsão da dependente (Estimado -0,435, Inferior -1,049, Superior 0,178, SE 0,313, Z -1,39, p-valor = 0,164). Finalmente, considerando o ordenamento *Usually Almost* e o julgamento positivo, não há relação significativa entre o tipo de julgamento e a ordem utilizada (Estimado

0,559, Inferior -0,0203, Superior 1,138, SE 0,296, Z 1,89 e p-valor = 0,059). Em relação ao ordenamento *Almost Usually* e o índice de julgamento negativo, também não há efeito contrastivo relevante (Estimado 0,559, Inferior -0,0203, Superior 1,138, SE 0,296, Z 1,89 e p-valor = 0,059). O resumo dos resultados do teste pode ser observado abaixo:

**Quadro 2.** Resumo da significância entre ordenamentos e diferença entre julgamentos

Ordenamento/Julgamento	Diferenças entre julgamentos
<i>Still Almost – Almost Still</i>	<b>p-valor = 0,002**</b>
<i>Usually Almost – Almost Usually</i>	p-valor = 0,059
<i>Usually Still – Still Usually</i>	p-valor = 0,164

Fonte: Elaboração própria

Constatou-se que o único contexto em que os sujeitos apontaram mais significativamente julgamentos positivos a um ordenamento foi o de emprego do ordenamento *Still Almost*. Estar na ordem *Still Almost* ou *Almost Still* parece influenciar significativamente na seleção de respostas (seja como “boa” ou “ruim”). O ordenamento *Almost Still* foi o contexto de incidência mais prontamente significativa de julgamentos negativos. Em Alves (2022), a diferença de emprego entre exatamente esses ordenamentos está diretamente relacionada ao tipo de leitura/escopo da sentença. Na próxima seção, uma breve discussão dos resultados será apresentada.

## Discussão

Nesta seção, inicialmente, serão apresentadas e comentadas algumas sentenças que foram apresentadas como estímulo no TJA. Posteriormente, algumas propostas de análise qualitativa serão apontadas, à luz dos trabalhos de Cinque (1999) e Alves (2022). Abaixo, podem ser observadas algumas sentenças empregadas no teste com ordenamento não cinqueniano de advérbios imperfectivos.

(1) **Ordenamentos Não Cinquenianos:**

a) *Daniel **still usually** arrives late to work.*

“Daniel ainda geralmente chega atrasado ao trabalho”

b) *Diane **almost usually** gets an A.*

“Diane quase geralmente tira A”

c) *Peter **almost still** astonishes me.*

“Peter quase ainda me surpreende”

- | Propriedades da ordenação de sintagmas adverbiais imperfectivos empilhados no inglês britânico: habitualidade, continuatividade e prospecção

Em (1a), há a descrição de um evento presente de “chegar”, do qual “Daniel” é agente. Tal evento é descrito como habitual e continuativo, como se pode constatar pelo emprego dos advérbios *Usually* e *Still*. Entende-se que a chegada “habitual” de Daniel ao trabalho é descrita também como um evento continuativo, ou seja, Daniel ainda pratica a ação rotineira de chegar atrasado ao trabalho<sup>11</sup>. Há, assim, uma relação de escopo que se diferencia, por exemplo, da relação estabelecida em uma sentença com ordenamento cinqueniano de tais advérbios. Em (1b), faz-se referência a um evento de “tirar uma nota”, do qual Diane é agente. Esse evento é descrito como prospectivo e habitual, como se pode observar no emprego dos advérbios *Almost* e *Usually*. Aponta-se que “quase” rotineiramente a Diane tira um A, de forma que haja uma relação de escopo distinta, por exemplo, à estabelecida quando há ordenamento cinqueniano (*usually almost gets an A*) desses advérbios (há escopo estrito de “quase” sobre “tirar A”). Em (1c), faz-se referência a um evento presente de assustar, do qual Peter é agente. Esse evento é descrito como prospectivo e continuativo, como se constata pelo emprego dos advérbios *Almost* e *Still*. Entende-se que “quase” de forma contínua o Peter assusta alguém. Abaixo podem ser observadas algumas sentenças com ordenamentos “cinquenianos” de advérbios empilhados.

(2) **Ordenamentos Cinquenianos:**

- a) *Julia usually still talks about love.*  
“Julia geralmente ainda fala sobre amor”
- b) *Gabriel usually almost wins the lottery.*  
“Gabriel geralmente quase ganha na loteria”
- c) *Albert still almost leads the ranking of best employees.*  
“Albert ainda quase lidera o ranking de melhores empregados”

Em (2a), descreve-se um evento presente de “falar”, do qual Julia é agente. Tal evento é descrito como habitual e continuativo, de forma que se propõe que Julia rotineiramente ainda se põe a falar sobre amor (não de forma aleatória, mas de uma forma que constitua um hábito). Em (2b), faz-se referência a um evento presente de “ganhar na loteria”, do qual Gabriel é beneficiário. Esse evento é descrito como habitual e prospectivo, como se constata pelo emprego dos advérbios *Usually* e *Almost*. Entende-se que a prospecção de ganhar a loteria é rotineira, ou seja, o Gabriel é desprovido de sorte e, de forma habitual, quase ganha a loteria, mas nunca, de fato, a ganha. Em (2c), faz-se referência a um evento de liderar, do qual Albert é agente. Neste evento, assume-se que haja uma quase liderança

---

<sup>11</sup> Não se exclui a possibilidade de interpretação de que, nessa sentença, é o atraso de Daniel (o Daniel se atrasa para chegar) que pode se repetir.

de Albert do *ranking* dos melhores empregados, que se apresenta como contínua ou constante. Há, portanto, a descrição de um evento continuativo e prospectivo.

De forma genérica, observa-se que o único contexto em que as diferenças entre julgamentos parecem se relacionar diretamente à escolha de ordenamento é o de emprego de *Still Almost/Almost Still*. No que concerne ao emprego dos pares *Usually Almost/Almost Usually* e *Usually Still/Still Usually*, não parece haver diferença significativa entre os julgamentos. Muito provavelmente isso se relacione à ausência de contexto significativo que possibilite a escolha de uma leitura de escopo progressiva ou regressiva. Como apresentado neste trabalho, em Alves (2022), o emprego de *Still Almost/Almost Still* é significativamente guiado pelo contexto de atribuição de escopo. Dessa forma, quando há leitura de escopo progressivo<sup>12</sup> em sentenças em língua inglesa, o ordenamento *Still Almost* parece ser mais utilizado. Em contextos de leitura de escopo regressivo<sup>13</sup>, o ordenamento *Almost Still* é mais utilizado. Muito provavelmente, havendo um contexto ilocucionário que force uma interpretação de escopo regressivo, o ordenamento *Almost Still* seria mais aceito. Entende-se, assim, que os resultados desta investigação parecem dialogar com os achados de Alves (2022).

No que concerne aos pares *Usually Almost/Almost Usually* e *Usually Still/Still Usually*, é possível considerar que provavelmente a ausência de relevância das diferenças de atribuição de julgamento seja oriunda de uma interpretação de modificação direta por parte dos sujeitos. Dessa forma, possivelmente, em inglês, é licenciada uma estrutura em que o advérbio *Almost* seria gerado diretamente na projeção estendida do advérbio *Usually*. O mesmo raciocínio poderia ser aplicado aos resultados do par *Usually Still/Still Usually*. Talvez, em inglês, o advérbio *Still* possa atuar como um modificador, soldando-se, assim, em WP<sup>14</sup>, um nódulo de modificação da projeção estendida do advérbio *Usually*.

---

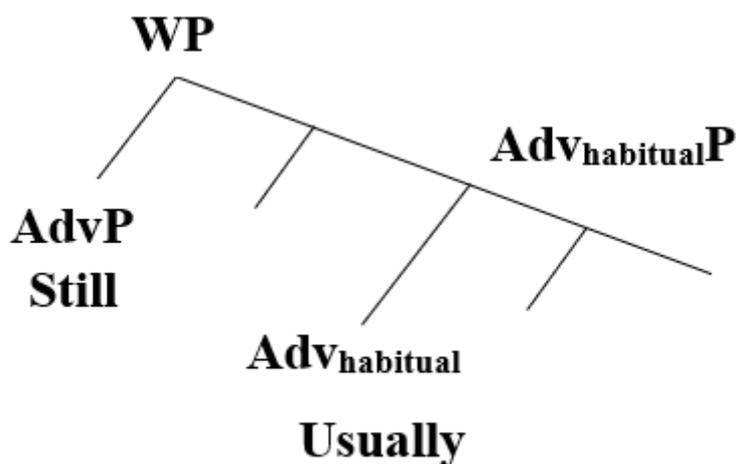
12 Leitura produzida pela atribuição de escopo do elemento c-comandante na Hierarquia Universal ao elemento c-comandado.

13 Leitura produzida pela atribuição de escopo do elemento c-comandado na Hierarquia Universal ao elemento c-comandante.

14 Uma discussão interessante seria até que ponto esse WP não poderia se comportar como um modificador de grau, atribuindo gradualidade diretamente ao advérbio *Usually*, em uma interpretação que determinado evento ainda continua geralmente, não raramente, a ocorrer.

- | Propriedades da ordenação de sintagmas adverbiais imperfectivos empilhados no inglês britânico: habitualidade, continuatividade e prospecção

Figura 2. Proposta de modificação direta em *Still Usually*



Fonte: Elaboração própria

Além disso, para explicar ocorrências como *Almost Still*, seria possível assumir carregamento de *Almost* + movimento remanescente para uma projeção acima de *Still*, seguida por extração de parte do VP. Uma vez que não se controlou, neste trabalho, fatores como prosódia implícita, é igualmente possível, por meio de um uso de entoação parentética, que os sujeitos chequem algum traço de estrutura informacional na periferia esquerda, ocasionando, assim, ordenamentos distintos. Entende-se, ainda, que é igualmente plausível a assunção de que não houve significância na atribuição de juízos pelo fato das distintas línguas-i dos sujeitos licenciarem ou não uma operação movimento remanescente de certos constituintes.

### Considerações finais

A predição adotada neste trabalho foi a de que os ordenamentos “cinquenianos” *Usually Still*, *Still Almost* e *Usually Almost* receberão mais julgamentos positivos do que os ordenamentos “não cinquenianos” *Still Usually*, *Almost Still* e *Almost Usually*. Tal predição foi refutada, uma vez que só há relevância na relação entre julgamentos e ordem, com os casos envolvendo *Still Almost* e *Almost Still*. Argumentou-se, contudo, que os julgamentos positivos atribuídos a ordenamentos “não cinquenianos” possam ser explicados à luz de estruturas de modificação direta, de movimento remanescente, de valoração de traços na periferia esquerda e de diferentes relações de escopo. Aponta-se, assim, que a ausência de significância entre os tipos de ordenamento e os julgamentos nas ocorrências envolvendo *Usually Still/Still Usually* e *Usually Almost/Almost Still* não deve ser entendida como uma

evidência de que a *Narrow Syntax* seria deficiente de projeções funcionais rigidamente ordenadas entre si, alocando advérbios em sua posição de especificador.

Em uma perspectiva popperiana de falseabilidade de hipóteses, os resultados encontrados neste trabalho, que, em uma leitura poderiam ser entendidos como uma suposta falha de transitividade (Tescari Neto, 2019), não falseiam a noção de que faculdade da linguagem possuiria a hierarquia universal de soldagem (*Usually*)  $Asp_{\text{habitual}}^P > (Still) Asp_{\text{continuativo}}^P$  e (*Almost*)  $Asp_{\text{prospectivo}}^P$ .

Argumenta-se que, como previsto por Cinque (1999), é possível explicar contextos de linearizações distintas das previstas em HU por meio de operações como movimento remanescente, modificação direta e checagem de traços informacionais. Afirma-se, assim, que os achados desta pesquisa podem ser interpretados como evidências positivas de ao menos certos contextos de aparentes diferenças de linearização. Dessa forma, o objetivo geral e os objetivos específicos desta pesquisa foram alcançados.

## Referências

- ALVES, M. G. **A representação mental da imperfectividade em inglês: uma análise cartográfica.** 2022. 134 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022
- CANÇADO, M.; AMARAL, L. **Introdução à Semântica Lexical: papéis temáticos, aspecto lexical e decomposição de predicados.** Campinas: Editora Vozes Limitada, 2016.
- CHOMSKY, N. **The minimalist program.** Massachusetts: MIT press, 1995.
- CHOMSKY, N.; KENSTOWICZ, M. Derivation by phase. 2001. **An Annotated Syntax Reader**, v. 482, 1999.
- CINQUE, G. **Adverbs and Functional Heads: A Cross-Linguistic Perspective.** 1. ed. New York: Oxford University Press, 1999.
- CINQUE, G. **Restructuring and Functional Heads: The Cartography of Syntactic Structures.** vol. 4. New York: Oxford University Press, 2006.
- CINQUE, G. Word order typology: A change of perspective. **Theoretical approaches to disharmonic word order**, p. 47-73, 2013.

- | Propriedades da ordenação de sintagmas adverbiais imperfectivos empilhados no inglês britânico: habitualidade, continuatividade e prospecção

CINQUE, G. On the status of functional categories (heads and phrases). **Language and Linguistics**, v. 18, n. 4, p. 521-576, 2017.

COMRIE, B. **Aspect**: an introduction to the study of verbal aspect and related problems. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1976.

FORERO PATAQUIVA, F. P. Valência verbal e tempo verbal no espanhol colombiano: uma análise cartográfica da subida do verbo. **Caderno de Squibs: Temas em Estudos Formais da Linguagem**, v. 5, n. 2, p. 28-38, 2019.

JACKENDOFF, R. S. **Semantic interpretation in generative grammar**. Cambridge, Mass.: M.I.T. Press, 1972.

KAYNE, R. S. **Movement and Silence**. Oxford: Oxford University Press; 2005a.

MARTINS, A. L.; ALVES, M. G. Traço de pontualidade em verbos com morfologia progressiva no Inglês:(in) compatibilidades. **Fórum Linguístico**, v. 18, n. 3, p. 6622-6644, 2021.

RIZZI, L. On some properties of criterial freezing. **Studies in linguistics**, v. 1, p. 145-158, 2006.

TESCARI NETO, A. **On verb movement in Brazilian Portuguese**: A cartographic study. PhD Thesis, Università Ca'Foscari, Venice. 2013.

TESCARI NETO, A. Falhas de transitividade são falhas de análise. **Revista Linguística**, v. 15, n. 3, p. 21-42, 2019.

---

**COMO CITAR ESTE ARTIGO:** ALVES, Matheus Gomes; NESPOLI, Juliana Barros; MARTINS, Adriana Leitão. Propriedades da ordenação de sintagmas adverbiais imperfectivos empilhados no inglês britânico: habitualidade, continuatividade e prospecção. **Revista do GEL**, v. 21, n. 1, p. 120-136, 2024. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>.

Submetido em: 24/10/2023 | Aceito em: 09/01/2024.

---

# ANALOGIA NA MORFOLOGIA: UMA ABORDAGEM FUNCIONAL- COGNITIVA

Carlos Alexandre GONÇALVES<sup>1</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v21i1.3705>

**Resumo:** Neste artigo, procuramos fazer um apanhado histórico do conceito de analogia, com o intuito de mostrar de que maneira o fenômeno foi abordado em várias correntes linguísticas, sobretudo no que diz respeito à morfologia. Com ênfase na abordagem funcional/cognitiva da linguagem e por meio da discussão de exemplos de (de)formações lexicais do português brasileiro, pretendemos mostrar que a analogia constitui importante habilidade cognitiva e está por trás da criação de novas unidades morfológicas, não havendo, portanto, limite intransponível entre as criações de base analógica e as que se pautam em esquemas produtivos.

**Palavras-chave:** Analogia. Produtividade. Esquema. Criatividade. Construcionalização.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; [carlexandre@bol.com](mailto:carlexandre@bol.com); <https://orcid.org/0000-0003-3672-3852>

- | Analogia namorfologia: uma abordagem funcional-cognitiva

## *ANALOGY IN MORPHOLOGY: A FUNCTIONAL-COGNITIVE APPROACH*

**Abstract:** In this paper, we intent to give a historical overview of the concept of analogy, in order to show how the phenomenon has been approached in various linguistic currents, especially with regard to morphology. With an emphasis on the functional/cognitive approach to language and by discussing examples of lexical (de)formations in Brazilian Portuguese, we intend to show that analogy is an important cognitive skill and can be behind the creation of new morphological units, so there is no insurmountable limit between analogically-based creations and those based on productive schemes.

**Keywords:** Analogy. Productivity. Scheme. Creativity. Constructionalization.

### **Introdução<sup>2</sup>**

Além do acesso a esquemas bem consolidados na língua, uma nova palavra pode ser criada por espelhamento em outra. Tal é o caso das formações analógicas, “claramente modeladas por uma palavra complexa já existente, não dando origem a uma série produtiva” (Bauer, 1988, p. 96). Neste artigo, discutimos o papel da analogia na reinterpretação e na criação de palavras, seja para provocar efeitos de sentido através de etimologias falsas ou reais, seja para cunhar novos termos. Temos o propósito de mostrar que, muitas vezes, a analogia não pode ser totalmente desvinculada da produtividade, como querem alguns linguistas (cf., p. ex., Plag, 1999; Matiello, 2017), uma vez que pode constituir a fonte de novas unidades morfológicas através da construcionalização (Traugott; Trousdale, p. 2013, p. 22)<sup>3</sup>, que, aplicada à morfologia, corresponde à formação de um padrão produtivo de formação de palavras.

O artigo é dividido da seguinte maneira: em primeiro lugar, apresentamos as primeiras ideias sobre analogia e verificamos como esse mecanismo é interpretado nas ciências, de um modo geral. A seguir, procuramos definir analogia com base em Saussure (1916) e Basilio (1997) para, logo após, observar o tratamento na linguística funcional/cognitiva, especialmente a partir de Fauconnier e Turner (2002) e Traugott e Trousdale (2013). Logo após, damos exemplos das várias estratégias de que o falante se serve para

---

2 O título do artigo é idêntico ao publicado pela Professora Miriam Lemle, a que objetivamos prestar homenagem, na *Revista Brasileira de Linguística*, Petrópolis, v. 1, n. 1, p. 16-21, 1974.

3 A construcionalização constitui processo de mudança linguística cujo resultado vem a ser um novo pareamento forma-função na língua, de natureza mais procedural e de modo gradual, isto é, “através de uma sucessão de neoanálises morfossintáticas e semântico-pragmáticas ao longo do tempo” (Traugott; Trousdale, 2013, p. 22).

manipular uma palavra através da associação de sua forma, vendo nela uma expressão sintática, um composto ou um derivado. Finalizando o texto, mostramos que a analogia responde pela criação de novos elementos que passam a ser parte de uma série de palavras, os chamados *splinters* (Bauer, 2004). A análise é feita com base na chamada linguística funcional-cognitiva (Bybee, 2003; Diessel, 2015) e na morfologia construcional (Booij, 2010) e se apoia, entre outras, em noções como neanálise, produtividade, esquematicidade e construcionalização.

### Analogia: primeiras ideias

O conceito de analogia remonta à antiguidade clássica. Oriunda do grego antigo, ‘analogia’ é uma palavra complexa, constituída dos formativos *ana-* (“semelhança”) e *logia* (“estudo”). Antes do advento da linguística como ciência, a analogia foi um dispositivo amplamente evocado para justificar casos de anomalia na evolução histórica das línguas. Quando uma forma apresentava feição diferente das demais, seja na fonologia, seja na morfologia, a analogia foi muitas vezes apresentada como justificativa. Por exemplo, Coutinho (1960, p. 114) assim se posiciona a respeito do fenômeno:

A analogia é o princípio pelo qual a linguagem tende a uniformizar-se, reduzindo as formas irregulares e menos frequentes a outras regulares e frequentes. [...] Nas transformações de uma língua, exerce a analogia um papel verdadeiramente importante. [...] desviando as palavras do império das leis fonéticas, ocasiona mudanças em sua estrutura, extremando formas que pela origem deviam achar-se juntas. [...]

Alguns dados fornecidos por renomados filólogos e/ou gramáticos históricos são os seguintes, muitos de difícil comprovação empírica:

- (1) O aparecimento do -s final em ‘antes’ pela oposição que estabelece com ‘depois’ (Coutinho, 1960);
  - A presença do -t- intrusivo em ‘cafeteira’, por conta de sua existência na base de ‘leiteira’ (Monteiro, 1987);
  - A presença de uma nasal em ‘motorneiro’ por associação a formas como ‘jardineiro’, ‘torneiro’, ‘marceneiro’, ‘caminhoneiro’ (Luft, 1979);
  - A existência de um [r] em ‘estrela’ (do latim *stelam*) por essa sibilante existir em ‘astro’ (Chaves de Melo, 1950);
  - A substituição do <s> pelo <r> em *honos* (“honra”), por associação com *orator* (Saussure, 1916).

- | Analogia namorfologia: uma abordagem funcional-cognitiva

Nessa mesma linha de raciocínio, gramáticos, em geral, apontam que a analogia explica vários dos chamados “vícios de linguagem”, pois constitui importante mecanismo de regularização linguística:

- (2) a. A pronúncia proparoxítona de ‘rubrica’, único substantivo com forma verbal correspondente que não é proparoxítono;
- b. A flexão de gênero de ‘menos’, interpretado como adjetivo (‘menas gente’);
- c. O de ‘encima’, com hipersegmentação, por associação a ‘acima’, e ‘embaixo’, ambos grafados como unidade;
- d. O de ‘em bora, com hipossegmentação, tanto pela existência da preposição ‘em’, quanto de ‘bora’ atualmente usado como chamamento (‘bora pra festa’).

Como se vê, a analogia, até o momento, é definida, em termos linguísticos, como importante mecanismo de regularização de formas. O conceito, no entanto, passa por importantes reformulações no século XX, como veremos a seguir.

## Analogia nas ciências

No grego clássico, o raciocínio analógico foi largamente utilizado por Platão e Aristóteles. Para eles, analogia significava “regularidade proporcional” e foi aplicada inicialmente à matemática, correspondendo a um quarto número, desconhecido,  $X^4$ , que estabelece relação com outros três, dados em proporção. Constitui, por exemplo, um raciocínio como o seguinte:

- (3) se  $a::b$  (lê-se: a está (::) para b) e  $c::x$  (lê-se: c está para x) e a primeira é dividida pela segunda, então a terceira é dividida pela quarta. Por exemplo, se  $a = 6$  e  $b = 3$ , então 4 está para 2, que preenche a posição de X, o algarismo antes desconhecido:  
 $a::b \quad a=6; b=3$   
 $c::x \quad c=4; x=2$

A analogia como quarta proporcional (ou regra de três, como também ficou conhecida mais tarde) foi amplamente usada pelos seguidores de Platão e Aristóteles, não apenas em matemática, mas também no desenvolvimento de outros ramos da ciência e da filosofia, incluindo a linguística. De acordo com Castro (2019, p. 825), a analogia, “utilizada como recurso pedagógico, consiste num procedimento metodológico, incluído no interior da dialética platônica, pela correlação que desenvolve com a mesma em termos da teoria do conhecimento e teoria do ser”. Vejamos sua aplicação à linguística.

---

4 Em matemática, X, até hoje, equivale a uma incógnita, grandeza a ser determinada na solução de uma equação, de um problema. Em Linguística, corresponde a uma variável sem conteúdo segmental.

Começemos com o mestre genebrino e, depois, com uma referência em morfologia no Brasil – Margarida Basilio.

## Analogia em Saussure e Basilio

Ao privilegiar os estudos sincrônicos, Saussure aborda a analogia sobre o prisma da quarta proporcional, relação matemática lógica, expressa em (3), na seção anterior, que pode estender-se à correspondência entre palavras. Por exemplo, para o precursor da linguística moderna, um termo A está para o termo B, da mesma forma que C está para X, a forma desconhecida e variável, criada a partir da simetria na relação entre A e B e sua consequente aplicação à vinculação entre C e X. Em termos concretos, teríamos o seguinte:

- (4) Se livros são guardados em um lugar (A), e esse lugar é uma biblioteca (B);  
Então, se são postos em um barraco (C), esse lugar é uma ‘barracoteca’ (X).

Para Saussure, a analogia pressupõe um modelo e, conseqüentemente, a imitação regular desse modelo. Por esse motivo, observa que fenômenos analógicos não necessariamente levam a mudanças, uma vez que “nada de novo podemos ter com a palavra remodelada” (Saussure, 1916, p. 123). Tal é a situação das analogias meramente fonológicas. Falantes muitas vezes acessam uma forma para se referir à outra, com feição sonora bastante parecida, mas bem distante em relação ao significado. Os exemplos a seguir comprovam esse tipo de rastreamento articulatório que o usuário da língua faz, com o objetivo de, a partir de uma palavra que conhece, transmitir o significado de outra, como se observa nos cartazes a seguir, em que o nome próprio ‘Flávio’ é usado em referência a ‘inflável’; ‘inflamável’ no lugar de ‘inflável’; e ‘glúteo’ em vez de ‘glúten’:

**Figura 1.** ‘Inflávio’, ‘inflamável’ e ‘glúteo’



**Fonte:** Google Images. Imagens disponíveis em <https://www.tiktok.com/@ramnogueira/video/7219695864967662853>. Acesso em: 20 dez. 2023.

Para Saussure (1916), a analogia é de natureza psicológica, mas afirmar apenas isso não basta; é necessário destacar que é também um mecanismo de ordem gramatical,

- | Analogia namorfologia: uma abordagem funcional-cognitiva

pois “supõe a consciência e uma compreensão de uma relação que une as formas entre si, culminando com a proposição do cálculo da quarta proporcional” (Saussure, 1916, p. 192). Desse modo,

[...] se perdoar: imperdoável etc. = decorar: x, então x = indecorável. Uma palavra que eu improvise, tal como in-decor-ável, já existe em potência na língua; encontramos-lhe todos os elementos em sintagmas como decor-ar, decor-ação: perdo-ável, manej-ável: in-consciente, in-sensato etc.; e sua realização na fala é um fato insignificante em comparação com a possibilidade de formá-la (Saussure, 1916, p. 193).

Como se vê, a analogia, para Saussure, é detonada a partir de paradigmas estabelecidos que obedecem a certa matematização da língua. Como observa Silva (2018, p. 922), para Saussure, “a analogia está distante da ideia de irregularidade ou de infração a uma ideia esperada nas línguas”; ao contrário, constitui, nas palavras do mestre, “o processo pelo qual estas passam de um estado de organização para outro” (Saussure, 1916, p. 189).

Revisitando Saussure, num texto já clássico no Brasil, que pode ser considerado um divisor de águas em sua produção científica, Basilio (1997) aborda o princípio de analogia (PA), comparando-o com as conhecidas Regras de Formação de Palavras (RFPs). A autora salienta que

(a) toda e qualquer construção descrita por RFP [Regras de Formação de Palavras] pode *ipso facto* ser descrita por PA [Processo Analógico], e (b) nem todas as construções por PA são adequadamente descritas por RFP, a menos que se altere significativamente nosso entendimento do que sejam RFPs (Basilio, 1997, p. 18).

Para Basílio, o PA é mais eficaz na explicação da formação de novos itens lexicais, bem como no reconhecimento de relações lexicais já existentes e improdutivas, pois assinala que, “para operarmos com o PA, não precisamos de elementos delimitados e categorizados nos moldes estabelecidos pela RFPs”; conclui, desse modo, que, como “mecanismo lógico, a quarta proporcional pode operar com quaisquer elementos que se conformem à estrutura básica” (Basilio, 1997, p. 11), como os seguintes casos por ela analisados:

- (5) Palavras cunhadas em textos literários, como o famoso ‘enxadachim’, de Guimarães Rosa;  
 Bases presas que podem ser identificadas por padrões derivacionais gerais, como os agentivos ‘carpinteiro’ e ‘marceneiro’, a partir dos locativos ‘carpintaria’ e ‘marcenaria’;  
 A proliferação das formações X-ódromo a partir da criação de ‘sambódromo’;  
 A morfologização de *gate* a partir do escândalo político envolvendo o ex-presidente Nixon no complexo *Watergate*.

Por outro lado, Basilio (1997, p. 18) destaca que a analogia “é um mecanismo lógico, e não especificamente linguístico”; por isso mesmo, “teríamos o princípio fundamental da expansão e conhecimento lexical como um mecanismo geral cognitivo e, portanto, não especificamente linguístico”. Dessa maneira, como ressalta Furtado (2011, p. 65), na análise de Basilio (*op. cit.*), “o que prevalece é o fato de que a analogia é um princípio geral em oposição às inúmeras regras de formação de palavras, as quais dificultam a análise de processos semelhantes, mas não idênticos em todas as línguas”.

Na próxima seção, a partir dos modelos baseados no uso (Bybee, 2010; Traugott; Trousdale, 2013), procuramos mostrar que a analogia é uma habilidade cognitiva que certamente tem reflexos na língua, em vários tipos de instanciações. Nesse sentido, é impossível separar o saber linguístico de outros tipos de conhecimentos.

### **Analogia na Linguística Funcional/Cognitiva**

Na linguagem comum, a analogia pode ser considerada como um “ponto de identidade entre coisas diferentes; semelhança, similitude, parecença” (Ferreira, 1985, p. 121). Desse modo, envolve uma associação/comparação entre entidades diferentes – seres, objetos, conceitos, ações e/ou experiências –, focando na semelhança entre eles.

A linguística cognitiva, de certo modo, amplia o uso comum que se faz da analogia, pois, ao buscar os mecanismos cognitivos e os princípios que licenciam a formação e o uso de unidades linguísticas, parte do pressuposto de que a linguagem é parte integrante da cognição humana.

A analogia é um dos princípios fundamentais da linguística cognitiva (Langacker, 1987) e ganhou enorme destaque na obra de Fauconnier e Tunner (2002). Para esses autores, o princípio tem vez no momento em que o falante necessita explicar determinado elemento a partir de outro, já conhecido. Desse modo, é um princípio de primeira ordem, que facilita a aquisição e o reconhecimento de um novo domínio, uma vez que “permite fazer um paralelismo entre elementos de significados distintos com o objetivo de verificar e fazer surgir um novo elemento no mundo, categorizado de forma mais adequada” (Furtado, 2011, p. 54).

- | Analogia namorfologia: uma abordagem funcional-cognitiva

A Linguística Cognitiva (LC) tem estudado mais objetivamente o pensamento analógico e vem constatando que, desde muito cedo, essa habilidade surge na criança e passa a operar em todos os níveis sociais e conceptuais do indivíduo. Bons exemplos de analogia na aquisição aparecem em (6), a seguir:

- (6) Eu ‘sabo’, em vez de ‘sei’, por conta da enorme diferença fonológica da base na P1 do presente;

Eu vou na fona, por interpretação do *o* de ‘fono’ como marca de masculino;

Eu tinha fazido, uma clara regularização do particípio irregular ‘feito’.

Fauconnier e Turner (2002, p. 18) destacam quão interessantes são (a) a sistematicidade e (b) a complexidade do processo analógico, que, formadas logo no início da vida, acabam se tornando invisíveis para a consciência e, por isso mesmo, podem passar despercebidas nas situações diárias devido às nossas habilidades de identificar e reconhecer semelhanças e diferenças. Exemplos rotineiros de analogia são as predicções feitas a partir da comparação com animais, numa clara projeção metafórica que culmina na criação de adjetivos:

- (7) gato/a (pessoa muito bonita)

porco/a (sujo)

burro/a (ignorante)

touro (forte)

formiga (amante de doce)

Sem dúvida alguma, os usos em (7) envolvem a metáfora, uma vez que são transferidas propriedades de um domínio (o animal) para outro (o humano). Desse modo, os indivíduos precisam estabelecer analogias para compreender metáforas, mas o conhecimento das novas relações acaba modificando o próprio sistema conceptual. Em outras palavras, metáforas pressupõem analogia, mas a analogia é uma habilidade de primeira ordem, tomada por Fauconnier e Turner (2002), como uma das relações vitais, ou seja, como uma das habilidades essenciais para o raciocínio humano, “aquele mais fundamental, governado por algo que chamamos metaforicamente de ‘a mão invisível’” (Fauconnier; Turner, 2002, p. 65). Desse modo, está assentada nas capacidades de percepção que envolvem, por sua natureza, “saliência perceptual, seletividade de aspectos e monitoramento do foco de atenção” (Fauconnier; Turner, 2002, p. 65)<sup>5</sup>.

---

5 Traduções próprias de “the most fundamental, governed by something we metaphorically call ‘the invisible hand’” e “perceptual salience, selectivity of aspects and monitoring of the focus of attention”.

Em linhas gerais, há dois tipos de analogia: as formais e as semânticas (cf. Bybee, 2003), mas as que mais nos interessam, neste texto, são as que articulam esses dois aspectos. Ainda que as (de)formações lexicais não necessariamente respondam pela criação de um esquema produtivo e envolvam a criatividade linguística, podem ser abordadas pela morfologia, uma vez que, de uma maneira ou de outra, manipulam a forma da palavra, o que certamente condiz com a definição dessa área de estudos da linguagem: “parte da gramática que descreve as unidades mínimas de significado, sua distribuição, variantes e classificação, conforme as estruturas onde ocorrem, a ordem que ocupam, os processos na formação de palavras e suas classes” (Cabral, 1982, p. 166).

Em linhas gerais, no âmbito da forma das palavras, a analogia opera como uma espécie de etimologia fantasiosa (pseudoetimologia ou paretimologia), pois consiste numa reinterpretação, por conta de semelhanças formais e/ou semânticas, de unidades linguísticas muitas vezes indecomponíveis. Recebe, na literatura especializada, rótulos como os seguintes:

- (8) folk etymology/popular etymology (Marković, 2017)
- analogical reformation (Coates, 1987)
- reanalysis (Plag, 1999)
- morphological reanalysis (Fertig, 2014)
- etymological reinterpretation (Cienkowski, 1969)

O conceito, em geral, aponta para regularizações naturalmente feitas pelo falante, como, por exemplo, em ‘desvaziar’, no lugar de ‘esvaziar’. Por conta do significado e da proximidade fonológica, muitos falantes inserem o /d/ e a forma é interpretada como constituída do prefixo *des-*, uma vez que ‘esvaziar’ de algum modo remete à ideia de reversibilidade, semântica prototípica desse prefixo.

Situação um pouco diferente consiste na interpretação de ‘luxúria’ remetendo a ‘luxo’, que realmente foi a raiz da palavra (a etimologia é verdadeira, portanto). Com o tempo, o significado da palavra se lexicalizou e passou a significar “extravagância sexual”, mas muitos falantes não reconhecem essa interpretação e associam ao étimo real, o que faz com alguns internautas, “guardiães da língua”, revoltados, façam perguntas como a seguinte, em *sites* como [origemdapalavras.com.br](http://origemdapalavras.com.br):

- (9) Estimados doutores,

Por amor à nossa língua, não mais admitirei algo do tipo: “Fulano é tão rico que é uma luxúria só!” Cheeeeega! Que história é essa de confundir luxo com luxúria? Vcs estão ou não estão comigo? Por isso eu suplico: Digam, de uma vez por todas: qual a origem desta palavra tão mal empregada? (<https://origemdapalavra.com.br/palavras/luxuria>). Acesso em: 20 maio 2023.

- | Analogia namorfologia: uma abordagem funcional-cognitiva

No nosso caso especificamente, interessam-nos, mais de perto, três tipos de situação: (a) a decomposição de formas, levando à divisão de um todo em duas unidades independentes ('detergente' = "prender pessoas"); (b) a reanálise intencional de uma palavra como derivada ('missão' = "missa longa demais"); e (c) a substituição de parte de uma palavra não complexa, alterando, em função da forma, uma porção amórfica por outra que seja morfêmica ('macumba' = 'má' + 'cumba', daí 'boacumba'). O último caso é o mais interessante justamente por poder responder pela criação de esquemas produtivos. Obviamente, os dois primeiros estão na esfera da criatividade linguística e demonstram usos extremamente inteligentes, (a) revelando a capacidade inventiva do falante em reestruturar formas linguísticas e (b) destacando o quanto ele domina sua língua. A metáfora dos três I's da mente cabe muito bem aqui: esses usos são intencionais e geralmente provocam o riso, o humor, a ironia e o deboche.

O sistema conceptual humano possui grande potencial simbólico para construir significados. Conforme Fauconnier e Turner (2002, p. 27), isso é possível devido às operações realizadas pelos três I's da mente: "Identidade (percepção de equivalência e oposições entre coisas concretas ou abstratas); Integração (processo complexo que dispõe de propriedades dinâmicas e estruturais, de operação rápida com finalidade de categorização) e Imaginação (simulações, tais como: ficção, sonho, cenários hipotéticos, fantasias)"<sup>6</sup>. Em inglês, a forma fica mais interessante porque I's é pronunciado 'eyes', remetendo aos "olhos" da mente. Começemos com as decomposições.

### **Decomposições lexicais (DLs)**

Nas DLs, o falante, com base na forma, divide uma unidade muitas vezes atômica (monomorfêmica) em dois itens lexicais, podendo separar formalmente suas partes, ao interpretar intencionalmente uma palavra como uma estrutura sintática. Tal é o caso da já sem graça piada envolvendo o 'pavê', forma reestruturada como 'pa', redução da preposição 'para', e 'vê', realização de 'ver' sem o <r> de infinitivo. Na imagem a seguir, a tirinha explora bem o uso generalizado da expressão e mostra o estado de crise econômica por que estamos passando:

---

<sup>6</sup> Tradução nossa de "Identity (perception of equivalence and oppositions between concrete or abstract things); Integration (complex process that has dynamic and structural properties, of rapid operation for the purpose of categorization) and Imagination (simulations, such as: fiction, dreams, hypothetical scenarios, fantasies)".

Figura 2. “Pavê ou pacumê?”



Fonte: <http://www.willtirando.com.br/pave-ou-pacome/>. Acesso em: 20 dez. 2023.

Caso similar envolvendo a produção da preposição ‘para’ como [pa] é o do peixe ‘pacu’. No texto multimodal a seguir, o adjetivo posposto, associado à forma ‘pacú’ (sic!), reinterpretada ‘pa’ + ‘cu’, e as imagens à direita levam à interpretação pretendida pelo conceptualizador, pois são elas que irão guiar o leitor na leitura da piada:

Figura 3. “Pacu”



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/506232814343357406/>. Acesso em: 20 dez. 2023.

Um caso de decomposição bastante interessante e criado recentemente envolve a palavra ‘gado’. Sabemos que essa forma remete a rebanho, ou seja, a um conjunto de quadrúpedes, sobretudo bovinos. Com a polarização política no Brasil a partir de 2016, com o *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff e, principalmente, com a eleição à presidência do ex-deputado federal Jair Bolsonaro, a palavra ‘gado’ passou a ser utilizada em referência aos apoiadores de Bolsonaro. Aqui, temos uma extensão metonímica<sup>7</sup>,

<sup>7</sup> Às vezes, a distinção entre metáfora e metonímia é realmente pouco clara. Aqui, é possível também entender como metáfora, porque haveria uma similaridade entre os bolsonaristas e os bovinos, similaridade essa no âmbito do comportamento. Soares da Silva (2006) usa o cruzamento vocabular metaftonímia para destacar a fluidez dos limites entre essas duas habilidades cognitivas.

- | Analogia namorfologia: uma abordagem funcional-cognitiva

uma vez que rebanhos geralmente seguem o pastor de modo extremamente passivo e instintivo.

Apesar de a expressão ‘gado’ ter sido utilizada para se referir aos eleitores do então candidato Jair Bolsonaro em 2018, ano das eleições, o termo ganhou mais força após sua posse e tomada de atitudes polêmicas tanto dele quanto de membros do seu governo e também seus familiares. O chamado ‘gado’ bolsonarista aceita suas posições sem questionar, tolera seu destempero e, sobretudo, continua o seguindo, sempre o defendendo, até mesmo em situações indefensáveis, incluindo falas preconceituosas e supostos casos de corrupção. Na imagem a seguir, importantes nomes ligados ao ex-presidente são desqualificados com uma palavra não decomponível terminada em *gado*.

**Figura 4.** Personalidades terminadas em *gado*



**Fontes:** <https://twitter.com/debocheria/status/1652039805981564932/photo/1> e <https://twitter.com/debocheria/status/1659690459185434624>. Acesso em: 20 dez. 2023.

Como mostram as legendas, cada um dos aliados do ex-presidente Bolsonaro é identificado com um adjetivo ou substantivo terminado em *gado*. Essa associação, além de formal, é ideológica, pois as figuras aqui retratadas são fortes apoiadores de ex-chefe do executivo. As legendas ora revelam a ocupação da personalidade envolvida na foto (advogado, delegado), ora um fato relevante acontecido com eles (interrogado, julgado, desempregado), ora uma ironia por conta do comportamento agressivo (zangado) e, por fim, uma avaliação recente do próprio Bolsonaro (drogado)<sup>8</sup>.

<sup>8</sup> A imagem do ex-presidente com a palavra droGADO se deve ao depoimento pelos atos de oito de janeiro, quando disse à Polícia Federal que postou um vídeo sobre os acontecimentos “sem querer”, porque estava tomando remédios.

Essas “deformações” lexicais são frequentemente usadas para criticar o comportamento de alguma figura polêmica com certo destaque na mídia. Tal é o caso do Pastor Silas Malafaia, líder da Assembleia de Deus Vitória em Cristo (o zanGADO da Figura 4). Seu apoio a Bolsonaro é incondicional e esse religioso, como assinala a própria Wikipedia ([https://pt.wikipedia.org/wiki/Silas\\_Malafaia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Silas_Malafaia)), “é bastante conhecido por sua atuação política e pelo discurso de ódio sobre temas como homossexualidade e aborto, bem como por defender a chamada teologia da prosperidade”. Em relação a esse último tópico, seu sobrenome apresenta a forma *mala-* em seu início, o que levou o falante a associar, por metonímia, mala com dinheiro. O resultado são as referências a seguir, todas com a decomposição do sobrenome em mala + adjetivo. Em alguns casos, o <s> inicial do prenome é substituído por \$ para reforçar a suposta riqueza do pastor<sup>9</sup>:

- (10) Silas Mala grana (<https://bovideo.net/tags/e-onda-gospel>)  
 Silas Mala farta (<https://bovideo.net/tags/e-Par-Farta>)  
 Silas Mala cheia ([https://desciclopedia.org/wiki/Pastor\\_Silas](https://desciclopedia.org/wiki/Pastor_Silas))  
 Silas Mala gorda (<https://it-it.facebook.com/npcinfor/videos/>)

Em texto sobre a (de)formação lexical de nomes de líderes de igrejas neopentecostais, Gonçalves (2019) destaca que a palavra ‘mala’ é polissêmica e, em função de designar algo difícil de carregar, por metonímia, acabou sendo usada em referência a pessoas chatas, inconvenientes, sem graça – os chamados “malas sem alça”. Algumas reconstruções do sobrenome do referido pastor com esse significado de ‘mala’ são listadas na sequência.

- (11) Silas Mala falsa ([https://twitter.com/DCM\\_online/status/](https://twitter.com/DCM_online/status/))  
 Silas Mala chata (<https://noticias.gospelmais.com.br/silas-malafaia>)  
 Silas Mala Vaia (<https://www.facebook.com...Silas-Malavaia>)  
 Silas Malafanha (<http://wp.clicrbs.com.br/espiadinha/2010/03/17>)

Por fim, como observa Gonçalves (2019), algumas criações exploram a sequência não silábica do início do sobrenome desse líder neopentecostal. A silabificação da lateral em coda possibilita dividir a palavra, interpretando ‘mal’ como adjetivo:

- (12) Mal-amado ([cardosinho.blog.br/cidade/frase-20/](http://cardosinho.blog.br/cidade/frase-20/))  
 Mal-afana (<https://www.recantodasletras.com.br/humor/4379028>)  
 Mal-afeto (<https://www.pensador.com> › Pensador › Autores › Helio Cruz)

---

<sup>9</sup> Todos os dados apresentados em (10), (11) e (12) foram acessados na mesma data: 20 dez. 2023.

- | Analogia namorfologia: uma abordagem funcional-cognitiva

Pelos exemplos, nota-se que a analogia opera com uma divisão do todo em partes, levando ou não a uma expressão sintática. As divisões exemplificam o primeiro caso e as terminações com *gado*, o segundo. O caso de *gado* é similar a uma fala engraçada de uma colega de literatura. Em referência a seus atributos físicos, ela diz ser “pernóstica, petulante, mas não abundante”, numa clara alusão de que tem pernas bem torneadas e seios fartos, não acontecendo o mesmo com suas nádegas. Podemos, dessa maneira, entender que a analogia é uma transferência de inferências que se dá na construção das cenas ativadas pela língua e, por isso mesmo, é uma habilidade cognitiva que precede o processamento de uma mescla conceptual<sup>10</sup> e permite a correlação de elementos individuais.

A decomposição também opera com expressões estrangeiras muito usadas no Brasil. Desse modo, a ação da analogia pode estender-se para além de palavras/expressões nativas e pode ter na rotulação sua principal motivação, pois estão a serviço da nomeação de lugares e sensações. Nos exemplos a seguir, as criações também veiculam o ponto de vista do conceptualizador sobre o *designatum* e, por serem humorísticas, certamente provocam o riso. No entanto, não deixam de rotular um novo referente ou designar uma impressão ruim. A primeira se espelha em *food truck* (‘espaço móvel, geralmente um caminhão, que transporta e vende comidas’) e usa uma kombi velha para funcionar como motel, nomeando essa nova entidade. A segunda é moldada na expressão francesa *deja-vu* (‘sensação de viver coisas conhecidas’) e utiliza a redução de um palavrão em referência a situações muito desagradáveis sentidas como já vivenciadas:

Figura 5. *Fode-truck* e *deja-fu*



Fontes: <https://www.tiktok.com/discover/Fode-truck> e <https://patchworkdasideias.blogspot.com/2015/01/deja-fu.html>. Acesso em: 20 dez. 2023.

10 O processo de Mesclagem Conceptual é construído a partir da integração de espaços mentais cujos conteúdos relacionam uma rede de conceitos advindos de esquemas conceptuais como os *Frames* e os Modelos Cognitivos Idealizados (Fauconnier, 1996; Fauconnier, 1997).

Para finalizar este tópico, listamos, a seguir, uma pequena relação de decomposições que consta do dicionário Português-Português (<https://www.mail-archive.com/piadas.news@grupos.com.br/msg00468.html>. Acesso em: 1 jun. 2023), o que demonstra ser essa brincadeira com a forma da palavra mais comum do que se imagina:

- (13) Cleptomaniaco – maníaco por Eric Clapton.  
 Determine – prender a namorada de Mickey Mouse.  
 Coordenada – que não tem cor.  
 Edifício – antônimo de “é fácil”.  
 Contribuir – ir para algum lugar com vários índios.  
 Desviado – uma dezena de homossexuais.  
 Eficiência – estudo das propriedades da letra F.  
 Fluxograma – direção em que cresce o capim.  
 Presidiário – aquele que é preso diariamente

### Reanálise afixal

No caso em questão, o falante interpreta partes das palavras-modelo como morfêmicas e atribui a elas um significado completamente diferente do que normalmente veicula. São casos bem diferentes dos de ‘luxúria’, por dois motivos, fundamentalmente: (a) a base não necessariamente veicula o significado pretendido pelo conceptualizador; e (b) as reanálises são completamente intencionais.

Começemos nossa descrição com ‘diabetes’. Essa palavra, que faz referência a uma doença metabólica caracterizada por níveis cronicamente elevados de glicose no sangue, é oriunda do grego e apresentou, em algum momento da história dessa língua, o formativo *dia-*, o mesmo que aparece em ‘diagonal’ e ‘diálogo’, por exemplo. Fato é que primeiramente fazia referência a “passar através de um sifão”. Obviamente, a interpretação é hoje holística. Por outro lado, a palavra ‘diabetes’ apresenta uma sequência inteira que remete a ‘diabo’, além de apresentar um *ete* que significa assistente de palco ou dançarina de algum programa televisivo (Cândido, 2013):

- | Analogia namorfologia: uma abordagem funcional-cognitiva

Figura 6. Diabetes



Fonte: <https://br.ifunny.co/picture/rOPkeNdN6>. Acesso em: 20 dez. 2023.

Similar à situação de ‘diabetes’, mas envolvendo um suposto prefixo, é a de ‘estouro’ em sua acepção mais coloquial: “forma de expressar satisfação e felicidade, de dizer que algo foi muito bom”, como em “sua festa foi um estouro” (Ferreira, 1985, p. 832). Diversas instituições comerciais que vendem hambúrgueres, com o objetivo de valorizar a qualidade de seus sanduíches com o atributo ‘estouro’, fazem alusão ao ingrediente básico dessa iguaria, a carne bovina, evocada a partir da semelhança com ‘touro’, como se vê nas propagandas a seguir:

Figura 7. Ex-touro



Fonte: <https://urlis.net/pzaia4g9>. Acesso em: 20 dez. 2023.

Uma última reinterpretação que ilustra bem o fenômeno ora analisado é seguinte, na qual a base ‘mestre’ deixa de ser analisada como relativa a mês (do lat. *mens-*). De fato, ‘bimestre’ e ‘trimestre’ são etimologicamente constituídas dos prefixos *bi-* e *tri-*, que indicam, respectivamente, “dois” e “três”. No entanto, essa palavra provém do latim ‘bimestris’, formada de *bi(s)-* (“dois”), *mensis* (“mês”), mais o sufixo *estris*, que indica “próprio de” (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Bimestre>. Acesso em: 6 mar. 2024), como em ‘equestre’ e ‘terrestre’. Obviamente com finalidades expressivas, faz referência àquele que possui dois/três títulos de mestrado ou, como na imagem a seguir, a dois/três mestres:

**Figura 8.** Bimestre e trimestre.



**Fonte:** <https://urlis.net/wqgfgjvk>. Acesso em: 20 dez. 2023.

Para encerrar a seção, listamos, a seguir, uma pequena relação de casos de reinterpretação afixal encontrada no já referido dicionário Português-Português (<https://www.mail-archive.com/piadas.news@grupos.com.br/msg00468.html>. Acesso em: 1 jun. 2023):

- (14) Tripulante – especialista em salto triplo.  
 Biscoito – fazer sexo duas vezes.  
 Caçador – indivíduo que procura sentir dor.  
 Ratificar – tornar-se um rato.  
 Suburbano – habitante dos túneis do metrô.  
 Testículo – texto muito pequeno.  
 Ministério – aparelho de som de dimensões muito reduzidas.

Em resumo, reanálises afixais e decomposições sublexicais são construções expressivas, utilizadas com ironia e doses de humor. Revelam a criatividade do falante e sua habilidade de manipular palavras e expressões, nas quais reconhece, pela forma, estrutura morfológica muitas vezes inexistente. No entanto, podem também levar a

- | Analogia namorfologia: uma abordagem funcional-cognitiva

nomeações, como o já citado ‘fode truck’ e o aplicativo de entregas ‘Aiqfome’, claramente modelado a partir da forma inglesa ‘IFood’:

Figura 9. Aiqfome



Fonte: <https://www.portalguiaitabirito.com.br/aiqfomeitabirito>. Acesso em: 21 dez. 2023.

### Substituição sublexical (SSL)

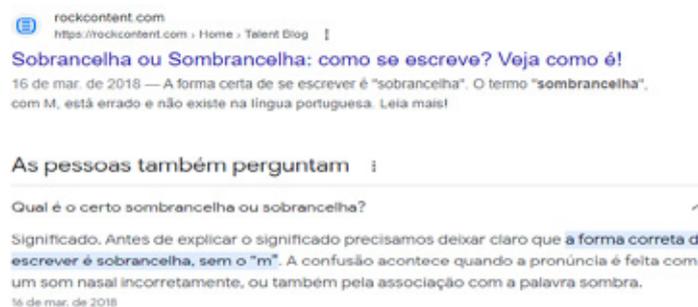
Há, na literatura sobre o português, alguma polêmica envolvendo as substituições sublexicais (SSLs). Alguns autores, como Almeida (2005), Andrade (2009) e Andrade e Rondinini (2015), consideram as SSLs como um dos três tipos de cruzamento vocabular (CV): (a) *portmanteau* ('familiaria'); (b) *telescopes* ('sapatênis')<sup>11</sup>; e (c) SSL ('bebemorar'). Basilio (2003, 2005) explora apenas o primeiro caso, que chama de FUVes (Fusão Vocabular Expressiva), não abordando os dois outros. Furtado (2011) e Gonçalves (2018), por sua vez, consideram as SSLs como um tipo de reanálise, interpretando-as como criações analógicas (e não como cruzamentos). Neste texto, defendemos a segunda interpretação, não considerando a SSLs como um subtipo de CV.

---

<sup>11</sup> Mantemos, aqui, a classificação feita por Piñeros (2000) para o espanhol e adotada primeiramente no Brasil por Araújo (2001). Nos *portmanteaux*, cruzamentos se caracterizam pela sobreposição das formas de base, havendo compartilhamento de massa fônica (ambimorfemia), como em 'crentino', em que as matrizes lexicais apresentam vários segmentos em comum. Nos *telescopes*, ao contrário, não há acesso à ambimorfemia. Esse tipo de cruzamento prioriza os pés métricos, quase sempre aproveitando as iniciais de uma base e a tônica de outra, como em 'selemengo' e 'brasiguaio'.

Em linhas bem gerais, nos casos de CV, duas palavras-matrizes se interpõem ('micheque') ou pelo menos uma se encurta para formar uma terceira ('futivôlei'; 'portunhol'). No nosso entendimento, a SSL não envolve a manipulação de duas formas de base, mas a reinterpretação intencional de apenas uma. Assim sendo, uma base é reinterpretada, sendo uma de suas partes, por semelhança formal, alçada à condição de formativo (palavra ou afixo). Por exemplo, em 'monocelha', para nós um caso de SSL, a sequência 'sobran' – que não apresenta qualquer estatuto morfológico em 'sobancelha' – é extremamente parecida com o substantivo 'sombra', tanto é que muitos falantes chegam a perguntar ao Google qual a forma correta, se 'sobancelha' ou 'sombrancelha':

**Figura 10.** Como se escreve



**Fonte:** <https://rockcontent.com/br/talent-blog/sobrancelha-ou-sombrancelha>. Acesso em: 20 dez. 2023.

Adotando a nomenclatura de Laubstein (1999), uma forma invasora, por conta da relação com 'sombra' – e também pela função que esses pelos desempenham de proteger os olhos –, a sequência *sobran-* é projetada à condição de palavra, sendo substituída sublexicalmente, como se vê na representação a seguir, feita com base no instrumental de análise da Morfologia Prosódica (McCarthy; Prince, 1998)<sup>12</sup>:

$$(15) \quad (so . bran . ce . lha)_{MWd}$$

$$\quad \left( \left( \quad \right)_{MWd} \right)_{MWd}$$

$$\quad |$$

$$\quad \left( \left( mono \right)_{MWd} celha \right)_{MWd^*}$$

Pela representação, observa-se que a sequência fônica reinterpretada é lexicalmente substituída pelo radical neoclássico *mono-*, que significa “um; uma só unidade”, como em

<sup>12</sup> Na representação em (15), amplamente utilizada em trabalhos que seguem a orientação da Morfologia Prosódica (McCarthy; Prince, 1998), os pontos demarcam sílabas e MWd abrevia “Morphological Word” (palavra morfológica). MWd\* é a convenção utilizada em referência à palavra morfológica complexa – aquela constituída de mais de uma unidade morfológica.

- | Analogia namorfologia: uma abordagem funcional-cognitiva

‘monocelular’, ‘monovalente’ e ‘monossílabo’. O radical invasor ressignifica o referente, pois nomeia aquele que tem as sobrancelhas emendadas, ao contrário de quem as têm divididas ao meio. Exemplos conhecidos de ‘monocelhas’ são o jogador de basquete americano Anthony Davis, a ilustre mexicana Frida Kahlo, ícone feminino nas artes, o personagem Tim, do filme “Chovendo hambúrguer”, e o boneco Beto, do antigo programa infantil “Vila Sésamo”:

**Figura 11.** Monocelha



**Fonte:** <https://www.pluricosmetica.com/pluriblog/wp-content/uploads/2015/02/monocelha.jpg>. Acesso em: 20 dez. 2023.

Muitas substituições sublexicais exploram a sequência não morfêmica *ma-*, reinterpretando-a como o adjetivo feminino ‘má’. Exemplos bem conhecidos são listados a seguir:

- (16) boadrasta – madrasta boa como mãe  
 boadrinha – madrinha excepcional  
 boacumba – macumba para o bem  
 boaconha – maconha de excelente qualidade  
 boagia – magia para coisas boas  
 boadrugada – madrugada perfeita

Pelos dados, concordamos com Dobrovolsky (2001, p. 131), para quem “cruzamentos constituem produtos da junção de dois vocábulos em ‘planos alternativos’, ao contrário das substituições internas, cujas bases operam em ‘planos competitivos’”<sup>13</sup>. Nas SSLs, portanto, o ponto de partida é uma palavra, advindo a sobreposição e a interpretação de

<sup>13</sup> Tradução própria de “lexical blends are products of the joining of two words on ‘alternative planes’, unlike sublexical substitutions, whose bases operate on ‘competitive planes’”.

duas bases da reanálise intencional de um alvo. *Vários casos de SSLs têm tão alta frequência de token* que ganham, nos termos de Bybee (2003), força lexical e passam a ser de domínio público, como as seguintes:

- (17) bebemorar (< comemorar)  
 trêbado (< bêbado)  
 zilhão/zilionário (< milhão/milionário)  
 fráttria/máttria (< pátria)

Da mesma forma que Dobrovolsky (2001), consideramos SSLs formações em que uma matriz lexical é estruturalmente reanalisada e, em decorrência, cria espaço para a entrada de um elemento morfológico “invasor” (Bat-El, 2006) – seja ele base (‘bebemorar’), afixo (‘trêbado’) ou mesmo um simples segmento fônico (‘zilhão’) – projetado pela semelhança com outro no interior da nova forma resultante.

A SSL também pode resgatar a etimologia de palavras com alguma opacidade morfossemântica. Tal é o caso de ‘aniversário’. De origem latina, essa palavra resulta da junção das formas *annus* (ano) e *vertere* (voltar), aludindo a algo que volta todos os anos. Sem dúvida alguma, é transparente apenas a primeira partícula, *ani-*, cuja relação com ‘ano’ parece bastante óbvia. Caso queiramos nos referir a algo que acontece todos os meses, o resultado é ‘mesversário’. Por exemplo, mês a mês, na mesma data, determinados pais comemoram o aniversário de vida do pequenino. O ‘mêsversário’ é realizado todos os meses até que o neném complete um ano, e então, a partir do primeiro ano, é comemorado anualmente seu aniversário:

**Figura 12.** Mesversário



Fonte: <https://www.extrafesta.com.br/painel-mesversario-chuva-de-amor-menina>. Acesso em: 20 dez. 2023.

- | Analogia namorfologia: uma abordagem funcional-cognitiva

Vista dessa maneira, a SSL pode ser considerada importante recurso para a criação de novas unidades morfológicas, chamadas *splinters*, entendidos, desde Bauer (2004, p. 75), como “recortes recorrentes na criação de séries de palavras”<sup>14</sup>.

### A SSL e a criação de afixos e *splinters*

Uma vez que uma forma é ressegmentada e um elemento morfológico intrusivo substitui intencionalmente uma sequência não morfêmica, pode-se criar um *slot* para que outras, do mesmo domínio cognitivo, substituam a invasora, promovendo justamente a parte que remanesce. Tomemos como exemplo o hoje consagrado sufixo *ete*. Sem dúvida alguma, a palavra-fonte é ‘vedete’, nome atribuído à principal artista feminina de um espetáculo “derivado do cabaré e suas subcategorias de teatro de revista, *vaudeville*, *music hall* ou burlesco” (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Vedete>. Acesso em: 20 dez. 2023). Ainda de acordo com a Wikipédia, o objetivo da vedete é entreter e cativar o público, além de saber cantar, dançar e atuar no palco.

Ao que tudo indica<sup>15</sup>, foi o apresentador Edson Cury, mais conhecido como Bolinha, o primeiro a reinterpretar a palavra ‘vedete’, aproveitando a beleza, a pouca roupa e a exuberância das antigas atrizes do teatro de revista para nomear suas dançarinas. A neoanálise<sup>16</sup> de vedete pode ser representada da seguinte maneira:

$$(18) \quad (ve . de . te)_{MWd}$$

$$\quad (( \quad )\sqrt{\quad})_{MWd}$$

$$\quad (((bol)\sqrt{inha})_{MWd} *ete)_{MWd^*}$$

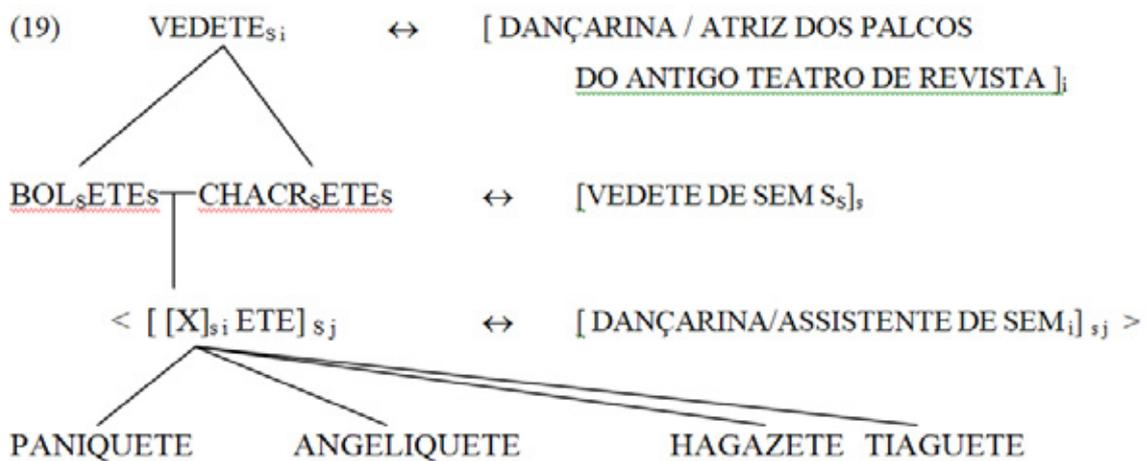
Na ótica construcional, uma operação como a representada em (18) constitui processo que atinge a língua, ao criar novas construções pela alteração de (sub) componentes de uma construção já existente (Traugott; Trousdale, 2013). Rosário e Oliveira (2016) apontam que o processo de construcionalização normalmente acontece por meio de neoanálise e analogias no campo pragmático, passando pelo campo semântico e, por último, pelo campo formal. Assim, cria-se um novo pareamento convencionalizado de forma e sentido, uma nova combinação: a construcionalização gramatical.

14 Tradução própria de “recurring clippings in the creation of word series”.

15 Embora não tenhamos certeza em relação a isso, muitos parentes mais velhos nos deram essa informação, pois o *Clube do Bolinha*, das tardes de sábado, é mais antigo que os programas do Chacrinha.

16 Da mesma forma que Oliveira e Sembrana (2020, p. 32), entendemos por neoanálise “os novos usos linguísticos que, por sucessivos passos de mudança, levam à construcionalização, constituindo-se em novos pareamentos”.

A neanálise de ‘vedete’ e a alta frequência de *token* de ‘chacrete’, dada a enorme audiência do programa comandado pelo apresentador Abelardo Barbosa nas tardes de sábado, levaram à construcionalização X-ete, pois a raiz de ‘Chacrinha’, apelido do velho guerreiro, criou um *slot*, possibilitando que outros itens preenchessem essa posição, ainda que a fonte original possa ser ‘bolete’. Quando uma neanálise se convencionaliza na população de falantes, cria-se uma nova microconstrução, como se vê na representação a seguir, na qual se cria um esquema  $[[X]_{s_i} ete]_{s_j}$ , que responde por novas formações, como os constructos ‘Hagazete’ (dançarina do antigo programa H) e ‘Tiaguete’ (assistente de palco do apresentador Tiago Leifert):

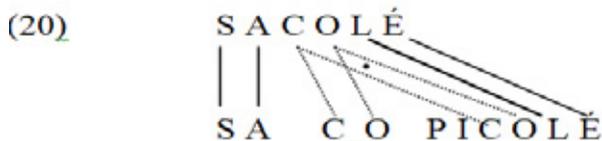


Na representação em (19), feita nos moldes da morfologia construcional (Booij, 2010), SEM é interpretado como o *frame* evocado pela palavra-fonte, no caso nomes próprios ou de programas de TV. Os símbolos maior que e menor que (respectivamente, <, >) demarcam o novo esquema e a seta de mão dupla (↔) relaciona forma e significado no interior de cada linha, que simboliza que são todas as construções, ou seja, pareamentos de forma-significado/função. Na segunda linha, opera a neanálise, responsável pelo desmembramento de *ete*, que passa de sequência fônica à forma presa (um sufixo) pela cunhagem feita por Bolinha/Chacrinha. Na terceira linha, temos um novo pareamento forma-significado/função e, conseqüentemente, um novo esquema, no qual S representa a etiqueta lexical da base e do produto (um Substantivo, nos dois casos). Os subscritos <sub>i</sub> e <sub>j</sub> indicam que ambas as formas fazem parte do léxico.

O caso de *ete* é bem reportado na literatura, embora não exatamente nos termos aqui tratados. Como observa Cândido (2013), *-ete* já tinha, na língua, algum estatuto morfológico, pois aparecia em algumas palavras complexas reanalisadas do francês, a exemplo de ‘garçonete’, sem qualquer respaldo na língua doadora com o significado que tem em português. Casos ainda pouco abordados, sobretudo numa perspectiva construcional, são os *splinters*.

- | Analogia namorfologia: uma abordagem funcional-cognitiva

O *splinter* ganha estatuto de morfema a partir dos trabalhos de Bauer, autor que restringe esse termo a porções recorrentes de cruzamentos ou de encurtamentos lexicais. No verbete da 12ª edição da *Encyclopedia of Language and Linguistics*, o termo *splinter* é conceituado como “um fragmento de palavra usado repetidamente na formação de novas palavras”<sup>17</sup> (Bauer, 2007, p. 453). Em outro texto, Bauer (2005) demonstra que tais partículas criam palavras em série, tendo rentabilidade até maior que a de muitos afixos. De fato, muitos *splinters* têm altíssima prolificidade, como é o caso de *nejo*, que, na acepção de “ritmo musical”, responde por muito mais criações que o sufixo improdutivo a que a nasal se incorporou, *ejo* (Rosito de Oliveira, 2017). Observemos, no entanto o caso de ‘sacolé’, típico caso de *portmanteau*, uma vez que a sílaba <co> é compartilhada pelas duas matrizes lexicais, ‘picolé’ e ‘saco’, como se vê na representação a seguir, em que linhas pontilhadas sinalizam a ambimorfemia (porção sonora que, no CV, pertence às duas bases):



Do ponto de vista fonológico, as duas palavras-matrizes são emaranhadas, de modo que dois segmentos são compartilhados (linhas pontilhadas). Desse modo, uma palavra aparece integralmente “dentro” da outra, pois a menor forma de base (‘saco’) está totalmente contida no cruzamento (‘sacolé’). Essa cunhagem revela que as bases, embora não sejam do mesmo tamanho, compartilham porções fônicas idênticas ou equivalentes e se fundem, garantindo que a estrutura métrica e prosódica equivalha à da maior forma de base.

Numa perspectiva construcional, a presença de uma palavra na posição inicial do cruzamento possibilita a atuação da SSL, o que, por neoanálise, cria uma nova microconstrução com a sequência *lé*, agora um *splinter*, aparecendo numa série de novas formações:

- (21) sucolé – sacolé feitos de sucos de frutas.  
 caipilé – caipirinha, feita de bebidas alcoólicas como com um picolé.  
 cachaçolé – nome da marca, bebida alcoólica – cachaça – com picolé  
 tequilé – picolé feito de tequila congelada no formato de picolé e limão.

<sup>17</sup> Tradução própria de “a word fragment used repeatedly in word-formation”.

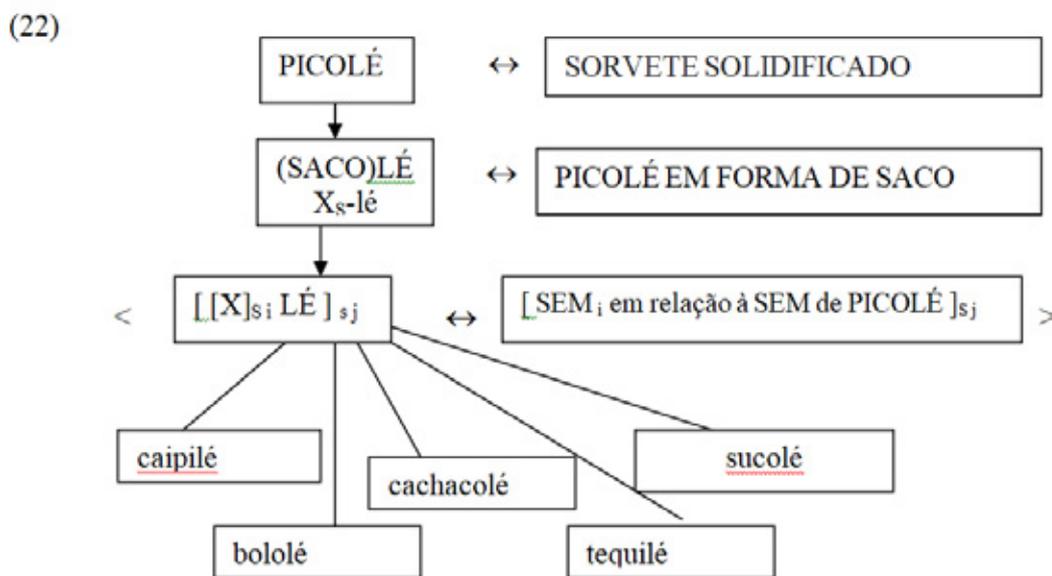
chandelé – sacolé com espumante.

chopplé – um chopp tão gelado quanto um picolé.

bololé – sobremesa feita de bolo congelado feito picolé.

ticolé – funk a respeito do sacolé – outro nome para sacolé.

Em termos de representação, temos o seguinte: o cruzamento de ‘saco’ com ‘picolé’ cria a construção ‘sacolé’. Por conta da existência de uma unidade morfológica na primeira posição (palavra), a SSL é possibilitada, o que resulta numa neoanálise, culminando com a criação da construção  $X_s$ -lé:



Considerando a abordagem de Traugott e Trousdale (2013), a forma original constitui um constructo, uma vez que corresponde ao uso efetivo na língua sem nenhum grau de abstração. Na segunda linha, aparece uma construção inovadora que, pelo processo de *blending* (fusão vocabular), deixa uma unidade lexical no início da nova palavra, o que leva à possibilidade de se criar *slot* vazio a ser posteriormente preenchido por outro elemento congêneres. A neoanálise leva à criação de uma construção (subesquema construcional, no qual se observa um conjunto de similaridades observáveis entre construções diversas). Por fim, as cinco formações apresentadas são constructos oriundos do esquema  $< [X]_{s_i} LÉ ]_{s_j} \leftrightarrow [SEM_i \text{ em relação à SEM de PICOLÉ } ]_{s_j} >$ .

Nas imagens a seguir, ilustram-se outras formações bem recentes com o esquema  $[[X]_{s_i} lé]_{s_j}$  em português. Observe-se, com mais vagar, a última delas, pois rotula uma

- | Analogia namorfologia: uma abordagem funcional-cognitiva

prática nova na pediatria brasileira: o congelamento de leite materno para posterior uso por bebês lactantes:

**Figura 13.** Morangolé, mojitolé, chocolé e peitolé



**Fonte:** Melo (2019, p. 125-130).

Como se vê, não procede que “formações analógicas devem ser distinguidas de instanciações de regras produtivas”<sup>18</sup>, como propõe Plag (1999, p. 20), pois uma formação analógica, oriunda ou não de cruzamentos/encurtamentos, pode dar origem a uma nova unidade morfológica e, em decorrência, a um esquema produtivo<sup>19</sup>. Nesse aspecto, portanto, concordamos com Szymanek (2005, p. 431), pois “não parece possível ou apropriado dissociar completamente ambos os conceitos, ou seja, analogia e (alta) produtividade”<sup>20</sup>.

### ***O détournement***

Há, no atual estágio da língua, um caso de analogia pouco abordado que ocorre, sobretudo, com antropônimos e nomes de entidades governamentais. Não os consideramos casos de cruzamentos porque uma das formas (ou ambas) constitui palavra na língua e essa é uma das condições que os autores defendem para que haja um *blend* lexical (cf. Andrade, 2009; Benfica da Silva, 2019). Além disso, a intenção do

18 Tradução própria de “analogical formations must be distinguished from instantiations of productive rules”.

19 Os dados evidenciam que um esquema produtivo nada mais é do que uma formação analógica cuja base é, na verdade, não uma única palavra, mas um conjunto maior.

20 Tradução própria de “it doesn’t seem possible or appropriate to completely dissociate both concepts, i.e. analogy and (high) productivity”.

conceptualizador é claramente a de desqualificar a entidade referida (*designatum*) através da troca de uma ou mais palavras por outras já existentes na língua. Entram nesse grupo nomes de líderes evangélicos (23), políticos (24) e órgãos públicos (25):

- (23) Pilas Maracutaia (Silas Malafaia)  
 RR\$omares (RRSoares)  
 Marcelo Costela (Marcelo Crivela)  
 Marcos Feliz sem ânus (Marcos Feliciano)  
 Adir Mais cedo (Edir Macedo)
- (24) Júlia Mamata (Júlia Zanata)  
 Sérgio Morro, Mouro, Bolo (Sérgio Moro)  
 Escandinavo Guyer (Gustavo Guyer)  
 Mário Farias, Rias, Fias (Mário Frias)  
 Marcelo Frouxo (Marcelo Freixo)
- (25) Sinistro da Educação (Ministro da Educação)  
 Cemitério da Saúde (Ministério da Saúde)  
 Extremo Tribunal Federal (Supremo Tribunal Federal)

Defendemos, neste texto, que os casos acima podem ser descritos como um tipo de *détournement*, conceito criado por Grésillon e Maingueneau (1984), que mostram a possibilidade artística de tomar algum objeto criado pelo sistema político-ideológico, ao distorcer seu significado original propositalmente, com o intuito de produzir efeito crítico.

O termo francês *détournement* poderia ser traduzido por algo como “distorção”, “malversação” ou “deturpação”. No entanto, Koch, Bentes e Cavalcante (2007, p. 45) observam que a noção de *détournement* – cunhagem que, na falta de uma tradução que lhes pareça satisfatória, preferem manter no original – seria capaz de subsumir grande parte dos casos de intertextualidade implícita. Segundo as autoras, o *détournement* consiste em produzir um enunciado que possui marcas linguísticas de uma enunciação proverbial, mas não pertencem ao estoque dos provérbios reconhecidos. Para elas, *détournements* podem ser lúdicos ou militantes. Os que estão em jogo nos dados de (23) a (25) são do segundo tipo, pois estão “a serviço de uma manobra política ou ideológica”, que “visa a dar autoridade a um enunciado (captação) ou a destruir aquela do provérbio em nome de interesses das mais diversas ordens (subversão)” (Koch; Bentes; Cavalcante, 2007, p. 45). Por exemplo, Pilas Maracutaia, ao mesmo tempo em que distorce o nome do líder

- | Analogia namorfologia: uma abordagem funcional-cognitiva

religioso Silas Malafaia, evoca essa figura polêmica no cenário brasileiro por meio de palavras próximas que remetem a dinheiro (Pilas) e a corrupção (Maracutaia).

## Palavras finais

Enfim, esperamos que este texto tenha cumprido seus objetivos principais: definir analogia em várias perspectivas teóricas, exemplificar os diferentes casos existentes no português brasileiro contemporâneo e mostrar que essa habilidade cognitiva pode responder pela criação de novas unidades morfológicas e, conseqüentemente, pela criação de esquemas construcionais.

Também procuramos mostrar, na esteira de Szymanek (2005) e Fandrych (2008), que não há limite intransponível entre analogia e produtividade, mas reconhecemos, com Basilio (1997, p. 11), que essa operação está na base “das formações de reestruturação morfológica que tanto podem criar novos elementos morfológicos quanto produzir palavras de efeito retórico e poético”. Com farta exemplificação dos dois casos, enfatizamos a distinção entre processos de formação de palavras (como a SSL) e processos de deformação lexical (como as decomposições estruturais).

## Referências

- ALMEIDA, M. L. L. de. Cruzamento vocabular no português: aspectos semântico-cognitivos. *In*: PELOSI, A. C.; FELTES, H. P. de M.; FARIAS, E. M. P. (org.). **Linguística e Cognição**. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005. v. 1, p. 157-170.
- ANDRADE, K. E. Entranhamento lexical, combinação truncada e analogia: estudo otimalista sobre padrões de Cruzamento Vocabular. *In*: GONÇALVES, C. A. *et al.* (org.). **Otimalidade em foco: morfologia e fonologia do português**. Rio de Janeiro: Publit Soluções editoriais, 2009. p. 123-145.
- ANDRADE, K. E.; RONDININI, R. B. Cruzamento vocabular: um subtipo da composição? **DELTA**, v. 32, n. 4, 2016.
- ARAÚJO, G. A. Morfologia não concatenativa: os *portmanteaus*. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, n. 39, v. 2, 2001.
- BASILIO, M. A fusão vocabular como processo de formação de palavras. **ANAIS do IV Congresso Internacional da ABRALIN**. Salvador: UFBA, 2005. p. 10-13.

BASILIO, M. Cruzamentos vocabulares: o fator morfológico. *In: X Congresso da ASSEL-RIO – ATAS*. Rio de Janeiro: Assel-Rio, 2003.

BASILIO, M. O princípio da analogia na constituição do léxico: regras são clichês lexicais. *Veredas* (UFJF), Juiz de Fora, v. 1, p. 9-21, 1997.

BAT-EL, O. Blend. *In: BROWN, K. (ed.). Encyclopedia of Language & Linguistics*. Second Edition. Oxford: Elsevier, 2006. v. 2, p. 66-70.

BAUER, L. **Introducing Linguistic Morphology**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1988.

BAUER, L. **A Glossary of Morphology**. Washington: Georgetown Univ. Press, 2004.

BAUER, L. The borderline between derivation and compounding. *In: DRESSLER, W. (ed.). Morphology and its demarcations*. Amsterdam / *et al.* Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005. p. 79-93.

BAUER, L. Splinters. *Encyclopedia of Language and Linguistics*, v. 12, p.77-78, 2007.

BENFICA DA SILVA, V. **O cruzamento vocabular formado por antropônimos: análise morfológica e fonológica**. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

BOOIJ, G. **Construction morphology**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

BYBEE, J. Cognitive processes in grammaticalization. *In: TOMASELLO, M. (ed). The new psychology of language*. NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2003. p. 145-168.

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CABRAL, L. S. Morfologia. *In: CABRAL, L. S. Introdução à Linguística*. Porto Alegre: Editora Globo, 1982. p. 112-143.

CÂNDIDO, B. F. F. **Formações X-ete no português do Brasil: uma análise construcional**. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

- | Analogia namorfologia: uma abordagem funcional-cognitiva

CASTRO, M. F. Sobre a analogia na reflexão saussuriana. **DELTA: Documentação e estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 34, n. 3, p. 815-834, 2019.

CHAVES DE MELO, G. **Iniciação à filologia portuguesa**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1950.

CIENKOWSKI, W. The initial stimuli in the processes of etymological reinterpretation (so-called folk etymology). **Scando-Slavica**, v. 15, n. 1, p. 237-245, 1969.

COATES, R. Pragmatic sources of analogical reformation. **Journal of Linguistics**, v. 23, n. 2, p. 319-340, 1987.

COUTINHO, I. de L. **Pontos de gramática histórica**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1960.

DIESSEL, H. Usage-based construction Grammar. *In*: DABROWSKA, E.; DIVJA, D. (ed.). **Handbook of Cognitive Linguistics**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2015. p. 296-322.

DOBROVOLSKY, M. Malay blends – CV or syllable template? **Calgary (Working) Papers in Linguistics**, v. 23, p. 12-29, Spring, 2001.

FANDRYCH, I. Submorphemic Elements in the Formation of Acronyms, Blends and Clippings. **Lexis – E-Journal in English Lexicology**, v. 2, n. 20 (1), p. 132-147, 2008.

FAUCONNIER, G. **Mental spaces: aspects of meaning construction innatural language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

FAUCONNIER, G. **Mappings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. **The way we think**. New Yorker: Basic Books, 2002.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERTIG, D. Morphological Reanalysis. **Potsdam Summer School in Historical Linguistics Course on Morphological Change**. Buffalo, 2014. Disponível em: <https://www.acsu.buffalo.edu/~fertig/Potsdam2014/MorphChangeCourse3-Reanalysis.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2024.

FURTADO, L. R. **Análise semântico-cognitiva das substituições sublexicais em português**. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

GONÇALVES, C. A. **Morfologia**. São Paulo: Parábola, 2018.

GONÇALVES, C. A. A crença nas palavras: (des)construções lexicais em antropônimos de líderes religiosos. **Estudos Linguísticos** (São Paulo, 1978), v. 48, p. 899-918, 2019.

GONÇALVES, C. A. Uma análise construcional das (de)formações lexicais com os nomes do atual chefe do executivo. **Gragoatá** (UFF), v. 25, n. 52, p. 648-687, 2020.

GRÉSILLON, A.; MAINGUENEAU, D. Polyphonie, proverbe et détournement: ou unproverbepeutencacher un autre. **Langages**, Paris: Larousse, n. 73, p. 112-125, 1984.

KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. **Intertextualidade**: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2007.

LANGACKER, R. W. **Foundations of cognitive grammar**: theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LAUBSTEIN, A. Word blends as sublexical substitutions. **Linguistics**, v. 44, n.2, p. 127-148, 1999.

LUFT, C. **Dicionário gramatical da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Globo, 1979.

MCCARTHY, J.; PRINCE, A. Prosodic Morphology. *In*: SPENCER, A.; ZWICKY, A. (ed.). **The Handbook of Morphology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 212-219.

MARKOVIĆ, I. Motivations of language change: Vitality of popular etymology and other variations in non-standard speech. **Jezikoslovlje**, v. 18, n. 1, p. 279-303, 2017.

MATTIELLO, E. **Extra-grammatical Morphology in English**: abbreviations, blends, reduplicatives and related phenomena. Berlin/Boston. De Gruyter Mouton, 2017.

MONTEIRO, J. L. **Morfologia portuguesa**. Campinas: Pontes, 1987.

- | Analogia namorfologia: uma abordagem funcional-cognitiva

OLIVEIRA, M. R. de; SAMBRANA, V. R. M. Neonálise e analogização na formação de Marcadores discursivos do português. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 18, n. 1, p. 25-44, jan./abr. 2020.

PIÑEROS, C. E. **Word-blending as a case of non-concatenative morphology in Spanish**. Rutgers: Rutgers University, 2000.

PLAG, I. **Morphological Productivity: structural constraints in English Derivation**. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, 1999.

QUADRIO, A. **Análise construcional da segmentação na escrita**. 2022. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ROSÁRIO, I. da C. do; OLIVEIRA, M. R. de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 60, n. 2, 2016.

ROSITO de OLIVEIRA, A. C. **As formações X-nejo no português do Brasil: uma análise construcional**. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SILVA, K. A. A analogia e o sentimento do sujeito falante em Saussure. **DELTA**, v. 34, n.3, p. 919-940, 2018.

SAUSSURE, F. de. **Cours de linguistique générale**. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1916.

SOARES DA SILVA, A. **O mundo dos sentidos**. Coimbra: Almedina, 2006.

SZYMANEK, B. The latest trends in English word-formation. *In*: ŠTEKAUER, P.; LIEBER, R. (ed.). **The handbook of word-formation**. Netherlands: Springer, 2005. p. 429-448.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional Changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

**COMO CITAR ESTE ARTIGO:** GONÇALVES, Carlos Alexandre. Analogia namorfologia: uma abordagem funcional-cognitiva. **Revista do GEL**, v. 21, n. 1, p. 137-169, 2024. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>.

Submetido em: 12/01/2024 | Aceito em: 07/03/2024.

---

# FOR A DISCURSIVE-LINGUISTIC APPROACH TO JUNCTION: ANALYSIS OF LINKING MECHANISMS IN NARRATIVE AND ARGUMENTATIVE DISCURSIVE TRADITIONS

Lúcia Regiane LOPES-DAMASIO<sup>1</sup>

Mateus Dias SANTANA<sup>2</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v21i1.3699>

**Abstract:** This paper presents the results of a quantitative-qualitative analysis of linking mechanisms (LMs) in narrative and argumentative discursive traditions (DTs), focusing on the relation between subject and language based on (their) image of the written mode of enunciation. The study is based on the concept of constitutively heterogeneous writing (Corrêa, 1997), on the textual-dialogical view, grounded on the concept of DTs (Kabatek, 2006), and the functionalist model of junction (Raible, 2001). LMs are therefore considered to be *traces* of the subject's circulation through writing, within a linguistic-discursive approach. The results of this approach show that *parataxis* prevails in both DTs, according to the meaning of *addition*, *cause*, *later time* and *contrast*. This takes place in junction spaces which indicate, with a higher frequency in these traditions, the subject's circulation within the sphere of the genesis of writing, in junction *traces* marked with higher repeatability by *juxtapositions* and the use of the conjunction *and*, as gestures which point towards the context of enunciation.

**Keywords:** Writing. Junction. Discursive Tradition

---

1 Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), Assis, São Paulo, Brasil; [l.damasio@unesp.br](mailto:l.damasio@unesp.br); <https://orcid.org/0000-0002-9058-3566>

2 Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; [mateus.santana@unesp.br](mailto:mateus.santana@unesp.br); <https://orcid.org/0000-0002-2611-1855>

- | For a discursive-linguistic approach to junction: analysis of linking mechanisms in narrative and argumentative discursive traditions

## *PARA UMA ABORDAGEM LINGUÍSTICO-DISCURSIVA DA JUNÇÃO: ANÁLISE DOS MECANISMOS DE JUNÇÃO NAS TRADIÇÕES DISCURSIVAS NARRATIVA E ARGUMENTATIVA*

**Resumo:** Este artigo apresenta os resultados de uma análise quantitativo-qualitativa dos mecanismos de junção (MJs), nas tradições discursivas (TDs) narrativa e argumentativa, focalizando a relação entre o sujeito e a linguagem a partir da (sua) imagem do modo escrito de enunciação. O estudo fundamenta-se na concepção de escrita constitutivamente heterogênea (Corrêa, 1997), na visão textual-dialógica, baseada no conceito de TDs (Kabatek, 2006), e no modelo funcionalista de junção (Raible, 2001). Os MJs são tomados, pois, como *rastro* da circulação do sujeito pela escrita, numa abordagem linguístico-discursiva. Os resultados dessa abordagem mostram que a *parataxe* prevalece nas duas TDs, de acordo com os sentidos de *adição*, *causa*, *tempo posterior* e *contraste*, em espaços de junção que indiciam, com frequência superior, nessas tradições, a circulação dos sujeitos pelo eixo da gênese da escrita, em *rastros* juntivos caracterizados, com maior repetibilidade, por *justaposições* e usos da conjunção *e*, como gestos que apontam para o contexto de enunciação.

**Palavras-chave:** Escrita. Junção. Tradição Discursiva.

### **Introduction**

This paper presents a discursive-linguistic approach of linking mechanisms (LMs) in texts set in *narrative* and *argumentative* discursive traditions (DTs), which were produced in the written mode of enunciation by Brazilian students from 7th grade of Secondary School (EF II). Linguistically, LMs are defined as any techniques used to join textual parts and amount to conjunctions, adverbs, zero (clause juxtaposition) and adverbial and prepositional phrases (Raible, 2001). Discursively, they are considered *traces* of the subject's circulation through the written mode of enunciation, whereby the texts provide evidence of what is *fixed* – the aspects which mark something prototypical/systematic – and *gapful* – the aspects which withdraw from this prototypical center in terms of usage of these mechanisms (Lopes-Damasio, 2019).

DTs, in turn, are generally defined as the repetition of a particular form of writing or speaking and can fall into the categories of discursive genres, textual types and linguistic constructions, such as *Once upon a time* (see Kabatek, 2006). The concept of DT is defined by Kabatek (2006) so as to encompass all historical elements which can be related to a text, without being synonymous to *genre*, *textual sequence type*, etc., but rather amounting

to a notion which covers all kinds of speaking/writing traditions that evoke an established textual form or given linguistic elements, as well as subgenres or traditions within the same genre. Therefore, the concept of DT refers to a general level, reaching beyond the concept of genre, not only due to the fact that it includes the textual sequence types (narrative, descriptive, injunctive and argumentative), but also because every genre is a DT, but not every DT is a genre (Kabatek, 2012, p. 587). Thus, *narration* and *argumentation* are viewed in this paper as DTs of speech/writing, taking into account their potential compositionality, according to the propositions presented in the theoretical framework section.<sup>3</sup>

Therefore, this paper concentrates on two questions: (i) How do LMs operate tactically and semantically in *narrative* and *argumentative* DTs produced by Brazilian students duly enrolled in the 7th grade of secondary school, and to what extent is this way of functioning symptomatic of the investigated traditions?, and (ii) what is the relation between these DTs and issues concerning speech/orality and writing/literacy, conceived as linguistic facts – speech and writing – and social practices – orality and literacy?

In order to answer the posed questions, the main goal of this study is to observe linguistic/discursive relations between LMs and the DTs in focus, considering the subject and language based on his/her (own) image of the written mode of enunciation. In this respect, the study unfolds into the following specific goals: (i) describing and analyzing LMs in texts belonging to the *narrative* and *argumentative* DTs, in the written mode of enunciation, based on the semantic relations and the existing interdependence between the parts forming the complex clause; and (ii) proposing an approach to the relation between the behavior of junction and heterogeneity of writing, based on characteristics of the oral/spoken and literate/written register.

The hypothesis supporting the specific goal (i) is that the concept of DT constitution can be guided by the way of functioning of LMs, seen as potential evidence of (*mixed*) DTs, whereas the hypothesis underlying (ii) is the following: the writer's circulation across the spheres defining the heterogeneous mode of writing organization - the genesis of writing,

---

<sup>3</sup> Despite following a different theoretical perspective, we stress that Jean-Michel Adam, who set forth the concept of *textual type*, redefines this nomenclature, replacing it by the concept of textual sequentiality, with a new theorization. Therefore, from the text type typology – encompassing *narration*, *description*, *argumentation*, *exposition* (with its explicative subtypes and experience report), and *poem* (or autotelic-poetic type) – the author, considering the text as a product of a construction/interpretation, i.e. an effect of the text, proceeds to develop an interest mainly in the micro and macro-propositional sequentiality “types”, defined as: (1) narrative sequentiality; (2) descriptive sequentiality; (3) argumentative sequentiality; (4) expository-explicative sequentiality; (5) injunctive-instructional sequentiality; (6) conversational sequentiality; and (7) poetic-autotelic sequentiality. Thereby, he aims to shift the “typology paradox”, by making a restrictive move – towards a small amount of sequentiality “types” –, yet, according to his perspective, accounting for heterogeneity and the various textualization possibilities (Adam, 2009, p.86-87).

- | For a discursive-linguistic approach to junction: analysis of linking mechanisms in narrative and argumentative discursive traditions

the institutionalized writing code and the relation with the already-said/spoken (Corrêa, 1997) – see the second part of this paper – , could, in an intrinsic co-relation with the employed LMs, indicate a dialog between the analyzed DTs and issues related to speech/orality and writing/literacy.

The text is divided into three parts, in addition to this Introduction. In the first, we present the theoretical framework of an observation locus built on the interaction between the concepts of constitutively heterogeneous writing (Corrêa, 1997), of DTs, from the studies of Historical Romance Linguistics (Kabatek, 2006, 2008) up to their usage in the approach of children's writing, and LMs, based on a two-dimensional, tactic and semantic criterion (Raible, 2001). In this locus, the foundation is laid for the linguistic-discursive approach to LMs in the investigated DTs, in the written mode of enunciation (Lopes-Damasio, 2020, 2019). In the second part, we present the methodological procedures put in place for the qualitative/quantitative analysis. On the third part, we display the results obtained based on the description of the way of functioning of the LMs, focusing on their syntactic and semantic characteristics (specific goal (i)) and, in view of these results, a discussion about LMs is proposed, considering them to be *traces*, within the narrative and argumentative DTs, of the heterogeneity of writing (specific goal (ii)). Finally, we make a few final remarks.

### **About which theoretical framework are we talking?**

The theoretical framework of this paper derives from the acknowledgment, in the lines of Chacon (2021), that the production and assignment of meaning takes place in the interaction between elements of language and oral and written social practices, considered to be essential levels of language. Therefore, the linguistically and discursively established approach to the speech and writing acts has two implications: (i) that speech and writing are recognized as enunciative acts whose linguistic materiality derives from the speaker's placement in given orality and literacy practice(s), respectively, as discursive practice(s); thus, it is posed that neither speech and orality, nor writing and literacy are synonyms;<sup>4</sup> and (ii) accepting, according to Chacon (2021), that the subject's constitution as a speaker and writer by means of language takes place through their simultaneous traversing across different practices of orality and literacy, and therefore, the linguistic product of these practices, both in spoken and written enunciation (with special attention, in this study, to written ones), is never pure; i.e., speech and writing would be constitutively

---

<sup>4</sup> While speech and writing amount to actual enunciative acts, in which linguistic products of an orality practice and a literacy practice, respectively, emerge (in the form of enunciations), orality and literacy correspond to the diversity of these discursive practices which rule the production and circulation of spoken and written enunciations (Chacon, 2021).

heterogeneous (Corrêa, 1997), as shall be further explained in this theoretical foundation. As in other studies, with their particular scope (see, for instance, Lopes-Damasio, 2020, 2019, 2016, for an approach to junction; Chacon, 2021, 2013, Capristano; Sousa-Machado, 2016, Tenani, 2017; Fiel; Tenani, 2018, Sousa-Machado; Capristano; Jung, 2019, for an approach to word segmentation ; Chacon *et al.*, 2016, Vaz; Chacon, 2020, for an approach to spelling; and, finally, Soncin; Tenani, 2017, Soncin; Rodrigues, 2018, for an approach to punctuation), the challenge is to build a path to understand the role of oral and literate discursive practices in the relations between the subject and their writing, under the perspective opened by the task of terminating the transparency of language, an approach which has been defined, in the cited literature, as a discursive interpretation of linguistic facts, enclosed, in the present study, in the syntactic/semantic level.

In his studies about the heterogeneous mode of writing organization, Corrêa (1997) begins a reflection which establishes a dialog with Marcuschi's proposition (1995) about the relations between orality/literacy and speech/writing, which, according to this author, are speech and writing phenomena inasmuch as they establish a relation between linguistic facts (speech/writing) and social practices (orality/literacy). As a result, speech and writing are assumed to be social practices linked to literacy and orality and, from this perspective, an encounter between "social practices" and "linguistic facts". Therefore, Corrêa (2004, p. 87-88, our translation) argues in support of a heterogeneous mode of writing organization which is:

[...] thus, a particularization, for the domain of writing, of the encounter between oral/spoken and literate/written practices, considered to be at once the dialogism with the already-said/heard and the already-written/read. This encounter, which occurs in both modalities, however locally recorded, is ruled by the institutions; being typically particular, nevertheless, it is historicized.

Based on this concept, Corrêa (2004) suggests three spheres which guide the writer's circulation across his/her imagery about writing: the first refers to the supposed genesis of writing, where the writer, in an attempt to seize it, tries to represent orality term by term; the second refers to the written code and is characterized as an appropriation of writing in its institutionalized status, as opposed to the concept of writing in its presumed genesis, where the writer replicates what they imagine to be an autonomous way of representing orality; the third one refers to the relation which the text bears with the already-said and already-heard, in addition to the already-written and already-read, whereby the writer gets in touch with written production in general.

- | For a discursive-linguistic approach to junction: analysis of linking mechanisms in narrative and argumentative discursive traditions

According to Corrêa (2004), the three movements about the imagery of writing or, as described, the three spheres of the writer's imaginary circulation, selected as loci for the analysis of the subject/language relation, indicate that, based on this relation, the heterogeneous mode of writing organization is the textual embodiment of the writer's writing process.<sup>5</sup> Furthermore, it should be highlighted that "the heterogeneity of writing enables us, for instance, to assess aspects of *speech* [...] not as a harmful interference of speech in writing, but rather, as being constitutive and decisive to it" (Capristano, 2013, p. 674, author's stress; our translation).

The writer's circulation across the first two spheres can be seen through linguistic, prosodic, syntactic and lexical markers - in this paper, with emphasis on those of syntactic nature - and is guided by the third sphere, taken as presence of dialogism throughout language. To this replicative nature of language, in this study (see Lopes-Damasio, 2019, among others), we relate the concept of DT.

According to Kabatek (2006), this concept originated in the studies of Historical Romance Linguistics, carried out by German Pragmatic Philology in the 1980s, and is grounded on the Coseriu theory (Coseriu, 1982), in which language is not seen as a *product*, but as an *activity*, thus assuming that language does not have a finished character, but one of universal human activity, established by historically determined laws.<sup>6</sup>

In order to build the concept of DT, the Coserian approach to historical and concrete language sets forth three linguistic levels: the first, *universal*, referring to the human being's ability to speak; the second, *historical*, relating to language with its specificities (historical languages); and the third, *current* or *individual*, referring to the materialization of language in enunciations and texts. In order to uphold the theoretical connection to the understanding of writing as constitutively heterogeneous, according to Corrêa (1997), some reservations have been expressed regarding the language levels proposed by Coseriu: the first refers to the *historical* level and the mandatory acknowledgment that history only takes place at the

---

5 Corrêa (2013) assumes that the procedural and historical nature of writing is marked by the term *mode*, while *modality* only allows a comprehension of writing as an alphabetic code, from a static perspective. To this effect, according to the author, we understand that the use of the term *mode* is required in order to express the semantics of a heterogeneously organized language's modes of actualization, in regard to writing, and simultaneously, to leave behind every dichotomous comprehension sometimes linked to the term *modality* in literature.

6 In another perspective, Corrêa (2008, 1997, among others), also views writing as a *process* and not as a *product*, given that the heterogeneous nature of writing is not limited to its *signifying material*, but covers other dimensions which are part of its production process. In this sense, the author assumes that the writing subject and his/her text constitute themselves, within the textualization process, based on the written enunciation mode. The conceptualization of the text and the textualization process is thus supported by the consideration that language is an *event*, which is unfinished unless set in a relation between speaker/hearer, author/reader.

*current* level, and therefore, that it only exists because the linguistic act is not individual; the second deals with the *current* level and the acknowledgment that this level is subjacent to the concept of language's subject as *individuation* and not as individual<sup>7</sup> (Lopes-Damasio, 2019).

For Koch (2008), DTs can have fundamental purposes; for instance, a “good morning”, which is materialized as an act of speech, and also complex purposes, which are typical for certain cultures, such as those mediated by writing. In this sense, Kabatek (2006, p. 512, our translation) presents the following definition:

By Discursive Tradition (DT), we understand the repetition of a text or textual form or of a particular way of writing or speaking which gains value as a proper sign (thus being signifiable). It can originate in regard to any expression purpose or any content element, whose repetition establishes a relation between actualization and tradition; any relation which can be semiotically established between two elements of tradition (acts of enunciation or referential elements) which evoke a given textual form or certain linguistic elements used.

According to this definition, in line with the economics of human activity (Kabatek, 2004), DTs are considered a universal linguistic fact: speaking/writing means not only speaking/writing something, following the rules of a language (its system and rule), but means speaking/writing something according to a given textual tradition (Kabatek, 2006). Hence, a DT can be constituted from any signifiable element, whether formal or of content, which establishes a relation between *actualization* and *textual tradition*, implying a relation between a text and another, in a given historical period, through repetition - either total, partial, or only formal. This relation is defined as evocation, and thus, “a DT's tradition relation has two faces, the DT in itself and the discursive constellation which it evokes” (Kabatek, 2006, p. 511, our translation).

In this sense, a DT can be considered a textual form or a combination of elements, in accordance with the paradigmatic and syntagmatic compositionality which make up the text (Kabatek, 2006). Paradigmatic compositionality refers to the simultaneous reference

---

<sup>7</sup> According to Lopes-Damasio (2019), the subject, viewed as a dialogic individuation, is shaped by their relation to language, considered to be a space of interaction and activity. Indeed, this concept of subject is related to Corrêa's (2004), who does not consider the subject of language as an individual, given that it is not a factual singularity, circumscribed to itself, which makes enunciations; at the same time, he does not completely refuse the idea of an unpersonified subject. It is therefore a matter of accepting the presence of the Other as constitutive of the subject and characterized by the idea of heterogeneity and representation, which, in the intended sense simultaneously give cues to the subject's enunciative division and the discursive forms which identify them to given groups (Corrêa, 1997).

- | For a discursive-linguistic approach to junction: analysis of linking mechanisms in narrative and argumentative discursive traditions

to various DTs in a single text. Syntagmatic compositionality, in turn, refers to the property which enables a distinction, in the linearity of a complex DT, of other DTs which form it; in other words, it is the way in which the paradigmatic compositionality surfaces in the materiality of the text (Lopes-Damasio, 2016).

From this perspective, Kabatek (2006) performs diachronic studies focusing on linguistic change processes, whereas Lopes-Damasio (2019, among others) and Longhin-Thomazi (2011) apply the concept in synchronic studies of writing acquisition, which, for Lopes-Damasio, happens due to the adopted historical, concrete Coserian language concept, which comprises history even in a synchronic scope, considering that history is constitutive of language (Coseriu, 1979).

For his studies, Kabatek (2006, p. 517) draws on Raible's proposition (2001) which addresses the concept of *junktion* (junction), defined as a universal dimension of language which enables the systematization of various linguistic techniques used to *join/combine* propositional elements. According to the author, the linking mechanisms are analyzed through the combination of two axes, with different levels of complexity: the syntactic axis (vertical) and the semantic (horizontal). On the syntactic axis, the linking mechanisms are placed from the most aggregating to the most integrating. The semantic level features the semantic relations expressed by linking mechanisms on a "scale of increasing complexity" (Kortmann, 1997; Longhin-Thomazi, 2011; Lopes-Damasio, 2019). This approach is based on a model in which the relation between clauses is based on non-discretion of the processes and meanings of junction according to its way of functioning in texts.

In regard to the syntactic interdependence level (vertical axis), the taxis system unfolds into parataxis and hypotaxis, according to the grammatical aspects of the involved units: if the clauses are free and each of them is completely functional, the construction is paratactic and follows a fixed order; if one clause rules the other and, therefore, is dominant/nuclear, whereas the other is dependent/modifying, the construction is hypotactic.<sup>8</sup> Concerning the increasing level of complexity of the semantic relations (horizontal axis), the unidirectional character of semantic change is recovered, according to a derivative relation between the *spatial* and *modal* categories towards *time* and *CCCC* (*cause, condition, contrast* and *concession*); and between *time* and *CCCC*, as identified by Kortmann (1997). As an illustration, see below examples taken from the *corpus* of this study:

---

<sup>8</sup> Parataxis refers to coordination, quotation (for instance, occurrences of direct and free indirect speech) and apposition; and hypotaxis, to non-defining relative clauses, reported speech clauses (for instance, indirect speech) and clauses connected by circumstantial relations.

- (a) Um dia eu estava no quarto *e* minha mãe me pediu para pegar o a(l)ho [07/3Narr]. [One day I was in my room *and* my mother asked me to pick the garlic]
- (b) Eu sonho em ser uma grande jogadora de volei de praia, Ø formar um time com minha amiga Juliana [03/03Narr]. [I dream of becoming a great beach volleyball player, Ø form a team with my friend Juliana]
- (c) [...] *quando* eu tinha 15 anos eu fui para São Paulo [12/03Narr]. [*when* I was 15 years old I went to São Paulo]
- (d) Estou aqui hoje *para* pedir o meu presente de natal (rasura)\* antecipado [17/6Narr]. [I'm here today *to* ask for my (erasure)\* early Christmas gift]

In (a), there is the LM *e* (“and”), with a more concrete meaning of addition, enabling us to infer the more abstract meaning of simultaneous time (One day I was in my room [when/in the moment when] my mother asked me to pick the garlic), and in (b), the *juxtaposition*, with the meaning of addition, illustrate parataxis, in terms of [-dependence] and [-nesting]. In (c), *quando* (“when”), with the meaning of previous time, and in (d), *para* (“to”), with the meaning of purpose, illustrate hypotaxis, in terms of [+dependence] and [-nesting].

In addition to this two-dimensional criterion, for the linguistic treatment of junction, in this work, we shall follow the perspective adopted in Lopes-Damasio (2020, 2019, 2016) for its discursive treatment. Therefore, the relations marked in the texts by linking mechanisms shall be used as an argument indicating the writer’s circulation across his imagery about writing. For such, we add the concept of *junction space*, grounded on the *specificity* set forth by Veyne (1971, p. 48 *apud* Corrêa, 2007, p. 206), which accounts for the particular and the general aspect of historical singularity. Hence, *junctions* and *junction spaces* are seen as textual resources for verticalization in time, in an operation which retroactively marks certain linguistic regularities, establishing an actualization of meaning and prospectively anticipating further possible occurrences. In this discursive way of functioning, which is superimposed on the strictly linguistic one, the senses (and not the pre-established, stabilized and categorized meanings) emerge in the concatenations, in junction spaces, as a result of the relation between the subject-other-language (Lopes-Damasio, 2020). It is, therefore, in the relationship with the *junction space* that junction techniques can be analyzed without losing sight of the point at which they occur, by

- | For a discursive-linguistic approach to junction: analysis of linking mechanisms in narrative and argumentative discursive traditions

means of an analytical treatment of linguistic/discursive character.<sup>9</sup> The relation between *LMs* and *junction space* is connected to:

[...] a view of the linguistic context, in which the occurrence of a DT is linked to the syntactic dimension of language; notwithstanding, the enunciative context is also taken into view, in which syntax takes on the contours of a contact dimension between the system's virtuality and its performance. Thereby, junctions can be viewed as a memory of previous performances and not only as formal resources of language (Lopes-Damasio, 2020, p. 142-143, our translation).

Thus, building this locus for observing junction combines linguistic and discursive aspects, thereby acknowledging *traces* in writing which show the subject's movement for the construction of meanings in the textualization process (Lopes-Damasio, 2019). As a result, also in this study, *LMs* shall be considered *traces* of the subject's circulation across the written mode of enunciation, being identified through the way of functioning of junction techniques, in junction spaces, in the texts. These give precedence to a linguistic-discursive view on the subject's circulation when considered as symptomatic aspects of the DT in which the text is located and, at once, help compose it, as a matter and product of language.

In this sense, *LMs* are seen as symptoms of procedural writing and not as pre-established linguistic categories. As *traces*, they are identified under the assumption that textual characteristics of various DTs can establish the usage of a given form of junction, due to its predominance, variation/alternation or exclusion, and outside any spectrum of generalizations preceding the text itself, inasmuch as it is a process of meaning establishment.<sup>10</sup>

---

9 Thus, the concept of *junction space* is grounded on the *specificity* set forth by Veyne (1971, p. 48 *apud* Corrêa, 2007, p. 206), which accounts for the particular and the general aspect of historical singularity. Hence, *junctions* and *junction spaces* are seen as textual resources for verticalization in time, in an operation which retroactively marks certain linguistic regularities, establishing an actualization of meaning and prospectively anticipating further possible occurrences. In this discursive way of functioning, which is superimposed on the strictly linguistic one, the senses (and not the pre-established, stabilized and categorized meanings) emerge in the concatenations, in junction spaces, as a result of the relation between the subject-other-language (Lopes-Damasio, 2020).

10 Hence, the view on *LMs*, considered to be *traces* of the subject's circulation across the written mode of enunciation, as followed in this paper, is linked, according to Corrêa (2004), to the way linguistics facts (individuation of *traces*) and the subject of language are understood (individuation of the *subject*), based on the recognition, in local linguistic cues, of a way of constitution of this subject in the way their writing is organized.

## Of what facts of writing are we talking?

### How do these facts turn into research data?

We analyzed 52 texts written by Brazilian students from 7th grade of Secondary School, extracted from the Written Production Database of Secondary School (Banco de Dados de Produções Escritas do EF II).<sup>11</sup> These texts are characterized by two DTs: 26 from the narrative and 26 from the argumentative DT. In order to produce the narrative texts, the students were encouraged to write based on the topics “Breakup” and “Experiences of misunderstandings”, and for the argumentative texts, the suggested topics were “Christmas wishes” and “A great achievement”.

In the proposal of “Breakup”, a comic strip was presented and the students were requested, based on their own knowledge (other texts they had read, soap operas, movies, etc.), to write a narrative about that topic. In the proposal of “Experiences of misunderstanding”, a few texts were presented to the students, highlighting the existence of a common factor: dialogs between characters about a misunderstanding that had happened to them. In view of this, the proposal requested that the students wrote a text, telling personal stories of the same character, presenting the involved persons and whether these misunderstandings had been settled. The proposal of “Christmas wishes”, in turn, requested that the students wrote a letter to their parents, trying to convince them to buy their Christmas gift. In the letter, they must include an advertisement of the gift and be creative and convincing. Finally, the proposal of “A great achievement” presented a picture and excerpts of news stories about the victory of César Cielo in the Olympic Games of Beijing (2008) and asked the students to discuss the swimmer’s emotion, so that afterwards they could produce a text<sup>12</sup> about some goal which they wished to attain, presenting the difficulties which they would have to face and the emotion upon fulfilling that dream.

As to the analysis method, the quantitative and qualitative approaches were combined in two stages of different nature, but interrelated:

---

<sup>11</sup> Built using the University Extension Project of UNESP under coordination of Tenani and Longhin-Thomazi (freely available at: <http://www.gbd.ibilce.unesp.br/redacoes>).

<sup>12</sup> The texts related to this proposal were characterized as an argumentative DT, given that an image of argumentation combined with the idea of convincing/persuasion was identified, as the writers presented their dreams therein at the same time as they provided reasons for them, with the main goal of convincing someone else about the legitimacy of these dreams.

- | For a discursive-linguistic approach to junction: analysis of linking mechanisms in narrative and argumentative discursive traditions

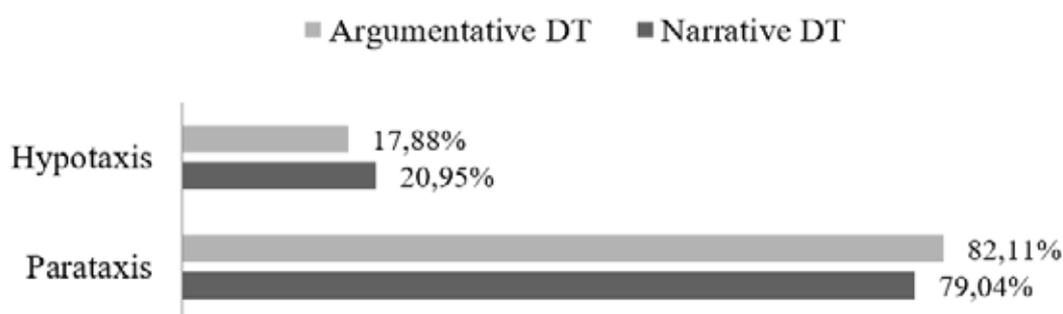
(i) in order to describe the functionality of LMs in texts of narrative and argumentative DTs, based on a two-dimensional approach, the semantic relations – following the horizontal axis – and the existing interdependence between the parts composing the complex clause – following the vertical axis – were focused;

(ii) in order to search for cues of the relation between the junction’s way of functioning and the heterogeneity of writing, by taking into consideration traces of the oral/spoken and literate/written relation, based on a descriptive-analytic perspective, according to the results of step (i), we focused on traces of the subjects’ circulation across the spheres proposed by Corrêa (2004), in line with the theory of DTs.

### The linguistic-discursive status of the data: junction, discursive tradition and heterogeneity of writing

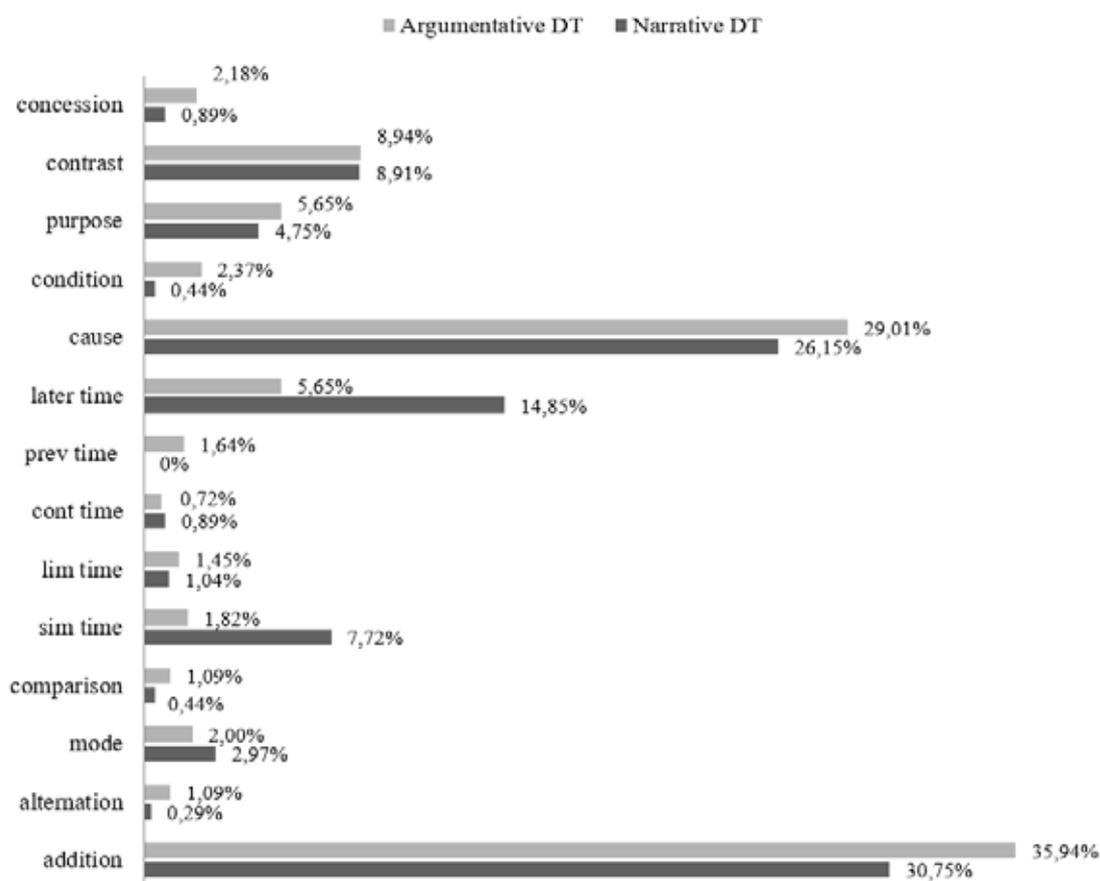
We identified 1221 LMs, in the narrative and argumentative DTs: 673 LMs in the narrative and 584 LMs in the argumentative DT, according to the results presented in Charts 1 and 2, referring to the vertical and horizontal axis:

**Chart 1.** Vertical axis: tactic architecture in narrative and argumentative DTs



**Source:** Author’s data

The analysis results of the vertical axis, according to Chart 1, show that the argumentative DT has a higher frequency of LMs (82,11%) in parataxis compared to the narrative DT (79,04%). Consequently, in regard to hypotaxis, the opposite is the case (20,95% - narrative DT/17,88% - argumentative DT). Overall, in addition to showing the prevalence of the paratactic architecture in both DTs, pointing towards the *traces* which mark what is fixed in these traditions, as evidence of aspects of the subject’s circulation across writing, these results could also indicate, in regard to the syntactic construction of textualization, a greater circulation of the subject within the narrative DT, which would be reflected on syntactically more integrated modes, detectable in this kind of writing.

**Chart 2.** Horizontal axis: scale of meanings in the narrative and argumentative DTs

**Source:** Author's data

We ought to highlight the frequency of the meanings of *addition* (30,75% - narrative DT/35,94% - argumentative DT), *cause* (26,15% - narrative DT/29,01% - argumentative DT), *later time* (14,85% - narrative DT/5,65% - argumentative DT) and *contrast* (8,91% - narrative DT/8,94% - argumentative DT).

Therefore, concerning the results obtained based on the specific goal (i), two aspects stand out: one of general character - related to the results which bring both DTs together; and one of specific character - related to the results which distinguish both DTs.

The result of general character is linked to the similar frequency of *addition* and *cause* meanings, in both DTs, and is analyzed as a *trace* of the subjects' circulation across discursive practices which constitute these traditions, such as the introduction of information/content for the development of texts and the relation between narrated facts or arguments in an association which, in the subject's view, is established as cause-effect/

- | For a discursive-linguistic approach to junction: analysis of linking mechanisms in narrative and argumentative discursive traditions

effect-cause/assertion-explanation. In (1) and (2), we provide examples for additive LMs, and in (3) and (4), of causal ones, in both DTs:

- (1) vamos pai eu quero pegar ele logo para ele par-ar de graça. Ø O pai disse para julia [09/7A/1Narr]. [Come on, dad, I want to get him at once so he will stop teasing. Ø The father told Julia]
- (2) Essa camera, ela é muito boa. Ø Por favor [02/7A/6Arg]. [This camera, it is very good. Ø Please.]
- (3) Até que um dia o homem ja tinha esquecido da garota, *pois* já se fazer 3 anos que eles não se encontravão [13/7A/1Narr]. [Until one day the man had forgotten about the girl, *because* it had been 3 years since they last met]
- (4) [...] eu quero uma câmera Tea Pix. Essa câmera além de ser bonita, ela é filmadora, pen drive, MP3 e MP4, tam-bém vem com controle remoto e sua resolução é a melhor. Enfim espero ganhar ela, *pois* faço por merecer [14/7A/6Arg]. [I want a Tea Pix camera. This camera, besides being beautiful, is a camcorder, flash drive, MP3 and MP4, it also comes with remote control and its resolution is the best. In sum, I hope to get it, *because* I've got what it takes.]

In (1), taken from the narrative DT, and in (2), from the argumentative DT, the occurrences of *juxtaposition* have the same way of functioning, by adding enunciations which make the texts progress; in the first case, with the introduction of direct speech, and in the second, of an appellative construction (Please). In (3), taken from the narrative DT, and in (4), from the argumentative DT, the occurrences of *pois* (“because”) once again display similar ways of functioning, as *pois*, in parataxis, articulates enunciations with effect-cause meanings (the man had forgotten about the girl, because it had been 3 years since they last met (cause)) and assertion-explanation (I hope to get it (assertion), because I've got what it takes (explanation)).

The result of specific character and which distinguishes both traditions is linked to: (i) the very similar frequency, in both DTs, of the meaning of *contrast*, but in different pragmatic-discursive arrangements in each DT; and (ii) the differing frequency of the meaning of *later time*, linked to the subject's way of moving through temporal markers in each DT, so that it can be more closely connected to narrative.

In order to start the introduction of the specificity pointed out in (i), the occurrences in (5) and (6), taken, respectively, from the narrative and argumentative DTs, primarily display the same way of functioning, related to opposition, which underlies the meaning of contrast, in the junction space filled by *mas* (“but”):

- (5) Mario e Maria eram dois apaixonados, *mas* porem suas familias eram rivais uma da outra [04/7A/1Narr]. (Mario and Maria were a couple in love, *but* however their families were rivals).

- (6) Na verdade quero “matar” todo mundo de raiva só no último capítulo, Ø algo que eles imaginavam ser totalmente impossível, *mas* que é totalmente óbvio [02/7A/03Arg]. (In fact, I want to enrage everyone only in the last chapter, Ø something that they presumed to be totally impossible, *but* that is totally obvious)

In (5), the contrast is created by the opposition between “couple in love” and “rivals”, in the context of the story of “Mario and Maria”. In (6), the same LM fills the junction space which evidences the meaning of contrast through the opposition between “doing something impossible for the viewer” vs “something which is very obvious (possible)”. Beyond these uses, considered more concrete, based on binary “opposition”, with linguistic correlatives on the text surface, the specificity pointed out in (i) is illustrated in the occurrences in (7) and (8), taken from the narrative DT, and (9) and (10), from the argumentative one:

- (7) Juvêncio, viu que quem estava atrás deles eram homens importantes, então resolveu deixar sua mulher e seguir em frente. *Mas* o pai da moça, encontrou ela no meio do caminho caída [15/7A/1Narr]. [Juvêncio saw that behind him were important men, so he decided to leave his wife and move on. *But* the father of the woman found her lying on the ground in the middle of the way.]
- (8) (e foi atrás dela *mas* ela estava comprometida *mas* mesmo assim ele foi falar com ela [08/7A/1Narr]. [And went after her, *but* she was engaged, *but* even so he went to talk to her]
- (9) Eu queria um skate ou um BMX do dia de natal. *Mas* a senhora não gosta de skate então não me da, Ø da uma BMX [13/7A/6Arg]. [I’d like to have a skateboard or a BMX on Christmas day. *But* you don’t like skate, so you don’t give me any, Ø give me a BMX.]
- (10) ainda bem que dizem que os gênios mais famosos vieram de baixo, *mas* não vou exagerar Ø tem gente muito pior [02/7A/03Arg]. [Fortunately, they say that the most famous geniuses rose up from below, *but* I won’t exaggerate Ø there are much worse people.]

In (7), the fact that Juvêncio left Joana leads the reader to expect that she would get lost. This expectation is frustrated (since her father finds her), and thus supports the contrast marked by *mas* (“*but*”), a game which increases the dramatic level of the narration. In (8), with the same meaning, in the parataxis, *mas* (“*but*”) creates a contrast between “the news that Josi was engaged” vs “Juvencio going over to talk to her”. Again, the news of Josi’s engagement create an expectation (that Juvêncio wouldn’t go talk to her) which is frustrated in the next enunciation, creating the contrast.

In (9), the meaning of contrast of *mas* (“*but*”) in the parataxis fills the space between “I’d like to have a skateboard” vs “you don’t like skate”, i.e., a contrastive relation between what the subject likes and what his mother likes is established, being used discursively in the persuasion game, which is created by the subject’s image about what would be the arguing tradition. In (10), in the first enunciation of the complex, the statement about “the geniuses who rose up from below” enables the reader to interpret that the writer is

- | For a discursive-linguistic approach to junction: analysis of linking mechanisms in narrative and argumentative discursive traditions

making an approximation and defining himself as “genius” and someone who “rose up from below”. This interpretation stands in contrast with the second enunciation of the complex “I won’t exaggerate”.

These examples show the meaning of *contrast* in various pragmatic-discursive arrangements in each DT: in the narrative one, the contrast, in its more discursive usage, appears in connection with broken expectations which act directly in the sequentiality and dramatic level of the narrated facts; in the argumentative one, conversely, with the same usage, it is associated to evidence of what the subject recognizes as argumentation, in the sense of their illusion of persuasion of the Other.

The specificity pointed out in (ii), related to the differing frequency of the meaning of *later time* in the investigated DTs, can be related to the way the subject moves across temporal markers in each of these DTs, so that they can more precisely be associated to the narrative. In this regard, we present the occurrences (11) and (12), taken from narrative and argumentative texts:

- (11) ela tava vendo receita de batidas alcoolica. Ø Ela foi pra cozinha lavar a louça do almoço [14/7A/3Narr]. [She was looking at recipes of alcoholic drinks. Ø She went to the kitchen to wash the dishes from lunch.]
- (12) passar uma semana em Nova York por que minha prima já foi pra lá e ela disse que é lindo [23/7A/6Arg]. [Spend a week in New York because my cousin already went there *and* she said it was beautiful.]

In (11), *juxtaposition* acts with the more concrete sense of addition, in the parataxis, but allows the inference of the more abstract meaning of later time, acting in the sequentiality of the narrative. Thereby, it indicates the writer’s circulation across narration traditions, marked by temporality which allows us to retrieve the sequentiality of facts. In (12), the LM *e* (“*and*”), again with a more concrete meaning of addition, in the parataxis, enables the inference of the more abstract meaning of later time, now in an excerpt taken from a text which is generally characterized as argumentative. However, it can be noticed that the use of *e* (“*and*”), in the argumentative DT, takes place in a context of mixed DTs: in a compositionality space of this tradition, where the writer narrates facts, which are used to argue. In this junction space, characterized as a space of mixed DTs, the LM *e* (“*and*”) marks, as in (11), the writer’s circulation across the temporality relation which once more enables us to retrieve the sequentiality of facts.

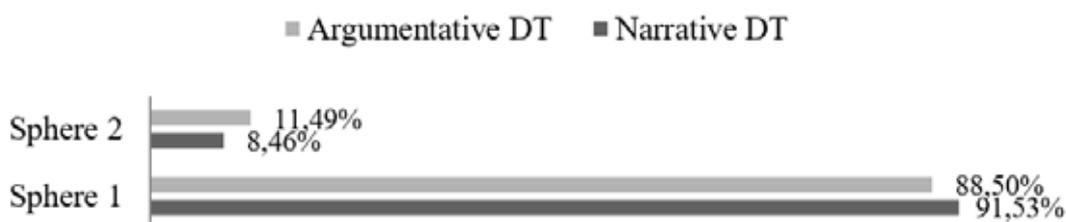
Afterwards, in (13), an example for the meaning of simultaneous time is provided, which is also more recurrent in the narrative DT (7,72% - narrative DT/1,82% - argumentative DT):

- (13) Eu estava no Recreio da escola convesando com colegas *quando* uma multidão se aproximou [03.2/7A/3Narr]. [I was at the class break talking to classmates *when* a crowd approached us.]

The meaning of simultaneous time of *quando* (“*when*”) (according to the paraphrase: “I was at the class break talking to classmates [in the moment that] a crowd approached us”) is more frequently deduced when this LM fills junction spaces in the narrative DT, marked by the temporality relation which allows us to retrieve both the sequentiality of the narrated facts, as in (11), and the specific simultaneity between these facts, as in (13).

In order to address the relation between the behavior of junction and the heterogeneity of writing, taking into consideration traces of the oral/spoken and literate/written relation, based on a descriptive-analytic perspective, based on the results presented up to this point, the LMs are focused firstly as *traces* of the subjects’ circulations across the spheres 1 and 2, proposed by Corrêa (1997) - namely, of the genesis of writing and of the institutionalized written code.

**Chart 3.** LMs and the spheres 1 and 2



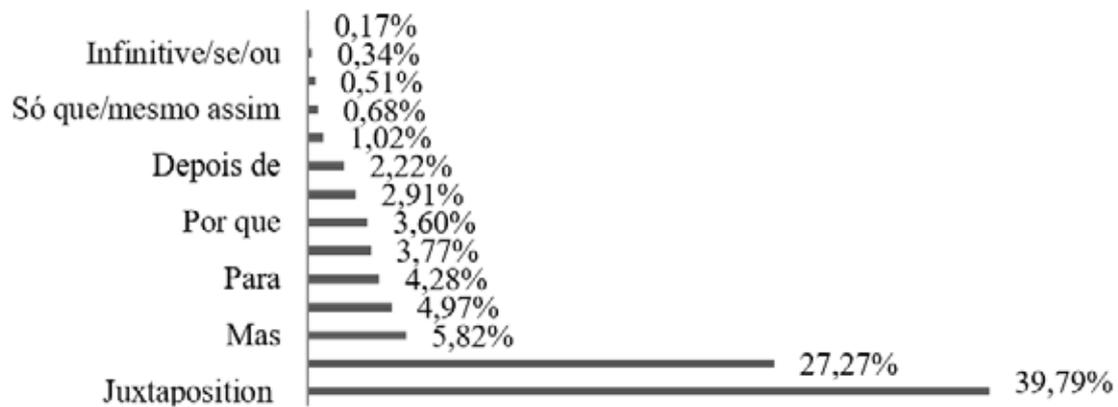
**Source:** Author’s data

According to Chart 3, the subjects move across the two spheres, with greater frequency, in both DTs, of sphere 1 (91,53% - narrative DT /88,50% - argumentative DT). Therefore, both in the narrative and in the argumentative DT, the junction traces bear a greater relation to the genesis of writing, i.e. they show a kind of writing which originates in the subject’s circulation across what they imagine to be the written mode of enunciation, as a word-by-word representation of speech/orality. The occurrences of sphere 2 (8,46% - narrative DT/11,49% - argumentative DT), in turn, stand for traces of the heterogeneity which is constitutive to writing, since they show, in both DTs, the heterogeneity also marked in junction spaces.

Therefore, overall, these results do not allow statements which distinguish one DT from another; on the contrary, they bring them closer, based on the analysis of junction spaces and the way these spaces are filled in the texts. In fact, our interest lies in showing how, in each DT, this circulation of the subjects is displayed in these junction spaces.

- | For a discursive-linguistic approach to junction: analysis of linking mechanisms in narrative and argumentative discursive traditions

**Chart 4.** LMs and sphere 1 in the narrative DT



**Source:** Author's data

**Chart 5.** LMs and sphere 1 in the argumentative DT



**Source:** Author's data

Both in the traditions of narration and argumentation, the subject's circulation across sphere 1 can be seen by junction traces marked, with greater repeatability, by *juxtaposition* and *e* ("and"), acting as gestures which point to the enunciation context, as shown in the occurrences (14) to (17):

- (14) Dici o pai E o Junvencio Viu o Batilhão correndo atraz Dele Ø ele se escondeu atraz Da árvore tremendo De Medo [06/7A/1Narr] [The father said and Junvencio saw the battalion running after him Ø he hid behind a tree shaking with fear.]
- (15) Nesse natal queria ganhar um computador, para fazer trabalhos escolares Ø fazer outras coisas. Ø O computador vai me ajudar muito [07/7A/6Arg] [This Christmas, I would like to get a computer, to do school work Ø do other things. Ø The computer is going to help me a lot.]

In (14), the *juxtaposition*, with the more concrete sense of addition, in the parataxis, allows the inference of the cause meaning, acting in the narration. The answer given by the “father” accounts for the assessment, presented in the excerpt, in a cause-effect scheme (because Junvencio saw the battalion running after him (cause) he hid behind a tree shaking with fear (effect)). In (15), again, the *juxtaposition* displays the more concrete sense of addition, in the parataxis, and allows the inference of the more abstract cause meaning, within the now conclusive scheme in the argumentation: [vou] fazer trabalhos escolares Ø fazer outras coisas (causa) [Portanto/por esses motivos] o computador vai me ajudar muito (efeito). [I’ll do school work Ø do other things (cause) [Therefore/for these reasons] the computer is going to help me a lot (effect). In both DTs, the *juxtaposition*, in the junction space at hand, enables the sequentiality of the narrated facts and the relation between the arguments, according to the causal reading between these facts and these arguments, acting as a gesture which points to the enunciative context and the inference of the more abstract meaning (addition > cause), as one can also see in the following examples:

- (16) Eu estava escrevendo um texto *e* errei [01/7A/3Narr]. [I was writing a text *and* made a mistake.]
- (17) Enfim eu sou (loue)amente apaixonada por ele, *e* sonho conhecer ele *e* tudo do Santos [16/7A/6Arg]. [So, I’m madly in love with him, *and* dream of getting to know him *and* all about Santos.]

In (16), *e* (“*and*”), with the more concrete meaning of addition, in the parataxis, allows the inference of simultaneous time (I was writing a text and [at that moment] made a mistake) in the narration. This meaning enables us to retrieve the sequentiality of the narrated facts, in the speech/writing flow, acting as a linguistic cue of the genesis of writing. In (17), *e* (“*and*”), with the same more concrete meaning of addition, in the parataxis, enables the inference of cause, acting in the argumentation: I am madly in love with him, (cause) [for this reason] I dream of getting to know him (effect 1) and [dream of getting to know] all about Santos (effect 2).

In these occurrences, the *juxtaposition* and *e* work as a gesture which points to the enunciative context and to the inference of the more abstract meanings (of time and cause), based on the meaning of addition, in their junction spaces. By pointing to the concrete situation of enunciation in the graphic space, the subject leaves *traces*, in the written product, of their experiences with orality traditions, especially dialogue (Lopes-Damasio, 2019). According to the author, it is remarkable that the enunciative gesture addresses the dependence of the enunciations on the context of enunciation, as if the subject who is writing and their reader shared the same enunciative space. Thus, the usage

- | For a discursive-linguistic approach to junction: analysis of linking mechanisms in narrative and argumentative discursive traditions

of *juxtapositions* and of *e* stands for “a gesture of the child/writer which evidences the fact that they rely on this shared knowledge with their Other/recipient/reader, in the moment of enunciation” (Lopes-Damasio, 2019, p. 101).

The Charts 5 and 6 display the LMs which enable relations with sphere 2.

**Chart 6.** LMs and sphere 2 in the narrative DT



**Source:** Author’s data

**Chart 7.** LMs and sphere 2 in the argumentative DT- Sphere 2



**Source:** Author’s data

As traces of the subject’s circulation across sphere 2 (8,46% - narrative DT/11,49% - argumentative DT), the LMs are characterized in specific ways in each DT, according to variable syntactic-semantic arrangements. In other words, they display cues of the linguistic and discursive aspects which are presented in specific ways in each DT, given that: (i) in the narrative one, the narration takes place in the saying/writing modes of the subjects, which display scenes between characters, usage of indirect speech and causality built through the syntactic arrangement which retrieves the sequentiality of facts; and (ii) in the argumentative one, the argumentation takes place in the saying/writing modes of the subjects, which display new information, added on a list, and an image of argumentation related to persuasion of the Other/reader, as shown by the following occurrences:

- (18) enquanto fugiam pela velha cidade pai de Maria foi chamando cavalaria, Ø polícia, Ø delegado, Ø o guarda, Ø o jagunço e tudo mais [17/7A/1Narr]. [While they fled through the old town, Maria's father called cavalry, Ø police, Ø the sheriff, Ø the guard, Ø the gunman and everything else.]
- (19) Uma vez, estava eu, Ø o Heitor, Ø o Rafael e o Marco na sala de aula [19/7A/3Narr]. [One day, there was me, Ø Heitor, Ø Rafael and Marco in the classroom].
- (20) A camera é tão linda, Ø tem todas as tecnologias Ø MP4, Ø Mp3, Ø pen drive, além de tirar fotos ela também filma! E ela não é muito cara! [The camera is so beautiful, Ø it has all technologies Ø MP4, Ø MP3, Ø flash drive, in addition to taking pictures it also shoots videos! And it isn't very expensive!] [02/7A/6Arg.].
- (21) e o meu nome (entras-)abrisse a abertura da novela das "8" da "Rede Globo de televisão", Ø há, quan-do acontecer, Ø sei lá, Ø é algo unimaginável pra mim, Ø talvez: determinação, Ø satisfação e felicidade... [And if my name opened the 8pm soap opera of Globo television, Ø huh, when that happens, Ø I don't know, Ø it's something unimaginable to me, Ø maybe: determination, Ø satisfaction and joy...] [02/7A/03Arg.].

In (18) and (19), referring to narration, and (20) and (21), related to argumentation, *juxtaposition* appears with the sense of addition. According to Halliday (1985), this is an extension movement in the paratactic expansion which expands the presented content, by adding new information. The relation between the use of *juxtaposition* and sphere 2 lies in the way enunciations receive additions, following a syntactic, regular parallelism, which marks a closed list, whose last element is conventionally inserted by *e* ("and"). In these occurrences, the addition of new information in a list, during the narration, defines the moment when Maria's father calls several officials to find Juvêncio and Maria (in (18)) and the moment when the narrator presents the name of his classmates (in (19)). In (20) and (21), conversely, this addition marks, in the argumentation, the presentation of attributes of the photo camera (in (20)) and the writer's emotions upon fulfilling a dream (in (21)), in both cases according to the subject's image of argumentation, related to persuasion of their reader. Thus, what is listed in the narrative and in the argumentative DT is established according to the specificity of the saying/writing projects, the image and the writer's circulation across these traditions.

From (22) to (25), the LMs take on different syntactic-semantic arrangements in regard to sphere 2:

- (22) Quando Mario veio para fugir com Maria ele estava com *tanto* medo do pai dela *que* ele disse para Maria que não amava ela *que* encontrou outra pessoa [04/7A/1Narr]. [When Mario came to run away with Maria he was *so* afraid of her father *that* he told Maria that he didn't love her *that* he had found someone else.]
- (23) Queria neste Natal uma Câmera fotografica digital nova, *pois* a minha está ruim, Ø ela está velha Ø com a resolução embassada [14/7A/6Arg]. [This Christmas, I would like to have a new digital photo camera, *as* mine is bad, Ø it is old Ø with blurred resolution.]

- | For a discursive-linguistic approach to junction: analysis of linking mechanisms in narrative and argumentative discursive traditions

- (24) Mas ela não acreditou *como* ele não acreditava nela, e resolveu ir embora para-sempre [03/7A/1Narr]. [But she didn't believe *just as* he didn't believe her, and decided to leave forever.]
- (25) Eu sei que esses dias eu não estou merecendo um presente mas *como* todo mundo merece ganhar um presente. Ø Eu gostaria de ganhar um celular com internet, por que eu vi a propaganda [17/7A/6Arg]. [I know that I don't deserve a gift these days, but *just as* everybody deserves a gift. Ø I would like to receive a cell phone with internet, because I saw the ad.]

In (22), taken from the narrative DT, *tanto...que...que...* (“so... that... that”) is presented with the meaning of cause, in the hypotaxis: “He was so afraid of her father (cause) that he told Maria that he didn't love her (effect) that he had found someone else (effect)). In this context, it acts as a prototypical LM, linking clauses, in a junction space which can be considered as having a greater syntactic-semantic integration, which defines it as a sign, in the written text, of the subject's circulation across literate discursive practices. The use of this LM presents the narrated scenes between the characters, indirect speech and the causality established through the syntactic arrangement which retrieves the sequentiality of facts. In (23), taken from the argumentative DT, *pois* (“as”) (This Christmas I'd like to have a new digital photo camera, (effect) *as* mine is bad, Ø it is old Ø with blurred resolution (cause)) indicates the subject's circulation across sphere 2, once it stands for a lifting towards (their) image of the institutionalized written code, given that it is a less recurrent LM in oral discursive practices. Along the same line, in (24) and (25), *como* (“just as”) fills as junction space, respectively, in the narrative and argumentative DTs, in which the meaning of comparison emerges, in the hypotaxis, in an arrangement with greater (tactic-semantic) dependence between the clauses. In the narration of Eduardo and Stephanie's story, in (24), the writer links the enunciations, comparing the behavior of the characters (But she didn't believe (clause 1) *just as* [the same way as] he didn't believe her (clause 2)). In (25), where the subject writes an argumentative letter to their parents, asking for a cell phone as Christmas gift, the use of *como* (“just as”) occurs in the construction of the argumentation of this request, likewise in the same arrangement with greater dependence between the clauses, indicating the sphere 2.

## Final remarks

The obtained results based on the specific goal (i) have pointed towards two relevant aspects: one of general character, related to the convergence of the narrative and argumentative DTs; and one of specific character, linked to the distinction between the DTs.

The result of general character was related to the similar frequency of *addition* and *cause* meanings, in both DTs, and is analyzed as a *trace* of the subjects' circulation across discursive practices which form these traditions, such as the introduction of information/content for the development of texts and the relation between narrated facts/arguments. The result of specific nature was related to: (i) the very similar frequency, in both investigated DTs, of the meaning of *contrast*, but in different pragmatic-discursive arrangements in each DT; and (ii) the differing frequency of the meaning of *later time* and *simultaneous time*, linked to the subject's way of moving through temporal markers in each DT, so that it could be more closely connected to the narrative DT.

These aspects, of general and specific nature, are both related to the heterogeneous compositionality of the narrative and argumentative traditions, which are at once different and similar, given that the text productions are not exclusively narrative or argumentative, but appear dialogically, in view of the aspect of mixture of DTs underlying the concept of compositionality of the traditions. In other words, both narrating and arguing are imposing, in the relation of the subject and language, in the sense that they will always be defining, and therefore, constitutive to the compositionality of any DT. Nevertheless, the results show that, in the investigated texts, the narrative DT guides the subjects' circulation across (their) argumentative discursive practices, thereby flagging their acquisition process. From this perspective, the mixture of DTs can be understood as a marker of the subjects' encounter with the opacity of language, in the sense that its singularity [the singularity of how each mixture is materialized in each text] shows how the children's writing is grounded on the historical constitution of their circulation across orality; i.e., the record of this circulation, in the syntactic-semantic structures which define junction spaces, despite being unique in the written enunciation act in which it occurs, bears marks, in the record of the mixtures actualized by them, of how the elements of this structure appear in many written enunciations which also move across literate practices (Chacon, 2021, p. 14, our translation).

The results obtained based on the specific goal (ii) have confirmed that, in both traditions, the *traces* of heterogeneity can also be seen in the LMs' way of functioning, in junction spaces established in linguistic aspects which, on the text's surface, indicate the heterogeneity which is constitutive to writing, as aspects related to speech/orality and writing/literacy and in intrinsic connection to the compositionality of DTs, thus indicating the indissociability between a structure and its context of occurrence. Along the same lines as Chacon's conclusion (2021, p. 14) about non-conventionality of children's writing, regarding the prosodic and graphic nature of this kind of writing, the results of this study allow us to uphold the assertion that language, in an act/in enunciation, seems to also be

- | For a discursive-linguistic approach to junction: analysis of linking mechanisms in narrative and argumentative discursive traditions

the defining element of the way of functioning of syntactic structures. In this sense, the syntactic structures “would not predetermine their own way of functioning in an act of enunciation, but rather it is the act which would predetermine the way of functioning of these structures” (Chacon, 2021, p. 14, our translation).

Therefore, the relations between speech/orality and writing/literacy show how the subjects narrate - breaking expectations in order to build the dramaticity and sequentiality of narrated facts - and argue - based on the illusion that arguing means convincing/persuading the Other. In this direction, regarding the compositionality of the investigated traditions, in the narrative DT, the subject moves across texts which are traditionally narrative, since they feature scenes between characters, usage of direct and indirect speech, and the causality relation built through the syntactic arrangement which retrieves the sequentiality of the narrated facts. In the argumentative DT, in turn, the subject's circulation, aiming at the construction of what they imagine argumentation to be, reveals a compositionality which is strongly supported by narration, and, consequently, the junction spaces syntactically and semantically reflect this compositionality. The individuation of the traces of this circulation, at the same time as it shows the writers' inscription in their writing - in the subject's individuation -, thereby marking their subjectivity, also shows their anchoring in various writings and various speeches which constitute them as writers, thereby indicating the historicity of this constitution.

It follows that the discursive circulation of meanings, tied to the linguistic configuration of texts, through LMs, in the junction spaces forming them leads that which enables the identification of each DT to prevail. Therefore, the LMs were taken as textual resources of verticalization in time, within an operation which retroactively marks certain linguistic regularities, thereby establishing an actualization of meaning, and prospectively anticipating other possibilities, in an intrinsic dialogism with the already-said/heard and written/read, according to sphere 3.

Thus, it becomes clear that the analyzed texts are grounded on characteristics of acts of speech and writing which are intertwined in the written product, viewed as a textualization process. In sum, the LMs, in junction spaces, indicate the anchoring of the analyzed writing in characteristics which suggest that it is crossed both by spoken enunciations and by written enunciations. Hence, this represents one more proof of constitutively heterogeneous writing.

## References

CAPRISTANO, C. C. Um entre outros: a emergência da rasura na aquisição da escrita. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 13, n. 3, p. 667-694, set./dez. 2013.

CAPRISTANO, C. C.; SOUSA-MACHADO, T. H. Rasuras ligadas à segmentação de palavras na aquisição da escrita. **Educação em revista**, v. 32, p. 337-364, 2016.

CHACON, L. A relação fala/escrita em dados não-convencionais de escrita infantil. **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 1, p. 01-17, 2021.

CHACON, L. Flutuação na segmentação de palavras: relações entre constituintes prosódicos e convenções ortográficas na escrita infantil. **Filologia e linguística portuguesa**, v. 15, p. 369-383, 2013.

CHACON, L.; VAZ, S.; PASCHOAL, L.; PEZZARINI, I. O. Classes fonológicas e ortografia infantil. **Revista do Gelne**, v. 18, p. 105-125, 2016.

CORRÊA, M. L. G. Bases teóricas para o ensino da escrita. **Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão, v. 13, n. 3, p. 481-513, 2013.

CORRÊA, M. L. G. Arranjos referenciais de tempo em textos de pré-universitários: letramento e oralidade. **Gragoatá**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 75-93, 2008.

CORRÊA, M. L. G. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. 1997. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

COSERIU, E. **O homem e sua linguagem**. Rio de Janeiro: Presença, 1982.

COSERIU, E. **Sincronia, diacronia e história**: o problema da mudança linguística. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

FIEL, R.; TENANI, L. E. Prosodização de clíticos em Português Brasileiro: pistas a partir de hiposegmentações. **Filologia e linguística portuguesa**, v. 20, p. 27-45, 2018.

- | For a discursive-linguistic approach to junction: analysis of linking mechanisms in narrative and argumentative discursive traditions

HALLIDAY, M. A. K. Above the clause: the clause complex. *In*: HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to Funcional Grammar**. New York: Arnold, 1985.

KABATEK, J. Tradição discursiva e gênero. *In*: LOBO, T.; CARNEIRO, Z.; SOLEDADE, J.; ALMEIDA, A.; RIBEIRO, S. (org.). **Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 579-588.

KABATEK, J. Introduccion. *In*: KABATEK, J. (ed.). **Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico: nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas**. Madrid: Iberoamericana, 2008.

KABATEK, J. Tradições discursivas e mudança linguística. *In*: LOBO, T. *et al.* (org.). **Para a história do português brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2006. Tomo II.

KABATEK, J. Tradiciones discursivas jurídicas y elaboración lingüística en la España medieval. **Cahiers de linguistique et de civilisation hispaniques médiévales**, n. 27, p. 249-261, 2004.

KOCH, P. Tradiciones discursivas y cambio lingüístico. *In*: KABATEK, J. (ed.). **Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico**. Madrid: Iberoamericana, 2008.

KORTMANN, B. **Adverbial Subordination**. Berlin-New York: Mouton de Gruyter, 1997.

LONGHIN-THOMAZI, S. R. Aquisição de tradições discursivas: marcas de uma escrita heterogeneamente constituída. **Alfa**, São Paulo, v. 55, n. 1, p. 225-248, 2011.

LOPES-DAMASIO, L. R. Junção e tradição discursiva na escrita infantil. **(Con)textos lingüísticos**, v. 14, p. 136-156, 2020.

LOPES-DAMASIO, L. R. O movimento linguístico-discursivo na aquisição da escrita: uma abordagem dos mecanismos de junção aditivos na construção de sentidos no texto. **Filologia e Linguística Portuguesa**, Universidade de São Paulo, v. 21, n. 2, p. 147-170, 2019.

LOPES-DAMASIO, L. R. Para uma abordagem linguístico-discursiva da justaposição oracional: oral e escrito em praticas de letramento. **Alfa**, São Paulo, v. 60, n. 2, p. 287-317, 2016.

MARCUSCHI, L. A. Oralidade e escrita. **Texto da Conferência pronunciada no I Colóquio Franco-Brasileiro sobre linguagem e educação**. UFRN, 26-28 de junho, 1995.

RAIBLE, W. Linking clauses. *In*: HASPELMATH, M. *et al.* (ed.). **Language typology and language universals**. Berlin: Walter de Gruyter, 2001. p. 590-617.

SONCIN, G. C. N.; TENANI, L. E. Evidence of the role of prosody in argumentative writing: Comma use in texts written by Brazilian students aged 11-14. **Writing & Pedagogy**, v. 9, p. 77-101, 2017.

SONCIN, G. C. N.; RODRIGUES, A. A interação sintaxe-prosódica em usos de vírgula em esquema duplo: apontamentos para o ensino de pontuação. **Domínios de lingu@gem**, v. 12, p. 1571-1606, 2018.

SOUSA-MACHADO, T. H.; CAPRISTANO, C. C.; JUNG, N. M. Letramento acadêmico: dimensões mostradas e escondidas em rasuras em contexto digital. **Linguagem & Ensino**, v. 22, p. 933-956, 2019.

TENANI, L. E. Estruturas morfossintática e prosódica dos enunciados: fatores para hipersegmentações. **Domínios de lingu@gem**, v. 11, p. 8, 2017.

---

**COMO CITAR ESTE ARTIGO:** LOPES-DAMASIO, Lúcia Regiane; SANTANA, Mateus Dias. For a discursive-linguistic approach to junction: analysis of linking mechanisms in narrative and argumentative discursive traditions. **Revista do GEL**, v. 21, n. 1, p. 170-196, 2024. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>.

Submetido em: 30/11/2023 | Aceito em: 19/04/2023.

---

# SUL DA BAHIA: DO MULTILINGUISMO AO UNILINGUISMO (1760-1940)

Wagner ARGOLO<sup>1</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v21i1.3647>

**Resumo:** Trata-se de artigo em que se expõe a hipótese de que a luta pela posse das terras do cacau, iniciada na segunda metade do século XVIII, teria sido a responsável pela dizimação do contingente populacional depositário do multilinguismo de cerca de 60 línguas no sul da Bahia. Essas lutas teriam tido seu auge no final do século XIX, quando, devido à substituição da população multilíngue pela população unilíngue em português, se tem, simultaneamente, a introdução dessa língua como a única da região.

**Palavras-chave:** Multilinguismo. Unilinguismo. Brasil. Sul da Bahia. Região Cacaueira.

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus, Bahia, Brasil; [wagner.argolo@gmail.com](mailto:wagner.argolo@gmail.com); <http://orcid.org/0000-0002-1880-705>

## *SOUTHERN BAHIA: FROM MULTILINGUALISM TO UNILINGUALISM (1760-1940)*

**Abstract:** This article exposes the hypothesis that the struggle for possession of cocoa lands, which began in the second half of the 18th century, was responsible for the decimation of the population that held the multilingualism of around 60 languages in the southern Bahia. These struggles would have reached their peak at the end of the 19th century, when, due to the replacement of the multilingual population by the unilingual population in Portuguese, simultaneously, this language was introduced as the only one in the region.

**Keywords:** Multilingualism. Unilingualism. Brazil. Southern Bahia. Cocoa Region.

### **Introdução**

Neste artigo, expomos dados sócio-histórico-demográficos que embasam e nos permitem desenvolver a hipótese de que, a partir de 1760, com o incremento da lavoura cacaeira (Santos, 1957), a migração de populações dos interiores sertanejos nordestinos para o sul da Bahia, para onde migraram com a finalidade de plantar cacau, foi a principal responsável pela extinção do multilinguismo indígena da região, ao mesmo tempo em que introduziu o português, língua que já era falada por esses migrantes.

Os sertanejos foram afugentados de suas terras pela seca, ao mesmo tempo em que foram maciçamente atraídos para o sul da Bahia pelas notícias de prosperidade da lavoura cacaeira e, principalmente, pela existência de grandes extensões de terra sem dono, onde pudessem plantar o fruto.

Contudo, as terras “sem dono”, na verdade, os tinham; donos estes que, em sua grande maioria, eram indígenas – das mais variadas etnias –, brancos pobres, mamelucos, negros e pardos – quase todos, por sua vez, falantes de suas línguas nativas indígenas como L1, de suas línguas africanas também como L1 (embora em muito menor monta) e de língua geral L1, no caso dos indígenas e mamelucos de origem tupinambá, e de língua geral L2, no caso de indígenas e mamelucos de origem jê e de africanos, além de falantes de português europeu L1, no caso de colonos portugueses, e de português europeu L2 e L3, no caso dos poucos negros africanos do sul da Bahia e dos próprios indígenas tapuias e mamelucos, descendentes de tapuias, nativos da região. Isto porque, no caso dos africanos e dos indígenas tapuias, eram, possivelmente, falantes nativos de suas línguas africanas – nomeadamente banto e jêje-mina – e de suas línguas do tronco macro-jê,

respectivamente. Desse modo, a ordem possível de aquisição era: línguas indígenas e africanas como L1; língua geral como L2; e, em alguns casos, português europeu como L3<sup>2</sup> (Argolo, 2013, 2015, 2016).

## Os depositários do multilinguismo: cenário demográfico

Mott (2010), em seu livro *Bahia: inquisição & sociedade*, depois de fazer um cotejo em obras de diversos cronistas coloniais e do período imperial, apresenta dados demográficos sobre a Capitania de Ilhéus, que selecionamos e organizamos na tabela abaixo, acrescentando-lhes dados coletados do também cronista colonial Luís dos Santos Vilhena (1969 [1798-1799]):

**Tabela 1.** Dados extraídos de Vilhena (1969 [1798-1799], p. 486-514) e de Mott (2010, p. 195-293)

<b>Capitania de Ilhéus (1740-1854)</b>	
<b>Aldeias e vilas</b>	<b>Número de indivíduos</b>
São Fidélis	240 indígenas (sem informação de etnia, mas provavelmente tupinambás)
Cairu	2.210 tupinambás e brancos
Boipeba	2.417 tupinambás e brancos
Camamu	4.067 tupinambás e brancos
Barcelos	200 tupinambás (não há números para brancos)
Maraú	1.600 tupinambás e brancos
Barra do Rio de Contas (atual Itacaré)	2.000 tupinambás, pocuruxéns, gueréns e brancos
Ilhéus	2.000 tupinambás e brancos
Oliveira	1.000 tupinambás e brancos
Serinhaém (Santarém)	300 tupinambás e brancos
Poxim	34 tupinambás e brancos
<b>Total</b>	16.068 indivíduos, entre indígenas e brancos

**Fonte:** Elaboração própria

<sup>2</sup> No documento que será citado, apesar de não haver informação sobre a procedência de Luís Francisco Soledade nem sobre a finalidade de a invasão de terra ser plantar cacau, ainda assim é um registro de invasão, comprovando que, em 1760, já começavam a ocorrer: “3 de Março de 1760 / Do Conselho Ultramarino / Sobre o que informa o V. Rei, que foi do Estado do Brasil a respeito da conta, que por este Concelho deu o Ouvidor da Capitania dos Ilhéus de se haver apossado Luís Francisco Soledade indevidamente de quarenta léguas de terra nas cabeceiras da Vila do Cairu e vão os documentos que o acusam”. Arquivo Histórico Ultramarino, ACL, CU, 005, Cx. 144, D. 11028.

- | Sul da Bahia: do multilinguismo ao unilinguismo (1760-1940)

No que concerne à Capitania de Porto Seguro, Tomé Couceiro de Abreu (1764), Francisco Xavier Teixeira Álvares (1780) e Cancela (2012) apresentam dados demográficos referentes a oito, das dez vilas da Capitania de Porto Seguro. Por essa razão, nossa tabela não contempla as Vilas do Prado e de Porto Alegre. Ainda assim, continuam a ser dados importantes, não só por contemplar 80% das vilas da Capitania de Porto Seguro, mas porque, mesmo nesses 80%, já encontramos um contingente populacional até maior do que o da Capitania de Ilhéus, que foi contemplada na sua totalidade. Vejamos:

**Tabela 2.** Dados extraídos de Tomé Couceiro de Abreu (1764)<sup>3</sup>, de Francisco Xavier Teixeira Álvares (1780)<sup>4</sup> e de Cancela (2012, p. 163)

<b>Capitania de Porto Seguro (1764-1780)</b>	
<b>Vilas</b>	<b>Número de indivíduos</b>
Belmonte	135 (sem informação de etnia nem de raça)
Verde	404 (sem informação de etnia nem de raça)
Porto Seguro	1.350 (há apenas a informação de que eram brancos, pardos e negros forros, além dos indígenas mehãas do Rio Jequitinhonha; os tupinambás já deviam estar diluídos entre os mamelucos, e estes entre os “brancos”)
Trancoso	928 tupinambás e brancos
Alcobaça	90 (sem informação de etnia nem de raça)
Caravelas	67 (sem informação de etnia nem de raça)
Viçosa	452 (sem informação de etnia nem de raça)
São Mateus	16.345 brancos, com maioria absoluta de bacunis, amataris, comonaxôs, abocaxôs, mayaxôs, panhames e manxacaris (maxacalis)
Total	19.771 indivíduos, entre indígenas, brancos e negros

**Fonte:** Elaboração própria

Abaixo, está um quadro sinóptico, relativo às Tabelas 1 e 2, acima, que nos permite uma visão geral da demografia do sul da Bahia entre 1740 e 1854:

**Tabela 3.** Síntese das tabelas 1 e 2

<b>Demografia geral do sul da Bahia entre 1740 e 1854</b>	
Capitania de Ilhéus	16.068 indivíduos
Capitania de Porto Seguro	19.771 indivíduos
Sul da Bahia	35.839 indivíduos (contingente composto por indígenas – de mais de 50 etnias distintas –, brancos, mamelucos e negros)

**Fonte:** Elaboração própria

3 Arquivo Histórico Ultramarino, ACL, CU, 005-01, Cx. 54, D. 10526.

4 Arquivo Histórico Ultramarino, ACL, CU, 005-01, Cx. 34, D. 6429-6430.

Dias Tavares (2008, p. 365), em sua *História da Bahia*, ao tratar da ordem de importância dos produtos de exportação da Bahia, afirma que:

O cacau sempre esteve no primeiro lugar. Era o de maior procura no mercado externo. Quase inexistente no período colonial, situação que se alterou pouco na primeira metade do século XIX, o cacau chegou na Bahia em 1746 por iniciativa do suíço Frédéric Louis Warneaux, que trouxe uma muda de cacau do Pará e a plantou na fazenda Cubículo, às margens do rio Pardo.

A existência de terras férteis no sul baiano, suas condições climáticas, mais a cobertura da floresta atlântica explicam o rápido desenvolvimento da lavoura cacauera naquela zona. Mas a maioridade comercial do cacau baiano só ocorreu dos anos de 1860 em diante em resposta à procura de cacau pelas indústrias farmacêuticas e de alimentação dos Estados Unidos e dos países europeus mais desenvolvidos, em destaque a Inglaterra.

Baseados nos documentos que encontramos – que nos fornecem informações relativas à demografia do sul da Bahia –, nos dados demográficos que Mott (2010) encontrou – que se estendem até 1854 – e no que diz Dias Tavares (2008) sobre a “maioridade comercial” do cacau se delinear apenas a partir de 1860, podemos hipotetizar que, até o final da década de 1850, o quadro multilíngue do sul da Bahia ainda se mantinha, embora já estivesse reduzido em função das migrações e conflitos pela posse da terra que já vinham acontecendo desde 1760.

Porém, pelo que concluímos, o conflito chegou a seu ponto crítico na década de 1860, momento em que os cerca de 35 mil indivíduos que possivelmente ainda compunham o contingente populacional do sul da Bahia, expostos nas tabelas 1, 2 e 3, formado durante o período colonial, são dizimados pela frente de expansão das fazendas de cacau que vieram a dominar a região. É bastante plausível admitir, inclusive, que, em 1860, o número de etnias já não fosse mais superior a cinquenta, mas, sim, inferior a esse número, devido à ação de guerras e epidemias.

Os sertanejos, ao chegarem ao sul da Bahia e ao se depararem com essa população de cerca de 35 mil indivíduos, teriam travado luta pela posse de suas terras, desencadeando o processo de dizimação e expulsão da população local. Continuando, então, a citação do trecho escrito por Dias Tavares (2008, p. 365), temos o seguinte:

- | Sul da Bahia: do multilinguismo ao unilinguismo (1760-1940)

Outro fator que influenciou no espantoso crescimento da lavoura cacauífera no sul da Bahia foi a existência de grande quantidade de terras sem dono. Isso permitiu a corrida de centenas de aventureiros para a ocupação do litoral sul, seguindo-se depois o avanço para o interior, áreas ainda ocupadas, naquele então, por tribos dos povos tupi e tamoio, logo expulsos ou dizimados. Essa saga da conquista de terras para o cacau teria sido impossível no recôncavo baiano, onde as terras tinham donos há dois séculos, pelo menos.

Em consonância com Dias Tavares (2008), Santos (1957), mais uma vez, serve-nos de fonte, estando o geógrafo baseado agora num estudo, na ocasião ainda um manuscrito inédito, de autoria de João Batista Alves de Macedo, no qual afirma que “A grandeza econômica da zona cacauífera foi, em boa parte, forjada pelo sertanejo e pelo nordestino, vindos do interior da Bahia e de outros Estados, especialmente Sergipe”, regiões de onde “[...] a inclemência da seca os tangia em busca de melhor acolhida em terras mais férteis e dóceis, como as da zona sul da Bahia [...]” (Macedo, s/d *apud* Santos, 1957, p. 45).

E continua fazendo uso das palavras de João Batista Alves de Macedo, quando este diz que:

Os jagunços, apesar de proscritos pela justiça e assalariados por aventureiros, sequiosos de fortuna fácil, foram, também, responsáveis pelo desbravamento das matas do cacau, exterminando os indígenas que, desde os primeiros séculos, constituíram um entrave à penetração do povoamento e aproveitamento dos inesgotáveis recursos econômicos da ubérrima região (Macedo, s/d *apud* Santos, 1957, p. 45).

Esse processo de extermínio e expulsão dos indígenas foi, provavelmente, o principal motivo da extinção do multilinguismo do sul da Bahia, pois, com a morte de grande parte de seu povo e a expulsão de seus falantes – que fugiram para as matas virgens que restaram –, o multilinguismo exercido por eles sofreu um forte e profundo golpe.

## **A introdução da língua portuguesa**

Com relação à generalização, nas Capitanias de Ilhéus e de Porto Seguro, do uso da língua portuguesa, há um fator que consideramos o mais significativo para a compreensão desse processo na costa sul baiana, à semelhança do que Bessa Freire (2004) apontou para a difusão do idioma lusitano na Amazônia: sendo esses “novos donos da terra” falantes de português brasileiro, foi esse idioma que passou a dar voz à sociedade que começava

a se formar: a sociedade do cacau, representada pelas primeiras gerações de migrantes sertanejos, predominantemente do sexo masculino, que se dirigiram para o sul da Bahia e que, já em 1860, se tornaram os primeiros grandes coronéis do cacau, assim considerados devido às grandes fortunas que acumularam e aos títulos de coronel que compraram, beneficiados que foram com a valorização do cacau no mercado internacional, como resultado da grande procura por esse produto pelas indústrias norte-americanas do ramo farmacêutico e alimentício, além da procura, por parte de países europeus, como a Inglaterra, que também se interessaram pelo produto (Dias Tavares, 2008).

Além do mais, a própria localização geográfica da Zona do Cacau favorecia a migração. Por terra, chegaram os primeiros migrantes sertanejos que, do interior nordestino, partiram para a costa sul baiana. Pelo mar – após o estabelecimento dos migrantes sertanejos, quando as terras do sul da Bahia já estavam repletas de fazendas de cacau e o dinheiro começava a circular em abundância na região –, começaram a aportar, principalmente em Ilhéus, migrantes de outras regiões do país, a exemplo do Sudeste, cujas profissões eram as mais diversas – como médicos, engenheiros, prostitutas e exportadores de cacau (Argolo, 2013, 2015, 2016).

### **O recenseamento do Império do Brasil em 1872<sup>5</sup>**

Prova de que, a partir de 1860, a migração de uma população não-indígena, não-mameluca e não-portuguesa para o sul da Bahia ganha força está nos números fornecidos pelo recenseamento de 1872, feito pelo então Império do Brasil, demonstrando que uma população qualitativamente distinta da que se encontrava na região realmente veio a se tornar predominante, substituindo a que havia anteriormente.

Neste importante documento, podemos perceber a espantosa diminuição da população indígena, situação que não se apresentava nos dados demográficos anteriores a 1860, apresentados nas tabelas 1, 2 e 3.

Como mostraremos abaixo, se, antes de 1860, os indígenas apareciam sempre como a maioria absoluta da população das vilas e aldeias das Capitânicas de Ilhéus e de Porto Seguro<sup>6</sup>, depois dessa década, a partir de 1870, a demografia do sul da Bahia apresenta-se

---

5 Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=225477&view=detalhes>. Acesso em: 13 abr. 2024.

6 A exemplo da Vila de São Mateus, na Capitania de Porto Seguro, para a qual Francisco Xavier Teixeira Álvares, em 1780, atesta uma população indígena de dezesseis a vinte mil indígenas, de sete etnias distintas, concentrada nas matas, contra minguados 345 habitantes da zona urbana da vila, dentre os quais estavam incluídos os brancos, os mamelucos e os poucos negros e pardos.

- | Sul da Bahia: do multilinguismo ao unilinguismo (1760-1940)

completamente modificada, na qual os indígenas passam a representar a minoria absoluta do contingente das duas capitanias que compunham a região, não atingindo mais, em nenhum dos novos municípios, a casa do milhar. Na verdade, a categoria “índio”, no recenseamento, sequer aparece, apresentando-se apenas a categoria “caboclo” (o mesmo que “mameluco”), dentro da qual se pressupõe a existência de indígenas sobreviventes.

Já o número de brancos, pardos e negros sobe vertiginosamente – principalmente o de pardos –, ultrapassando, por várias vezes, a casa do milhar, chegando inclusive ao significativo número de 13.281 indivíduos no Município de Jequiçá, dentro dos limites da antiga Capitania de Ilhéus.

Em suma, os dados demográficos do recenseamento de 1872 deixam claro que houve uma substituição da população do sul da Bahia, o que teve como consequência incontornável a substituição do quadro linguístico da região. A população predominantemente indígena, falante de cerca de sessenta línguas autóctones e da língua geral, anterior a 1860, foi substituída por uma população unilingue, falante de português, que migrou para a região para plantar cacau.

No recenseamento em questão, os dados demográficos são apresentados de maneira detalhada, divididos, primeiramente, entre a população livre e a população escravizada, visto que, em 1872, ainda havia escravidão no Brasil.

Feita essa divisão inicial, o recenseamento apresenta, dentro desses dois grandes grupos, subdivisões com base no sexo, no estado civil, na raça, na religião, na nacionalidade e no grau de instrução. Desses seis critérios, utilizados como base para as subdivisões apresentadas, três nos interessam: a raça, a nacionalidade e o grau de instrução. Vamos, então, a eles.

Primeiramente, trataremos da população livre, seguindo a ordem de apresentação informacional do recenseamento:

**Tabela 4.** Adaptado de “Recenseamento do Brasil em 1872”<sup>7</sup> (1872, p. 68-76)

Antiga Capitania de Ilhéus (1872)					
Número de indivíduos livres, classificados por raças					
Municípios	Branco	Mulatos	Negros	Mamelucos	Total
Valença	3.826	7.455	3.313	181	14.775
Jequiçá	7.415	13.281	4.535	685	25.916

<sup>7</sup> Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=225477&view=detalhes>. Acesso em: 13 abr. 2024.

Santarém	1.458	878	501	28	2.865
Cairú	294	2.284	495	47	3.120
Taperoá	1.604	3.053	997	26	5.680
Camamu	1.120	5.763	1.708	87	8.678
Barcelos	376	300	697	190	1.563
Maraú	819	2.644	152	4	3.619
Barra do Rio de Contas	533	1.757	541	82	2.913
Ilhéus	1.185	2.429	619	398	4.631
Olivença	88	1.841	797	13	2.739
Canavieiras	327	2.484	94	28	2.933
<b>Total</b>	19.045	44.169	14.449	1.769	<b>79.432</b>

Fonte: Elaboração própria

**Tabela 5.** Adaptado de “Recenseamento do Brasil em 1872”<sup>8</sup> (1872, p. 68-76)

<b>Antiga Capitania de Porto Seguro (1872)</b>					
<b>Número de indivíduos livres, classificados por raças</b>					
<b>Municípios</b>	<b>Brancos</b>	<b>Mulatos</b>	<b>Negros</b>	<b>Mamelucos</b>	<b>Total</b>
Belmonte	1.339	1.539	715	268	3.861
Santa Cruz	141	110	850	170	1.271
Vila Verde	11	67	15	439	532
Porto Seguro	1.030	1.143	702	169	3.044
Trancoso	269	297	447	77	1.090
Caravelas	967	1.012	1.725	122	3.826
Prado	151	1.125	722	10	2.008
Alcobaça	622	760	1.400	254	3.036
Viçosa	567	808	1.010	174	2.559
Porto Alegre	446	429	762	109	1.746
<b>Total</b>	5.543	7.290	8.348	1.792	<b>22.973</b>

Fonte: Elaboração própria

<sup>8</sup> Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=225477&view=detalhes>. Acesso em: 13 abr. 2024.

- | Sul da Bahia: do multilinguismo ao unilinguismo (1760-1940)

**Tabela 6.** Adaptado de “Recenseamento do Brasil em 1872”<sup>9</sup> (1872, p. 68-76)

<b>Sul da Bahia (sem São Mateus, que, após a Independência, passou a pertencer à Província do Espírito Santo)</b>	
Antiga Capitania de Ilhéus	79.432
Antiga Capitania de Porto Seguro	22.973
<b>Total</b>	<b>102.405</b>

**Fonte:** Elaboração própria

De forma geral, sem distinção de raça, a população da antiga Capitania de Ilhéus, de acordo com os dados extraídos do recenseamento de 1872, apresenta maior volume nos municípios de Valença e Jequiçá, respectivamente com 14.775 e 25.916 habitantes. Apenas um único município, Barcelos, possui número abaixo de dois mil. Tal concentração no norte da antiga Capitania de Ilhéus pode dever-se a uma maior produção de cacau na região em 1872, fato que, entretanto, se modificaria nas décadas seguintes, pois, em 1957, Santos, no mapa em que apresenta a distribuição da produção no sul da Bahia, nos mostra que a concentração das fazendas de cacau já estava em Ilhéus e em Itabuna, apresentando uma produção acima de quatrocentos mil sacos e com população em torno dos cem mil habitantes (Mortara, 1952), em contraste com o norte, cuja produção chegava, no máximo, a duzentos mil sacos, e cuja população se mantinha numa média de vinte mil habitantes (Mortara, 1952).

Tal relação simbiótica entre maior produção e maior densidade populacional, além de evidente, encontra respaldo nos dados do recenseamento do IBGE de 1940, em que se inclui o sul da Bahia e que apresentaremos mais adiante, publicados por Mortara em 1952, nos quais podemos constatar que a maior densidade demográfica da Zona do Cacau, à símile da produção, também já se tinha deslocado para Ilhéus e para Itabuna.

Para além da mudança quantitativa, devida ao vertiginoso aumento populacional da antiga Capitania de Ilhéus – que passa dos 16.068 habitantes, em 1854, para 79.432 habitantes em 1872, quase quintuplicando –, mais impressionante, entretanto, é a completa inversão, em termos qualitativos, do tipo de sua população, pois, se, antes de 1860, prevaleciam os indígenas e mamelucos, rareando os negros e brancos na região, depois dessa década, já em 1872, a situação se inverte, passando a prevalecer, com folga, os pardos (em número de 44.169), vindo logo em seguida os brancos (em número de 19.045), os negros (em número de 14.449) e, na última colocação, a grande distância, os

<sup>9</sup> Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=225477&view=detalhes>. Acesso em: 13 abr. 2024.

mamelucos (em número de 1.769). Dessa forma, a ordem da densidade de habitantes, de acordo com a raça, constante do recenseamento de 1872, era: 1º) Pardos; 2º) Negros; 3º) Brancos; e 4º) Mamelucos.

No que concerne à antiga Capitania de Porto Seguro, os dados demográficos de 1872 revelam que, de forma geral, processo semelhante, em termos quantitativos, ocorreu na costa entre o rio Jequitinhonha e o rio Doce, embora com grau muito menor de intensidade. Assim, enquanto, na antiga Capitania de Ilhéus, a população total é quase quintuplicada, na antiga Capitania de Porto Seguro, não chega sequer a dobrar, embora tenha aumentado significativamente, passando de 19.771 habitantes, entre os anos de 1764 e 1780, para 22.973 habitantes em 1872 – um aumento de 16,19%.

Ainda sem distinguir a raça, percebemos, outrossim, que, em 1872, a distribuição demográfica na antiga Capitania de Porto Seguro se apresentava de forma mais regular do que na antiga Capitania de Ilhéus. Enquanto, nesta última, temos números que oscilam entre 25.916 e 1.563 habitantes, a depender do município, naquela há uma grande estabilidade, com números que estão, quase sempre, situados no intervalo compreendido entre a casa dos 1.000 e dos 3.000 habitantes. A única exceção é a Vila Verde, com 532 habitantes. Ressaltada a exceção da Vila Verde, temos, como número máximo, 3.861 habitantes para Belmonte e, como número mínimo, 1.090 habitantes para Trancoso.

Essa maior estabilidade populacional possivelmente se deve ao fato de a antiga Capitania de Porto Seguro nunca ter chegado a atingir o altíssimo nível de produção de cacau da antiga Capitania de Ilhéus, embora tenha, também, se tornado um produtor importante. Em 1957, Belmonte era o único município – dentro dos limites da antiga Capitania de Porto Seguro – a produzir entre cinquenta e duzentos mil sacos de cacau (Santos, 1957). Os demais municípios compreendidos pelo que foi o domínio de Pero do Campo Tourinho, incluindo o município de Porto Seguro, tinham uma produção que não ultrapassava os cinquenta mil sacos. Certamente, a menor produção da antiga Capitania de Porto Seguro, como um todo, também provocou menores movimentações populacionais dentro de suas fronteiras. Entretanto, a menor produção das demais regiões ao sul de Belmonte, registrada por Santos em 1957, parece-nos ter sido o resultado de uma queda, pois, em 1872, Porto Seguro, Caravelas e Alcobaça apresentam uma população muito próxima à de Belmonte, o que vale dizer, 3.044, 3.826 e 3.036 habitantes, respectivamente.

A estabilidade da população geral da antiga Capitania de Porto Seguro, todavia, não deve ser tomada como um sinal de que, nela, pode não ter havido o mesmo processo de substituição de população e de língua. Isto porque, se, em termos quantitativos, essa mudança não é tão visível, em termos qualitativos, entretanto, o é.

- | Sul da Bahia: do multilinguismo ao unilinguismo (1760-1940)

Desse modo, da mesma maneira que, na antiga Capitania de Ilhéus, passou a haver a predominância de pardos e de negros sobre os brancos, indígenas e mamelucos – modificando completamente a essência da população que se apresentava antes de 1860 –, o mesmo passou a acontecer na antiga Capitania de Porto Seguro.

Assim, em 1872, passamos a ter, em primeiro lugar, os negros (em número de 8.348), seguidos dos pardos (em número de 7.290), dos brancos (em número de 5.543) e, a distância, os mamelucos (em número de 1.792).

### A substituição da população

Antes de 1860, a população global do sul da Bahia era de cerca de 35 mil indivíduos, compostos, em sua maior parte, por indígenas e mamelucos (e uma minoria de negros e pardos), responsáveis pelo cenário multilíngue da região. Quando chega a “maioridade comercial” do cacau, na referida década, a população, como um todo, quase triplica, crescendo, em 1872, para 102.405 habitantes, sendo composta agora por uma maioria absoluta de pardos e negros, e uma minoria absoluta de mamelucos. Tratou-se de uma mudança radical – tanto em termos quantitativos, quanto em termos qualitativos – da sociedade que habitava o sul da Bahia. Sendo essa nova sociedade falante do português, o fim do multilinguismo local foi incontornável.

São ainda relevantes, no recenseamento de 1872, os dados relativos à população livre quando se apresentam classificados em função da instrução, ou seja, distribuindo os habitantes do sul da Bahia entre os que “Sabem ler e escrever” e os “Analfabetos”. Vejamos:

**Tabela 7.** Adaptado de “Recenseamento do Brasil em 1872”<sup>10</sup> (1872, p. 68-76)

Antiga Capitania de Ilhéus (1872)		
Instrução		
Municípios	Alfabetizados	Analfabetos
Valença	2.035	12.700
Jequiriçá	4.281	22.598
Santarém	523	3.232
Cairú	797	2.214

<sup>10</sup> Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=225477&view=detalhes>. Acesso em: 13 abr. 2024.

Taperoá	1.226	4.864
Camamu	906	7.158
Barcelos	647	809
Maraú	337	1.962
Barra do Rio de Contas	440	2.662
Ilhéus	1.044	3.387
Olivença	242	2.397
Canavieiras	548	2.985
<b>Total</b>	<b>13.026</b>	<b>66.968</b>

Fonte: Elaboração própria

**Tabela 8.** Adaptado de “Recenseamento do Brasil em 1872”<sup>11</sup> (1872, p. 68-76)

<b>Antiga Capitania de Porto Seguro (1872)</b>		
<b>Instrução</b>		
<b>Municípios</b>	<b>Alfabetizados</b>	<b>Analfabetos</b>
Belmonte	1.090	2.771
Santa Cruz	387	244
Vila Verde	99	433
Porto Seguro	189	2.865
Trancoso	625	465
Caravelas	1.538	2.288
Prado	315	1.698
Alcobaça	1.138	2.478
Viçosa	895	2.864
Porto Alegre	1.098	1.208
<b>Total</b>	<b>7.374</b>	<b>17.314</b>

Fonte: Elaboração própria

<sup>11</sup> Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=225477&view=detalhes>. Acesso em: 13 abr. 2024.

- | Sul da Bahia: do multilinguismo ao unilinguismo (1760-1940)

**Tabela 9.** Adaptado de “Recenseamento do Brasil em 1872”<sup>12</sup> (1872, p. 68-76)

<b>Alfabetizados do sul da Bahia</b>	
Antiga Capitania de Ilhéus	13.026
Antiga Capitania de Porto Seguro	7.374
<b>Total</b>	<b>20.400</b>

**Fonte:** Elaboração própria

Nos dados apresentados, relativos a 1872, percebemos que, na antiga Capitania de Ilhéus, a maior quantidade de alfabetizados, como era de se esperar, corresponde aos municípios com maior densidade populacional, ou seja, Valença e Jequiçá, com, respectivamente, 2.035 e 4.281 indivíduos que sabiam ler e escrever.

De maneira análoga, a mesma correspondência manifestou-se na antiga Capitania de Porto Seguro, coincidindo o maior número de alfabetizados com os municípios de maior densidade populacional, ou seja, Belmonte, Caravelas e Alcobaça, com, respectivamente, 1.090, 1.538 e 1.138 indivíduos que sabiam ler e escrever.

Temos, então, para o sul da Bahia, um total geral de 20.400 pessoas alfabetizadas, num universo populacional de 102.405 indivíduos, o que corresponde a 20% de alfabetizados na Zona do Cacau.

Se levamos em conta a afirmação de Antônio Houaiss (1985) de que, no Brasil, de forma geral, em 1890, o percentual de alfabetizados era de apenas 0,5%, podemos notar que o percentual de alfabetizados da Zona do Cacau, em 1872, ainda dezoito anos antes, era bastante alto em relação ao geral do Brasil. Tal percentual elevado é, certamente, fruto da prosperidade econômica da região cacaueteira, que se refletiu na fundação de escolas, fossem públicas, fossem particulares.

Como seria fantasioso cogitar que outra língua, que não o português, poderia ter sido ensinada nas escolas fundadas na Zona do Cacau, cremos ser natural considerar que os 20.400 indivíduos, registrados como alfabetizados no recenseamento de 1872, o tenham sido em língua portuguesa. Estando correto esse raciocínio, também estaria correta nossa hipótese de que foi através da ascensão da economia cacaueteira, e do conseqüente processo migratório por ela gerado, que não só foram extintas as muitas línguas indígenas e a língua geral da região, como foi introduzido e generalizado o português brasileiro na Zona do Cacau – inicialmente, na sua variedade popular; posteriormente, com a criação

---

<sup>12</sup> Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=225477&view=detalhes>. Acesso em: 13 abr. 2024.

de escolas e com a continuidade da migração de outras regiões do Brasil, das quais vieram profissionais com nível superior de escolaridade, também na sua variedade culta e semiculta.

Outro fator que vem corroborar a hipótese de que foi a ascensão da economia cacauera a responsável pelo fim do multilinguismo e introdução do unilinguismo em português no sul da Bahia são os dados do recenseamento de 1872 relativos à população escravizada.

Embora, durante todo o período colonial, a mão de obra escravizada de origem africana tenha sido pouco utilizada no sul da Bahia, justamente por causa de sua estagnação econômica (o preço de aquisição do escravizado africano era alto), impossibilitando que os negros difundissem oralmente a língua portuguesa “refeita” também nas antigas Capitanias de Ilhéus e de Porto Seguro – sendo esta uma das razões para ter prevalecido, ali, o uso das muitas línguas indígenas e da língua geral (ou “tupi-guarani”<sup>13</sup>, como prefere utilizar Ribeiro), como língua supra-étnica –, após a ascensão da economia baseada no plantio do cacau, entretanto, tal aquisição de escravizados de origem africana tornou-se possível. É essa a razão que, a nosso ver, explica o grande aumento da população de escravizados negros e pardos na região. Os dados do recenseamento de 1872, relativos à população escravizada, não deixam dúvidas:

**Tabela 10.** Adaptado de “Recenseamento do Brasil em 1872”<sup>14</sup> (1872, p. 68-76)

<b>Antiga Capitania de Ilhéus (1872)</b>	
<b>Municípios</b>	<b>População escravizada (africanos e afrodescendentes)<sup>15</sup></b>
Valença	1.936
Jequiriçá	2.219
Santarém	341

13 Ressaltemos que “tupi-guarani”, na verdade, é o nome da família linguística, dentro da qual está incluída a língua tupinambá e a sua variedade colonial, a língua geral. Por isso, não é adequado utilizar os três referidos termos como sinônimos.

14 Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=225477&view=detalhes>. Acesso em: 13 abr. 2024.

15 Nesse ano de 1872, a quantidade de escravizados africanos, por cada freguesia que compunha os municípios do sul da Bahia, já era muito pequena, tendo, como número máximo, 88 africanos em Ilhéus. Os demais locais apresentados no recenseamento contêm, em sua maioria, números abaixo de 10, além de vários locais com nenhum africano. Por essa razão, não discriminamos a população de escravizados africanos e de escravizados nascidos no Brasil, embora o recenseamento apresente essa informação, porque, sendo a maioria absoluta dos escravizados brasileiros e já falantes nativos do português brasileiro popular, não havia mais situações propensas à transmissão linguística irregular do português, como aconteceu em Helvécia, antiga colônia suíço-alemã de Leopoldina. Até porque, o caso dessa colônia foi peculiar e relativamente efêmero.

- | Sul da Bahia: do multilinguismo ao unilinguismo (1760-1940)

Cairú	258
Taperoá	712
Camamu	964
Barcelos	460
Maraú	362
Barra do Rio de Contas	510
Ilhéus	1.051
Olivença	188
Canavieiras	189
<b>Total</b>	<b>9.190</b>

Fonte: Elaboração própria

**Tabela 11.** Adaptado de “Recenseamento do Brasil em 1872”<sup>16</sup> (1872, p. 68-76)

<b>Antiga Capitania de Porto Seguro (1872)</b>	
<b>Municípios</b>	<b>População escravizada (africanos e afrodescendentes)</b>
Belmonte	462
Santa Cruz	700
Vila Verde	3
Porto Seguro	124
Trancoso	371
Caravelas	205
Prado	218
Alcobaça	548
Viçosa	1.458
Porto Alegre	438
<b>Total</b>	<b>4.527</b>

Fonte: Elaboração própria

<sup>16</sup> Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=225477&view=detalhes>. Acesso em: 13 abr. 2024.

**Tabela 12.** Adaptado de “Recenseamento do Brasil em 1872”<sup>17</sup> (1872, p. 68-76)

<b>População escravizada (africanos e afro-descendentes) do Sul da Bahia</b>	
Antiga Capitania de Ilhéus	9.190
Antiga Capitania de Porto Seguro	4.527
<b>Total</b>	<b>13.717</b>

**Fonte:** Elaboração própria

No que concerne à antiga Capitania de Ilhéus, a maior quantidade de escravizados está nas áreas esperadas, ou seja, aquelas cuja produção de cacau era, possivelmente, maior: Valença, com 1.936 escravizados, e Jequiriçá, com 2.219 escravizados.

O que chamou nossa atenção foi o número de 1.051 escravizados em Ilhéus, proporcionalmente alto para a quantidade de habitantes livres, que era de 4.631 indivíduos, ficando em torno de 23% de sua população. Esse número elevado pode ser um indicador de que, em 1872, já começava a aumentar a produção de cacau no centro-sul da antiga Capitania de Ilhéus, tendência que viria a se confirmar 85 anos depois, em 1957, quando Ilhéus e Itabuna já figuram como os principais produtores da Zona do Cacau.

Relativamente à antiga Capitania de Porto Seguro – com exceção da Vila Verde, que, em todos os dados demográficos de 1872, expostos até aqui, sempre apresenta o menor contingente populacional; no caso dos escravizados, especificamente, apenas três –, os demais municípios – com a nova exceção de Viçosa, da qual vamos tratar – apresentam números que variam dos 124 aos 700 escravizados, mas sem chegar à casa dos mil. Tal contingente, inclusive, contraria a regularidade, que vinha se apresentando até então, de os maiores números corresponderem a Belmonte, Porto Seguro, Caravelas e Alcobaça, tendo o número de 700 escravizados correspondido ao município de Santa Cruz, que não era dos mais populosos, e o de 124 escravizados correspondido ao município de Porto Seguro, que era dos mais populosos. Essa quebra de regularidade pode ter como explicação um maior percentual do uso de mão de obra livre nas roças de cacau de Belmonte, Porto Seguro, Caravelas e Alcobaça, conseqüentemente não gerando a necessidade de uso mais acentuado da mão de obra escravizada.

Sobre Viçosa, é digno de nota o fato de ter figurado como o município com o maior contingente de escravizados da antiga Capitania de Porto Seguro no recenseamento de 1872, apresentando o número de 1.458 indivíduos. Se comparados com o contingente de

<sup>17</sup> Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=225477&view=detalhes>. Acesso em: 13 abr. 2024.

- | Sul da Bahia: do multilinguismo ao unilinguismo (1760-1940)

2.559 indivíduos livres de Viçosa, esses 1.458 escravizados representam um percentual de 57% da população do município, o que é bastante significativo, por se tratar de mais da metade da população local.

Esse alto percentual, entretanto, não é explicado por uma possível alta na produção de cacau. Até porque, em 1957, Viçosa aparece na área de menor produção da Zona do Cacau, o que indica que não foi essa a razão do maior contingente escravizado ali encontrado em 1872.

A explicação para esse fenômeno em Viçosa pode estar no fato de, no seu entorno, terem-se estabelecido as colônias suíço-alemãs de Leopoldina e de Frankental, que tinham como esteio econômico a lavoura cafeeira e que, a partir de 1840, devido a sua prosperidade, começaram a adquirir escravizados para suas plantações – inicialmente com um alto percentual de africanos, cerca de 50%, mas que, devido à alta taxa de natalidade do local e aos efeitos da Lei Eusébio de Queirós, que proibiu a importação de escravizados da África (Lucchesi; Baxter, 2009), teve seu percentual de africanos reduzido a 1,4%, com apenas 21 escravizados africanos no ano de 1872, segundo o recenseamento em questão.

Considerando-se que a população do sul da Bahia, durante o período colonial, foi, por excelência, composta por indígenas e por mamelucos, o fato de, em 1872, haver uma prevalência absoluta de pardos e de negros – e isto apenas no que se refere à população livre – leva-nos, por eliminação, a concluir que são procedentes as informações de Dias Tavares (2008) e de Santos (1957), sobre a migração de contingentes populacionais adventícios para o sul da Bahia, atraídos pela prosperidade da lavoura do cacau. E, sendo procedentes essas informações, conseqüentemente é procedente nossa hipótese de que foi esse processo migratório o responsável pela extinção do multilinguismo e simultânea introdução do unilinguismo em português na região, visto que esses contingentes populacionais eram compostos, segundo Ribeiro (2004b [1995]) e Mattos e Silva (2004), por falantes monolíngues do português brasileiro popular já “reformatado”, seja devido a sua aquisição como L2 e em condições precárias, praticamente sem qualquer auxílio de escolarização – mas com acesso abundante às estruturas da língua-alvo –, seja devido a processos de transmissão linguística irregular de tipo leve – nos quais o acesso às estruturas da língua-alvo é restrito –, como defendem Lucchesi e Baxter (2009).

Até agora, vimos que, dos 102.405 habitantes livres do sul da Bahia, em 1872, 74.256 eram negros e pardos, ou seja, 73% da população livre da Zona do Cacau. Somando-se a esse grande contingente os 13.717 escravizados – cujo resultado é o impressionante contingente de 116.122 indivíduos –, essa porcentagem de negros e pardos sobe ainda mais, atingindo os 76%.

Desse modo, percebemos que, a crer nas informações de Ribeiro (2004b [1995]) e de Mattos e Silva<sup>18</sup> (2004), de fato, a população que, a partir de 1860, veio a substituir a antiga população do sul da Bahia foi a responsável pelo fim do multilinguismo indígena da região, pois 76% de seus indivíduos eram compostos por falantes nativos do português.

Para somar-se a esse percentual de 76% de falantes nativos do português, ainda devemos acrescentar os 21%, em sua maior parte também falantes nativos de um português mais próximo do europeu (escrevemos “em sua maior parte”, pois os mamelucos, que consideramos estarem incluídos nesses 21% de brancos do recenseamento de 1872, eram prováveis falantes de um português europeizado como segunda língua), totalizando 97% de falantes da língua lusitana – seja na variedade europeizada, seja na variedade já com características brasileiras – no sul da Bahia. Os outros 3% da população, representados pelos mamelucos que apareceram textualmente no recenseamento de 1872, ao se depararem com uma nova sociedade cuja única língua era o português, se ainda eram falantes da língua geral ou de alguma das muitas línguas indígenas que havia no lugar, tiveram, inevitavelmente, de abandoná-la, para poderem integrar-se à sociedade do cacau, que já dominava a região.

### **A viagem de Curt Nimuendaju ao sul da Bahia em 1938**

Entretanto, o documento mais informativo sobre a briga pela posse das terras do cacau no sul da Bahia, assim como sobre a substituição da população indígena da região e seu conseqüente “desfacelamento” etnolinguístico, é o pouco conhecido relatório que Nimuendaju escreveu, em 1938, sobre a viagem que fez à reserva Paraguaçu-Caramuru, entre o rio Pardo e o rio Cachoeira<sup>19</sup>. É sobre ele que nos deteremos nesta seção.

---

18 “[...] a luta mais árdua do negro africano e de seus descendentes brasileiros foi, ainda é, a conquista de um lugar e de um papel de participante legítimo na sociedade nacional. Nela se viu incorporado à força. Ajudou a construí-la e, nesse esforço, se desfez, mas, ao fim, só nela sabia viver, em razão de sua total desafricanização. A primeira tarefa cultural do negro brasileiro foi a de aprender a falar o português que ouvia nos berros do capataz. Teve de fazê-lo para comunicar-se com seus companheiros de desterro, oriundos de diferentes povos. Fazendo-o, se reumanizou, começando a sair da condição de bem semovente, mero animal ou força energética para o trabalho. Conseguindo miraculosamente dominar a nova língua, não só a refez, emprestando singularidade ao português do Brasil, mas também possibilitou sua difusão por todo o território, uma vez que nas outras áreas se falava principalmente a língua dos índios, o tupi-guarani” (Ribeiro, 2004 [1995], p. 220; trecho também citado por Mattos e Silva (2004, p. 83)).

19 Esse relatório, pouco conhecido mesmo entre historiadores e etnólogos, nos foi gentilmente cedido pela Prof<sup>a</sup> Maria Rosário Carvalho (UFBA), a quem fica o nosso agradecimento. A referida professora também escreveu um interessante artigo, cujo foco incide sobre essa viagem, chamado “Curt Nimuendaju no Sul da Bahia: registro etnográfico e repercussões de sua visita aos Pataxó Hãhãhã” (1995).

- | Sul da Bahia: do multilinguismo ao unilinguismo (1760-1940)

As observações referem-se a cinco etnias: tupiniquim (tupinambá) – mais particularmente a seus descendentes –, pataxó, kamakã, kariri e baenã. Apesar de não fazer observações de caráter etnolinguístico sobre os tupiniquins (tupinambás), o faz, entretanto, sobre as demais etnias citadas.

Sobre os descendentes dos tupiniquins (tupinambás), afirma:

Aproveitei a demora em Ilhéus para fazer uma visita aos índios descendentes dos Tupinaki que habitavam nas vizinhanças de Olivença, 16 Km ao sul de Ilhéus. São ainda em número de uns 300, fortemente cruzados e quase sem nenhuma cultura própria. Contudo ainda vi algumas coisas interessantes, como por exemplo uma rede de algodão, genuíno trabalho tupi, com quatro punhos. Estes índios são amáveis e de fácil tratamento, mas os seus vizinhos neobrasileiros procuram por todos os meios, por vexames e ameaças fazer com que lhes “vendam” as suas terras, e como eles não acham quem os defenda, o desmembramento do grupo é questão de pouco tempo<sup>20</sup> (Nimuendaju, 1938, p. 2).

Após 6 dias em Ilhéus, Nimuendaju segue, no dia 21 de setembro, para a reserva Paraguaçu-Caramuru, que “consta de mais de 500 quilômetros quadrados, formando uma faixa que vai do Rio Cachoeira, ao Norte, até o Rio Pardo, ao Sul” (Nimuendaju, 1938, p. 2) – dentro dos limites da antiga Capitania de Ilhéus –, onde permanece por mais de dois meses, de 22 de setembro a 28 de novembro:

Essas terras, demarcadas e legalizadas, são oficialmente uma reserva territorial para índios, e quando foi fundado o Posto em 1927 só existiam aí duas famílias neobrasileiras. Hoje habitam nela mais de 1.500 (mil e quinhentos) intrusos que em parte receberam a licença para entrar, debaixo de toda amizade, pelos diversos administradores do Posto, em parte entraram sem perguntar a ninguém. Perdidos nesta massa da população neobrasileira da reserva acham-se 123 índios da mais variada origem<sup>21</sup> (Nimuendaju, 1938, p. 3).

[i] Com relação aos pataxós, Nimuendaju atesta seu decréscimo numérico depois de terem sido levados para a reserva. Dos cerca de 100 pataxós que foram para lá, em 1927, só restaram 16 naquele ano de 1938, que já estavam em franco processo de decadência étnica. Esses 16 pataxós foram classificados, por Nimuendaju, em dois grupos distintos.

---

20 *A viagem de Curt Nimuendaju ao sul da Bahia em 1938.*

21 *A viagem de Curt Nimuendaju ao sul da Bahia em 1938.*

Um, composto por indígenas que “Não falam português, ou pelo menos não tanto que se pudesse tomar-lhes qualquer informação nesta língua”<sup>22</sup>. Outro, composto por indígenas que “[...] falam mais ou menos o português, mas nenhum ou muito pouco pataxó”, com o qual Nimuendaju (1938, p. 3) conseguiu, de dois rapazes, “[...] uma lista de algumas centenas de palavras, mas os meus informantes não eram mais capazes [sic] de formar frases na sua língua original”<sup>23</sup>.

Ao final de suas considerações, Nimuendaju (1938, p. 4) afirma que:

Outro bando pataxó habitou antes de 1927 no baixo Rio Gongogi. Foi pouco a pouco exterminado pelos fazendeiros vizinhos. No dito ano só restava dele um único homem que, quatro vezes capturado pelo pessoal do Posto, fugiu três vezes, até que finalmente conseguiu fugir para o outro mundo<sup>24</sup>.

[ii] Com relação aos kamakãs, Nimuendaju afirma que sua última tribo já havia sido extinta, restando, na reserva Paraguaçu-Caramuru – num local chamado Mundo Novo –, apenas 11 descendentes dos indígenas dessa etnia, cuja maioria dá a entender já ser de mestiços. A tribo ficava a 60 quilômetros de distância da reserva, às margens do rio Catolé, afluente do rio Pardo. Após conflitos pela posse de suas terras, foram expulsos delas em 1932, momento em que vão morar na reserva, levados pelo inspetor do SPI, Alberto Jacobina.

Dos onze sobreviventes da tribo, afirma que apenas duas senhoras idosas eram indígenas estromes e ainda sabiam a língua kamakã. Porém, uma delas tinha acabado de morrer quando Nimuendaju chegou e foi enterrada justamente nesse dia, de modo que teve acesso apenas a uma delas, Jacinta Grayrá, aparentemente com mais de 70 anos. Dessa informação, depreendemos que os outros nove descendentes dos kamakãs já não sabiam mais falar a língua da tribo, mas apenas o português. Com relação a Jacinta Grayrá, “Falava um português péssimo com uma fonética puramente kamakã, de maneira que muito custei a compreendê-la”<sup>25</sup> (Nimuendaju, 1938, p. 4).

[iii] Com relação aos kariris (kamurus e sapuyás), Nimuendaju afirma que viviam às margens do rio Gongogi, 100 Km ao noroeste da reserva Paraguaçu-Caramuru. O etnólogo

---

22 *A viagem de Curt Nimuendaju ao sul da Bahia em 1938.*

23 *A viagem de Curt Nimuendaju ao sul da Bahia em 1938.*

24 *A viagem de Curt Nimuendaju ao sul da Bahia em 1938.*

25 *A viagem de Curt Nimuendaju ao sul da Bahia em 1938.*

- | Sul da Bahia: do multilinguismo ao unilinguismo (1760-1940)

não diz quantos eram, mas afirma que, em metade deles, prevalecia o sangue indígena e que somente poucos ainda eram indígenas estremes<sup>26</sup>.

[iv] Com relação aos baenãs, Nimuendaju afirma que, em 1927 – ocasião da fundação do posto do SPI, na reserva Paraguaçu-Caramuru –, habitavam as margens do rio Pardo. Levados à força, de lá, para as terras do posto, todos pereceram, à exceção de um menino de seis anos, que foi retirado de sua família, pelo que se entende, logo após o nascimento. Por essa razão, inclusive, não chegou a adquirir a língua baenã<sup>27</sup>.

Embora não se detenha em maiores detalhes sobre outras etnias, ainda faz duas últimas observações sobre os indígenas da região – nesse caso, os maxacalis e os botocudos. São informações rápidas, mas de grande valia, porque, assim como as demais apresentadas, confirmam a dizimação sofrida pelos indígenas do sul da Bahia. No que vamos citar, temos a confirmação de que, em 1938, os maxacalis do rio Jequitinhonha já estavam extintos, o que confirma, também, a extinção de sua língua. Mas Nimuendaju afirma claramente que, além dos maxacalis, outras tribos foram igualmente extintas, o que confirma a morte de mais línguas, embora não informe quais eram.

Sobre os botocudos, informa sua possível sobrevivência nas imediações do rio Mucuri, porque, em 1910, ainda resistiam à frente de expansão agrícola, atacando os não-indígenas da região, o que pressupõe a sobrevivência de sua língua, ao menos entre os falantes mais velhos. Isto porque, como vimos, no momento em que se referiu aos kamakãs, a etnia ainda existia, mas somente uma senhora, Jacinta Grayrá, ainda era falante da língua da antiga tribo:

Os bandos que antigamente habitavam na região do Jequitinhonha já desapareceram por completo como também os massakari do mesmo rio. Mas é possível que ainda existam botocudos na região do rio Mucury onde ainda em 1910 faziam saídas hostis<sup>28</sup> (Nimuendaju, 1938, p. 10).

## O recenseamento da República Federativa do Brasil em 1940

Para além dos já contundentes dados etnolinguísticos oferecidos pelo relatório de Nimuendaju (1938), dados demográficos do século XX, mais especificamente de 1940,

---

26 *A viagem de Curt Nimuendaju ao sul da Bahia em 1938.*

27 *A viagem de Curt Nimuendaju ao sul da Bahia em 1938.*

28 *A viagem de Curt Nimuendaju ao sul da Bahia em 1938.*

relativos à Zona do Cacau, reforçam ainda mais a hipótese que estamos expondo neste artigo, ou seja, a de que um processo migratório significativo de sertanejos (principalmente os do sexo masculino, que vieram a ser traduzidos na figura do “jagunço”, responsáveis, em grande parte, pelo extermínio da população autóctone da região) teria sido o responsável pela dizimação dos falantes das línguas do sul da Bahia – resultando na extinção de seu multilinguismo –, ao mesmo tempo em que introduziu o português brasileiro como língua predominante na região.

Referimo-nos ao *Ensaio de descrição estatística de uma zona fisiográfica (Zona Cacaueira do Estado da Bahia) pelos dados do recenseamento* – publicado em 1952, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e escrito por Giorgio Mortara –, no qual são encontrados dados demográficos relevantes sobre a população do sul da Bahia em 1940, quando a economia baseada no plantio do cacau já estava consolidada, assim como sua população, que naquele momento já era composta principalmente por sertanejos tanto do estado da Bahia, quanto de outros estados.

De acordo com o que viemos argumentando até aqui, enquanto, no período anterior ao desenvolvimento da lavoura cacaueira, a população de todo o sul da Bahia não passava de pouco mais de 35.000 pessoas – entre indígenas, mamelucos, brancos pobres e uma minoria de pardos e negros –, a partir do incremento da lavoura cacaueira, por volta de 1760, a migração de sertanejos foi responsável por um espantoso crescimento demográfico na região, atingindo, primeiro, um número superior a 116.000 pessoas, em 1872 – somando-se a população livre e a população escravizada –, e, depois, um número superior a 460.000 pessoas, em 1940, como demonstram os dados do censo do IBGE analisados por Mortara. Tanto o recenseamento de 1872, quanto o recenseamento de 1940 atestam um crescimento demográfico vertiginoso e contínuo para o sul da Bahia, confirmando, portanto, as inferências que viemos expondo neste artigo:

**Tabela 13.** Adaptado de Giorgio Mortara (1952, p. 12, grifo próprio)

<b>Zona do Cacau (população em 1940, por Municípios)</b>	
<b>Município</b>	<b>População em 1940</b>
Belmonte	27.580
Cairu	4.948
Camamu	22.312
Canavieiras	36.064
Ilhéus	113.269
Ipiaú	33.653

Itabuna	96.879
Itacaré	22.701
Ituberá	21.012
Maraú	11.205
Nilo Peçanha	12.508
Taperoá	8.995
Ubaitaba	12.141
Una	9.287
Valença	29.442
Zona do Cacau	461.996

**Fonte:** Elaboração própria

No referido ensaio, Mortara (1952) afirma que a importância demográfica da Zona do Cacau era maior do que sua importância territorial, pois, segundo dados do IBGE de 1º de setembro de 1940, a população da Zona correspondia a um oitavo da população de todo o Estado da Bahia – com 461.996 habitantes (cf.: Tabela 13), sendo 52,54% de homens e 47,45% de mulheres –, enquanto a extensão de seu território – perfazendo uma área total de 27.403 Km<sup>2</sup> – correspondia a, apenas, um vigésimo do território de todo o estado (Mortara, 1952).

Desse número de 461.996 habitantes, os que são considerados especialmente aptos para o trabalho estão entre as idades de 20 e 59 anos – incluindo homens e mulheres –, o que representa 44,55% da população total. Desses 44,55% especialmente aptos, 24,47% são homens e 20,08% são mulheres. É justamente dentro dessa faixa etária que está a maior proporção de homens em relação às mulheres: “Localiza-se, portanto, principalmente nas idades mais válidas o excedente masculino, característico da população da zona” (Mortara, 1952, p. 22).

Comparando-se a percentagem de 44,55% de ativos (incluindo homens e mulheres) com o percentual análogo da Bahia como um todo, vemos que a Zona do Cacau apresentava, em 1940, um maior contingente populacional em idade ativa, dentro da faixa etária de 20 a 59 anos, pois, para o conjunto da Bahia, temos um percentual de ativos (incluindo homens e mulheres) de 41,92%, dividido em 20,13% de homens e 21,79% de mulheres. Nesse ponto, não se pode deixar de assinalar o fato de que, dentro da população ativa do conjunto da Bahia, o percentual de mulheres ativas (21,79%) é maior do que o de homens (20,13%), diferentemente do que ocorria na Zona do Cacau, na qual o percentual de homens ativos (24,47%) era maior do que o de mulheres (20,08%), situação que resulta,

no caso específico da Zona do Cacau, do caráter predominantemente masculino de sua imigração, como se verá a seguir.

O maior percentual de homens em atividade, na faixa entre 20 e 59 anos, explica-se pela essência agrícola da economia cacaueteira, que exigia uma quantidade maior de mão de obra masculina para o trabalho pesado nas roças de cacau. Tal caráter predominantemente masculino da migração sertaneja para o sul da Bahia não pode passar despercebido. Pelo contrário, deve ser ressaltado, devido à importância que assume ao também corroborar as informações apresentadas por Santos (1957) e Dias Tavares (2008), quando afirmam que foi o sertanejo – que muitas vezes já atuava como jagunço para outros coronéis nos interiores pastoris do mesmo “Brasil Crioulo” (cf.: Ribeiro, 2004 [1995], p. 274-306) – o responsável pelo desbravamento das matas do cacau, cuja frente de expansão teria conduzido ao conflito com os povos autóctones e com os colonos da região, resultando na sua morte e, conseqüentemente, na morte de suas línguas.

Os dados demográficos expostos acima – conjugados aos dados demográficos do recenseamento de 1872 – comprovam o espantoso crescimento populacional do sul da Bahia como resultado da prosperidade da lavoura cacaueteira, assim como a predominância do sexo masculino no seio dessa população, reforçando, desse modo, nossa hipótese de que teriam sido esses contingentes dos interiores nordestinos, tornados ou mantidos como jagunços (Santos, 1957), os principais responsáveis pela substituição da população do sul da Bahia e pela conseqüente mudança radical de seu quadro de línguas.

Dessa maneira, após a dizimação e expulsão dos indígenas, dos mamelucos, dos brancos pobres e dos então poucos negros e pardos, falantes das muitas línguas indígenas e da língua geral, a região sul da Bahia ficou aberta para a entrada da língua portuguesa.

Por fim, os próprios indígenas, mamelucos, brancos pobres, negros e pardos – últimos depositários do multilinguismo da região, que fugiram para as matas virgens além dos cacauais –, com o passar do tempo, provavelmente, viram-se na contingência de restabelecer contato com a região tomada pela nova sociedade cacaueteira, contato este que só era possível em língua portuguesa, tornando-se a língua mais viável socialmente, provocando, como conseqüência dessa viabilidade, o abandono paulatino das línguas da velha história do sul da Bahia e a adoção do português brasileiro também por eles.

## Conclusão

Neste artigo, expusemos e desenvolvemos nossa hipótese sobre a morte das cerca de 60 línguas indígenas do sul da Bahia, incluindo a língua geral – variedade colonial do tupinambá –, em simultâneo com a introdução do português.

- | Sul da Bahia: do multilinguismo ao unilinguismo (1760-1940)

Como embasamento empírico, utilizamos fontes primárias manuscritas do Arquivo Histórico Ultramarino, do Arquivo Nacional da Torre do Tombo – ambos localizados em Lisboa, Portugal – e do Arquivo Público do Estado da Bahia – localizado em Salvador. Além das fontes primárias manuscritas, utilizamos fontes primárias impressas, como o *Recenseamento do Império do Brasil em 1872*, o *Relatório da viagem de Curt Nimuendaju ao sul da Bahia em 1938*, escrito pelo próprio Nimuendaju, e o *Ensaio de descrição estatística de uma zona fisiográfica (Zona Cacaueira do Estado da Bahia) pelos dados do recenseamento (1952)*, organizado por Mortara.

Consideramos, portanto, que o processo de migração de populações dos interiores sertanejos nordestinos para essa região, a partir da década de 1760 – e que teve como uma de suas principais características a luta pela posse das terras férteis e propícias ao cultivo do cacau –, foi o principal motivo do declínio e desaparecimento do multilinguismo do sul da Bahia, pois os integrantes de sua comunidade linguística ou morreram nos conflitos pela posse da terra ou fugiram para as matas virgens onde a frente de expansão cacaueira ainda não havia chegado. Ao mesmo tempo, como esses migrantes já eram falantes de português brasileiro, introduziram-no na região.

## Referências

ARGOLO, W. Migração e glotocídio: o ocaso de uma língua geral. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 91-101, abr./jun. 2013.

ARGOLO, W. **História linguística do Sul da Bahia (1534-1940)**. 2015. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

ARGOLO, W. As línguas gerais na história social-linguística do Brasil. **PAPIA**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 7-52, jan./jun. 2016.

CANCELA, F. **De projeto a processo colonial: índios, colonos e autoridades régias na colonização reformista da antiga Capitania de Porto Seguro (1763-1808)**. 2012. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

DIAS TAVARES, L. H. **História da Bahia**. Salvador: EDUFBA/UNESP, 2008.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A. A transmissão linguística irregular. *In*: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.

MATTOS E SILVA, R. V. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004.

MORTARA, G. **Ensaio de descrição estatística de uma zona fisiográfica (Zona Cacaueira do Estado da Bahia) pelos dados do recenseamento**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1952.

MOTT, L. **Bahia: inquisição & sociedade**. Salvador: EDUFBA, 2010.

SANTOS, M. **Zona do Cacau**. São Paulo: Brasiliiana, 1957.

VILHENA, L. **A Bahia no século XVIII**. Salvador: Editora Itapuã, 1969 [1798-1799].

---

**COMO CITAR ESTE ARTIGO:** ARGOLO, Wagner. Sul da Bahia: do multilinguismo ao unilinguismo (1760-1940). **Revista do GEL**, v. 21, n. 1, p. 197-223, 2024. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>.

Submetido em: 20/09/2023 | Aceito em: 11/12/2023.

---

# NEOLOGISMOS COM “MINION” NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Rafael PREARO-LIMA<sup>1</sup>

Maria Clara Ferreira de Mello GOBBO<sup>2</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v21i1.3701>

**Resumo:** Uma das formas para se observar as mudanças no vocabulário de uma língua é estudar como novos termos, palavras e expressões são criados e utilizados. Nesse sentido, a formação de novas palavras é um processo contínuo que acompanha as mudanças da língua e da sociedade. Dito isso, analisamos neste trabalho neologismos no/do português brasileiro formados a partir da palavra “minion”. Para tanto, usamos um *corpus* composto por postagens da rede social X (antigo Twitter) com ocorrências de formações neológicas entre diferentes palavras e “minion”, dando preferência àquelas em que fosse possível compreender o significado a partir das próprias publicações. Como fundamentação teórica, recorreremos aos estudos da Lexicologia, especialmente quanto às pesquisas sobre formação de palavras segundo Gonçalves (2003, 2012), Alves (2007), Basílio (2004), Cano (2007) e Prearo-Lima (2019), tendo como pano de fundo a teoria gerativista de Chomsky (2002, 1986, 1965). Os resultados revelam a existência de dois grupos principais de neologismos formados com a palavra “minion”. O primeiro está associado a referentes da política brasileira contemporânea. O segundo grupo, por sua vez, está relacionado a elementos que remetem à recente pandemia de coronavírus.

**Palavras-chave:** Lexicologia. Neologismos. *Blends* lexicais. Minion.

---

1 Instituto Federal de São Paulo (IFSP), Bragança Paulista, São Paulo, Brasil; [rprearo@hotmail.com](mailto:rprearo@hotmail.com); <https://orcid.org/0000-0002-6667-7298>

2 Instituto Federal de São Paulo (IFSP), Bragança Paulista, São Paulo, Brasil; [mariagobbo02@gmail.com](mailto:mariagobbo02@gmail.com); <https://orcid.org/0009-0009-6827-4335>

- | Neologismos com “minion” no português brasileiro

## *NEOLOGISMS WITH “MINION” IN THE BRAZILIAN PORTUGUESE*

**Abstract:** One of the ways to observe changes in a language’s vocabulary is to study how new terms, words, and expressions are created and used. In this context, the development of new words is an ongoing process that reflects changes in both language and society. With that in mind, in this work, we analyze neologisms in Brazilian Portuguese formed from the word “minion”. To do so, we used a corpus consisting of posts from the social media X (formerly Twitter) containing instances of neological formations involving various words and “minion,” giving preference to those in which it was possible to deduce the meaning from the posts themselves. As a theoretical foundation, we drew on Lexicology studies, particularly regarding researches on word formation as conducted by Gonçalves (2003, 2012), Alves (2007), Basílio (2004), Cano (2007), and Prearo-Lima (2019), having Chomsky’s generative theory (2002, 1986, 1965) as a background. The results reveal the existence of two primary groups of neologisms formed using the term “minion”. The first group is associated with references to the contemporary Brazilian politics, whilst the second group is linked to elements related to the recent coronavirus pandemic.

**Keywords:** Lexicology. Neologisms. Lexical blends. Minion.

### **Considerações iniciais**

No interior de cada universo linguístico, caracterizado, entre outros fatores, por seu estado constante de transformação, a capacidade de criar neologismos é um fenômeno intrínseco à própria dinâmica das línguas. É nesse sentido que a palavra “minion” ganha relevância, não apenas como uma referência aos personagens amarelos do filme *Meu malvado favorito* (em inglês, *Despicable me*, de 2010), mas como um elemento catalisador para a formação de novas palavras no português brasileiro. A utilização desse item lexical em meios diversos, especialmente nas redes sociais, revela a necessidade de se investigar e de se compreender os processos de formação e os sentidos atribuídos a esses neologismos.

A escolha da palavra “minion” como foco deste estudo se justifica por sua presença expressiva no discurso contemporâneo, especialmente no meio virtual e em referência às esferas política e social. Observa-se que, ao ser associada a diferentes contextos, tal palavra adquire conotações específicas que refletem as percepções e as interpretações da sociedade brasileira contemporânea. Desse modo, a investigação de neologismos com “minion” proporciona uma compreensão mais profunda das dinâmicas linguísticas e discursivas em curso, evidenciando a interconexão entre linguagem, cultura e sociedade.

Dito isso, o objetivo deste trabalho é analisar a formação de neologismos com a palavra “minion”. Para isso, montamos um *corpus* de análise com mais de uma centena de postagens extraídas da rede social X (antigo Twitter) que continham exemplos de uso de um total de vinte e dois neologismos formados a partir de “minion”. A escolha dessa rede social como fonte de produção discursiva se deu em função de tais neologismos não circularem em outros meios de comunicação de ampla circulação (em jornais da grande mídia, por exemplo).

Foram selecionados os exemplares cujo significado pudesse ser, minimamente, evidenciado a partir de seu uso. Em seguida, classificamos os neologismos encontrados de acordo com seu processo de formação e, por fim, os analisamos e os categorizamos de acordo com seus efeitos de sentido. Em razão de o *corpus* de análise ser extenso para ser publicado em sua totalidade, disponibilizamos na seção Anexos um exemplar de postagem com cada um dos neologismos encontrados.

Para fundamentar a pesquisa, recorreremos a noções do gerativismo a partir de Chomsky (2002, 1986, 1965) e aos estudos da Lexicologia, a saber, aos conceitos de neologismos, de acordo com Alves (2007), Basílio (2004), Cano (2007) e Prearo-Lima (2019), e de *blends* lexicais, a partir de Gonçalves (2012, 2006, 2003).

### **Alguns princípios teóricos**

Ao desenvolver os estudos sobre o gerativismo, Noam Chomsky (2002, 1965) defendeu a tese de que as línguas são não apenas sistemas receptivos, como também sistemas produtivos pelo fato de terem mecanismos internos que permitem a geração de novas formas a partir de elementos já existentes. Nesse sentido, um traço inerente à linguagem humana é a capacidade de produzir e de compreender sentenças infinitas, conceito o qual ele denomina de recursividade. Segundo Chomsky, a recursividade implica usar uma estrutura básica e repeti-la, o que possibilita gerar infinitas combinações a partir de um conjunto finito de elementos.

Tais considerações podem ser aplicadas, entre outros aspectos, à criação de novas palavras. Com base nas propriedades fundamentais daquilo que denominou de Gramática Universal, Chomsky (1986) defende que a língua tem a capacidade inerente de gerar novas formas por meio de processos criativos a partir da repetição ou da combinação de elementos já existentes – por exemplo, em processos como a derivação ou a composição. Assim, no bojo da teoria gerativa chomskyana, a criação de novas palavras não seria um fenômeno arbitrário, mas um aspecto natural, regulamentado pela estrutura subjacente das línguas naturais.

- | Neologismos com “minion” no português brasileiro

Partindo desses pressupostos, podemos observar a teoria de Chomsky na prática ao considerarmos o português brasileiro, que tem como uma de suas características a possibilidade de se obter, por meio de processos diversos, novas palavras a partir de outras já existentes, o que torna o sistema linguístico mais dinâmico, no sentido de menos formas diferentes precisarem ser acessadas – o que não aconteceria se, para cada novo gesto de nomeação, fosse necessária uma forma nova e distinta das outras. Nesse aspecto, Basílio (2004) argumenta que, se fosse preciso uma quantidade extensa de palavras para constituir nosso repertório vocabular fundamental, nosso sistema de comunicação se tornaria menos eficaz. Desse modo, a razão pela qual frequentemente surgem novas formas lexicais no português brasileiro (e em outras línguas) decorre da complexidade que enfrentaríamos se fosse necessário criar novos vocábulos para cada contexto e situação.

Em um de seus estudos sobre tendências de formação de palavras no português brasileiro, Gonçalves (2012) observa tal fenômeno (o de novos itens lexicais a partir de elementos já disponíveis em um sistema linguístico). De acordo com ele, é mais comum a ocorrência de novas palavras geradas a partir de modelos já consolidados na língua em comparação com palavras criadas “do nada” (*ex-nihilo*). Estas, afirma o autor, representam formas pouco usuais que não envolvem ativação de processos morfológicos já existentes.

Ainda que diversos itens lexicais sejam continuamente criados e que circulem entre os falantes, a maior parte deles não chega a ser dicionarizada. Sobre o processo de dicionarização de neologismos, Alves (2007, p. 78) explica que

[...] o parâmetro mais adotado para [...] neologismos tem sido o do *corpus* de exclusão lexicográfico, constituído por um conjunto de dicionários que atua como filtro para a determinação, ou não, do caráter neológico da unidade lexical sob análise.

Porém, apesar de a adoção de um *corpus* de exclusão ser representativa para determinar se certa unidade lexical é ou não neológica, isso não impede algumas dificuldades para os pesquisadores. A esse respeito, Cano (2007) argumenta que a adoção de um *corpus* de exclusão, independentemente do seu tamanho, estará sujeita às restrições inerentes aos próprios dicionários, como a falta de critérios para a inclusão (ou a exclusão) de certas unidades lexicais. Um exemplo é o dos *blends* lexicais, um dos processos de formação neológica encontrados no *corpus* de análise deste trabalho.

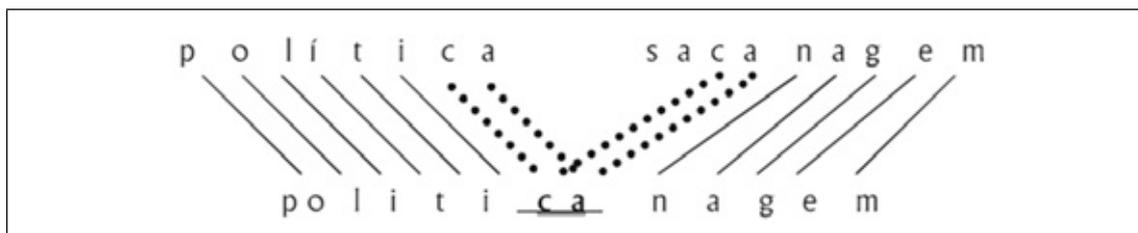
Gonçalves (2006) explica que o *blend* lexical (ou cruzamento vocabular, a depender da linha teórica adotada) consiste na mistura de partes de lexemas existentes e que refletem suas palavras-matrizes. Ainda de acordo com o autor,

[...] a combinação de palavras promove ruptura na ordem linear estrita por meio de um *overlapping*, que leva a uma correspondência de um-para-muitos entre forma de base e forma cruzada. Como resultado, uma das bases é realizada simultaneamente com uma parte da outra (Gonçalves, 2006, p. 233).

Assim, apesar de serem semelhantes a palavras compostas, os *blends* não têm entre seus elementos constituintes morfemas plenos, mas recortes de lexemas. Alguns exemplos comuns no português brasileiro são os *blends* futevôlei (futebol + vôlei = jogo em quadra de vôlei de areia, com as regras do vôlei, mas em que se usam apenas as mesmas partes do corpo aceitas no futebol) e chafé (chá + café = café muito fraco, café que se parece com um chá). Muito usados em textos literários, jornalísticos e publicitários com o fim de chamar a atenção, os *blends* costumam ser efêmeros e, por isso, muitas vezes não chegam a ser dicionarizados. Indo além, Gonçalves (2012) afirma que os *blends* tendem a ser marginalizados entre os estudos sobre os processos de formação de palavras na/da língua portuguesa.

Gonçalves (2003) também explica que, no português brasileiro, há dois padrões de *blend*, a saber, casos em que as duas palavras do *blend* (1) são diferentes quando se consideram seus segmentos – por exemplo, portunhol (português + espanhol = mistura de português e espanhol ou a interferência entre essas duas línguas); e (2) apresentam algum tipo de semelhança fônica, por exemplo, politicanagem (política + sacanagem = referência à corrupção/sacanagem na política e/ou dos políticos), como demonstrado na Figura 1.

**Figura 1.** *Blend* lexical de politicanagem



**Fonte:** Gonçalves (2003, p. 153)

Conforme observa Prearo-Lima (2019), o processo de formação de *blends* lexicais possibilita uma abundância de produção de novas palavras no português brasileiro e, com elas, novos sentidos. Nessa perspectiva, a criação neológica por meio de *blends* é uma das maneiras em que a recursividade, prevista na teoria gerativista (Chomsky, 2002, 1986, 1965), se torna evidente. Tal observação justifica, portanto, a importância de pesquisas voltadas à identificação de neologismos e à descrição dos sentidos que surgem a partir deles, especialmente porque nem sempre esses sentidos são registrados em dicionários.

- | Neologismos com “minion” no português brasileiro

É importante ressaltarmos que, neste trabalho, além de *blends* lexicais, outros processos de formação vocabular foram encontrados. Apesar de também desempenharem um papel crucial na expansão e no enriquecimento do léxico de uma língua, esses mecanismos não serão abordados em maiores detalhes, como faremos com os *blends* lexicais, devido a sua maior notoriedade. De qualquer forma, tais processos serão mencionados pontualmente ao longo das análises a seguir.

### Analizando os minions

A pesquisa de neologismos com “minion” foi realizada por meio do mecanismo de busca na rede social X (outrora Twitter), cujos resultados apontaram a existência de um total de vinte e dois neologismos com “minion”, listados no Quadro 1 em ordem alfabética.

**Quadro 1.** Neologismos formados a partir da palavra “minion”

alckiminion	globominion	morominion
bolsonominion	guedesminion	negaciominion
cirominion	haddadminion	pandeminion
cloroquinion	haddaminion	vaciminion
coronaminion	lulaminion	vacinaminion
covidminion	mandettaminion	vaxminion
coviminion	mascaraminion	weintraubminion
deltanminion		

**Fonte:** Elaboração própria

Com base nessa listagem inicial do Quadro 1, analisaremos inicialmente os neologismos classificados como *blends* lexicais. Ao todo, foram encontrados dez *blends* lexicais entre diferentes palavras e “minion”, apresentados a seguir de acordo com seu uso (Quadro 2). Quanto a seus referentes, esses *blends* podem ser categorizados em dois grupos principais. O primeiro (Grupo 1) está relacionado a personalidades ligadas à política brasileira contemporânea. Nesses casos, há um cruzamento entre nomes de políticos e “minion”. O segundo grupo (Grupo 2) contém *blends* formados a partir de elementos diversos relacionados à pandemia de coronavírus, iniciada em 2020.

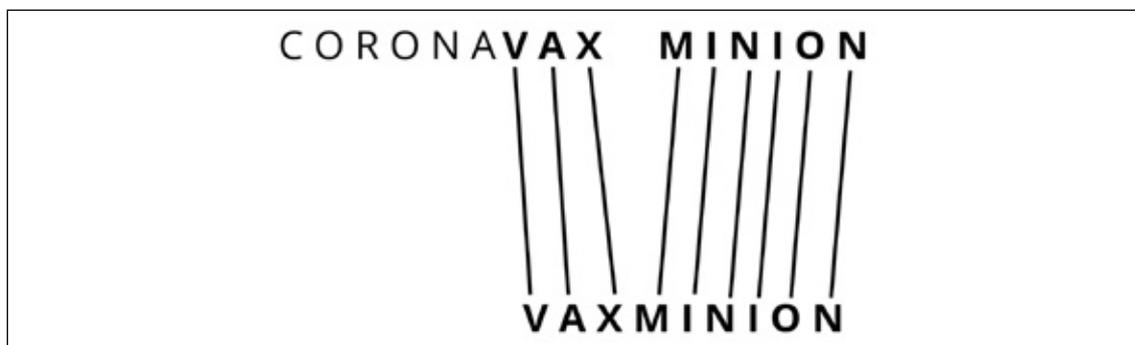
**Quadro 2.** Grupos de *blends* lexicais com “minion”

GRUPO 1: personalidades da política	GRUPO 2: pandemia de coronavírus
alckiminion bolsominion haddaminion	cloroquinion coronaminion coviminion negaciominion pandeminion vaciminion vaxminion

**Fonte:** Elaboração própria

Percebemos haver diferentes tipos de processo de formação entre os *blends* lexicais analisados. Seguindo os estudos de Gonçalves (2003), que afirma haver dois padrões de *blend* no português, ambos foram encontrados no *corpus* de pesquisa. O primeiro, de acordo com o autor, é de *blends* em que as duas palavras são totalmente diferentes quando considerados seus segmentos. Nessa categoria, encontramos formações em que foi usado ou o segmento final ou segmento inicial da palavra-matriz, conforme demonstrado nos esquemas abaixo (respectivamente, Figuras 2 e 3).

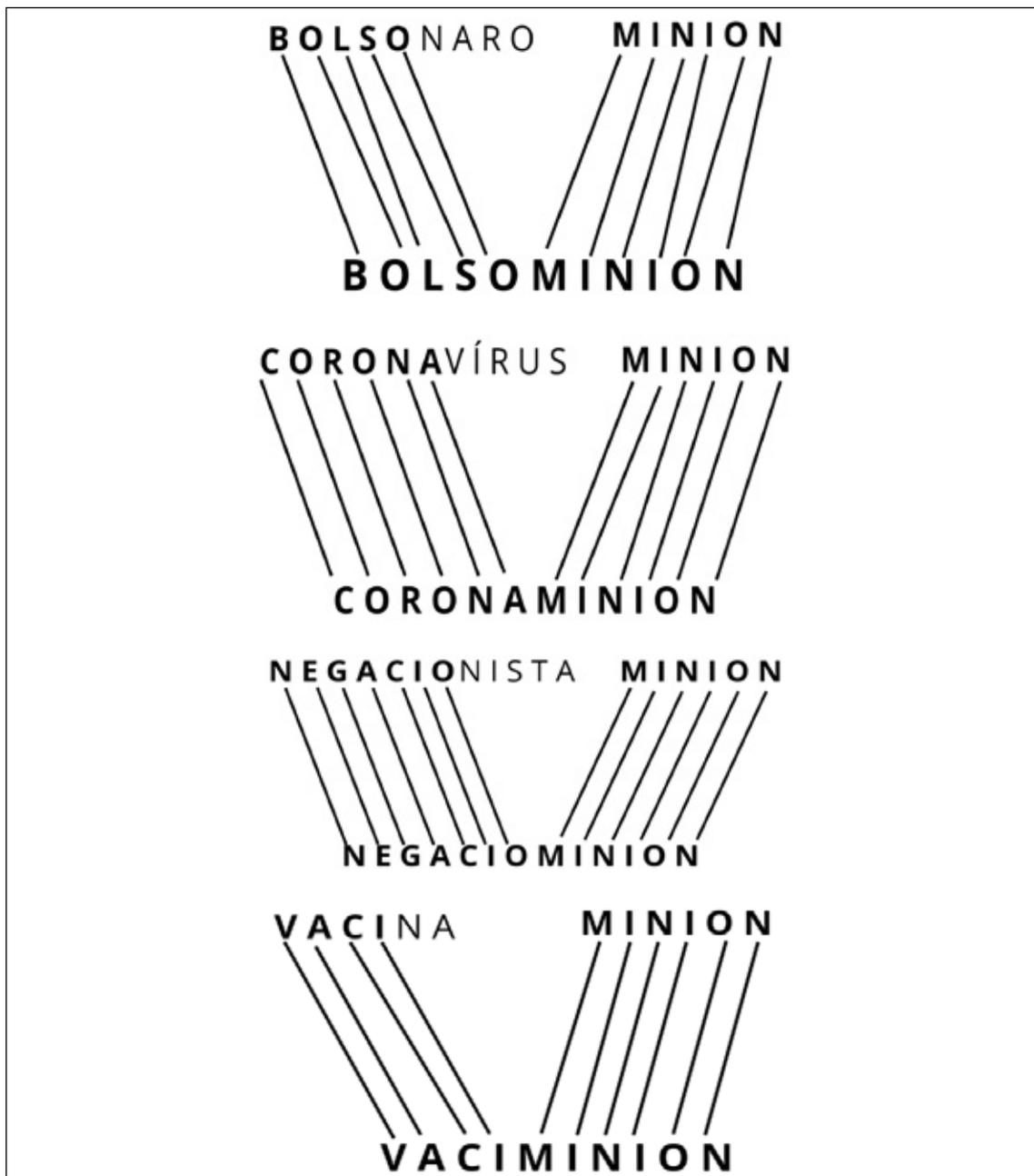
**Figura 2.** *Blends* com segmento final de palavra-matriz + “minion”



**Fonte:** Elaboração própria

- | Neologismos com “minion” no português brasileiro

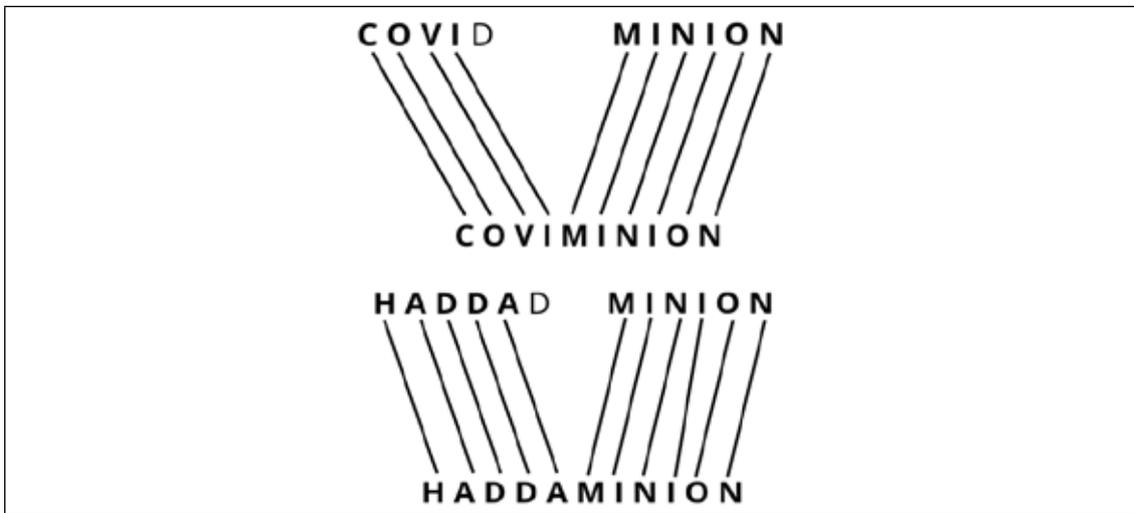
Figura 3. *Blends* com segmento inicial de palavra-matriz + “minion”



Fonte: Elaboração própria

Nos exemplos trazidos nas Figuras 2 e 3, os segmentos usados na parte inicial ou final de *blend* estão completos, não havendo ruptura de fonemas. Tais exemplos diferem destes que vêm a seguir (Figura 4), em que algum fonema da palavra-matriz precisou ser suprimido para a formação do *blend*.

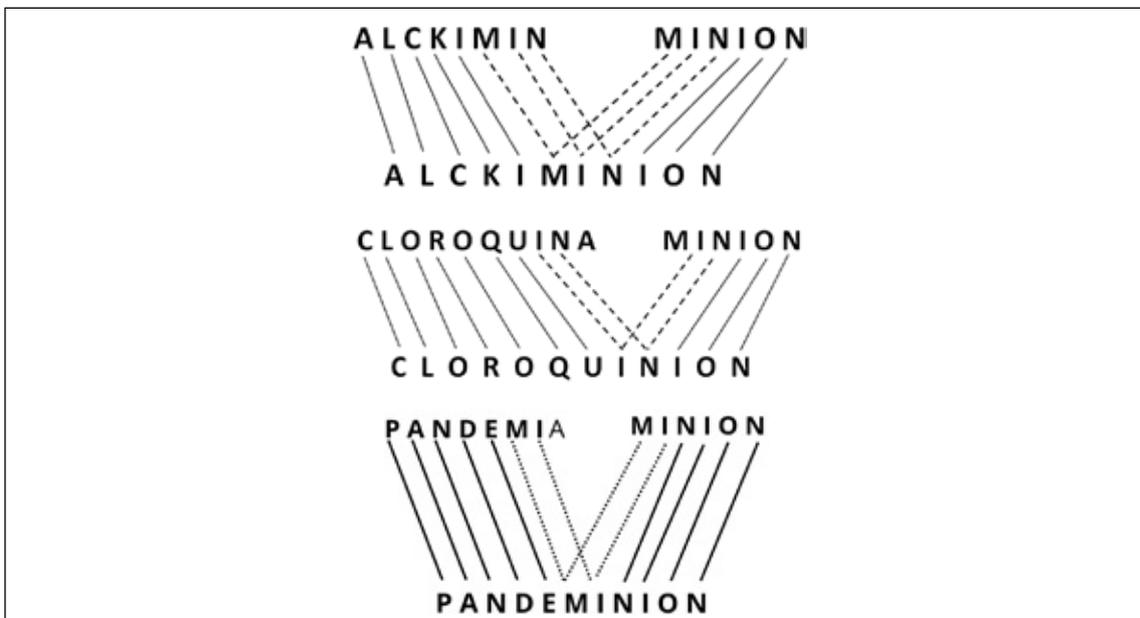
**Figura 4.** *Blends* com “minion” em que há supressão de fonemas



Fonte: Elaboração própria

Seguindo a proposta de Gonçalves (2003), também foi possível encontrar o outro padrão de *blend* no português, a saber, o de casos em que as duas palavras do *blend* apresentam algum tipo de semelhança fônica (Figura 5). Esse tipo de *blend* é formado por *overlapping*, isto é, por sobreposição, de modo que uma das bases de cada palavra é usada simultaneamente com uma parte da outra (Gonçalves, 2006).

**Figura 5.** *Blends* com *overlapping* (sobreposição) entre uma palavra + “minion”



Fonte: Elaboração própria

- | Neologismos com “minion” no português brasileiro

Quanto aos sentidos produzidos pelos *blends* lexicais encontrados, podemos explicá-los a partir de cada segmento das respectivas palavras-matrizes. Antes, porém, é preciso mencionar novamente que minions são os personagens no filme *Meu Malvado Favorito* (2010), caracterizados pela submissão a alguém ou pela adoração a uma ideia ou a algo concreto. Nesse sentido, a ideia de submissão ou de adoração é atribuída àquilo que a palavra “minion” se conecta em cada *blend* lexical.

Retomando os *blends* do Grupo 1 (cf. Quadro 2), “alckiminion” é aquele que se submete a seu líder; neste caso, usa-se o *blend* em referência aos apoiadores de Geraldo Alckmin, vice-presidente do Brasil quando do desenvolvimento desta pesquisa. Sentido semelhante é atribuído aos *blends* “bolsominion” e “haddaminion”, a saber, aqueles que se submetem a ou apoiam, respectivamente, Jair Bolsonaro e Fernando Haddad.

Em relação aos *blends* do Grupo 2 (cf. Quadro 2), podemos atribuir a ideia de adoração a algo. No filme, os já referidos personagens amarelos eram fascinados por bananas. De maneira análoga, o “coronaminion” é alguém fascinado pela ideia do coronavírus; o “negaciominion”, por sua vez, adora a ideia de negar a realidade; o “vaciminion” ama a vacina ou a vacinação (especificamente em referência à covid-19); de igual modo, o “vaxminion” também ama a vacina (especificamente, a coronavax); o coviminion é vitimado pela pandemia de coronavírus.

Além de *blends* lexicais, constatamos a existência de outros neologismos com a palavra “minion” formados a partir de outros processos. Especificamente, encontramos neologismos formados por justaposição, isto é, a junção de duas palavras sem trocas ou perdas dos elementos formadores (por exemplo, as palavras “girassol” e “couve-flor” são formadas por justaposição). Estas palavras permanecem apenas unidas, sem alterações fonológicas.

À semelhança dos dados apresentados logo acima, esse conjunto de neologismos também pode ser categorizado em dois grupos principais (cf. Quadro 3, a seguir). Novamente, o primeiro grupo (Grupo A) diz respeito a personalidades da política brasileira; o segundo (Grupo B), a elementos relacionados à pandemia de coronavírus. Há, porém, neste caso, um terceiro grupo (Grupo C), composto por um único neologismo, que ora é usado em referência a questões da política brasileira, ora a assuntos relacionados à pandemia, ora a ambos.

**Quadro 3.** Grupos de neologismos formados por justaposição com “minion”

GRUPO A: personalidades da política	GRUPO B: pandemia de coronavírus	GRUPO C: referência à política e/ou à pandemia de coronavírus
cirominion deltanminion guedesminion haddadminion lulaminion mandettaminion morominion weintraubminion	covidminion mascaraminion vacinaminion	globominion

**Fonte:** Elaboração própria

Em relação aos efeitos de sentido produzidos, esses neologismos seguem os mesmos princípios já mencionados. Assim, quanto ao Grupo A (Quadro 3), “cirominion” é usado em referência aos apoiadores do político *Ciro Gomes*; “deltanminion”, aos do ex-deputado *Deltan Dallagnol*; “guedesminion”, aos do ex-ministro *Paulo Guedes*; “haddadminion”, aos do ministro *Fernando Haddad*; “lulaminion”, aos do atual presidente da República, *Luiz Inácio Lula da Silva*; “mandettaminion”, aos do ex-ministro *Luiz Henrique Mandetta*; “morominion”, aos do senador *Sérgio Moro*; “weintraubminion”, aos do ex-ministro *Abraham Weintraub*.

Por sua vez, os neologismos com “minion” do Grupo B (Quadro 3) são usados para designar aqueles que agem cegamente em prol de algo ou de alguma ideia. Especificamente, “covidminion” é quem defendeu aquilo apregoado durante a pandemia de covid (i.e. isolamento, distanciamento social, uso de máscaras, uso de álcool em gel etc.); “mascaraminion”, aquele que, durante a pandemia, defendeu que todos estivessem sempre de máscara; “vacinaminion”, aquele que defendeu a vacinação de toda a população.

Por fim, no Grupo C (Quadro 3), há um elemento único, “globominion”, usado em referência àqueles que acreditam em tudo aquilo veiculado pela Rede Globo, maior rede de televisão do país. Tal neologismo é usado no sentido de “manipulado pela Rede Globo”, tanto no que diz respeito a assuntos da política brasileira, quanto no que diz respeito a assuntos associados à pandemia de coronavírus. Considerando-se que os dois últimos processos eleitorais no Brasil (a saber, as eleições municipais de 2020 e as eleições gerais de 2022) ocorreram de forma concomitante à pandemia, o neologismo “globominion” foi usado, em determinados momentos, em referência a ambos os acontecimentos.

- | Neologismos com “minion” no português brasileiro

A análise das formações neológicas apresentadas nesta seção (cf. Quadro 1) permite a afirmação de que, no cenário discursivo brasileiro, os neologismos com “minion” no português brasileiro têm uma conotação pejorativa, por serem usados em direção a pessoas que são percebidas como cegas ou fanáticas seguidoras de uma ideia, causa, figura política ou líder, e que, muitas vezes, não questionam os acontecimentos.

### **Considerações finais**

Com base nos resultados encontrados, podemos chegar a algumas conclusões. Primeiramente, o estudo de neologismos com a palavra “minion” revelou-se produtivo na compreensão de discursos produzidos na sociedade brasileira contemporânea em dois diferentes momentos: no cenário político e durante a pandemia de coronavírus. Nesse sentido, as palavras formadas a partir de “minion” desses períodos são um exemplo de como as percepções da sociedade influenciam a produção de discursos, o que leva à necessidade de criação de neologismos a partir de diferentes processos (por exemplo, os *blends* lexicais), a fim de produzir novos sentidos.

Em segundo lugar, quanto aos sentidos produzidos, constatamos que os neologismos com “minion” são frequentemente usados como ofensa ao Outro, devido à conotação negativa associada à palavra “minion” em contextos específicos. Em função do referido filme, a palavra “minion” popularizou-se como uma referência a um seguidor leal e subserviente, muitas vezes usada para descrever personagens que servem a um mestre, a um líder, a alguém mais influente, como visto nas animações com esses personagens.

Ao analisar os resultados, é possível notar as complexidades da linguagem em constante evolução, bem como as nuances semânticas atribuídas às novas palavras formadas a partir de “minion”. A compreensão desses processos contribui não apenas para os estudos linguísticos, mas também para uma análise mais aprofundada das dinâmicas sociais e discursivas que permeiam o contexto brasileiro contemporâneo.

Outro ponto a se destacar, considerando-se a teoria linguística de Chomsky (2002, 1986, 1965), a análise dos neologismos com a palavra “minion” destaca-se pela manifestação da recursividade linguística. Ao analisarmos os neologismos selecionados, percebemos a aplicação desse princípio, uma vez que a palavra “minion” serve como uma base lexical que pode ser combinada e modificada de diversas maneiras para gerar itens lexicais. Essa característica reflete a capacidade inerente do sistema linguístico em produzir uma gama ilimitada de expressões, evidenciando a riqueza e a flexibilidade da linguagem como fenômeno cognitivo. Dessa forma, a análise dos neologismos com “minion” não

apenas contribui para a compreensão das dinâmicas discursivas, mas também destaca a presença da recursividade na construção e interpretação linguística.

Por fim, e à luz da recursividade chomskyana, a lista de neologismos apresentada neste trabalho não está fechada, visto que novas palavras podem ser criadas ao longo do tempo, o que demandaria uma ampliação das análises aqui desenvolvidas. Assim, a fim de manter a relevância e a abrangência das conclusões obtidas até o momento, é preciso que futuras pesquisas acompanhem essas possíveis adições ao léxico.

## Referências

ALVES, I. M. Neologia e níveis de análise linguística. *In*: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Vol. III. Campo Grande: Humanitas, 2007. p. 77-91.

BASÍLIO, M. **Teoria lexical**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2004.

CANO, W. M. Tentativa de caracterização do neologismo: alguns critérios. *In*: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Vol. III. Campo Grande: Humanitas, 2007. p. 137-145.

CHOMSKY, N. **Syntactic structures**. 2. ed. Berlin: Mouton de Gruyter, 2002.

CHOMSKY, N. **Knowledge of language**: its nature, origin, and use. New York: Praeger Scientific, 1986.

CHOMSKY, N. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge, MA: M.I.T. Press, 1965.

GONÇALVES, C. A. *Blends* lexicais em português: não-concatenatividade e correspondência. **Veredas**, Rev. Est. Ling., Juiz de Fora, v. 7, n. 1 e n. 2, p. 149-167, jan./dez. 2003.

GONÇALVES, C. A. Usos morfológicos: os processos marginais de formação de palavras em português. **Gragoatá**, v. 11, n. 21, p. 219-241, 30 dez. 2006.

GONÇALVES, C. A. V. Atuais tendências em formação de palavras no português brasileiro. **Signum**: Estudos da Linguagem, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 169-199, 2012.

- | Neologismos com “minion” no português brasileiro

PREARO-LIMA, R. *Blends* lexicais e neologismos: alguns conceitos e problematizações. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 9, n. 3, p. 38-56, set./dez. 2019.

---

**COMO CITAR ESTE ARTIGO:** PREARO-LIMA, Rafael; GOBBO, Maria Clara Ferreira de Mello. Neologismos com “minion” no português brasileiro. **Revista do GEL**, v. 21, n. 1, p. 224-244, 2024. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>.

Submetido em: 11/12/2023 | Aceito em: 31/01/2024.

---

## Anexos

### (1) alckiminion



O Alckiminion agora tá postando que votar no Bolsonaro é votar no PT, mas quem tava querendo apoio ou coligação com PT é Fernando Henrique Cardoso que já tá gagá.

[Translate post](#)

2:16 PM · Sep 14, 2018

### (2) bolsominion



Por que bolsominions sempre, SEMPRE agem de forma agressiva? Sério, eles berram, ficam putos, fecham a cara, berram mais, gesticulam, ficam putos... Dão o verdadeiro piti... Talvez seja pela falta de argumentos, suponho

12:00 AM · 26 de dez de 2017 de São João de Meriti, Brasil

### (3) cirominion



Os sem noção sempre acham que os outros é que não têm noção, né? Vc provavelmente deve ser morista ou cirominion. Um é um tremendo mau-caráter, e culturalmente medíocre; o outro parece inteligente, mas comporta-se como um ogro sofrendo de crises de fúria diárias.

11:58 AM · 12 de mai de 2023 · 6 Visualizações

- | Neologismos com “minion” no português brasileiro

(4) cloroquinion

cloroquinions leiam

Articles

### Hydroxychloroquine or chloroquine with or without a macrolide for treatment of COVID-19: a multinational registry analysis

Summary

Background Hydroxychloroquine or chloroquine, often in combination with a second-generation macrolide, are widely used for treatment of COVID-19, despite no conclusive evidence of their benefit. Although generally used for approved indications such as autoimmune disease or malaria, the safety and benefits of these regimens are poorly evaluated in COVID-19.

Methods We did a multinational registry analysis of the use of hydroxychloroquine or chloroquine with or without a macrolide for treatment of COVID-19. The registry comprised data from 671 hospitals in six continents and 100 countries between Dec 20, 2019, and April 14, 2020, with a positive laboratory finding for SARS-CoV-2. Patients who received one of the treatments of interest within 48 h of diagnosis were included in one of four treatment groups (chloroquine alone, chloroquine with a macrolide, hydroxychloroquine alone, or hydroxychloroquine with a macrolide), and patients who received none of these treatments formed the control group. Patients for whom one of the treatments of interest was initiated more than 48 h after diagnosis or while they were on mechanical ventilation, as well as patients who received resuscitative, were excluded. The main outcomes of interest were in-hospital mortality and the occurrence of de novo ventricular arrhythmias (non-contained or contained ventricular tachycardia or ventricular fibrillation).

Results 10 422 patients were hospitalised during the study. 1866 received hydroxychloroquine, 5221 received chloroquine, 10 430 (11·1%) patients died in-hospital, body-mass index, underlying chronic conditions, immunosuppressed condition, and age were associated with increased mortality. In the hydroxychloroquine alone group (n=316), 1·368 (1·273–1·465) were each associated with the control group (n=316), and in the hydroxychloroquine with macrolide group (n=316), 1·371 (1·276–1·476) were each associated with the control group (n=316) during hospitalisation.

Conclusions Hydroxychloroquine, when used alone or with chloroquine, was associated with decreased mortality. However, the use of these drugs for treatment of COVID-19 was associated with increased mortality.

Introduction The absence of an effective treatment against severe acute respiratory syndrome coronavirus 2 (SARS-CoV-2) infection has led clinicians to redirect drugs known to be effective for other medical conditions to the treatment of COVID-19. Key among these therapeutic agents are the antimalarial drug chloroquine and its analogue hydroxychloroquine, which have been shown in laboratory conditions to have antiviral properties as well as immunomodulatory effects. However, the use of this class of drugs for the treatment of autoimmune diseases, such as lupus erythematosus and rheumatoid arthritis, is well established. Chloroquine and hydroxychloroquine have been shown in laboratory conditions to have antiviral properties as well as immunomodulatory effects. However, the use of this class of drugs for the treatment of autoimmune diseases, such as lupus erythematosus and rheumatoid arthritis, is well established.

Entre os pacientes que tomaram a hidroxiclороquina, houve aumento de 34% no risco de mortalidade e de 137% no risco de arritmias cardíacas graves. Quando combinada com antibióticos, a droga aumentou em até 45% o risco de morte nos pacientes e em 411% a chance de arritmia cardíaca grave

Research in context

Evidence before this study We searched MEDLINE (1946 to April 21, 2020), using the key words “sars coronavirus”, “2019-nCoV”, “COVID-19”, “SARS-CoV-2”, “therapy”, “hydroxychloroquine”, “chloroquine”, and “macrolide”. However, the use of these drugs for treatment of COVID-19 was associated with increased mortality.

2:05 PM · 23 de mai de 2020

(5) coronaminion



Leve resfriado não mata mesmo que seja uma pessoa idosa. O coronaminion mata mais pela ignorância de achar que pandemia não algo grave.

8:36 AM · 12 de mar de 2020

(6) covidminion



CovidMinion é aquele cara que quer liberdade pra ele e lockdown pra você... usando a doença como mero meio de controle e "punição".

11:33 AM · 23 de nov de 2020

(7) coviminion



Eu disponibilizo a minha para um coviminion...  
Tô fora!

[Translate post](#)

7:28 PM · Sep 3, 2020

(8) deltanminion

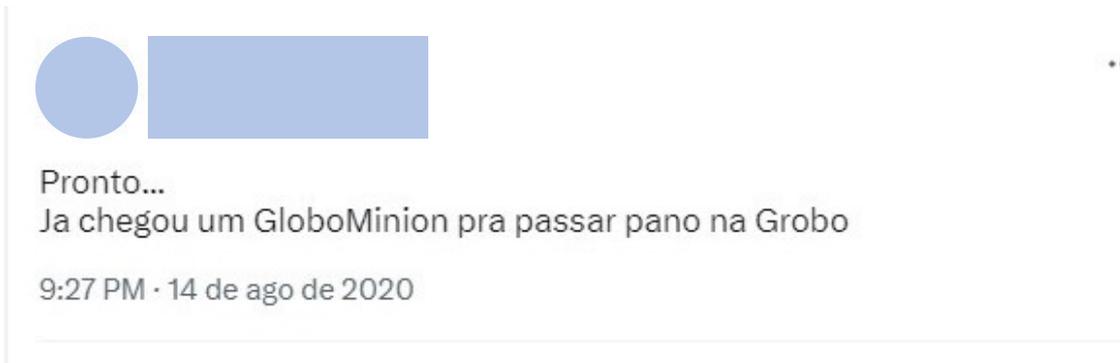


Blzal Deltanminion 😂😂😂 Diz aí o q vc acha do cara ser condenado a mais de 10 anos, e depois de mudar o depoimento 2x ter sua pena reduzida pra 2 com direito a prisão domiciliar?

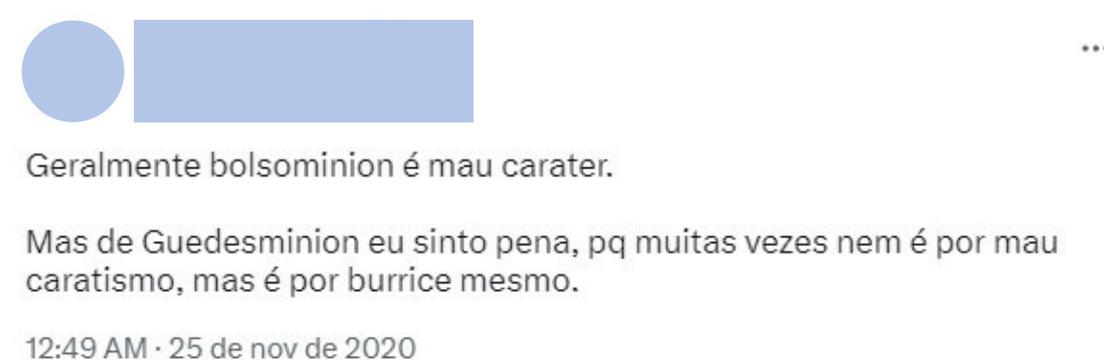
12:47 PM · 1 de jul de 2019 de Karmøy, Norge

- | Neologismos com “minion” no português brasileiro

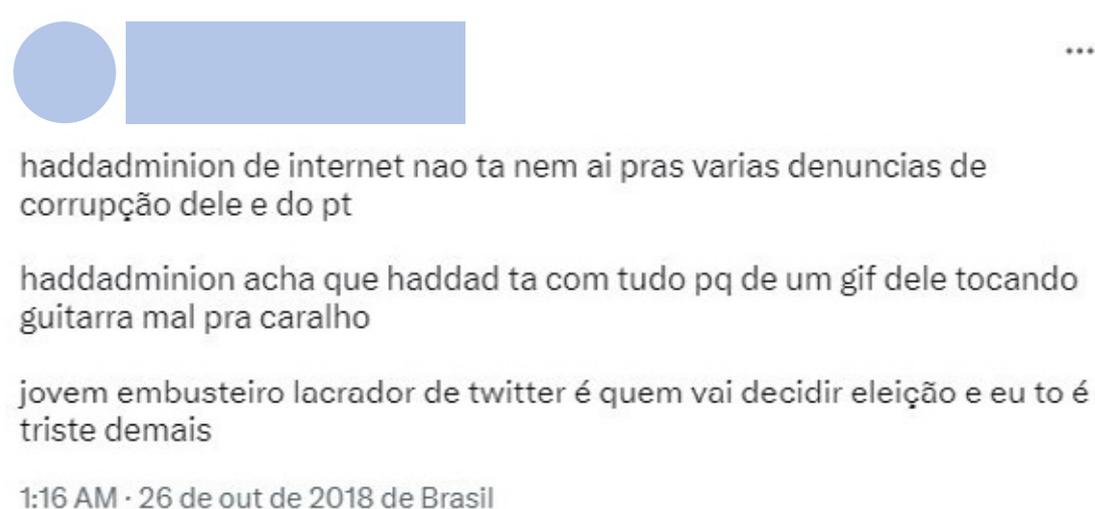
(9) globominion



(10) guedesminion



(11) haddadminion



(12) haddaminion

Antes Haddaminion dizia: FACISTA. Agora a nova modinha da esquerda: Tudo é FAKE NEWS.

[#BOLSONARO17NelesJá](#)

1:48 PM · Oct 19, 2018

(13) lulaminion

fe eh uma coisa q um lulaminion nao tem, o petismo prega pela falta da fe, pelo amor ao incerto, um ladrao cara de pau q tem coragem de dizer q politico ladrao tem todo direito de se eleger, q tem coragem de dizer q melhor politico ladrao doq concursado merece respeito??

12:21 PM · 30 de dez de 2017

(14) mandettaminion

Meu pai que era mandettaminion e nem tem zap (daí se informa mais pela TV) não se importa de ele sair ou não e quer só que curesm logo as pessoas, se o tratamento funcionar.  
Acho que o povo do centrão superestima o apego das pessoas a alguém que descobriram que existia essa semana

12:35 PM · 6 de abr de 2020

- | Neologismos com “minion” no português brasileiro

(15) mascaraminion



a pior especie de pandeminion que existe é o MASCARAMINION

é sempre um dodoi da cabeça que se acha o suprassumo da sociedade pq ele gosta de andar por aí usando uma focinheira achando que isso protege ele de alguma coisa

10:01 PM · 8 de mar de 2022

(16) morominion



Morominion é duplamente gado. Defende o Moro, que defende o Bolsonaro e, por isso, tem que defender o Bolsonaro também

9:28 AM · 25 de out de 2022

(17) negaciominion



E aí negaciominion? Deu para entender que não se discute com a ciência ??

3:52 AM · 21 de jun de 2021

(18) pandeminion



É oficial. OMS declara o fim da pandemia da COVID-19.

Não é possível que alguém ainda vá dizer:

"Não importa. Vou tomar a QUINTA dose, a dose bivalente e continuar usando máscara!"

Pandeminion neurótico e paranoico é F\*DA!

12:16 PM · 5 de mai de 2023 · 1.338 Visualizações

(19) vaciminion



Ouvi um jovem esquerdista vaciminion se orgulhando do tanto de festa ilegal que ele tinha ido na época da fraudemia. Eu fiquei enojado dele. Pois festas não são necessárias. Mas trabalhar, sim. E as pessoas foram severamente proibidas de trabalhar nessa época!

1:32 PM · 2 de jan de 2023 · 15 Visualizações

(20) vacinaminion



Tá bom vacinaminion. Toma sua dose e vai ser feliz. Já não está imunizado??? Deixa quem quer morrer de corona, morrer feliz.

8:56 AM · 19 de set de 2021

(21) vaxminion



Também foi só inflamação na garganta. Não senti nenhum outro sintoma. Se foi kovid, veio leve assim deve ter sido pelo meu HISTÓRICO DE ATLETA KKKKKKKKKK. Se eu fosse vaxminion, já sabe o que ia dizer: que foi por causa da picada.

[Translate post](#)

10:58 AM · Mar 12, 2022

(22) weintraubminion



Lendo os comentários sobre a saída do ministro da cultura, descobri mais um animal exótico brasileiro: o Weintraubminion! Hahahaha.

[Translate post](#)

4:20 PM · Jun 18, 2020

# THE ECOLOGICAL NATURE OF THE CLASSROOM ENVIRONMENT FOR THE PERCEPTUAL LEARNING OF ADDITIONAL LANGUAGE SPEECH

Felipe Santos dos REIS<sup>1</sup>  
Ubiratã Kickhöfel ALVES<sup>2</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v21i1.3463>

**Abstract:** The aim of this paper is twofold: first, to discuss the notion of “environment” from the perspective of Ecological Psychology, and second, to identify potential affordances that learners may perceive in the additional language classroom, given their relations with social events and objects therein. Considering its importance in the field of speech perception, we set out to review the philosophical underpinnings of the Perceptual Assimilation Model (PAM) and its extension to Second Language Speech Learning (PAM-L2), proposed by Best (1995) and Best and Tyler (2007) respectively, especially regarding the distinction between learning additional languages “in natural communicative contexts vs. in more constrained contexts [...] where the target language is not widely used” (Best; Tyler, 2007, p. 19). According to the authors, the additional language classroom in non-native communities is considered “[...] a fairly impoverished context for L2 learning” (Best; Tyler, 2007, p. 19), highly dependent on non-native teachers’ “variable” or even “incorrect” pronunciation. However, we argue that additional language classrooms can promote the emergence of new action systems in learners so that new information in relatively unfamiliar speech can be picked up, and new affordances can thereby be perceived and acted upon (Gibson, E. J.; Pick, 2000).

**Keywords:** Perceptual learning. Additional language speech. Additional Language classroom environments. Potential affordances.

---

1 Secretaria de Educação e Cultura Municipal (SEDEC), João Pessoa, Paraíba, Brasil; [feliperejs@gmail.com](mailto:feliperejs@gmail.com); <https://orcid.org/0000-0002-7073-2448>

2 Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil; [ukalves@gmail.com](mailto:ukalves@gmail.com); <https://orcid.org/0000-0001-6694-8476>

- | The ecological nature of the classroom environment for the perceptual learning of Additional Language speech

## *A NATUREZA ECOLÓGICA DO AMBIENTE DA SALA DE AULA DE LÍNGUA ADICIONAL PARA A APRENDIZAGEM PERCEPTUAL DA FALA*

**Resumo:** O objetivo deste artigo é duplo: primeiro, discutir a noção de “ambiente” através da perspectiva da Psicologia Ecológica e, segundo, identificar potenciais possibilidades que aprendizes podem perceber na sala de aula de língua adicional, considerando suas relações com os eventos sociais e os objetos nela. Dada a sua importância no campo da percepção da fala, tencionamos rever os fundamentos filosóficos do Modelo de Assimilação Perceptual (PAM) e de sua extensão para a Aprendizagem da Fala de Segunda Língua (PAM-L2), propostos por Best (1995) e Best e Tyler (2007) respectivamente, especialmente quanto à distinção entre aprender línguas adicionais “em contextos comunicativos naturais vs. contextos mais restritos [...] onde a língua-alvo não é amplamente utilizada” (Best; Tyler, 2007, p. 19). Nessa perspectiva, a sala de aula de línguas adicionais em comunidades não nativas é considerada “[...] um contexto bastante empobrecido para a aprendizagem de L2” (Best; Tyler, 2007, p. 19), altamente dependente da pronúncia “variável” ou mesmo “incorreta” de professores(as) não-nativos(as). Contudo, defendemos que as salas de aula de línguas promovem novos sistemas de ação em aprendizes, permitindo que novas informações sejam captadas na fala relativamente desconhecida e, conseqüentemente, novas possibilidades sejam percebidas e postas em prática (Gibson, E. J.; Pick, 2000).

**Palavras-chave:** Aprendizagem perceptual. Fala em língua adicional. Ambientes de sala de aula de línguas adicionais. Possibilidades potenciais.

### **Introduction**

Obtaining information is vital for the survival of animals in the ecological niches of their communities. According to Reading (2011, p. 50), “[a]nimals and plants with more effective ways of detecting and responding to information have an adaptive advantage over less-capable individuals, especially when resources are limited.” The long-standing question of *how* we pick up information from the environment has pervaded the study of speech perception, an interdisciplinary field drawing on many disciplines, such as psychology, speech and hearing science, electrical engineering, artificial intelligence, computer science, mathematics, linguistics, physics, and biology (Pisoni, 1981, 1985; Sarma, M.; Sarma, K. K., 2013). Speech perception plays a key role in understanding how human animals use their languages with maximal effectiveness. It is crucial to recognize that verbal language, as proposed by Kendon (2009), should be seen as a speech-kinesis ensemble encompassing inseparable components, which are expressed both audibly

and kinesically. According to the author, they are manifested not only through patterns of vocalization, such as voicing and intonation, pausing and rhythmicity, but also through movements of the eyes, eyelids, eyebrows, mouth, as well as actions by the head, hands, forearms, and various postural and orientational changes.

According to Pisoni (2018), the earliest contributions to the field of speech perception can be traced back to the end of the nineteenth century, when researchers in speech and hearing science set out to investigate hearing loss with the aid of electrically recorded audio signals. Throughout its history, some theories and approaches have been proposed to explain and predict how humans perceive speech, but three main views may be distinguished (Best, 1995), depending on factors such as the nature of the objects of speech perception and the underlying perceptual philosophy and mechanisms.

In general, the objects of speech perception are construed as either articulatory or phonetic events. In spite of these two types of perceptual primitives, there is a wide range of competing explanations provided in the literature to account for the same objects. For instance, the Motor Theory (Liberman *et al.*, 1967; Liberman; Mattingly, 1985; Liberman; Whalen, 2000) and the Direct-Realist Theory of Speech Perception (Fowler, 1986, 1989) posit that the objects of speech perception are articulatory events. However, the Motor Theory postulates an innate, biologically specialized perceiving system that is speech-specific and allows humans to perceive spoken language by recovering information about invariant neuromotor commands to the articulators from the acoustic signal. As proposed by Liberman and Mattingly (1985, p. 3, emphasis added), “[t]o perceive an utterance, then, is to perceive a specific pattern of *intended* gestures.” On the other hand, in the Direct-Realist Theory of Speech Perception, the real objects of speech perception are not the intended phonetic gestures of the talker, represented in the brain as invariant motor commands, but the actual vocal tract movements.

Based on James and Eleanor Gibson’s ecological theory of perception in general (Gibson, J. J.; Gibson, E. J., 1955; Gibson, J. J., 1966, 1979/2015), Fowler (1986) proposes an event approach to speech perception. She argues that speech is an ecological event in its own right, occurring in the real world between talkers and listeners engaged in public communicative exchanges. Thus, the author claims that the perception of speech is direct, meaning that it requires events in the environment without the need for cognitive mediation. Therefore, speech perception must be described by a perceptual theory that adopts a direct-realist approach.

- | The ecological nature of the classroom environment for the perceptual learning of Additional Language speech

As regards the third theoretical perspective, referred to as the General Approach<sup>3</sup>, it differs from the Motor Theory and the Direct-Realist Theory of Speech Perception in that it assumes that listeners recover the talker's linguistic message from the acoustic signal by perceiving the auditory qualities of the phonetic events. According to Diehl, Lotto, and Holt (2004, p. 154), "GA does not invoke special mechanisms or modules to explain speech perception."

There are two examples of non-native speech perception models based on these major theoretical perspectives: (1) the Perceptual Assimilation Model (PAM) and its extension to Second Language Speech Learning (PAM-L2), proposed by Best (1995), and Best and Tyler (2007) respectively, which are both based on the Ecological Theory of Perception (Gibson, J. J.; Gibson, E. J., 1955) and argue that the perceptual primitives are the articulatory gestures produced by the speaker's vocal tract; and (2) the Speech Learning Model (SLM; Flege, 1995, 2003; Flege; Bohn, 2021), which assumes the object of speech perception to be proximal acoustic cues, thereby following a psychoacoustic view of speech perception.

According to Alves and Silva (2016), a growing body of Brazilian research has discussed the models proposed by Flege (1995, 2003), Flege and Bohn (2021), and Best and Tyler (2007). Emphasizing the role of acoustic cues in speech perception, Alves and Magro (2011), Alves and Motta (2014), and Alves (2021) point out that explicit instruction contributes to both the perception and production of aspiration in English voiceless plosives in word-initial position, more specifically. These authors have shown that perceptual training enables additional language learners of English to perceive voice onset time (VOT) as the main acoustic cue in distinguishing between voiceless and voiced initial stops, which is crucial for phonological intelligibility. As regards PAM-L2, Perozzo and Alves (2016) and Perozzo (2017) suggest adjustments to the model that they consider necessary to account for speech perception in additional languages. They claim, for example, that speech perception should be viewed as a cognitive process mediated by computational or representational mechanisms, and thus, indirect realism is a more suitable philosophical theory.

Although these two models share the view that perceptual learning is present throughout the lifespan and is influenced by the language-learning history of the perceiver, the differences between them are not restricted only to the nature of their respective

---

3 Unlike Liberman and Mattingly (1985), for example, who use the term "theory" to label this alternative perspective as "auditory theory", Diehl, Lotto, and Holt (2004) adopt the term "approach", considering that "[...] GA has too little content to be falsifiable" (Diehl; Lotto; Holt, 2004, p. 155).

primitives. In short, SLM diverges from PAM(-L2) in addressing both perception and production, postulating that L1 and L2 speech sounds coexist in a shared mental phonetic space, and taking into account only the phonetic properties of the language input. The SLM is designed to predict the formation of new L2 phonetic categories or composite L1-L2 phonetic categories. PAM(-L2), on the other hand, is concerned specifically with perception and, as mentioned earlier, rejects the need for mental representations of phonetic categories in L2 perceptual learning.<sup>4</sup>

Given its importance in the field of speech perception, this paper will focus on PAM-L2 by addressing issues surrounding the notion of “environment” from the perspective of Ecological Psychology. Particularly, our discussion has been motivated by some observations made by Best and Tyler (2007) regarding the distinction between learning an additional language (henceforth, AL) in contexts where it is widely used vs. in L1-dominant environments. According to the authors:

In many respects, FLA [Foreign Language Acquisition] is notably less than ideal with respect to the natural ecology of language learning: It usually occurs in a pervasive L1 setting and does not extend much outside the classroom (Best; Tyler, 2007, p. 19).

The characterization of AL classrooms in learners’ native environment as “less than ideal” and their exclusion from the model have prompted us to reconsider and discuss the conditions of classroom additional language learning from the perspective of Ecological Psychology. Specifically, the debate proposed in this paper aims to address the following questions:

- (1) Is the AL classroom an ecologically impoverished environment for perceptual learning of AL speech, as suggested in Best and Tyler (2007)?; and
- (2) How can the AL classroom environment be optimized for perceptual learning?

The overall aim of this paper is to offer a theoretical discussion around these two questions. Thus, we begin by examining the basic tenets of the ecological theory, especially regarding the perceptual learning of speech. Then, we place greater emphasis on the notion of “environment”, aiming to better understand the ecological nature of the classroom and its potential affordances. Finally, we suggest possible contributions to research in the areas of Applied Linguistics, Additional Language Acquisition (ALA), and

---

<sup>4</sup> For an alternative view that embraces mental representations in PAM-L2, see Perozzo (2017).

- | The ecological nature of the classroom environment for the perceptual learning of Additional Language speech

Speech Perception, while also highlighting the need for further alignment of PAM-L2 with the notion of animal-environment reciprocity, given its importance for perceptual learning (Gibson, E. J.; Pick, 2000).

## **Perceptual development from a direct-realist perspective**

According to J. J. Gibson and E. J. Gibson (1955, p. 34), we learn to perceive by “[...] responding to variables of physical stimulation not previously responded to.” Similarly, Goldstone (1998, p. 585) highlights that perceptual learning leads to “relatively long-lasting changes to an organism’s perceptual system that improve its ability to respond to its environment.” Since the central tenet of the ecological approach is the animal-environment fit, such an improvement is related to the processes of detection, calibration, and attunement, meaning the ability of organisms to detect new information and adjust their behavior to it (Lobo; Heras-Escribano; Travieso, 2018).

According to J. J. Gibson (1979/2015), perceiving is an active process through which animals obtain information about the environment. Thus, the ecological approach to perceptual development, as conceptualized by E. J. Gibson and Pick (2000), posits that:

Learning always involves a change in the relation between an active organism and some affordance of the environment, especially the use of information about the environment in relation to the organism itself – the potential for perceiving and achieving the affordance (Gibson, E. J.; Pick, 2000, p. 50).

The concept of “affordance” was proposed by J. J. Gibson (1979/2015) to capture what the environment offers the animal, and it is the central theoretical notion of ecological psychology. According to the author, an affordance “[...] is equally a fact of the environment and a fact of behavior. It is both physical and psychical, yet neither. An affordance points both ways, to the environment and to the observer” (Gibson, J. J., 1979/2015, p. 129). Despite some ambiguity in its definition, it is possible to note that this construct implies the relationship between the animal and the environment, covering not only perception but also the possibility of actions. In the case of babies, for example, perceptual learning is assumed to be the means by which they discover everything the world around them has to offer and what they can do (Gibson, E. J.; Pick, 2000).

Best (1995, p. 179) further explains that “[i]nfants detect information in ambient speech about the articulatory gestures that shaped it, as an integral part of learning to use the vocal tract as a tool for achieving language specific communicative goals.” This means

that long before appropriate action systems are functional for speech, infants are able to detect and differentiate information in their companions' speech that will help them learn their native language subsequently (Gibson, E. J.; Pick, 2000).

Considering the fundamental reciprocity of perception and action, the appropriate control of the action system is mastered by native speakers, that is, the use of the vocal tract for speech is maximally effective in their L1, after a long ontogenetic history that starts even before birth, since fetuses have been shown to detect low-pass filtered prosodic information and, moreover, to learn about human speech (Traxler, 2012; Gervain, 2018). As E. J. Gibson and Pick (2000, p. 53) suggest, “[n]ewborns have already learned to detect some characteristics of their native language”, first prenatally by means of the auditory system, and then multimodally, along with the exploratory visual system. However, when it comes to learning an additional language, perhaps one of the reasons why assimilation patterns may diverge from native constellations involves precisely the progressively reduced use of the visual systems by perceivers who have already benefited from the affordances emerging from visual and auditory exploration during L1 development in childhood. During this period, babies are especially engaged in discovering what the world and the people surrounding them have to offer through attentional and exploratory behavior (Gibson, E. J.; Pick, 2000).

The ecological direct-realist approach posits that the informational primitives in speech perception are dynamic articulatory-gestural patterns (Fowler, 1986), consisting of both phonetic details and phonological structure, each tapping different levels of invariant structure in a common gestural domain. Drawing on the ecological theory of perception (Gibson, J. J.; Gibson, E. J., 1955; Gibson, J. J., 1966, 1979/2015), which argues that perceptual learning implies changes toward greater specificity, a speech perception model known as “Perceptual Assimilation Model” (henceforth, PAM) is proposed by Best (1995) to account for cross-language speech perception effects. Then, this model is extended to address what Best and Tyler (2007, p. 14, emphasis added) call “*second language (L2) learner’s perception of L2 contrasts.*” The distinction between a foreign and a second language will be discussed in more detail regarding the ecological nature of these types of learning environments, but for now, suffice it to say that PAM-L2 aims to be restricted to learners acquiring the target language by immersion in countries where it is used as an L1.

PAM emphasizes the influence of individuals’ experience with the phonological system of their L1 on non-native speech perception. Thus, the model makes a set of predictions about how gestural information will be detected in non-native speech by naïve listeners via integrated perceptual systems that have become attuned to pick up information to which they have been sensitized (Best, 1995). In short, PAM predicts that

- | The ecological nature of the classroom environment for the perceptual learning of Additional Language speech

non-native phones are perceived by naïve listeners as: (1) either good or poor exemplars of L1 categories; (2) unrecognizable speech sounds; or (3) non-speech sounds.

The ability to pick up higher-order linguistic information from the multimodal flow of stimulation by perceivers requires an increasing, experience-based attunement to native speech, and such a long ontogenetic history of experience with the native language affects perception of non-native speech (Best, 1995; Gibson, E. J.; Pick, 2000). In fact, PAM presumes that “[t]he higher levels of linguistic structure in speech can only be detected by perceivers who have become attuned to language-specific coordinations of higher-order gestural constellations and referential meanings.” (Best, 1995, p. 179). In our view, such attunement also takes place in additional language classrooms, as will be elaborated in the following section.

### **The notion of animal-environment fit**

E. J. Gibson and Pick (2000) claim that animals obtain information about their surroundings and themselves solely through perceptual learning, a process of differentiation that encompasses the entire lifespan, starting from birth. In fact, the animal and its environment form an interactive system, which the ecological approach considers as its unit of study. According to the authors, three levels of description are necessary when analyzing perceptual learning from an ecological perspective: the environment, the information, and the process of perceiving, which will be discussed together hereafter.

The language classroom environment in non-native communities is considered to be “[...] a fairly impoverished context for L2 learning”, according to Best and Tyler (2007, p. 19). The authors contend that the additional language classroom in foreign environments:

[...] often employs formal instruction on lexical and grammatical information to a much greater extent than in live conversation. When spoken in the classroom, the L2 is often uttered by L1-accented teachers or, at best, by speakers from diverse L2 varieties, thus presenting a *variable* (or *incorrect*) model of L2 phonetic details (Best; Tyler, 2007, p. 19, emphasis added).

Undoubtedly, the authors place strong emphasis on the conceptual distinction between “second language” and “foreign language” when referring to learning an AL, although these terms have often been used interchangeably as synonyms (Stern, 1983). Regarding this dichotomy, when a non-native language is learned and used within a country where it is spoken as a native language, it may be referred to as a “second

language”, but if it is learned outside the speech communities whose members use it as their first language, then the term “foreign language” is typically applied, granted that this distinction is necessary. Despite this, we adopt the umbrella term “AL” according to Leung (2022, p. 171), who uses:

[...] the super-ordinate term ‘additional language’ to refer to both ‘second language’ and ‘foreign language’, partly because it provides wider conceptual cover for the language teaching field as a whole, partly because it is gaining currency in professional teaching communities, signalling a shift in subject identity (Leung, 2022, p. 171).

As regards the classroom environment, J. J. Gibson (1979/2015) highlights the relevance of *social* affordances for human beings and other social animals, given that “[t]he richest and most elaborate affordances of the environment are provided by other animals, and, for us, other people” (Gibson, J. J., 1979/2015, p. 135). Thus, he rejects the dualism between nature and culture while suggesting that culturally-altered or artificial environments, such as the classrooms, are the same environments modified by man:

It is a mistake to separate the natural from the artificial as if there were two environments; artifacts have to be manufactured from natural substances. It is also a mistake to separate the cultural environment from the natural environment, as if there were a world of mental products distinct from the world of material products. There is only one world, however diverse, and all animals live in it, although we human animals have altered it to suit ourselves (Gibson, J. J., 1979/2015, p. 130).

Since “[t]he environment provides opportunities and resources for actions, and information for what is to be perceived so as to guide action” (Gibson, E. J.; Pick, 2000, p. 14), it is important to note that the AL classroom environment, like any other environment, offers sources of information for both the physical objects that furnish the environment and the social events that take place in it. Take, for example, the use of technological tools in classrooms, which makes it possible for learners to be exposed to a wide range of both native and non-native inputs. Several digital resources allow learners to interact with both native and non-native speakers of the target language and can be efficiently used in activities classified as “realistic” or “real” (cf. Pennington, 1996), where learners should be unconsciously invested in reducing uncertainty by detecting the redundancy of the visual and auditory linguistic information to seek meaning. Similar to how people in general watch the news, interviews or videos on both TV and digital media for entertainment or

- | The ecological nature of the classroom environment for the perceptual learning of Additional Language speech

informational purposes, learners may engage in interactions with classmates to discuss real-life situations or concerns prompted by the technology used in the classroom.

The primary purpose of employing technological tools is not only to facilitate learners' interaction with either native or other AL speakers of the target language, but also to further refine their exploratory systems, such as listening and observation, which begin at a very early age (Gibson, E. J.; Pick, 2000). Indeed, the use of digital tools, particularly since the onset of the COVID-19 pandemic in 2020, has significantly impacted social relationships. It has enabled individuals with Internet access to rely on online services for communication, thereby maintaining social connections. Undoubtedly, the use of applications and social media has not only influenced the way humans communicate, express themselves and stay in touch with one another, but it has also altered the dynamics of online interactions, including the variety of potential interlocutors people interact with online. Given the importance of the concept of animal-environment reciprocity for perceptual learning, it is crucial to describe and understand these emerging perceptual phenomena.

The belief that only a "second language" is widely used in the environment surrounding learners has led Best and Tyler (2007) to stress the vital importance of the abundant native input available for this subset of language learners worldwide. Certainly, such learners have a multitude of affordances to explore, but so do the "foreign language" learners, as extracting invariant information that specifies the affordances offered by the environment is essential for guiding action and is present throughout the entire lifespan of the organism. This is suggested by E. J. Gibson and Pick (2000) when they point out that:

The categories of objects are many – people, animals, things to sit on, pictures of things, and even symbols, such as letters and numbers. Learning to perceive the affordances and the features of all these things is a task that begins at birth and continues throughout life (Gibson, E. J.; Pick, 2000, p. 24).

This raises some questions regarding the ecological nature of the AL classroom environment: if the classroom is a setting designed for language learning, why is it considered as "a fairly impoverished context for L2 learning"? Does it lack affordances? If not, what type of affordances can it offer? Our discussion on the reciprocal relation of an animal and its environment will be guided by addressing these questions.

Best and Tyler (2007) seem biased against non-native models, which they consider as "variable" or even "incorrect". However, while variability has been generally accepted as an inherent property of any linguistic system (Weinreich; Labov; Herzog, 1968; Tollefson, 2007; Guy, 2011; Verspoor; Lowie; De Bot, 2021), the authors appear not to be interested in

variation, similarly to how “[...] linguistics has had real difficulty in accepting *intralinguistic variation* as intrinsic to the very existence of languages.” (Pradilla Cordona, 2020, p. 398).

It is important to note that the common L1-L2 phonological space proposed in PAM-L2 is itself constituted by variation, such as that between the L1 and L2 phonetic realizations of the same phonological category. Although the proponents of the model admit that “[...] dialect differences can interfere with perception even for native listeners of the L2” (Bundgaard-Nielsen; Bohn, 2004 *apud* Best; Tyler, 2007, p. 19), they disregard that such differences are widespread and highly variable both within and across speakers.

Overall, the so-called “second language learners” are likely to be exposed to a great deal of cross-dialectal variability, especially but not only in multicultural and/or border regions where speech communities exhibit high degrees of variation. The idea that speech communities are variable in nature is shared by (socio)linguists in general, despite the divergence and plethora of definitions of the speech community concept in empirical linguistics and particularly sociolinguistics. In fact, in recent years, following a complex, dynamic account, Verspoor, Lowie, and de Bot (2021, p. 2) claim that variability is an essential component of the learning process and is as prevalent as apple pie, arguing that it is “[...] inherent in all processes and that actually stability—something being exactly the same as before—is something that hardly ever occurs [...]”.

In terms of linguistic realities concerning dialect variation, Patrick (2002) advocates for speech community models that take a comprehensive approach to this phenomenon, which can address key issues, such as complex patterns of membership, nested communities, linguistic uniformity from the perspective of structured variation. According to the author, these issues can be handled “[...] simply by taking seriously the requirement for explicitly multi-variety situations, since there is no principled limit to language/dialect contact and creation.” (Patrick, 2002, p. 541). In fact, the contact between language users of different dialects is a pervasive and constant phenomenon experienced by all speakers in general (Chen; Tai, 2009).

Following Pratt’s (1987) critique to the utopian uniformity and homogeneity commonly associated with speech communities, Rampton (1999, p. 422) proposes that sociolinguists should direct their attention to a “linguistics of contact”, instead of the “linguistics of community”. This shift aims to understand “[...] the intricate ways in which people use language to index social group affiliations in situations where the acceptability and legitimacy of their doing so is open to question, uncontrovertibly guaranteed neither by ties of inheritance, ingroup socialization, nor by any other language ideology.” An interesting example of how speakers from different social groups mix varieties to mark their affiliations is illustrated by Jones (2016, p. 169):

- | The ecological nature of the classroom environment for the perceptual learning of Additional Language speech

At the same time, many speech communities are characterized not by a single variety, or even just a repertoire of varieties, but by the characteristic ways that members *mix* varieties. This is a point illustrated dramatically by Barrett (1997) in his description of ways of speaking employed by African American drag queens in Texas bars. To claim membership in this speech community, he notes, members must be able to switch between a range of incongruous linguistic styles indexing groups as diverse as white women and African American men, at strategic moments (Jones, 2016, p. 169).

Speech communities, then, are heterogeneous in terms of language use, as dialect contact is a fact of life (Martinet, 1968 *apud* Weinreich, 1968; Kerswill, 1996; Stanford, 2012). This implies that “[...] a variable (or incorrect) model of L2 phonetic details” (Best; Tyler, 2007, p. 19) is not confined solely to the language classrooms in non-native settings but also occurs in countries where the target language is used as an L1: learners are likely to interact with L1 speakers of different dialects or other non-native speakers from different (or the same!) mother-tongue backgrounds.

Based on the discussion thus far, we contend that if we are to study speech perception from an ecological perspective, it is crucial to consider the fit between the perceiver and their environment, as well as the inherent variability in the perceptual development of learners who are actively involved in obtaining new information about the additional language, the world, and themselves. Indeed, we view the classroom as an optimal environment for students to gain control over their behavior when foraging for information. Further elaboration on this point will be provided in the following section.

### **Potential affordances in the learner-classroom system**

It should be emphasized that the concept of affordance, defined as “[...] the user-specific relation between an object or event and an animal of a given kind” (Gibson, E. J.; Pick, 2000, p. 15), implies a dynamic nature. Affordances are emergent possibilities for actions that arise from the animal-environment system, rather than being predetermined (cf. Chemero, 2003; Stoffregen, 2003; Wagman; Stoffregen, 2020). This means that affordances are not static characteristics of either the animal alone or the environment alone (Chemero, 2003). For example, an apple may be perceived as a nutritious fruit that offers the possibility of eating its thalamus to satisfy hunger or of using it with other ingredients such as flour, fat, and water to bake a pie. The larger ability of eating depends on smaller scale abilities, such as biting, chewing, and swallowing. Additionally, an apple may be offered as a gesture of human kindness to a familiar person or someone in need, or as a means of attracting a pet’s attention.

Nevertheless, there is a wide range of other potential affordances that cannot be fully predicted due to the complex nature of the animal-environment system. The range of possible actions that a human animal can perform with an apple emerges from the situation where the animal and the object find themselves. By picking up higher-order invariants from the meaning-laden environment, an individual may perceive the “playability” affordance of an apple and use it as a juggling prop in a pleasant environment. But in the absence of better objects available in a dangerous and stressful situation, the “throwability” affordance may be perceived and acted upon by an observer in need of a means of defense.

The same applies to the variety of potential affordances that learners may perceive in the relations resulting from the social events and objects in a language classroom. Affordances are considered as relations due to the associations between an animal's abilities and a set of situations in which each of them can be exercised (Chemero, 2003). Chemero (2003) argues that affordances are both real and perceivable, meaning they are the relations emerging between the perceiver and the aspects of a whole environmental situation. Therefore, the classroom, as an animal-environment system specifically designed to facilitate additional language learning, should optimize learners' behavior.

Although we are usually not aware of our, say, listening, gesturing or speaking abilities, conceived of as functional properties of the animal that may or may not become manifest even in ideal circumstances, Chemero (2003, p. 191) claims that humans are the only animals capable of improving their perception through training:

Humans, however, can – with training, and when so inclined – perceive things about their abilities and the features of the environment. Most nonhuman animals, perhaps all of them, are simply incapable of this (Chemero, 2003, p. 191).

This is precisely one of the main advantages of the classroom environment: learners can be trained to perceive important aspects of the target language by focusing on smaller-scale abilities, such as those involved in speaking or listening. Moreover, what Best and Tyler (2007) regard as “variable” or “incorrect” input may also provide an opportunity to raise learners' phonological awareness (cf. Kivistö-De Souza, 2021), as a result of directly picking up information about the main difficulties they face, considering the challenges posed by their L1. In fact, J. J. Gibson (1979/2015) puts forward the idea of “awareness-of”, maintaining that perceiving involves not just awareness, but awareness of the environment and of oneself in it:

- | The ecological nature of the classroom environment for the perceptual learning of Additional Language speech

Perceiving is an achievement of the individual, not an appearance in the theater of his consciousness. It is a keeping-in-touch with the world, an experiencing of things rather than a having of experiences. It involves awareness-of instead of just awareness. It may be awareness of something in the environment or something in the observer or both at once, but there is no content of awareness independent of that of which one is aware (Gibson, J. J., 1979/2015, p. 239).

For J. J. Gibson (1979/2015), awareness is not simply knowledge stored in the brain; it is a direct pickup of information available in the environment, encompassing both its features and the self. However, since perception is not considered merely a response to a stimulus but rather an act of information pickup, the author suggests that perceptual awareness “[...] depends on the age of the perceiver, how well he has learned to perceive, and how strongly he is motivated to perceive” (Gibson, J. J., 1979/2015, p. 57).

As can be observed, learners can be motivated and trained to explore the gestures or intonation patterns produced by the native speakers of the target language, thereby obtaining new information about the AL and perceiving new affordances, especially if their pronunciation goals and aspirations are to achieve a native-like performance. Indeed, even during conversations with peers, learners may perceive gaps in their performance, leading to the use of “variable” or even “incorrect” models in an AL classroom that might spur exploratory activities and engage learners in experiencing disparities between the AL and their own performance. This may be particularly helpful for adult learners who tend to seek interactions focused on learning and practicing the target language to become more proficient.

It is crucial to notice that a speech event consists of a complex set of data concerning the environment (such as whether the conversation is occurring in a quiet or a noisy setting), the speakers (including factors like gender, age, origin, race, social class, educational level, internal state, etc.), and their relationship with the listener (including the comfort level of the perceiver in the environment, the proximity between the listener and the speaker, and the nature of their relationship, such as whether they are strangers, friends, young or old, male or female, teacher or student, employer or employee, etc.).

Language users, in general, tend to perceive the compound information provided by the perceptual activity as a unified whole, with its parts indistinguishable upon reaching awareness (Dellantonio; Pastore, 2017). Drawing on Dellantonio and Pastore’s (2017) description of vision, it can be assumed that when learners interact with either native or non-native users of an additional language, they are typically unaware of the complex network of information constituting their speech. Therefore, AL learners might benefit

from exploratory activity to gain knowledge about their own capabilities and articulatory gestures, which may appear to be simple units of action but are, in fact, highly complex (Gibson, E. J.; Pick, 2000).

Similarly, like one-month-old infants who can already detect sound-meaning correspondences through the intonation patterns of others' speech to them (Gibson, E. J.; Pick, 2000), learners can benefit from exploring how intonation patterns express subtle information about the speaker's attitudes and emotions. Considering the situation as a whole, the pick-up of intonational invariants might help learners achieve higher-level communicative goals. In fact, based on evidence of prenatal experience with native speech, Gervain (2018, p. 1) puts forth the hypothesis that prosody plays a major role in shaping infants' speech perception systems and might serve as their "[...] first gateway to language, ensuring the link between prenatal and postnatal language experience."

In view of the meanings carried by tone, we now turn to Brazil's (1985, 1994) Theory of Discourse Intonation, which has not only contributed to a discourse approach to intonation but also to the teaching of everyday speech. This approach to intonation is proposed by Brazil, Coulthard, and Johns (1980, p. 11), who argue that:

[...] intonation choices carry information about the structure of the interaction, the relationship between and the discourse function of individual utterances, the interactional 'give-ness' and 'newness' of information and the state of convergence and divergence of the participants<sup>5</sup> (Brazil; Coulthard; Johns, 1980, p. 11).

Learners' perception of AL speech events, as inferred from the discussion so far, results from a continuous act of information pickup, which may not occur even in the presence of information (Gibson, J. J., 1979/2015). However, when learners are trained to actively forage for new affordances, they have the opportunity to extract "information relevant to the guidance of their own articulatory activities" (Fowler, 1986, p. 20). Thus, the simultaneity of sights and sounds is considered a powerful invariant specifying the unity of a speech event, perceived through different modalities.

---

5 The two most frequent pitch movements in the authors' data are the falling-rising ( $\searrow\nearrow$ ) and the falling ( $\searrow$ ) tones and, according to Brazil, Coulthard, and Johns (1980), these are used to distinguish two basic meanings expressed by tone. The first occurs when the message is (thought to be) shared by the participants and is thus part of the existing common ground they occupy at a given moment in an ongoing interaction (marked by the fall-rise tone, also called the referring tone, whose graphic and typographic symbols are  $\searrow\nearrow$  or r, respectively). On the other hand, the contrastive meaning indicates that the information is expected to enlarge the area of common ground, since the participant in the speaking turn considers it as new (and so chooses the falling tone, referred to as the proclaiming tone, symbolized as either  $\searrow$  or p).

- | The ecological nature of the classroom environment for the perceptual learning of Additional Language speech

As a matter of fact, as J. J. Gibson (1966) points out, speech is a multimodal source of information about distal articulatory events:

An articulated utterance is a source of a vibratory field in the air. The source is biologically “physical” and the vibration is acoustically “physical.” The vibration is a potential stimulus, becoming effective when a listener is within range of the vibratory field. The listener then *perceives* the articulation because the invariants of vibration correspond to those of articulation. In this theory of speech perception, the units and parts of speech are present both in the mouth of the speaker and in the air between the speaker and the listener. Phonemes are in the air. They can be considered physically real if the higher-order invariants of sound waves are admitted to the realm of physics (Gibson, J. J., 1966, p. 94).

In view of J. J. Gibson’s (1966) elaboration, it is possible to assume that perceivers, in general, must detect both the auditory and visual information that specifies the articulatory events occurring in the environment to perceive a given affordance. It is crucial, then, that language classrooms promote the emergence of new action systems in AL learners so that new information produced by either L1 or AL speakers can be picked up, and new affordances can thereby be perceived and acted upon (Gibson, E. J.; Pick, 2000). As J. J. Gibson (1966, p. 94) explains, “[...] the units and parts of speech are present both in the mouth of the speaker and in the air between the speaker and the listener.”

The observations made here indicate that the AL classroom can be as rich an environment as any other. Consequently, we believe that our discussion has direct implications for the AL classroom environment and may well improve the teaching practice. Thus, to answer our second question regarding how the AL classroom environment can be optimized for perceptual learning, we further suggest that instead of simply employing the technique referred to as “listen and imitate” (Celce-Murcia *et al.*, 2010) to correct “mispronunciation aspects” in learners’ AL speech, teachers should make full use of a wide variety of techniques and activities available in the extensive Applied Linguistics literature. These may include phonetic training, visual aids, recording of learners’ production, and role play, among others (for more in-depth discussion, cf. Tench, 1981; Dalton; Seidlhofer, 1994; Pennington, 1996; Celce-Murcia *et al.*, 2010; Levis, 2018).

The perception-action reciprocity needs to be taken into consideration in classrooms since exploratory actions yield information and knowledge. Consequently, helping learners realize and exercise smaller scale abilities, such as the production of AL speech sounds, makes them equipped to activate new action systems and thereby perceive new environmental possibilities and affordances. Considering the vital importance of

exploration for perceptual learning, E. J. Gibson and Pick (2000) suggest that “[...] the opportunity of observing another perform the actions promotes realizing the utility of a behavior for an observed consequence.” We also believe that AL learners should be encouraged to hear and observe not only native speakers of the target language but also many other non-native speakers with different L1s. Therefore, teachers may provide students with circumstances for attentive visual exploration of a given distal articulatory gesture, for exercising it and for noticing the gaps between their own and others’ speech production, because it is not only optical information that is available in speech: learners may obtain mechanical and acoustical information as well, such as when they hear the speech sounds produced by moving toward the talker and/or by regulating their own articulators (Gibson, E. J.; Pick, 2000). In fact, E. J. Gibson and Pick (2000, p. 22-23) highlight that “[...] the perception-action relation is a reciprocal one, a kind of continuous cycle with perception guiding action, and action furnishing new information for perception”.

### **Final remarks**

This paper aimed to address two questions: (i) is the language classroom in an L1 setting an ecologically impoverished environment for perceptual learning of AL speech, as suggested in Best and Tyler (2007)?; and (ii) how can the AL classroom environment be optimized for perceptual learning? Considering the so-called distinction in the literature between the natural ecology of countries where the target language is predominantly used vs. the impoverished ecological nature of classrooms in AL learners’ native environment, when the classroom environment is compared to a native speech community in terms of language learning, some aspects of the latter are usually pointed out as advantages. These include the relatively higher levels of quantity and quality of input from native users and the L1:L2 usage ratios, which tend to favor the L2, thereby indicating a wider variety of social settings in which the additional language is used. Certainly, the higher proportions of L2 over L1 in these categories tend to be taken as evidence for the inadequacy of the AL classroom environments by Best and Tyler’s (2007) PAM-L2. However, these patterns are generally determined by self-report in research focusing on the amount of L1 and AL usage (Grosjean; Byers-Heinlein, 2018). Moreover, the fact that there is an ever-increasing number of people around the world who are able to effectively use the AL and have learned it in their L1 communities seems irrelevant and it is not even taken into account.

Based on our discussion, we answer the first question in the negative. It seems that the AL classroom plays a crucial role in perceiving potential affordances emerging from learners’ relations with the environment, its objects, and the other people in it. We have observed that AL learners may extract relevant information that specifies the affordances

- | The ecological nature of the classroom environment for the perceptual learning of Additional Language speech

offered by the classroom environment, as learning to perceive the affordances is a continuous activity present throughout the entire lifespan of the organism (Gibson, E. J.; Pick, 2000).

Following the concept of “affordance” outlined by Chemero (2003), who defines affordances as relations between the abilities of animals and features of the environment, we aim to answer the second question by highlighting certain features of situations in the classroom that can be beneficial for perceptual learning. For example, phonetic training can promote the emergence of new action systems in the production of AL speech, which may help learners perceive new affordances, such as new lower-order gestural constellations. In fact, even the AL models considered as “variable” or “incorrect” because they are not native can help learners notice the gaps between their own and others’ speech production. Furthermore, visual, acoustical, and mechanical information may be made available in the AL classroom, enabling learners to become familiar with AL speech and aware of its complex nature.

Speech perception studies have long focused on how specific AL segments and contrasts are perceptually learned, but very little research has been done on the perception of prosodic patterns. We believe that speech perception researchers need to broaden the scope of speech perception models, redirecting attention away from the traditional emphasis on the perception of isolated speech sounds towards the perception of actual speech. This may help us understand the contribution of prosody to speech perception, as prosodic features are essential for distinguishing pragmatic meaning across languages (Hirschberg, 2017). Fortunately, such a line of investigation has been undertaken in the last few years, but not without significant challenges for researchers in current data collection practices.

Finally, understanding how exploratory and performatory activities engage in perceptual learning may also contribute to the field of speech perception. Investigating speech perception through an ecological approach means considering learners not only as AL listeners, but as AL *users* who interact with speakers producing a chain of gestures and sounds as an integrated whole, perceive their speech in a unique situation – which cannot possibly be reproduced –, and respond to them.

## References

ALVES, U. K. L2 phonetic-phonological acquisition: contributions from studies on explicit instruction and perceptual training. **Cadernos de Linguística**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. e331, 2021.

ALVES, U. K.; SILVA, A. H. P. Implicações de uma perspectiva Realista Direta para o PAM-L2: desafios teórico-metodológicos. **Revista do Gel**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 107-131, 2016.

ALVES, U. K.; MOTTA, C. S. Focusing on the right cue: Perception of voiceless and voiced stops in English by Brazilian learners. **Phrasis – Studies in Language and Literature**, v. 5, p. 31-50, 2014.

ALVES, U. K.; MAGRO, V. Raising awareness of L2 phonology: explicit instruction and the acquisition of aspirated /p/ by Brazilian Portuguese speakers. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 46, n. 3, p. 71-80, 2011.

BEST, C. T.; TYLER, M. D. Nonnative and second-language speech perception: commonalities and complementarities. *In*: BOHN, O. S.; MUNRO, M. J. (ed.). **Language Experience in Second Language Speech Learning**: In honor of James Emil Flege. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2007. p. 13-34.

BEST, C. T. A direct realist perspective on cross-language speech perception. *In*: STRANGE, W. (ed.). **Speech perception and linguistic experience**: Issues in cross-language research. Timonium, MD: York Press, 1995. p. 171-204.

BRAZIL, D. **Pronunciation for advanced learners of English**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

BRAZIL, D. **The communicative value of intonation in English**. Birmingham, England: English Language Research, 1985.

BRAZIL, D.; COULTHARD, M.; JOHNS, C. **Discourse Intonation and Language Teaching**. Harlow: Longman, 1980.

CELCE-MURCIA, M.; BRINTON, D. M.; GOODWIN, J. M. **Teaching Pronunciation**: A Course Book and Reference Guide. 2<sup>nd</sup> Edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CHEMERO, A. An outline of a theory of affordances. **Ecological Psychology**, London, v. 15, n. 2, p. 181-195, 2003.

- | The ecological nature of the classroom environment for the perceptual learning of Additional Language speech

CHEN, Y.; TAI, J. H. Y. Lexical variation and change in Taiwan Sign Language. *In*: TAI, J. H. Y.; TSAY, J. (ed.). **Taiwan Sign Language and beyond**. Chia-Yi, Taiwan: The Taiwan Institute for the Humanities, National Chung Cheng University, 2009. p. 131-148.

DALTON, C.; SEIDLHOFER, B. **Pronunciation**. Oxford: Oxford University Press, 1994.

DELLANTONIO, S.; PASTORE, L. **Internal perception**: The role of bodily information in concepts and word mastery. Springer-Verlag Publishing, 2017.

DIEHL, R. L.; LOTTO, A. J.; HOLT, L. L. Speech perception. **Annual Reviews Psychology**, v. 55, p. 149-179, 2004.

FLEGE, J. E.; BOHN, O. The Revised Speech Learning Model (SLM-r). *In*: WAYLAND, R. (ed.). **Second Language Speech Learning: Theoretical and Empirical Progress**. Cambridge: Cambridge University Press, 2021. p. 03-83.

FLEGE, J. E. Assessing constraints on second-language segmental production and perception. *In*: MEYER, A.; SCHILLER, N. (ed.). **Phonetics and phonology in language comprehension and production: differences and similarities**. Berlin: Mouton, 2003.

FLEGE, J. E. Second Language Speech Learning: Theory, findings, and problems. *In*: STRANGE, W. (ed.). **Speech perception and linguistic experience: Issues in cross-language research**. Timonium, MD: York Press, 1995. p. 233-277.

FOWLER, C. A. Real objects of speech perception: a commentary on Diehl and Kluender. **Ecological Psychology**, v. 1, n. 2, p. 145-160, 1989.

FOWLER, C. A. An event approach to the study of speech perception from a direct-realist perspective. **Journal of Phonetics**, v. 14, p. 03-28, 1986.

GERVAIN, J. Gateway to language: The perception of prosody at birth. *In*: BARTOS, H.; DEN DIKKEN, M.; BÁNRÉTI, Z.; VÁRADI, T. (ed.). **Boundaries Crossed, at the Interfaces of Morphosyntax, Phonology, Pragmatics and Semantics**. Studies in Natural Language and Linguistic Theory, v. 94. Cham: Springer, 2018. p. 373-384.

GIBSON, E. J.; PICK, A. D. **An ecological approach to perceptual learning and development**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

GIBSON, J. J. **The Ecological Approach to Visual Perception**. Boston: Houghton Mifflin, 2015 [1979].

GIBSON, J. J. **The Senses Considered as Perceptual Systems**. Boston: Houghton Mifflin, 1966.

GIBSON, J. J.; GIBSON, E. J. Perceptual Learning: Differentiation or Enrichment? **Psychological Review**, v. 62, n. 1, p. 32-41, 1955.

GOLDSTONE, R. L. Perceptual Learning. **Annual Review of Psychology**, v. 49, n. 1, p. 585-612, 1998.

GROSJEAN, F.; BYERS-HEINLEIN, K. **The Listening Bilingual: Speech Perception, Comprehension, and Bilingualism**. Hoboken, New Jersey: Wiley, 2018.

GUY, G. R. Variation and change. *In*: MAGUIRE, W.; McMAHON, A. (ed.). **Analysing variation in English**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. p. 178-198.

HIRSCHBERG, J. Pragmatics and prosody. *In*: HUANG, Y. (ed.). **The Oxford handbook of pragmatics**. Oxford: Oxford University Press, 2017. p. 532-549.

JONES, R. H. **Spoken discourse**. London: Bloomsbury, 2016.

KENDON, A. Language's matrix. **Gesture**, v. 9, n. 3, p. 355-372, 2009.

KERSWILL, P. Children, adolescents, and language change. **Language Variation and Change**, v. 8, n. 2, p. 177-202, 1996.

KIVISTÖ-DE SOUZA, H. Consciência Fonológica. *In*: KUPSKE, F. F.; ALVES, U. K.; LIMA JR., R. (org.). **Investigando os sons de línguas não nativas: uma introdução**. 1. ed. Campinas: Editora da Abralín, 2021. p. 153-173.

LEUNG, C. English as an additional language: a close-to-practice view of teacher professional knowledge and professionalism. **Language and Education**, v. 36, n. 2, p. 170-187, 2022.

- | The ecological nature of the classroom environment for the perceptual learning of Additional Language speech

LEVIS, J. M. **Intelligibility, Oral Communication, and Teaching of Pronunciation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

LIBERMAN, A. M.; WHALEN, D. H. On the relation of speech to language. **Trends in Cognitive Sciences**, v. 4, n. 5, p. 187-196, 2000.

LIBERMAN, A. M.; MATTINGLY, I. G. The motor theory of speech perception revised. **Cognition**, v. 21, n. 1, p. 1-36, 1985.

LIBERMAN, A. M.; COOPER, F. S.; SHANKWEILER, D. P.; STUDDERT-KENNEDY, M. Perception of speech code. **Psychological Review**, v. 74, n. 6, p. 431-461, 1967.

LIBERMAN, A. M. Some results of research on speech perception. **Journal of the Acoustical Society of America**, v. 29, n. 1, p. 117-123, 1957.

LOBO, L.; HERAS-ESCRIBANO, M.; TRAVIESO, D. The History and Philosophy of Ecological Psychology. **Frontiers in Psychology**, v. 9, art. 2228, p. 1-15, 2018.

MARTINET, A. Preface. *In*: WEINREICH, U. **Languages in contact: Findings and problems**. The Hague: Mouton, 1968. p. VII-IX.

PATRICK, P. L. The speech community. *In*: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (ed.). **The Handbook of Variation and Change**. Malden, MA: Blackwell, 2002. p. 573-598.

PENNINGTON, M. C. **Phonology in English language teaching: An international approach**. London, UK: Longman, 1996.

PEROZZO, R. V. **Sobre as esferas cognitiva, acústico-articulatória e realista indireta da percepção fônica não-nativa: para além do PAM-L2**. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

PEROZZO, R. V.; ALVES, U. K. Uma discussão acerca da aplicação do Perceptual Assimilation Model-L2 à percepção fônica de língua estrangeira: questões de pesquisa e desafios teóricos. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 10, n. 2, p. 733-764, 2016.

PISONI, D. B. Speech Perception: Research, Theory, and Clinical Application. *In*: FERNÁNDEZ, E. M.; CAIRNS, H. S. (ed.). **Handbook of Psycholinguistics**. New York: Wiley, 2018. p. 193-212.

PISONI, D. B. Speech perception: some new directions in research and theory. **The Journal of the Acoustical Society of America**, v. 78, n. 1, p. 381-388, 1985.

PISONI, D. B. Some current theoretical issues in speech perception. **Cognition**, v. 10, n. 1-3, p. 249-259, 1981.

PRADILLA CARDONA, M. À. Social and Functional Variation in Catalan. *In*: ARGENTER, J. A.; LÜDTKE, J. **Manual of Catalan Linguistics**. Berlin: De Gruyter, 2020. p. 397-420.

RAMPTON, B. Styling the other: Introduction. **Journal of Sociolinguistics**, v. 3, n. 4, p. 421-427, 1999.

READING, A. **Meaningful Information: The Bridge between Biology, Brain, and Behavior**. New York: Springer Verlag, 2011.

SARMA, M.; SARMA, K. K. **Phoneme-based Speech Segmentation Using Hybrid Soft Computing Framework**. Computational Intelligence and Complexity. New Delhi: Springer, 2014.

STANFORD, J. N. One size fits all? Dialectometry in a small clan-based indigenous society. **Language Variation and Change**, v. 24, n. 2, p. 247-278, 2012.

STERN, H. H. **Fundamental concepts of language teaching**. Oxford: Oxford University Press, 1983.

STOFFREGEN, T. A. Affordances as properties of the animal-environment system. **Ecological Psychology**, London, v. 15, n. 2, p. 115-134, 2003.

TENCH, P. **Pronunciation Skills**. London: The MacMillan, 1981.

TOLLEFSON, J. W. Ideology, language varieties, and ELT. *In*: CUMMINS, J.; DAVIDSON, C. (ed.). **International handbook of English language teaching**. Dordrecht: Springer, 2007. p. 25-36.

- | The ecological nature of the classroom environment for the perceptual learning of Additional Language speech

TRAXLER, M. J. **Introduction to Psycholinguistics: Understanding Language Science**. Boston: Wiley-Blackwell, 2012.

VERSPoor, M.; LOWIE, W.; DE BOT, K. Variability as normal as apple pie. **Linguistics Vanguard**, v. 7, n. s2, p. 1-11, 2021.

WAGMAN, J. B.; STOFFREGEN, T. A. It doesn't add up: Nested affordances for reaching are perceived as a complex particular. **Attention, Perception, and Psychophysics**, v. 82, n. 8, p. 3832-3841, 2020.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Empirical foundations for a theory of language change. *In*: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (ed.). **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 95-195.

---

**COMO CITAR ESTE ARTIGO:** REIS, Felipe Santos dos; ALVES, Ubiratã Kickhöfel. The ecological nature of the classroom environment for the perceptual learning of Additional Language speech. **Revista do GEL**, v. 21, n. 1, p. 245-268, 2024. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>.

Submetido em: 29/09/2022 | Aceito em: 21/04/2024.

---

# LER IMAGENS NO TEMPO E NO ESPAÇO: EXCEDENTE DE VISÃO NA ESCRITA DE CURRÍCULOS

Fabício José da SILVA<sup>1</sup>  
Rosângela Rodrigues BORGES<sup>2</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v21i1.3712>

**Resumo:** Neste artigo, tem-se por objetivo a busca e a análise de como o escrevente, na composição do gênero do discurso *currículo*, dialoga com (i) a voz social da instituição/ empresa, (ii) a equipe profissional e (iii) o contratante, valendo-se das noções de alteridade, exotopia, excedente de visão e cronotopo do endereçamento, de maneira a desvelar imagens de si e do outro, provocando naquele a sensação de estar vendo imagens desejadas de si. Para tanto, os modelos de currículo que constituem nosso *corpus* de análise foram selecionados, organizados e recortados, tendo como ponto de vista metodológico o paradigma indiciário e o excedente de visão na instância do olhar do pesquisador para a análise dos dados singulares. Como base teórico-metodológica, tem-se a perspectiva dialógica da linguagem, advinda do Círculo de Bakhtin, considerando-se a correlação entre exotopia, alteridade, excedência de visão, cronotopo(s) e cronotopo do endereçamento (Borges, 2017). Os resultados apontam que o candidato refrata a si e ao outro em seu percurso pela escrita do gênero currículo, desvelando imagens e construindo pontos de encontro que se configuram o cronotopo do endereçamento.

**Palavras-chave:** Relações dialógicas. Currículo. Escrita. Gêneros do discurso.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil; [fabriciojosesilva48@gmail.com](mailto:fabriciojosesilva48@gmail.com); <https://orcid.org/0000-0001-7422-8989>

<sup>2</sup> Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL), Alfenas, Minas Gerais, Brasil; [rosangelarborges@gmail.com](mailto:rosangelarborges@gmail.com); <https://orcid.org/0000-0003-1309-6462>

- | Ler imagens no tempo e no espaço: excedente de visão na escrita de currículos

## *READING IMAGES IN TIME AND SPACE: A SURPLUS OF VISION IN CV WRITING*

**Abstract:** This paper aims to search for and analyze how the writer, when writing a CV, dialogues with (i) the social voice of the institution/company, (ii) the professional team and (iii) the contractor, through the notions of alterity, exotopia, surplus vision and chronotope of addressing, in order to unveil images of themselves. To this end, the curriculum models that make up our *corpus* of analysis were selected, organized and cut out, using the indicative paradigm as a methodological point of view and the surplus vision in the instance of the researcher's gaze for the analysis of the singular data. The theoretical-methodological basis is the dialogical perspective of language, derived from the Bakhtin's Circle, considering the correlation between exotopia, alterity, surplus vision, chronotope(s) and chronotope of addressing (Borges, 2017). The results show that the candidates refract themselves and others in their journey through writing the CV, unveiling images and building meeting points that configure the chronotope of addressing.

**Keywords:** Dialogic relations. CV. Writing. Discourse genres.

### **Considerações iniciais**

Na esfera da atividade humana denominada mercado de trabalho, a produção e a recepção de *currículos* afiguram-se como uma prática constantemente requerida e, portanto, a criação e a escrita do gênero do discurso currículo (Bakhtin, 2011) adquirem papel de relevo nessa seara. Para a produção desse gênero, candidatos a vagas de emprego recorrem a modelos de currículos disponíveis na *web*, bem como se valem de dicas e de sugestões cuja circulação se dá nas mais variadas esferas de comunicação digital, sobretudo nas redes sociais.

Tendo em vista a recorrente busca por modelos de currículos como fontes de inspiração ou como exemplos a serem seguidos, consideramos a hipótese de partida segundo a qual os modelos de currículo, encontrados em plataformas digitais, *refletem e refratam*, em termos bakhtinianos, os currículos que em outras ocasiões serão produzidos posteriormente por candidatos a vagas de emprego. Esses modelos, desta feita, permitiriam ao escrevente/candidato criar um *bom currículo* e atender às expectativas dos seus destinatários. Nesse processo tenso, dialógico e produtivo, algumas indagações entram em cena e suas respostas, no mais das vezes, tendem a ser encontradas e procuradas em modelos de currículos: "Como um *bom currículo* deve ser estruturado?", "Que informações devem ser privilegiadas quando da criação de um *bom currículo*?", "Quais feitos poderiam representar pontos de destaque no currículo?".

É exatamente esse ponto de tensão – o diálogo do candidato *na* e *com* a escrita – o problema a que nos propusemos investigar. Dito de outra maneira, considerando que os modelos de currículo representariam o que há de melhor em termos temáticos, estilísticos e composicionais desse gênero do discurso e que muitos candidatos se valem desses modelos como fontes de inspiração para a criação de seus próprios currículos, exploramos a seguinte indagação neste trabalho: “Como os modelos de currículos *refletem* e *refratam* as intenções dos candidatos e os fazem alçar a uma posição de candidato *ideal* para assumir a vaga de emprego?”.

Embasados metodologicamente no paradigma indiciário (Ginzburg, 1989, 2006) e no princípio bakhtiniano da propriedade dialógica da linguagem, objetivamos analisar como o candidato/escrevente dialoga com os seus possíveis destinatários, a saber: (i) voz social da empresa; (ii) a equipe profissional e (iii) o contratante, na composição do gênero do discurso modelo de currículo, por intermédio das noções de alteridade, excedência de visão, relações dialógicas, exotopia e cronotopo do endereçamento no momento em que se desvelam imagens de si e do outro nesse processo.

Para a análise, selecionamos dois modelos de currículo disponíveis nas plataformas Canva e Word, considerando que essas plataformas digitais são amplamente utilizadas em termos de produção de conteúdo e de processamento de textos. Em ambos os modelos, buscamos gestos de linguagem do escrevente – o candidato imaginário<sup>3</sup> a vagas de emprego – na composição do gênero discursivo modelo de currículo. Nesse processo, ter-se-iam imagens refratadas de si pelo cronotopo e pelo excedente de visão em seus gestos de linguagem indicativos das réplicas a seu(s) possível(eis) destinatário(s), por ter sido orientado para a construção de um *bom currículo*, que atenderia às expectativas dos destinatários em voga.

Em vista desse cenário, este artigo está estruturado em cinco seções. Inicialmente, apresentamos os conceitos de relações dialógicas e de gêneros do discurso. Em seguida, tecemos considerações a respeito das noções de excedência de visão, alteridade, exotopia e cronotopo(s). Na sequência, apresentamos a metodologia, a análise do *corpus* e a discussão dos resultados. Apontamos, por fim, as considerações finais, tencionando refletir acerca da relevância do tema para a escrita de gêneros discursivos, em especial a criação de currículos.

---

3 Usamos o termo “imaginário”, pois os modelos de currículo não se referem a um candidato real, mas sim a um candidato em forma de personagem, isto é, um candidato imaginário.

- | Ler imagens no tempo e no espaço: excedente de visão na escrita de currículos

## Gêneros do discurso e relações dialógicas em correlação com o outro

As relações dialógicas, conforme Bakhtin, são constitutivas da linguagem. Por meio dela, todos os enunciados, em dado processo de comunicação, apresentam-se mediante relações dialógicas. As relações dialógicas, segundo nos lembra Fiorin (2017), amparado em Bakhtin, seriam as relações de sentido que podem ser estabelecidas entre dois enunciados e por meio das quais se dá a *interação humana* na relação com o *outro*. Para Maciel (2022, p. 136), também amparado em Bakhtin, as relações dialógicas são entendidas como “as relações entre as palavras e ideias de uma fala ou de um texto [...]”. Para o próprio Bakhtin (2011, p. 297, grifo do autor),

Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma *resposta* aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. Porque o enunciado ocupa uma posição definida em uma dada esfera da comunicação, em uma dada questão, em um dado assunto, etc. É impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições.

Nessa seara, a constituição do sujeito na/pela linguagem ocorre em razão da participação de um diálogo com outros textos, com outras vozes sociais, com outros discursos, esferas do letramento e com o outro. Todo objeto aparece, pois, embebido e envolto em discursos. Portanto, os enunciados – e não as unidades da língua – caracterizam-se por sua natureza dialógica e irrepetível, uma vez que, dada a sua funcionalidade, ao passo que se manifestam, adquirem uma nova entonação, um novo acabamento com base em ecos e em lembranças de outros enunciados.

A tese das relações dialógicas se sustenta, pois, nos domínios da racionalidade e da afirmação nas instâncias da consciência, visto que despreza a função que o inconsciente poderia desempenhar (Carvalho, 2012). No dizer de Bakhtin (2010, p. 11), “a consciência do autor é a consciência da consciência, isto é, a consciência que abrange e conclui essa consciência da personagem com elementos por princípio transgredientes a ela mesma”. Dito de outro modo, não há gratuidade/neutralidade nas manifestações das relações dialógicas, pois, na relação com o outro, e, portanto, no contato com o diálogo, há valorações adotadas por parte do falante ou do escrevente. Tais valorações são compreendidas por Bakhtin, em *Estética da criação verbal* (2011), como posições

axiológicas e, por isso, na perspectiva bakhtiniana, não há uma atuação inconsciente, pois o sujeito sempre leva em conta a presença do(s) interlocutor(es) com os quais, em dado processo de comunicação, ainda que de maneira velada, dialoga, com vistas a antecipar suas réplicas com base em enunciados anteriormente proferidos e com base no conhecimento adquirido – ou imaginado – acerca do(s) interlocutor(es).

Podemos inferir, portanto, que o enunciador, no ato da enunciação, ocupa uma posição exterior/exotópica, dado que o sujeito, na atuação consciente, tem o privilégio de conhecer (ou supõe conhecer) – mais ou menos profundamente – o outro, a quem se direciona a palavra, sendo o seu interlocutor. Desta feita, há a atuação de um excedente de visão e de conhecimentos que lhes são familiares (ou não) com relação a esse último. Evidentemente, na relação entre o *eu* e o *outro*, há um processo contínuo de diálogo, quer entre o enunciador e o seu coenunciador e, sobretudo na esfera da escrita, entre o escrevente e o seu destinatário/interlocutor. Colocando-se de outra forma, referimo-nos a um diálogo em andamento, sempre compreendido como um processo. Ainda que, na dupla pertença entre o *eu* e o *outro*, possa se questionar a respeito do outro, ao mesmo tempo se questiona sobre si mesmo, pois daí surgem suas posições axiológicas; ou seja, no contato com o outro e, portanto, com o diálogo, lançamos luz àquilo cujas valorações podem ser compreendidas tanto positiva quanto negativamente em relação ao outro.

Os gêneros do discurso caracterizam-se por seu conteúdo temático, por sua construção/estrutura composicional e por seu estilo (Bakhtin, 2011). Conforme Bakhtin (2011, p. 262, grifo do autor), “evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*”. Desse ponto de vista, os gêneros do discurso, portanto, são interpretados como *tipos relativamente estáveis* de enunciados; isso porque tais gêneros, no curso do desenvolvimento histórico do tempo, podem se alterar e desaparecer, o que suscita também a criação de novos gêneros. A epopeia, a título de exemplo, desaparece e dá lugar a novos gêneros, como os *memes*.

Os gêneros também são divididos por Bakhtin em primários e em secundários. Como gêneros primários, devemos entender aqueles que “[...] se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata” (Bakhtin, 2011, p. 263) e, portanto, estão “fortemente ligados à *comunicação discursiva imediata*, possuem *vínculo imediato com a realidade concreta*” (Maciel, 2022, p. 45, grifo do autor). Ou seja, tais gêneros apresentam um vínculo imediato com a realidade concreta, com o momento presente. Por essa razão, entendemos que os gêneros primários apenas são compreendidos quando de sua manifestação estritamente ligada a determinados espaços e tempos imediatos. Daí advém o seu caráter de realidade imediata. Um exemplo seria uma reunião com o orientador

- | Ler imagens no tempo e no espaço: excedente de visão na escrita de currículos

de uma determinada pesquisa: embora o assunto tratado nessa reunião possa ser formal e complexo, tal reunião está direta e totalmente dependente do vínculo imediato com a realidade, haja vista que, se um dos participantes faltarem à reunião, por exemplo, a possibilidade de ela se concretizar será praticamente nula, inexistente.

Os gêneros secundários, por seu turno, “[...] surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico, etc.” (Bakhtin, 2011, p. 263) e não apresentam esse vínculo diretamente ligado à realidade imediata. Uma história em quadrinhos, por exemplo, pode ser lida a qualquer momento do tempo e em vários espaços. Ou seja, não estamos imersos em uma relação de dependência com o tempo imediato, com o momento presente. Assim, compreendemos o gênero do discurso *currículo* – nosso objeto de análise – como um gênero secundário, dado que pertence a um contexto cultural de produção mais complexo e elaborado – o da seara do mercado de trabalho –; não apresenta esse vínculo diretamente ligado ao momento presente, à realidade concreta, e, portanto, atende às especificidades dessa esfera da atividade/comunicação humana.

Nesta seção, explicitamos as noções de relações dialógicas e de gêneros discursivos, tão caras à teoria do Círculo de Bakhtin. A seguir, passemos aos conceitos de exotopia, excedente de visão e cronotopo(s).

### **Excedente de visão e cronotopo(s) em processos de identificação com o outro**

Na enunciação, o sujeito ocupa uma posição exterior em relação ao outro/destinatário. Referimo-nos à exotopia, visto que o enunciador, no mais das vezes, tem o privilégio de conhecer integralmente o seu destinatário – ou coenunciador –, o que configura a excedência de visão. Em linhas gerais, na relação axiológica entre o *eu* e o *outro*, é possível formar esteticamente em mim a imagem externa inacabada do outro, sendo o seu destinatário (Barbosa, 2012). Assim sendo, a partir do meu lugar único na existência, que não deixa de ser um lugar privilegiado, por se tratar de uma unicidade humana, sou eu que posso dar um acabamento externo à minha palavra, ao meu enunciado, à minha imagem e à imagem externa do outro/destinatário, tendo em vista o conhecimento adquirido – ou imaginado – acerca desse outro.

Para Bakhtin (2011), desse modo, o excedente da minha visão no que toca ao outro instaura uma gama de atos internos ou externos por meio da qual posso formar o meu conhecimento a respeito do outro, de sorte que esse conhecimento também possa completá-lo onde esse outro não possa se completar, pois, de certa maneira, é inacessível

a ele. Já para Bemong *et al.* (2015), ao contemplar um ser humano situado exteriormente a mim ou defronte a mim, nossas experiências sociais não se coincidem, uma vez que, independentemente da proximidade ou da posição do ser contemplado, partindo do meu espaço exterior, sempre vejo algo que esse outro, do seu espaço exterior e frontal, não consegue visualizar. Inferimos, portanto, o fato de alguns pontos serem acessíveis apenas a mim, não ao outro; e vice-versa. No dizer de Bakhtin (2011, p. 23),

Eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento.

Conforme Bakhtin (2011), de posse do diálogo, a existência no mundo se dá a partir de três instâncias que se inter-relacionam, quais sejam: o *eu-para-mim*, o *eu-para-o-outro* e o *outro-para-mim*. Sabemos que o sujeito não assume nenhuma delas isoladamente; na existência, ele atua transitando por esses três espaços. Embora, à primeira vista, possa parecer uma atitude centrada apenas no *eu*, o *eu-para-mim* também envolve – mais ou menos marcadamente – a presença do outro. Esse outro também resguarda um excedente de visão suplementar a mim mesmo: o outro consegue ver coisas que, do meu lado exterior, não sou capaz de enxergar inteiramente; seja meu corpo, minha expressão facial, seja minha presença no mundo. Nessa direção, com base na excedência de visão, o inverso também acontece: ainda que parcialmente, há, no outro, aquilo que me é inacessível. Em síntese: sou outro para outro *eu-para-mim*, e minhas posições axiológicas/valorações dependem, em grande parte, do *outro-para-mim*. Consoante Faraco, o autor-criador seria, então, “uma posição refratada [...] porque se trata de uma posição axiológica recortada pelo viés valorativo do autor-pessoa; refratante porque é a partir dela que se recorta e reordena esteticamente os eventos da vida” (*apud* Rodrigues, 2012, p. 71).

Relacionada à noção de excedente de visão está a de cronotopo, cujo surgimento consiste, sobretudo, em determinar a *imagem* do homem na literatura. *Cronós* designa tempo; *topos*, o espaço. A correlação entre este e aquele determina uma representação/imagem do mundo. Bakhtin (2014, p. 211) explicita a noção de cronotopo como a “interligação fundamental das relações espaciais e temporais, artisticamente assimiladas em literatura”. Sendo uma categoria conteudístico-formal e por se tratar de uma interação recíproca entre tempo e espaço, representa o mundo e determina a *imagem* do indivíduo – sujeito, autor, enunciador, escrevente – nos textos. Para Bakhtin (2014), as línguas são

- | Ler imagens no tempo e no espaço: excedente de visão na escrita de currículos

inerentemente cronotópicas. Os cronotopos da língua emergem da densidade e da fusão de indicadores temporais e espaciais e surgem

[...] a partir do papel da linguagem na mediação da relação entre subjetividade e intersubjetividade, na transformação recíproca da percepção individual [...] e de termos partilhados, mas abstratos, em modelos que dão forma inteligível à percepção privada (Ladin, 2015, p. 173).

Nas relações dialógicas, o tempo se concretiza, se materializa; ao passo que o espaço se torna carregado no tempo e respondendo aos movimentos deste. A correlação entre este e aquele forma, por conseguinte, um todo concreto e cuidadosamente pensado, haja vista que o sujeito constrói temporalidades, espacialidades, constrói-se e (re)formula a si mesmo por meio das relações entre sujeitos, tempos e espaços, na/pela linguagem.

Situado também no campo das relações anafóricas, os cronotopos podem coexistir. Imbricando-se e retomando-se uns aos outros e tomando seu sentido a partir das referências com as quais dialoga, podem confrontar-se, opor-se, da mesma maneira com que acontece com os gêneros do discurso e com os enunciados, marcados por sua irrepetibilidade e por sua instabilidade. Nos estudos literários, ao privilegiar uma obra como objeto de pesquisa/análise, por exemplo, são realizadas análises das mudanças decorrentes no espaço e no tempo, do desenrolar do enredo, representando, de saída, o mundo ficcional que lhe é inerente e elaborado pelo autor. De outra parte, nos estudos linguísticos, sabemos que, em cada gênero, há um distinto e singular cronotopo (Alves, 2012).

Ainda no que toca aos cronotopos, cumpre destacar, nesse particular, que estes não se apresentam apenas nos textos literários: artigos de opinião, charges, *memes*, retórica governamental, discursos de representações midiáticas – os gêneros do discurso em sentido *latu* – também se afiguram num palco em que cronotopos podem ser estrelados. Bakhtin (1990) apresenta diversos tipos de cronotopos, os quais emergem estritamente ligados aos índices do tempo transparecidos no espaço: o cronotopo da estrada, do encontro, da sala, do castelo, do salão, da cidade, do caminho. Tomado inicialmente, o cronotopo da estrada representaria o encontro/desencontro/convergência de trilhas. O do castelo, a saturação do passado histórico; o do salão, as salas de visita e a miniatura das relações sociais, dentre outros cronotopos não citados. Por esses caminhos (cronotopos), poder-se-iam reconhecer os índices de transformações do mundo a partir do princípio constitutivo dialógico da linguagem.

Situado na esfera da escrita<sup>4</sup> está o conceito de *cronotopo do endereçamento*, cujo surgimento se dá a partir dos estudos de Borges (2017). Este, por sua vez, “se configuraria como uma estrada virtual, análoga ao cronotopo da estrada, proposto por Bakhtin (2014, p. 223), com pontos de encontro que indicariam, de forma mais (ou menos) marcada, o diálogo do escrevente com os seus possíveis destinatários” (Borges, 2017, p. 24).

Neste artigo, a relevância desse conceito reside na compreensão de que, numa relação recortada pelo viés valorativo entre o *eu* e o *outro*, por meio do excedente de visão, há em mim a imagem externa inacabada do outro. Com vistas ao seu acabamento externo, pela alteridade e pelas relações dialógicas, na materialidade discursiva do texto, eu endereço a palavra a outrem, procurando antecipar minhas réplicas a partir do conhecimento adquirido (ou imaginado) acerca desse outrem – *cronotopo do endereçamento*. Desse modo, com base no conhecimento adquirido (ou imaginado) em relação ao outro, o escrevente, no seu projeto discursivo e de acordo com os seus objetivos comunicacionais, endereça a sua palavra em direção a um determinado destinatário (o outro), por intermédio da interligação das relações temporais e espaciais, o que caracteriza a atuação do *cronotopo do endereçamento*.

O escrevente assume, assim, a posição do *outro-para-mim* no processo de constituição da escrita. Em outras palavras, o sujeito se distancia de si e, pela alteridade e pela excedência de visão, tenta dar o acabamento estético ao seu enunciado a partir do constante diálogo com o outro. Desse modo, não há uma relação que só exista completa e inteiramente em razão do *eu* para consigo mesmo (Rodrigues, 2012). No ato responsável, mediado pela consciência, o escrevente singulariza e objetiva a sua identificação – ou não – com outro indivíduo, ainda que pequena e parcialmente. Contudo, se, por um lado, à medida que essa identificação tende ao crescimento, aumenta o alcance, a compreensão e a harmonia presentes no diálogo; por outro, de encontro à harmonia e à compreensão, ao passo que essa identificação tende a diminuir, constata-se, gradativamente, a ineficácia das relações dialógicas. À vista disso, podemos citar que,

[...]se, por um lado, o processo de fala/escrita se particulariza no escrevente, por outro, seus “equivocos” são repletos de respostas que denunciam a *convivência* das práticas sociais, as quais, por sua natureza histórica, se transformam, estabelecendo novas relações dialógicas. Eis um modo interessante de vincular a criatividade do falante/escrevente à *particularidade* de sua inserção histórica e de suas relações com o enunciado do outro (Corrêa, 2003, p. 69, grifo próprio).

---

4 Inicialmente, Bakhtin emprega o conceito de “cronotopo” para o estudo de obras literárias. Neste trabalho, operamos com a noção de “cronotopo” sob um prisma discursivo, envolvendo escrita de gêneros discursivos.

- | Ler imagens no tempo e no espaço: excedente de visão na escrita de currículos

Retomando a noção de cronotopo, vale explicitar sua função no plano da escrita. Um cronotopo exerce sua função no momento em que se determina, na escrita, a *imagem* de seu enunciador por meio da excedência de visão, segundo a qual reflete a realidade incorporada e materializada no tempo e no espaço. No que toca ao gênero currículo, por meio do excedente de visão e do cronotopo do endereçamento, o escrevente reflete a sua imagem, a imagem presente em seu imaginário a respeito desse gênero do discurso e da constituição do que acredita ser um *bom currículo* (Corrêa, 1997) e suas intenções tentando se apresentar como autor<sup>5</sup> do que diz, num processo de elaboração, também, da imagem de futuro contratado que acredita ser a que o contratante deseja. Nessa perspectiva, o dizer do enunciador situa-se, portanto, espaçotemporalmente e em constante diálogo com o outro.

Na alternância – mais ou menos marcadamente presente – entre as noções de exotopia, alteridade, cronotopia e excedência de visão, o escrevente dialoga com o(s) seu(s) possível(eis) destinatário(s). Conforme Bakhtin (2011, p. 328-335), estes são: destinatário imediato, presumido e sobredestinatário – ou supradestinatário. O primeiro sendo aquele com quem o escrevente divide o horizonte social comum, o mais próximo deste; a quem se endereça o texto quando de sua produção. O segundo sendo aquele com o qual o enunciador lida de modo a presumir/imaginar quem seja, procurando antecipar suas réplicas em consonância com a compreensão adquirida (ou imaginada) acerca desse destinatário não tão próximo. O terceiro, por fim, sendo aquele cuja voz representa uma instituição; aquele que nunca estará presente fisicamente, ou seja, aquele mais distante do enunciador/escrevente. No contexto da produção de currículos, entendemos, neste trabalho, por destinatário imediato, o *contratante*; o destinatário presumido como a *equipe profissional*; e o sobredestinatário como a voz de uma instituição: *a voz social da empresa*.

Na seção seguinte, partindo dos conceitos anteriormente elencados, explicitamos noções com as quais desenvolvemos a metodologia e a análise do *corpus*.

## **Indícios, singularidades e vestígios como aspectos metodológicos**

A noção de cronotopo, conforme Borges (2017), está direta e intrinsecamente relacionada à noção de espacialidade, isto é, o espaço é sócio e historicamente constituído pelo sujeito que, pela linguagem e pelas relações dialógicas com o(s) outro(s), transita por temporalidades para definir e construir as *imagens* e as *representações* dos espaços. A noção de excedente de visão, por sua vez, está mais para a temporalidade, e, por essa

---

<sup>5</sup> “Autor” é usado aqui como sinônimo de “produtor de um texto”, isto é, o enunciador.

razão, para o sujeito que atua na/pela linguagem numa forte relação de alteridade – relação esta cuja manifestação apenas se dá diante do contraste com o mundo do outro, o que resulta na singularidade humana.

As noções de temporalidade e de espacialidade, nesse contexto, são utilizadas com vistas a, na análise da composição do gênero do discurso *modelo de currículo*, envolvendo criação e escrita do gênero em causa, tomar a noção de excedente de visão como ponto de investigação, como proposto por Borges (2017). Em paralelo, baseamos no paradigma indiciário (Ginzburg, 1989), e, ainda com maior ênfase, no princípio bakhtiniano da propriedade dialógica da língua(gem).

Na análise dos dados, ancoramo-nos no paradigma indiciário, proposto por Ginzburg (1989, 2006), associando-o à noção de excedente de visão operacionalizada como uma maneira de o pesquisador olhar para a singularidade dos dados do objeto de análise, conforme Borges (2017). Em termos gerais, o excedente de visão é aqui compreendido como um modo de olhar: (i) do pesquisador durante o processo de análise; e (ii) do escrevente em seu processo de constituição da escrita – escrita aqui concebida como um modo de enunciação. Para tal, trabalhamos com a comparação, identificação, seleção, observação e análise de indícios dos gestos de linguagem<sup>6</sup> do escrevente no seu percurso pela escrita, cujos movimentos nesse trajeto – de retomada ou de antecipação – pudessem explicar os fatos discursivos ali presentes.

Em *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história* (1989), Ginzburg (1989, p. 150) se refere ao paradigma indiciário como um

[...] método interpretativo centrado sobre os resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores [e que] pormenores normalmente considerados sem importância, ou até triviais, ‘baixos’, forneciam a chave para aceder aos produtos mais elevados do espírito humano.

Há, nesse livro, uma ênfase na analogia presente entre Giovanni Morelli, crítico; Sherlock Holmes, personagem de Arthur Conan Doyle; e Freud. Isso porque os três desenvolveram seus métodos nos indícios diminutos e nos dados marginais<sup>7</sup>. Para Morelli, por exemplo, os dados poderiam revelar momentos em que o artista fugia completa e

6 Nesse contexto, são entendidos como movimentos de retomada e de antecipação no diálogo com os eventuais destinatários, denunciando os indícios das relações dialógicas estabelecidas entre candidato e diferentes destinatários na composição dos currículos.

7 Segundo Tinem e Borges (2003, p. 1), “Ginzburg introduziu uma nova maneira de fazer História, alimentando a ideia de transgredir as proibições da disciplina e ampliando seus limites, em uma abordagem que privilegia os fenômenos aparentemente marginais, intemporais ou negligenciáveis [...]”.

- | Ler imagens no tempo e no espaço: excedente de visão na escrita de currículos

inteiramente ao seu controle, dando espaço, assim, às idiossincrasias, sem que ele se desse conta disso, o que revelaria traços puramente individuais.

Em Tinem e Borges (2003), há a afirmação conforme a qual, por meio da utilização desse paradigma, Ginzburg mostra o modo pelo qual, baseando-se naquilo que não é típico, isto é, naquilo que é, no mais das vezes, desconsiderado, pode ser uma alternativa mais eficiente em relação à descrição dos dados, visto que tal método se “constitui um caminho mais rico e produtivo, embora mais acidentado (e talvez exatamente por isso) para essa caracterização” (Tinem; Borges, 2003, p. 7).

Partindo da excedência de visão e do olhar de Ginzburg (2006), durante o processo de análise e de interpretação dos modelos de currículo – textos de tipologia textual predominantemente descritiva<sup>8</sup> –, foram perseguidos os seguintes indícios: (i) de como o escrevente/candidato dialoga com o(s) seu(s) possível(eis) destinatário(s) na composição do gênero; e (ii) de como o escrevente/candidato estrutura o cronotopo do endereçamento como a forma de dialogar com os destinatários e revelar possíveis imagens de si e do outro num processo de refração e de acabamento.

Para além dos aspectos mencionados anteriormente, na coleta dos dados, recorreremos a dois modelos de currículos disponíveis, respectivamente, na plataforma Canva<sup>9</sup> e também no processador de textos Word. Em relação à escolha de modelos de currículos como objetos de análise, pontuamos que, segundo o próprio reconhecimento da esfera da comunicação humana denominada mercado de trabalho, *modelos de currículos* são vistos como exemplos a serem seguidos para a construção desse gênero do discurso; o que sugere, inclusive, para muitos candidatos, que esses modelos são representativos do que há de melhor em termos temáticos, estilísticos e composicionais do gênero. No que diz respeito à escolha das plataformas digitais Canva e Word, selecionamos essas plataformas por entendermos ser ambas as mais recorrentes em termos de produção de texto/conteúdo em ambiente digital, mas, principalmente, em termos da produção do gênero currículo.

No que toca à escolha dos dois modelos de currículo analisados, tal escolha se baseou nos dados marginais, conforme a proposta do paradigma indiciário, mais precisamente na recorrência de indícios – gestos de linguagem – que pudessem indicar de forma mais perceptível o diálogo do candidato com os seus possíveis destinatários, por meio também das noções de alteridade, exotopia, excedente de visão e cronotopo do

---

<sup>8</sup> Na construção composicional do gênero currículo, pode haver passagens de tipologia textual argumentativa; consideramos aqui a tipologia predominante, a saber: descritiva.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.canva.com/>. Acesso em: 13 abr. 2024.

endereçamento. Logo, ambos os modelos de currículo foram eleitos para constituírem o *corpus* desta pesquisa sobretudo porque apresentam, dentre os modelos disponíveis nas respectivas plataformas digitais, maior recorrência de indícios de gestos de linguagem que podem ser interpretados como os vínculos dialógicos estabelecidos entre escrevente/candidato e destinatário(s) na construção dos modelos de currículo e na (posterior) construção do próprio currículo.

Esquemáticamente, adotamos o seguinte percurso metodológico ilustrado na figura a seguir:

**Figura 1.** Percurso metodológico



**Fonte:** Elaboração própria

Apresentamos e discutimos, na próxima seção, as análises advindas das interpretações dos modelos de currículo com base na metodologia supramencionada e nos conceitos que subsidiam as considerações que se seguem.

### **Exame das relações dialógicas na composição dos modelos de currículo**

Fundamentados nas noções de cronotopo, excedente de visão, relações dialógicas e de outros conceitos que configuram o princípio dialógico da linguagem, apresentamos,

- | Ler imagens no tempo e no espaço: excedente de visão na escrita de currículos

a seguir, considerações a respeito da análise de um modelo de currículo – nosso objeto de análise –, disponível na plataforma Canva. Apresentamos, ao mesmo tempo, réplicas do escrevente aos seus possíveis destinatários em tela (voz social da instituição/empresa, equipe profissional e contratante), compreendidas, também, como gestos de linguagem que denunciam a imagem do escrevente e do(s) destinatário(s) no processo de escrita. Embora os modelos de currículo sejam de livre acesso nas plataformas Canva e Word, na análise, utilizamos a identificação “escrevente 1 – E1”, para designar o(s) escrevente(s) relativo(s) ao primeiro modelo de currículo sob análise. “Escrevente 2 – E2”, por sua vez, para designar o(s) escrevente(s) relativo(s) ao segundo modelo de currículo sob análise.

Vejam os como se apresenta o primeiro modelo de currículo, disponível na plataforma Canva:

**Figura 2.** Modelo de currículo disponível na plataforma Canva



Fonte: canva.com

Com base no exemplo em tela, escolhas adotadas pelo escrevente configuram posições axiológicas que denunciam não só a imagem relativa ao escrevente e ao(s) destinatário(s), mas também o diálogo entre escrevente e destinatário(s). No que concerne ao diálogo com o seu destinatário imediato – entendido nesse contexto como o *contratante* –, podemos citar o breve resumo apresentado por E1 acerca de seu perfil profissional<sup>10</sup>. Na sentença “com mais de 7 anos de experiência”, percebemos que E1 tece um diálogo com o seu destinatário imediato – o contratante – com base na excedência de visão, dado que antecipa réplicas desse destinatário em relação à sua experiência profissional, pois, segundo o próprio reconhecimento dessa esfera da comunicação humana (o mercado de trabalho), a experiência é compreendida como um elemento importante na decisão de contratação. Mais do que isso: a experiência torna-se ainda mais fundamental a depender de com o quê se deu essa experiência. Por isso, E1 apresenta para o seu destinatário imediato o fato de essa experiência ter se desencadeado no âmbito do desenvolvimento de códigos para negócios. A menção às especificidades das experiências anteriores se torna uma estratégia produtiva nesse diálogo, tendo em vista que a experiência pode estar diretamente relacionada ao cargo pretendido na empresa.

Ao citar “aumentei em 60% a eficiência de programação”, E1 tenciona mostrar ao seu destinatário imediato uma imagem de profissional competente, eficiente e produtivo em termos de mercado, acreditando ser essa a imagem que o contratante, a equipe profissional e a empresa esperam receber do candidato. Saliente-se que, com base no modelo apresentado, tal informação poderia ser comprovada, dado que se refere a uma experiência anterior vivenciada pelo candidato em determinada empresa. Isso nos levaria a afirmar que o modelo de currículo sugere que seja importante indicar ao destinatário imediato a veracidade<sup>11</sup> das informações apresentadas, por meio de comprovações, como a experiência em trabalhos anteriores.

O fato de mencionar, por meio do excedente de visão e do cronotopo do endereçamento, que foi *indicado* e *vencedor* em categorias de premiações também se mostra uma estratégia produtiva no diálogo com o destinatário imediato. A atuação da excedência de visão se torna profundamente marcante neste momento, pois apenas o fato de já ter sido indicado em categorias de premiação configurar-se-ia uma estratégia

---

<sup>10</sup> Evidentemente, estamos diante de um *modelo de currículo*; logo, o texto será modificado e adaptado de acordo com o perfil profissional e com as intenções de cada escrevente/candidato a vagas de emprego. No entanto, o modo pelo qual o modelo é apresentado poderá refletir diretamente na composição de um determinado currículo, visto que modelos são exemplos a serem seguidos e, portanto, fontes de inspiração.

<sup>11</sup> Sabemos que pode haver informações inverídicas na apresentação de currículos; por isso, o fato de apontar as experiências vivenciadas pode funcionar como um instrumento de comprovação do que está sendo dito pelo candidato.

- | Ler imagens no tempo e no espaço: excedente de visão na escrita de currículos

perspicaz para a contratação. Com a menção ao fato de ter vencido a categoria, EI tece um diálogo com o seu destinatário imediato, de maneira a evidenciar, por meio de posições axiológicas, seu excelente desempenho profissional na área em que atua, contribuindo para a noção de competitividade intrínseca à seara do mercado de trabalho.

No que tange ao diálogo com o seu destinatário presumido – a equipe profissional –, podemos citar as habilidades apresentadas pelo candidato como um vestígio marcadamente representativo desse diálogo. Como indício mais evidente do diálogo com o destinatário presumido, temos a menção da habilidade “trabalho em equipe”. Evidentemente, para o bom funcionamento da empresa, é necessário trabalhar bem em equipe, saber desenvolver os projetos em consonância com o outro. Tudo isso demanda *inteligência emocional* por parte do candidato; essa inteligência, por sua vez, está implícita no momento em que EI cita a habilidade “trabalho em equipe” por meio do diálogo com o seu destinatário presumido e sobretudo com base nas noções de excedente de visão e cronotopo do endereçamento.

Outro gesto de linguagem que se configura uma estratégia produtiva para o diálogo com a equipe profissional é a habilidade “pensamento criativo”, citada por EI. Essa menção se mostra uma escolha produtiva exatamente na medida em que o pensamento criativo pode contribuir para o desenvolvimento de projetos eficientes e inovadores, o que contribui para que a empresa se destaque no mercado competitivo, bem como pode promover a imagem de um time de profissionais competentes.

Como todo trabalho em equipe, há sempre as divergências e os conflitos. Levando em consideração essa possibilidade, EI, por meio da excedência de visão, cita em seu diálogo com o destinatário presumido a habilidade de resolver conflitos. Tal habilidade também demonstraria, nesse contexto, uma inteligência emocional por parte do candidato, sobretudo no contato com os colegas de profissão. Além do mais, ao citar a habilidade “resolução de problemas”, é de se pressupor que o escrevente tenha a intenção de denunciar à equipe profissional a imagem de profissional sensato e assertivo em termos de resolução de conflitos, refletindo também maturidade emocional.

A habilidade “liderança” está diretamente ligada também ao campo das relações entre os colegas de profissão, assim como a habilidade “resolução de problemas”. Por meio da liderança, EI, no diálogo com a equipe profissional – seu destinatário imediato –, provoca uma imagem de profissional proativo, o que é também uma competência muito desejada por contratantes, bem como pela equipe profissional. Já a habilidade “programação”, por sua vez, estaria mais relacionada a uma competência individual e não demonstra, portanto, um diálogo mais direto com a equipe profissional, mas sim

faz referência a uma habilidade de cunho mais voltada às ações que se desenvolvem ou podem vir a ser desenvolvidas na prática em termos de produção.

Por fim, como indícios do diálogo com o sobredestinatário – a voz social da instituição/empresa –, temos como exemplo toda a construção composicional desse modelo de currículo. O espaço destinado às premiações, por exemplo, mostra ao sobredestinatário como a presença do escrevente/candidato poderia contribuir para que a empresa se destaque no mercado, dado que opera(ria) com um time de profissionais renomados. Um indício que desperta a atenção no que se refere ao diálogo com a voz da instituição é o fato de El citar que foi vencedor de um determinado prêmio. A simples indicação a um prêmio já se configuraria um ponto de destaque para o candidato; a menção ao fato de ter vencido demonstra, por parte do candidato, todo o resultado e o reconhecimento de sua dedicação na área em que atua. Esse gesto de linguagem se mostra uma estratégia produtiva especialmente na medida em que o escrevente se distancia de outros candidatos, contribuindo de maneira incisiva para a sua contratação. Dito de outro modo, com base na excedência de visão e no diálogo com o sobredestinatário, El tenta se destacar em relação a outros candidatos, suscitando uma imagem de profissional renomado e altamente qualificado.

No que toca às experiências profissionais, a descrição dessas experiências também se mostra como estratégias produtivas para a posterior contratação do candidato. Ao citar “responsável por liderar equipes” e “construí uma infraestrutura que lida com milhões de arquivos”, por meio do cronotopo do endereçamento e da excedência de visão, El tece um diálogo argumentativo com a voz social da empresa, sobretudo porque tenta comprovar como as ações desempenhadas em experiências anteriores *refletem* e *refratam* suas habilidades como profissional e, inclusive, o modo pelo qual suas ações, especificamente, contribuíram para o desenvolvimento e para o crescimento da empresa.

Gesto de linguagem semelhante se repete com a formação acadêmica: El não se contenta em citar a pura e simples formação, como também cita os feitos durante a graduação. Palavras como “criador”, “mentor” e “primeiro clube” são escolhas lexicais que denunciam posições axiológicas de alto teor de convencimento por parte do candidato. Essas escolhas se dão em virtude da imagem que o escrevente acredita ser a que a voz da instituição/empresa deseja receber; por isso, com base nas relações dialógicas que tece com todos os seus possíveis destinatários – imediato, presumido e sobredestinatário –, El suscita a imagem desejada de um profissional altamente habilidoso, competente e qualificado, por meio, também, da imagem preconcebida em seu imaginário relativa a esses destinatários.

- | Ler imagens no tempo e no espaço: excedente de visão na escrita de currículos

Vejamos, neste momento, outro modelo de currículo, disponível no processador de textos *Word*:

**Figura 3.** Modelo de currículo disponível no processador de textos Word



**ZURAIDE ELORRIAGA**

Boston, MA | 916.555.0123 | zuraide@example.com | greatsiteaddress.com

Farmacêutico licenciado com mais de 7 anos de experiência em ambientes de varejo e farmácia clínica. Forte experiência em dispensa de medicamentos, fornecimento de aconselhamento de pacientes e colaboração com provedores de serviços de saúde para otimizar o atendimento aos pacientes.

### EXPERIÊNCIA

JANEIRO DE 20XX-AGOSTO DE 20XX

FARMACÊUTICO, LAMIERE LABS

Dispense medicamentos com precisão e eficiência, garantindo o cumprimento das leis estaduais e federais.

Fornecer educação ao paciente sobre terapia medicamentosa, efeitos colaterais e interações medicamentosas.

MARÇO DE 20XX-JANEIRO DE 20XX

FARMACÊUTICO, TREY RESEARCH

Coordenado com as empresas de seguros para processar declarações e resolver problemas.

Técnicos treinados e supervisionados em operações diárias e atendimento ao cliente.

### EDUCAÇÃO

JUNHO DE 20XX

FARMACÊUTICO, UNIVERSIDADE DE JASPER

Recebeu o prêmio Dean's List por manter altas notas e excelência acadêmica.

MAIO DE 20XX

BIÓLOGO, FACULDADE BELLOWS

O aluno foi reconhecido como o aluno de farmácia mais excelente do ano.

## HABILIDADES

- Conhecimento forte de medicamentos, interações com medicamentos e efeitos colaterais
- Excelentes competências de comunicação escrita e oral
- Atenção aos detalhes e à precisão na liberação de medicamentos e na manutenção de registros
- Capacidade de colaborar com eficiência com provedores de serviços de saúde e outros membros da equipe

## ATIVIDADES

Membro ativo da Associação Nacional de Profissionais de Farmácia (ANPF) e participou de vários eventos voluntários e de rede profissional destinados a promover o papel do farmacêutico em serviços de saúde.

**Fonte:** Word

Tomando por base este segundo modelo, podemos notar que o espaço reservado à breve descrição pessoal concernente ao candidato/escrivente representa o diálogo de E2 com o seu destinatário imediato, qual seja: o contratante. Por meio do cronotopo do endereçamento e do excedente de visão, E2 antecipa réplicas a possíveis indagações que poderiam ser feitas pelo contratante, como tempo de experiência no mercado de trabalho e principais atividades realizadas em experiências anteriores. A sentença “com mais de 7 anos de experiência” é uma valoração adotada pelo candidato tendo em vista a imagem preconcebida em seu imaginário a respeito do destinatário imediato e também a imagem que acredita ser aquela que o contratante deseja receber. Desta feita, a menção ao tempo relativo à experiência torna-se relevante por parte do candidato, sobretudo porque acredita ser este um ponto positivo em sua carreira e que, portanto, merece ser considerado pelo destinatário/contratante.

Gesto de linguagem semelhante seria o uso de “forte experiência” com vistas a demonstrar ao seu destinatário que o tempo em atuação na área resulta-se em forte experiência. O uso de adjetivos, portanto, é um evidente indício do diálogo do escrevente

- | Ler imagens no tempo e no espaço: excedente de visão na escrita de currículos

com os seus destinatários, bem como de valorações adotadas pelo escrevente no diálogo com o(s) seu(s) destinatário(s), tendo por base as imagens refratadas tanto em relação a si como em relação ao outro.

No que concerne ao diálogo com o seu destinatário presumido – a equipe profissional –, tomemos como exemplo o espaço dedicado às habilidades. Em se tratando da área de atuação em causa – farmácia –, é de se esperar que o candidato tenha um amplo conhecimento a respeito dos medicamentos e de suas respectivas indicações e funcionalidades. Para demonstrar essa habilidade, E2 opta por valorações (escolhas lexicais), como “conhecimento forte de medicamentos”. Entendemos ser possível afirmar que este seria um indício do diálogo do candidato com a equipe profissional, pois, a fim de que se promovam atendimentos de qualidade, é necessário que o farmacêutico disponha de um amplo conhecimento referente a medicamentos; não sendo necessário recorrer, por exemplo, a outros farmacêuticos – entendidos como colegas de profissão.

Gestos de linguagem como “excelentes competências de comunicação escrita e oral”, por meio do excedente de visão, denunciam a imagem de um candidato com potencial desempenho comunicativo, o que também é de suma importância no atendimento ao público consumidor de determinados medicamentos. Assim, direta ou indiretamente, E2 demonstra ao seu destinatário presumido (a equipe profissional), com base no diálogo com esse destinatário, o fato de que ele também pode vir a ser um integrante “de peso” para o time dos que compõem os farmacêuticos da empresa.

A sentença “capacidade de colaborar com eficiência com provedores de serviços de saúde e outros membros da equipe” é um explícito indício do diálogo do candidato com o seu destinatário presumido – a equipe profissional. Esse diálogo se torna bastante evidente exatamente na medida em que o E2 cita “outros membros da equipe”, pois leva em consideração o desenvolvimento pleno da equipe, deixando em implícito, por exemplo, por meio da excedência de visão, habilidades como inteligência emocional e relações humanas.

Como indícios representativos do diálogo do escrevente com o sobredestinatário – entendido nesse contexto como a voz social da instituição/empresa –, tomemos como exemplo os espaços reservados à formação acadêmica e às experiências profissionais. Observamos que há uma certa preocupação por parte do candidato<sup>12</sup> em demonstrar seus feitos acadêmicos, como manter um padrão de boas notas, excelência enquanto discente, bem como prêmios recebidos durante a formação acadêmica. Todos esses

---

<sup>12</sup> Entende-se que há um candidato subentendido, embora se trate de modelos de currículo, visto que o modelo toma como exemplo um candidato imaginário.

fatores lançam luz à imagem de um farmacêutico com o qual a empresa deveria trabalhar, visto que o candidato aponta suas habilidades não só como farmacêutico no mercado de trabalho, mas também no âmbito dos estudos, enquanto estudante. Esses apontamentos são tecidos no currículo com base nas noções de alteridade, exotopia, excedência de visão e cronotopo do endereçamento, uma vez que E2 leva em conta essas noções para formular o seu diálogo com o(s) possível(eis) destinatário(s).

No que toca ao espaço composicional reservado às experiências profissionais, transitando por posições axiológicas, E2 também opta, assim como em E1, por descrever as funções quando das experiências em empresas pelas quais passou anteriormente. Sendo assim, gestos como “dispensar medicamentos com precisão e eficiência” são tecidos no diálogo com o sobredestinatário, pois asseguram à voz social da empresa que o candidato está apto a dispensar outros medicamentos também com precisão e eficiência, pois tal ação, em momentos passados, já foi devidamente realizada em outros setores.

O uso dos adjetivos, entendidos como valorações/posições axiológicas, nesse caso, também contribui para a formulação da imagem que o candidato deseja refletir aos seus destinatários. Gesto semelhante ocorre em “técnicos treinados e supervisionados em operações diárias”, pois denotam que o candidato, com base na excedência de visão, é também um supervisor eficiente, dado que já realizou essa atividade em momentos passados. Assim, a construção composicional, o conteúdo temático e o estilo desses modelos de currículo são formulados tendo em vista o diálogo com os possíveis destinatários, bem como as imagens refratadas em relação a si – candidato à vaga de emprego – e em relação ao outro – destinatário.

O candidato/escrevente busca, dessa maneira, no processo de composição do gênero currículo, criar uma imagem positiva de si para o(s) destinatário(s) em relação ao seu perfil profissional e alcançar a plena convicção de que ele seria o candidato *ideal* para assumir a vaga. Essas imagens são criadas mediante réplicas a esses possíveis destinatários, que, indiretamente, fazem parte desse diálogo. Ainda que nossos objetos de análise sejam *modelos de currículo*, e não currículos propriamente ditos, podemos afirmar que os resultados a que chegamos também são relativos a currículos individuais existentes, pois o modelo serve justamente como inspiração para a criação do currículo oficial e, como tal, com base nas influências recebidas dos modelos de currículo disponíveis, possivelmente o modelo de currículo será adaptado conforme a formação e o perfil profissional do candidato à vaga de emprego.

Retomando Faraco, citado por Rodrigues (2012), o *autor* é uma posição refratada e refratante. Assim, o escrevente refrata a si mesmo, cria uma imagem e, concomitantemente,

- | Ler imagens no tempo e no espaço: excedente de visão na escrita de currículos

refrata o outro, numa relação de alteridade com esse outro, processo mediado pelo excedente de visão e pelo cronotopo do endereçamento (Borges, 2017). Mesmo que certos recursos linguísticos estejam ausentes, conforme Bakhtin (2011, p. 327), “ainda assim o enunciado refletirá, com grande agudeza, a influência do destinatário e da sua presumida resposta que o locutor seleciona todos os recursos linguísticos de que necessita”.

Apoiados nessas análises, os resultados apontam que o enunciado *reflete* a influência do diálogo do candidato com o(s) destinatário(s) no seu percurso pela composição do gênero do discurso currículo. Para tal, faz uso de estratégias para a constituição do que acredita ser um *bom currículo*. Tais estratégias indiciam noções de exotopia, alteridade, cronotopo do endereçamento, relações dialógicas e de excedente de visão sendo mobilizadas no processo de escrita do gênero currículo para atender às expectativas dos destinatários e tentar construir a imagem de profissional que acredita ser aquela que a empresa deseja receber, com base, também, na imagem relativa aos diferentes destinatários preconcebida em seu imaginário. Essas noções fundamentam o percurso do escrevente/candidato no trabalho com a escrita do gênero currículo ao buscar construir imagens refratadas em relação a si e ao outro.

Atomadade decisões reveladoras das escolhas de posições axiológicas determinadas pelo escrevente, bem como a significância dessas escolhas são indicadas na constituição do texto, o que nos leva a depreender que, na composição de currículos, o candidato, em diálogo também com o contratante, com a equipe profissional e com a voz social da empresa, define pontos de contato com esses diferentes destinatários mencionados. Ou seja, como o escrevente/candidato busca atender às expectativas dos destinatários e a razão pela qual ele escolheu determinados recursos linguísticos em detrimento de outros.

## Considerações finais

Neste artigo, tencionamos analisar de que maneira o candidato dialoga com os seus possíveis destinatários, a saber: (i) voz social da empresa/instituição, (ii) contratante e (iii) a equipe profissional, na composição do gênero *modelos de currículo*; valendo-se das noções de alteridade, posições exotópicas e axiológicas, relações dialógicas, excedência de visão e cronotopo do endereçamento ao revelar imagens de si nesse processo, como também as possíveis imagens que constrói relativas ao outro. Para tanto, valemo-nos do paradigma indiciário, proposto por Ginzburg (1989, 2006), ao buscar indícios – gestos de linguagem – de como o escrevente dialoga com os seus destinatários, por meio das noções de alteridade, cronotopo(s) e excedente de visão –, propostas pela teoria do Círculo de Bakhtin, na composição do gênero do discurso currículo.

Desta feita, constatamos que, num processo de refração de si e do outro (destinatário), o candidato desvela imagens por meio da alteridade, da exotopia e da excedência de visão, de modo a construir pontos de encontro que configuram a atuação do cronotopo do endereçamento na escrita de currículos. Com efeito, as relações dialógicas entre candidato e destinatário se dão nas réplicas por meio das quais se denunciam posições axiológicas/valorações adotadas pelo escrevente na composição do que acredita ser um *bom currículo* tendo em vista as expectativas dos seus possíveis destinatários.

A noção de cronotopo do endereçamento se torna produtiva especialmente na medida em que se compreende o fato de o candidato procurar marcar o diálogo com os seus destinatários no momento em que objetiva antecipar valorações que esses possam fazer acerca de seu currículo e acerca de si próprio, num processo de refração de si e do outro. Estando esses conceitos presentes quando da criação e da escrita de currículos, podem contribuir para a reflexão da não gratuidade das escolhas das quais o candidato/escrevente se apropria na escrita de seu próprio currículo, ainda que ele esteja seguindo um modelo de currículo.

Quanto aos principais resultados decorrentes deste trabalho, destacamos a importância de o candidato a vagas de emprego compreender, ainda que de modo superficial, as noções de alteridade, exotopia, excedência de visão, cronotopo e cronotopo do endereçamento para a reflexão de *como* e *por que* determinadas escolhas lexicais, fraseológicas e estilísticas contribuem para a criação de um *bom currículo* em termos estilísticos, temáticos e composicionais. Quanto a sugestões de desenvolvimento de novas análises, outros gêneros discursivos podem ser estudados, em termos de composição, à luz das noções de relações dialógicas, excedência de visão, exotopia, alteridade e cronotopo do endereçamento.

## Referências

ALVES, M. C. O cronotopo da sala de aula e os gêneros discursivos. **Signótica**, Goiânia, v. 24, n. 2, p. 305-322, jul./dez. 2012.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. O autor e a personagem na atividade estética. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 5. ed. rev. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

- | Ler imagens no tempo e no espaço: excedente de visão na escrita de currículos

BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e Estética**: a teoria do romance. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BARBOSA, E. A. O narrador em Mikhail Bakhtin. *In*: BRANDÃO, L. A. (org.). **Respostas a Bakhtin**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012.

BEMONG, N.; BORGHART, P.; DOBBELEER, M.; DEMOEN, K.; TEMMERMAN, K.; KEUNEN, B. (org.). **Bakhtin e o cronotopo**: reflexões, aplicações, perspectivas/Nele Bemong *et al.*; tradução Oziris Borges Filho *et al.* 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BORGES, R. R. **Escrita de professores em formação inicial**: o papel do excedente de visão. 2017. 269 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

BORGHART, P.; DOBBELEER, M.; DEMOEN, K.; TEMMERMAN, K.; KEUNEN, B. (org.). **Bakhtin e o cronotopo**: reflexões, aplicações, perspectivas. Tradução Oziris Borges Filho *et al.* 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

CANVA, **um kit de criação visual para todo mundo**. Disponível em: <https://www.canva.com/> Acesso em: 21 jan. 2024.

CARVALHO, M. E. M. Diálogo, consciência e alteridade: notas sobre a teoria do romance de Mikhail Bakhtin. *In*: BRANDÃO, L. A. (org.). **Respostas a Bakhtin**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012.

CORRÊA, M. L. G. **Linguagem & comunicação social**: visões da lingüística moderna. São Paulo: Parábola, 2003.

CORRÊA, M. L. G. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. 1997. 422 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed. 1. Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. Tradução Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989 [1939].

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Tradução Maria Betânia Amoroso; tradução dos poemas José Paulo Paes; revisão técnica Hilário Franco Jr. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LADIN, J. "Não era morte": a carreira poética do cronotopo. *In*: BEMONG, N.; BORGHART, P.; DOBBELEER, M.; DEMOEN, K.; TEMMERMAN, K.; KEUNEN, B. (org.). **Bakhtin e o cronotopo**: reflexões, aplicações, perspectivas. Tradução Oziris Borges Filho *et al.* 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MACIEL, L. V. C. **Para entender os gêneros do discurso**. Araraquara: Letraria, 2022.

RODRIGUES, F. W. Uma estética bakhtiniana: o eu no outro e a definição do literário. *In*: BRANDÃO, L. A. (org.). **Respostas a Bakhtin**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012.

TINEM, N.; BORGES, L. Ginzburg e o paradigma indiciário. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22, 2003, João Pessoa. **Anais do XXII Simpósio Nacional de História**: História, acontecimento e narrativa. João Pessoa: ANPUH, 2003. Disponível em: <https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/24-snh22>. Acesso em: 02 fev. 2024.

---

**COMO CITAR ESTE ARTIGO**: SILVA, Fabício José da; BORGES, Rosângela Rodrigues. Ler imagens no tempo e no espaço: excedente de visão na escrita de currículos. **Revista do GEL**, v. 21, n. 1, p. 269-293, 2024. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>.

Submetido em: 12/03/2024 | Aceito em: 14/06/2024.

---

SALGADO, Luciana Salazar;  
CHIEREGATTI, Amanda; BOSCHI,  
Helena; CLARES, Letícia Moreira;  
DELEGE, Marina; DORETTO, Vitória  
Ferreira. **Autorias**. Belo Horizonte:  
Contafios; Moinhos, 2022. 180 p.

Marcio Antonio GATTI<sup>1</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v21i1.3725>

### **Autorias: entre a transitividade e a transitoriedade**

*Autorias*, livro coletivo assinado por Luciana Salazar Salgado, Amanda Chieregatti, Helena Boschi, Letícia Moreira Clares, Marina Delege e Vitória Ferreira Doretto, trata, como se pode inferir, do tema que intitula o volume e de uma perspectiva que justifica o plural aplicado à palavra-título. As autoras dedicam-se em suas pesquisas aos estudos da edição e, no livro, evidencia-se, na análise dos objetos ali explorados, a articulação da Análise do Discurso, ancorada em Dominique Maingueneau, e da Mediologia, desenvolvida por Régis Debray.

Logo nas orelhas do livro, anuncia-se um princípio: a autoria é sempre transitiva. Por meio desse pressuposto, passa-se a analisar as diversas autorias: de ficção literária, de artigos científicos, de divulgação científica, de materiais didáticos. De fato, observando cada um desses “pedaços”, pode-se pressupor que as autorias e os papéis desempenhados para a sua viabilização sejam tão diversas quanto são os campos e suas relações profissionais, políticas, mercadológicas etc.

Assim, longe de um anúncio fúnebre (Barthes, 2004) ou de uma concepção restritiva (Foucault, 2009), as autoras debruçam-se sobre materiais ora muito canônicos, como uma obra literária, ora pouco convencionais, do ponto de vista do estudo de uma autoria, como a divulgação científica, por exemplo.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil; [maggatti@gmail.com](mailto:maggatti@gmail.com); <https://orcid.org/0000-0001-9902-2856>

Os textos partem de bases teóricas comuns. Ressalte-se, entre outros, o conceito de paratopia criadora, desenvolvida por Dominique Maingueneau no quadro da Análise do Discurso. Nesse caso, vários dos capítulos evidenciam, por meio das análises efetuadas, a operacionalidade do conceito. É o caso do primeiro capítulo *Autoria exponencial num livro que não é bem um livro*, assinado por Luciana Salazar Salgado e Vitória Ferreira Doretto. Neste texto, presencia-se uma análise arguta das três instâncias propostas pelo pesquisador francês para a paratopia criadora (pessoa, escritor e inscritor), cujas instâncias podem relevar de maneiras distintas. A depender para qual nome escrito na capa do objeto editorial (*S.*) se olhe, ou ainda, se se leva em consideração o nome ficcional de autor de um dos componentes do objeto (o romance *O navio de Teseu*), observa-se uma predominância de uma determinada instância: uma gestão diferente da instância escritor, por exemplo, para cada um dos autores. Uma discussão importante no capítulo é a relevância da gestão dos espaços associados e canônicos como elementos intrínsecos da obra analisada, dada a sua peculiaridade. As autoras nos fazem observar esses espaços de gestão da autoria e quase somos levados a crer num espaço associado real de *O navio de Teseu*, até que, enfim, anunciam “um espaço associado ficcional” (p. 33).

A paratopia é retomada no capítulo seguinte, *Autoria para muito além dos textos: Jane Austen, um caso emblemático*, assinado por Luciana Salazar Salgado e Amanda Chieregatti. Um caso curioso de uma autoria que não cessa e na qual os limites da teoria podem ser testados. A paratopia criadora propicia, portanto, um debate para além do par tradicional vida e obra, e cada momento de Jane Austen como autora, seja quando tinha que ser uma anônima ou atualmente, quando se torna um ícone, sobressaem instâncias diferentes da autoria, chegando, em meio a *cosplays* e tatuagens, a instância inscritor ser a de menor importância. Segundo as autoras, trata-se de um caso em que se evidencia o papel fundamental das mediações institucionais, sobretudo as editoriais, que “condicionam a recepção das obras ao delimitar formas de ler” (p. 65). Nesse sentido, é que se trata de uma autoria que não cessa, pois, ao observar a autoria pelo prisma da paratopia criadora, é possível observar o “movimento de tessitura desse lugar que é sempre um vir a ser” (p. 66).

O terceiro capítulo, *Autoria de muitos e de ninguém numa revista de divulgação da “ciência brasileira”*, Luciana Salazar Salgado e Marina Delege analisam a configuração da autoria na revista de divulgação científica *Pesquisa FAPESP*. Ou, mais precisamente, o modo como não se mostra um nome de autor e como isso implica uma imagem de revista para uma determinada propensão do fazer científico. Trata-se de um *ethos* discursivo (conceito de Maingueneau) captado pelas autoras por meio da observação de uma matriz de sociabilidade e um vetor de sensibilidade (conceitos de Debray) aliados a

uma cenografia (outro conceito oriundo da obra de Maingueneau) dos textos da revista. A curiosa ausência de nomes de autores implica uma naturalização de uma determinada ciência, ou, mais propriamente, de uma gestão de ciência, a saber a paulistana, fortemente ancorada em princípios da inovação e empresariais.

Vale ressaltar que a noção de *mídiu*m ganha corpo e se mostra bastante eficaz neste capítulo e nos próximos, embora já estivesse delineada nos anteriores. Considerar o *mídiu*m implica levar a cabo a proposição que o modo como os objetos são produzidos é parte importante e intrínseca da significação. Eles são, portanto, vetores de sensibilidade em meio a matrizes de sociabilidade. Dá-se, de tal modo, um passo em direção à Mediologia de Debray para se avançar na incorporação da teoria do *mídiu*m nos estudos discursivos.

As análises continuam, nos capítulos seguintes, passando por duas outras autorias, aquela produzida em periódicos científicos e a de materiais didáticos. Aqui, talvez, o princípio da transitividade da autoria fique mais evidente: as autorias dos diversos textos e de diversos campos implicam práticas, mediações e papéis ora mais e ora menos institucionalizados e profissionalizados. No caso dos periódicos, o capítulo intitulado *Autoria gerida por pares em periódicos científicos de humanidades*, de Luciana Salazar Salgado e Leticia Moreira Clares, trabalha com elementos singulares da comunicação científica no Brasil, em especial nas humanidades. Trata-se de observar os fatores intrincados que permitem, vedam e configuram a produção de artigos em revistas científicas. E esses fatores vão desde os pareceres enviados por pares, passando por uma determinada configuração genérica dos textos influenciada diretamente pelas ditas ciências duras ou ainda pela pressão constante de marcadores quantitativos. O texto faz arguta análise desses diversos fatores e o modo como determinam a publicação da ciência.

É importante salientar a relevância da digitalidade no bojo desses fatores: a “opção” por publicar artigos exclusivamente de modo *on-line* em uma única plataforma digital tem sido quase unânime e isso faz aparecer uma série de consequências a autores e profissionais da edição. E aqui vale uma nota: o profissional, nesse caso, é quase sempre alguém (geralmente um professor universitário) desdobrando-se em mais de um papel. De um modo ou de outro, o capítulo contribui para que o leitor possa ver também papéis de mediadores editoriais que são geralmente invisibilizados por um nome de autor na capa de um livro ou abaixo de um título de artigo. Além disso, operar com a transitividade permite que se possa definir autorias, quase nunca tão geniais quanto podem parecer. Também permite que possamos acrescentar que, além de transitiva, a autoria pode ser transitória, isto é, autores de artigos são sempre (ou quase sempre) transitórios, fatalmente assumindo essa função como uma das tantas que desempenham.

Isso ocorre também no tipo de autoria analisado no último capítulo, *Autoria coletiva – nas teias do didático*, de Luciana Salazar Salgado e Helena Boschi. Ao avaliar a autoria de materiais didáticos de português como língua estrangeira produzidos coletivamente na Argentina, por meio de um *corpus* composto pelos materiais didáticos e por entrevistas, as autoras constatarem diferentes modos de organização do processo editorial de didáticos, ora mais profissionalizados ora mais amadores, ora bem-sucedidos ora nem tanto. Isso nos permite enfatizar esse caráter transitório de diversas autorias: há, claro, um número de autores de livros didáticos que “vivem disso” (não é o caso da autoria dos objetos analisados pelas autoras), mas há um número de autores compelido a desempenhar essa função, e isso se destaca como uma das características “dos ritos genéticos editoriais dos materiais”, qual seja “o acúmulo das funções desempenhadas pelos professores autores” (p. 147). Aqui importa acrescentar que a autoria pode ser transitiva e transitória também num mesmo campo: um autor da literatura consagrado e um autor de literatura que paga para editar seus livros não parecem comungar da mesma configuração da autoria no campo. Isso ocorre também com os didáticos. Assim, nos parece que quanto mais consagrada, menos transitória a autoria. Para além disso, o capítulo é eficaz em mostrar como “o autor não é senão um dos nós de uma rede que se tece conjuntamente e, então, se define conforme aquilo que se escreve” (p. 136) e isso se evidencia por meio das análises do *corpus*, peculiar por mostrar o que geralmente fica escondido, isto é, o papel de alguns dos outros nós da rede que contribuem para conduzir as autorias à paratopia.

Como um todo, importa salientar a qualidade das análises desenvolvidas ao longo do livro, que compartilham a ancoragem teórica e o avanço analítico em torno da importância do *mídiun*. Assim, um nome de um autor genial contrasta com a diversidade de atividades mais ou menos profissionalizadas que sustenta a produção editorial e mesmo a gestão de uma autoria que é “sempre uma gestão de elementos que se definem nos processos de criação, produção e distribuição da obra” (p. 135, grifo das autoras).

## Referências

BARTHES, R. A morte do autor. In: BARTHES, R. **O rumor da língua**. 2. ed. Tradução Mario Laranjeira; Rev. Trad. Andréa Sthael M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 57-64.

FOUCAULT, M. O que é um autor? In: FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos**: Estética – literatura e pintura, música e cinema (vol. III). 2. ed. Org. e seleção de textos Manoel Barros da Motta. Tradução Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 264-298.

- | Autorias (resenha)

---

COMO CITAR ESTA RESENHA: GATTI, Marcio Antonio. Resenha da obra de SALGADO, Luciana Salazar; CHIEREGATTI, Amanda; BOSCHI, Helena; CLARES, Letícia Moreira; DELEGE, Marina; DORETTO, Vitória Ferreira. **Autorias**. Belo Horizonte: Contafios; Moinhos, 2022. 180 p. **Revista do GEL**, v. 21, n. 1, p. 294-298, 2024. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>.

Submetido em: 25/04/2024 | Aceito em: 30/07/2024.

---

# TESCARI NETO, Aquiles. **Sintaxe Gerativa. Uma introdução à cartografia sintática.** Campinas: Editora da Unicamp, 2021. 213p.

Carlos Felipe PINTO<sup>1</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v21i1.3703>

## Introdução

Chomsky (1957) define a sintaxe como o estudo dos princípios e processos através dos quais sentenças são construídas em línguas particulares e faz uma discussão sobre como a sintaxe das línguas naturais pode ser modelada em termos formais. A partir de Chomsky (1965), com o desenvolvimento da Teoria Padrão da Gramática Gerativa, o autor propõe uma análise sintática em constituintes imediatos, o que culmina com a proposta de Kayne (1981, 1984) sobre as árvores em galhos binários adotadas a partir do modelo de Princípios e Parâmetros de Chomsky (1981).

Nesse modelo paramétrico, a estrutura oracional em constituintes imediatos é dividida em três camadas principais: CP (*Complementizer Phrase*), responsável pelo nível pragmático-discursivo (modalidade oracional, força ilocucionária, seleção oracional etc.); IP (*Inflectional Phrase*), responsável pelo nível gramatical (concordância, tempo, aspecto, negação...); VP (*Verb Phrase*), responsável pelo nível lexical (predicação verbal).

A Teoria de Princípios e Parâmetros estimulou a comparação entre diferentes línguas bem como entre diferentes fases de uma mesma língua devido à sua proposição de que a faculdade da linguagem é composta por um conjunto de princípios invariáveis comuns a todas as línguas humanas e por um conjunto de parâmetros abertos à variação, o que caracterizaria a diferenciação entre as gramáticas das diferentes línguas.

A partir do Programa Minimalista (Chomsky, 1995), a variação paramétrica foi definida como associada aos traços do léxico funcional das línguas, uma vez que o esperado, como apontou Chomsky (1981), é que as línguas apresentem pouca ou nenhuma variação no componente semântico. O trabalho pioneiro de Pollock (1989) mostrou que diferenças

---

<sup>1</sup> Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Bahia, Brasil; [cfpinto@ufba.br](mailto:cfpinto@ufba.br); <https://orcid.org/0000-0002-4322-0199>.

- | Sintaxe Gerativa. Uma introdução à cartografia sintática (resenha)

aparentemente não relacionadas entre o inglês e o francês poderiam ser reduzidas a um único valor paramétrico. Assim, o autor mostra, por exemplo, que o inglês possui a ordem S-Adv-V-O e o francês possui a ordem S-V-Adv-O explicando, grosso modo, que a razão é que o verbo se move para IP no francês, mas não no inglês. O trabalho de Pollock (1989) também mostrou, considerando o contraste entre orações finitas e não finitas do francês, que IP não é composto de uma única camada, mas deve ser composto em outras como AgrP (*Agreement Phrase*) e TP (*Tense Phrase*).

Rizzi (1997) inaugura o que ficou conhecido como “cartografia das estruturas sintáticas, com o objetivo de mapear o refinamento do campo CP nas línguas naturais a partir do estudo das funções pragmático-discursivas, seguido por Cinque (1999), que tenta mapear o campo IP considerando os diferentes posicionamentos dos advérbios em relação ao verbo.

Parece haver inicialmente uma contradição entre o modelo cartográfico, que expande as categorias funcionais seguindo o princípio de um núcleo para cada traço, com a economia derivacional semanticamente motivada do Programa Minimalista. Cinque e Rizzi (2008) solucionam o empasse teórico argumentando, entre outras razões, que, enquanto o Programa Minimalista se concentra na investigação sobre as operações disponíveis na faculdade da linguagem, o Programa Cartográfico se concentra na arquitetura das projeções funcionais disponíveis nessa mesma faculdade da linguagem.

Embora tenham sido encontrados desde o começo dos anos 2000 diferentes trabalhos explorando a periferia esquerda no português brasileiro, o livro que aqui se apresenta constitui um material inédito por duas razões: a) é o primeiro que explora, em português, o “campo do meio” (*middlefield*); b) é o primeiro que oferece efetivamente uma introdução à metodologia do estudo sintático na perspectiva cartográfica em português. Assim o livro *Sintaxe gerativa. Uma introdução à cartografia sintática*, de Aquiles Tescari Neto, publicado em 2021 pela Editora da Unicamp, se caracteriza como um material de referência obrigatório para os estudantes e pesquisadores brasileiros interessados no estudo da cartografia sintática, de qualquer língua natural.

O livro tem 213 páginas nas quais estão contidos: um prefácio feito por Sandra Quarezemin (UFSC/CNPq); uma apresentação e uma introdução; cinco capítulos; as considerações finais; as referências bibliográficas. Cada capítulo se inicia com um breve resumo e termina com uma recapitulação, sugestões de leituras e uma série de reflexões que os leitores podem fazer a partir das discussões apresentadas.

A seguir, farei uma breve apresentação da obra, na qual destacarei apenas os aspectos principais, e, em seguida, passarei aos comentários gerais, ponderando sua importância e relevância para o desenvolvimento dos estudos cartográficos no Brasil.

## **Apresentando a obra**

A “Apresentação” faz uma apresentação, como era de se esperar, dos contextos nos quais a obra foi concebida e escrita. A “Introdução” coloca a agenda da cartografia das estruturas sintáticas no cenário da pesquisa gerativista e resume o conteúdo dos cinco capítulos.

O primeiro capítulo, “Cartografia sintática: uma introdução”, apresenta as bases do modelo teórico da cartografia sintática, que tem como objetivo principal, paralelamente na perspectiva geográfica, a identificação ou construção de mapas detalhados da estrutura sintática das línguas naturais. Este capítulo faz uma breve recapitulação histórica do estudo cartográfico e suas motivações empíricas a partir do estudo comparativo entre diferentes línguas.

Nessa revisão, Tescari Neto (2021) aponta que o modelo cartográfico se sustenta nas seguintes bases epistemológicas (ver autores citados lá): a) a teoria da assimetria; b) as diferentes camadas das periferias esquerda e direita e as periferias do domínio nominal; c) as camadas do *middlefield* (espaços do IP) e as camadas da expressão nominal; d) a estrutura em camadas aos sintagmas preposicionais; e) o princípio de que para cada núcleo há apenas um único traço.

Um ponto crucial a favor da cartografia sintática é encontrado no fato de que, em muitos casos, a permuta de ordens  $A > B$  e  $B > A$  não é possível. As categorias funcionais são universais e este parece ser um ponto incontroverso entre os pesquisadores. Assim, mesmo que uma língua não exiba explicitamente um determinado traço linguístico, se outra língua o materializa, esse traço está presente em todas as línguas invariavelmente. As categorias funcionais são “primitivos da gramática”, ou seja, já estariam codificadas nas bases da GU, como integrantes da faculdade da linguagem.

O segundo capítulo, “Classes, categorias e hierarquias: o Princípio do ‘One Feature, One Head’ na metodologia da Cartografia”, discute precisamente a premissa/princípio básico da definição cartográfica de que há um único traço para cada núcleo funcional. Logo no início da discussão, é apresentada a hierarquia funcional dos advérbios proposta por Cinque (1999), que será utilizada/assumida ao longo de todo o livro.

- | Sintaxe Gerativa. Uma introdução à cartografia sintática (resenha)

O expediente utilizado para demonstrar esse princípio tem dois ingredientes principais: a) a premissa de que membros de uma mesma categoria/classe não podem coocorrer; b) a coocorrência de membros de classes distintas só é possível em uma única ordem (que reflete o posicionamento deles numa hierarquia de base).

Para a cartografia sintática, uma categoria é a realização morfofonológica ou não de um traço conceitual. Tescari Neto (2021) ilustra essa questão a partir da hierarquia dos advérbios de Cinque (1999), mostrando que advérbios do mesmo tipo não podem coocorrer na oração. Essa perspectiva leva à consideração de que os advérbios constituem classes diferentes e, nessa mesma esteira, é possível compreender a ordenação dos adjetivos dentro do sintagma nominal. Outro exemplo é dado a partir da marcação de tempo e aspecto na língua Medumba, da família bantu, na qual as partículas que expressam essas categorias aparecem exatamente na ordem tempo>aspecto. A partir dessa discussão, o capítulo se encerra com diferentes testes mostrando que elementos da mesma categoria não podem coocorrer.

O terceiro capítulo, “Metodologia Cartográfica: desenho de mapas e diagnose da posição de constituintes sintáticos”, apresenta a metodologia utilizada no modelo para determinar as diferentes projeções funcionais, sua hierarquia e universalidade. O capítulo retoma o contraste apresentado por Pollock (1989) sobre o francês e o inglês como evidência para as hierarquias na estrutura sintática. A seguir, apresenta testes de precedência-e-transitividade para o diagnóstico das diferentes posições. A ideia básica do teste é: se Adv1>Adv2, \*Adv2>Adv1, Adv2>Adv3, \*Adv3>Adv2; então Adv1>Adv2>Adv3 (ou seja, mesmo que não seja observada a coocorrência de todos os advérbios, é possível prever que \*Adv3>Adv1)<sup>2</sup>.

Esse método não se aplica apenas para discutir a ordem de diferentes categorias, mas serve também para identificar a posição de outros constituintes na oração. Por exemplo, a partir do posicionamento relativo do verbo com os diferentes advérbios, é possível diagnosticar a posição relativa do verbo na estrutura oracional (ou seja, que categoria funcional está abrigoando o verbo na sintaxe visível). Para ilustrar esse aspecto, Tescari Neto (2021) oferece uma discussão comparativa entre diferentes línguas românicas.

O quarto capítulo, “Derivando sentenças em Cartografia: Parte I”, tem o objetivo de derivar sentenças na perspectiva cartográfica. Assume-se que os advérbios ocupam posições de especificadores de núcleos funcionais, o que torna a abordagem cartográfica compatível com a derivação através de movimento nuclear ou sintagmático. O capítulo

---

2 Recapitulando: o símbolo \* antes do dado indica que o dado/oração é agramatical; ou seja, não é produzido por aquela gramática específica.

mostra que a relação estreita entre as diferentes classes de advérbios e os núcleos funcionais permite diagnosticar ou fazer previsões sobre a ordem de palavras em diferentes línguas, indicando que os tipos de advérbios que possam aparecer entre verbo e objeto ou à sua esquerda/direita, indicam, por exemplo, a altura à qual o verbo moveu. O texto ilustra a derivação de uma sentença como “O Giginho tem cavocado de novo com frequência o vaso do vovô”. A derivação faz uso das operações de concatenar/soldar (*merge*) e mover (*move*), como proposto no Programa Minimalista. No nível do VP, o particípio, que carrega o valor semântico do predicado, se concatena com o objeto direto, o DP “o vaso do vovô”. A partir daí, as diferentes projeções funcionais são concatenadas. Primeiro FrequentativeP se concatena com vP e o particípio “cavocado” se move para o núcleo Frequentative. Em seguida, as demais projeções funcionais são concatenadas e o particípio se move, ciclicamente, até AspTerminativeP, cruzando os dois advérbios. O verbo auxiliar é concatenado no núcleo TAnteriorP, que seleciona AspTerminativeP e se move, ciclicamente, até TPastP. O sujeito se move até a posição de especificador de SubjP, que seleciona TPastP.

O autor discute a questão do movimento sintagmático (*remnant movement*) como alternativa para a derivação das estruturas e, para isso, o restante do capítulo toma como base a discussão sobre a assimetria direita-esquerda nas línguas naturais, exemplificada pelo Universal 20, que diz que, quando dois ou mais modificadores precedem o nome, eles sempre serão encontrados nessa mesma ordem. Se esses elementos seguem o nome, a ordem será a mesma ou a inversa. Tescari Neto (2021) discute a derivação de estruturas nominais e verbais considerando essa perspectiva. A conclusão parece ser que: se o movimento é de núcleo, a ordem pós o núcleo é igual à ordem antes do núcleo; se o movimento é sintagmático, a ordem pós-núcleo é invertida à ordem pré-núcleo.

O quinto capítulo, “Derivando sentenças em Cartografia: Parte 2”, procura explorar a questão de o movimento sintagmático ser a única opção possível na sintaxe estreita (*narrow syntax*). Como exemplo disso, discute a derivação da estrutura “COM MUITO CARINHO que, rapidamente, a Maria beijou o doguinho”<sup>3</sup>, que teria na numeração os seguintes itens: {COM MUITO CARINHO}, {que}, {rapidamente}, {A Maria}, {beijou}, {o doguinho}. A ideia central é que apenas sintagmas inteiros sejam movidos. Como a teoria de cópias é assumida, ao mover um XP complemento de um determinado núcleo Y, o que se tem são as operações de copiar esse XP para uma posição de especificador mais alta e deletar a cópia mais baixa. Assim, é possível mover posteriormente o YP com a cópia deletada para uma posição de especificador mais alta, gerando o efeito aparente de movimento nuclear.

<sup>3</sup> As maiúsculas indicam que o constituinte está focalizado, ou seja, recebe destaque ou contraste.

- | Sintaxe Gerativa. Uma introdução à cartografia sintática (resenha)

As “Considerações finais” fazem um breve balanço da discussão empreendida ao longo do livro.

## Comentários gerais

O livro aqui apresentado é de suma importância para os estudos cartográficos (e além) no Brasil por diferentes motivos que tentarei justificar a seguir. O livro apresenta, de maneira cuidadosa, simples e detalhada, o que constitui o modelo cartográfico, as suas premissas teóricas e a metodologia adotada em cartografia sintática, exemplificando essas questões, nos últimos dois capítulos, com derivações de sentenças do português brasileiro principalmente.

O livro pode ser utilizado tanto em cursos avançados de graduação ou pós-graduação para introduzir os estudantes, após a leitura/estudo de Miotto, Figueiredo Silva e Lopes (2013) e Kenedy (2013), por exemplo, a uma perspectiva mais detalhada do estudo sintático. O livro serve de guia especialmente para alunos que não leem em inglês, língua na qual toda a produção gerativista internacional relevante está escrita. Embora o autor diga, na apresentação, que o livro se destina a cursos introdutórios, o “introdutório” aqui deve ser relativizado: um estudante que não é iniciado no modelo de princípios e parâmetros não tem condições de acompanhar o pensamento apresentado. “Introdutório” aqui deve ser relativizado ao modelo da cartografia sintática.

O texto também é interessante e muito bem construído no sentido de poder ser o fio condutor para discussões de base do modelo gerativista, uma vez que deixa claro que o modelo cartográfico não tem teorias próprias sobre diversos aspectos do sistema computacional necessitando recorrer a diferentes pressuposições teóricas do Programa Minimalista, por exemplo. Assim, caso o livro seja utilizado num curso avançado de graduação ou pós-graduação, poderia ser utilizado como o fio condutor para diferentes debates sobre os aspectos que aparecem no livro, levando os estudantes à leitura de textos originais em inglês sobre as matérias.

Embora o texto se concentre essencialmente no *middlefield* (IP) a partir dos diferentes posicionamentos dos advérbios, os três primeiros capítulos são efetivamente úteis para uma introdução à periferia esquerda da sentença (CP), uma vez que, seja qual for a zona oracional que se pretenda explorar, os pressupostos teóricos e metodológicos são os mesmos.

Ao ser escrito em uma linguagem clara, simples e precisa, mas que, ao mesmo tempo mostra erudição, sofisticação e profundidade, Tescari Neto (2021) oferece um material de primeira qualidade que pode ser utilizado por diferentes públicos e de diferentes maneiras.

O livro pode ser utilizado como um material completo em si mesmo, conduzindo todo um curso. Também pode ser utilizado como fio condutor de um curso no qual outros textos mais especializados serão trazidos como suporte. E, também, pode ser utilizado em partes como suporte teórico e metodológico para a discussão de diferentes aspectos do estudo da ordem de palavras nas diferentes línguas humanas, como a utilização da periferia esquerda, com a complementação posterior de textos específicos sobre essa camada oracional.

O texto é recomendado para todos os públicos interessados em sintaxe gerativa e deve ser apreciado sem moderação.

## Agradecimentos

O autor agradece ao CNPq pela bolsa de Produtividade em Pesquisa Nível 2. Processo 317607/2021-9.

## Referências

CINQUE, G. **Adverbs and functional heads. A cross-linguistic perspective.** Nova York/Oxford: Oxford University Press, 1999.

CHOMSKY, N. A minimalism program for linguistic theory. *In*: HALE, K.; KEYSER, S. J. (org.). **The view from Building 20.** Cambridge/Massachusetts: The MIT Press, 1995. p. 153-199.

CHOMSKY, N. **Lectures on Government and Binding.** Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, N. **Aspects of the theory of syntax.** Cambridge/Massachusetts: The MIT Press, 1965.

CHOMSKY, N. **Syntact Structures.** Nova York: Mouton de Gruyter, 1957.

KAYNE, R. **Connectedness and Binary-branching.** Dordrecht: Foris Publications, 1984

KAYNE, R. Unambiguous Paths. *In*: MAY, R.; KOSTER, J. (org.). **Levels of Syntactic Representation.** Dordrecht: Foris Publications, 1981.

- | Sintaxe Gerativa. Uma introdução à cartografia sintática (resenha)

KENEDY, E. **Curso básico de gramática gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.

MIOTO, C.; FIGUEIREDO SILVA, M. C.; LOPES, R. E. V. **Novo manual de sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2013.

POLLOCK, J. Y. Verb movement, universal grammar, and the structure of IP. **Linguistic Inquiry**, n. 20, p. 365-424, 1989.

RIZZI, L. The fine structure of the left periphery. *In*: HAEGEMAN, L. (org.). **Elements of grammar**. Dordrecht: Kluwer, 1997. p. 281-337.

---

COMO CITAR ESTA RESENHA: PINTO, Carlos Felipe. Resenha da obra de TESCARI NETO, Aquiles. **Sintaxe Gerativa**. Uma introdução à cartografia sintática. Campinas: Editora da UNICAMP, 2021, 213p. **Revista do GEL**, v. 21, n. 1, p. 299-306, 2024. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>.

Submetido em: 11/12/2023 | Aceito em: 30/01/2024.

---

## ÍNDICE DE ASSUNTOS

Ambientes de sala de aula de línguas adicionais	245
Analogia	137
Aprendizagem perceptual	245
Aspecto	120
<i>Blends</i> lexicais	224
Brasil	197
Campos semânticos	79
Cartografia Sintática	120
Composicionalidade	11
Construcionalização	137
Criatividade	137
Currículo	269
Ensino-aprendizagem de vocabulário	79
Escrita	170, 269
Espaço	104
Esquema	137
Fala em língua adicional	245
Gêneros do discurso	269
Hierarquia Universal	120
Imperfectividade	120
Inglês britânico	120
Injúrias	36

Junção	170
Léxico	54
Lexicologia	224
Minion	224
Morfologia	11
Movimento	120
Multilinguismo	197
Neologismos	224
Novidade	104
Ofensas	36
Português brasileiro	54
Possibilitações potenciais	245
Produtividade	137
Região Cacaueira	197
Relações dialógicas	269
Semântica	11, 36
Significado Especial	11
Sul da Bahia	197
Tempo	104
Tradição Discursiva	170
Trajectoria de abstração	104
Unilinguismo	197
Verbo chegar	104

## *SUBJECT INDEX*

Abstraction trajectory	104
Additional Language classroom environments	245
Additional language speech	245
Analogy	137
Aspect	120
Blending	54
Brazil	197
Brazilian Portuguese	54
British English	120
Cocoa Region	197
Compositionality	11
Constructionalization	137
Creativity	137
CV	269
Dialogic relations	269
Discourse genres	269
Discursive Tradition	170
Imperfectivity	120
Junction	170
Lexical blends	224
Lexicology	224
Lexicon	54
Minion	224

Morphology	11
Movement	120
Multilingualism	197
Neologisms	224
Novelty	104
Offenses	36
Perceptual learning	245
Potential affordances	245
Productivity	137
Scheme	137
Semantic fields	80
Semantics	36
Slurs	36
Southern Bahia	197
Space	104
Special Meaning	11
Syntactic Cartography	120
Time	104
Unilingualism	197
Universal Hierarchy	120
Verb <i>chegar</i> (to arrive)	104
Vocabulary teaching-learning	80
Writing	170, 269

## ÍNDICE DE AUTORES

Adriana Leitão MARTINS	120
Beatriz Daruj GIL	79
Carlos Alexandre GONÇALVES	137
Carlos Felipe PINTO	299
Dafne Rodrigues Alvares de CASTRO	79
Emerson Viana BRAGA	54
Fabício José da SILVA	269
Felipe Santos dos REIS	245
Fernanda Rodrigues BARUEL	79
Giovanna COSTA SILVA	36
Indaiá de Santana BASSANI	11
Juliana Barros NESPOLI	120
Jussara ABRAÇADO	104
Lúcia Regiane LOPES-DAMASIO	170
Marcela Nunes COSTA	11
Marcio Antonio GATTI	294
Maria Clara Ferreira de Mello GOBBO	224
Mateus Dias SANTANA	170
Matheus Gomes ALVES	120
Paulo Victor Almeida GALVÃO	104
Rafael PREARO-LIMA	224
Renato Miguel BASSO	36

Rosângela Rodrigues BORGES	269
Ubiratã Kickhöfel ALVES	245
Vera PACHECO	54
Wagner ARGOLO	197